



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

SANDRA MARA GARCIA

**HOMENS E REPRODUÇÃO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM
UM GRUPO DE HOMENS DE CAMADAS MÉDIAS DE SÃO PAULO**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em Demografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Coleta F. A. de Oliveira

CAMPINAS - SÃO PAULO

Agosto - 2003

**UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE**

SANDRA MARA GARCIA

**HOMENS E REPRODUÇÃO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS EM UM
GRUPO DE HOMENS DE CAMADAS MÉDIAS DE SÃO PAULO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Demografia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a orientação da Profa.
Dra. Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira

Este exemplar corresponde à
redação final da Tese defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 22 / 08 / 2003

BANCA

Profa. Dra. Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira (Orientadora)

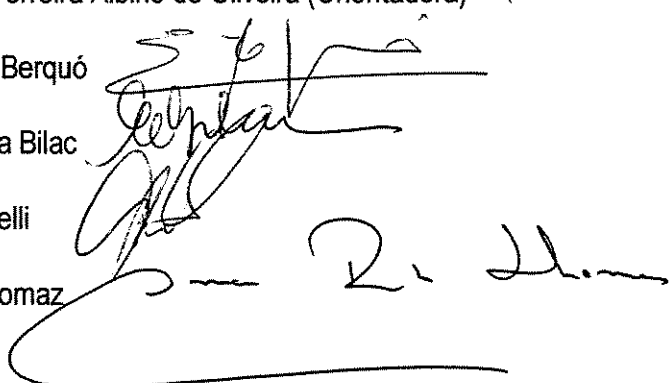
Maria Coleta F. A. de Oliveira

Profa. Dra. Elza Salvatori Berquó

Profa. Dra. Elisabete Dória Bilac

Prof. Dr. Geraldo Romanelli

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz



AGOSTO / 2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP**

G165h

Garcia, Sandra Mara.

Homens e reprodução : mudanças e permanências
em um grupo de homens de camadas médias de São
Paulo / Sandra Mara Garcia. – Campinas, SP : [s.n.],
2003.

Orientadora : Maria Coleta F. A. de Oliveira.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Reprodução humana. 2. Homens – São Paulo (Estado).
3. Sexo (Antropologia). 4. Anticoncepção – São Paulo (Estado).
5. Paternidade – São Paulo (Estado). 6. Sexo – Aspectos
antropológicos. 7. Fecundidade. 8. Masculinidade – Aspectos
antropológicos. I. Oliveira, Maria Coleta F. A. de (Maria Coleta Ferreira
Albino de), 1947- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	G165h
V	EX
TOMBO BC	55953
PROC.	16/124103
C	☐
D	☒
PREÇO	11,80
DATA	08/10/03
Nº CPD	

CM00190358-4

bib id 302097

*Ao Ruy, com quem aprendo diariamente o que é o amor,
a generosidade e a paixão pela vida.*

*Às minhas filhas Carolina e Paula, pessoas de muita luz,
com quem aprendo a conjugar amor com
responsabilidade, respeito e tolerância.*

AGRADECIMENTOS

Uma tese não se faz sem a contribuição de muitas pessoas. Muitas diretamente e outras indiretamente. É muito bom poder agradecer a todos que participaram desta etapa da minha vida profissional. Todas as contribuições foram valiosas! A tarefa é muito agradável, mas sei que corro o risco de a memória falhar e esquecer de alguém... Se isso acontecer, peço desculpas antecipadas.

Início agradecendo à *Fapesp*, pelo apoio institucional e pela paciência com que esperou pelo resultado do investimento em mim realizado.

Aos *homens* que se prontificaram a ser meus informantes e me revelaram suas dúvidas e angústias, seus desejos, suas possibilidades e limites. Agradeço a confiança e disponibilidade para a pesquisa.

Ao *Serviço Público de Saúde*, na pessoa de seu psicoterapeuta, que me possibilitou o acesso aos informantes.

À *Coleta*, orientadora que apontou com precisão os caminhos e foi uma leitora crítica, atenta e provocativa, dividindo comigo os momentos difíceis do percurso. Muito obrigada pelos seus ensinamentos, pelo estímulo, pela sua orientação segura e pela confiança que sempre depositou em mim.

Um agradecimento especial à *Elza*, que me estimulou a realizar o doutorado na Demografia, instigando-me a realizar vãos mais altos. Agradeço a orientação nos passos iniciais do projeto, assim como as suas contribuições no exame de qualificação.

Aos professores e pesquisadores do *Nepo*, que participaram na minha formação de demógrafa, pela experiência inestimável que me ofereceram, sempre incentivando e estimulando as discussões e as trocas entre Antropologia e Demografia. Agradeço em especial à *Beth Bilac*, cuja conversa sobre o ofício de "quebrar pedras" na Demografia me animou a prosseguir neste caminho.

O meu agradecimento ao *Sérgio Carrara*, pelas contribuições pertinentes e valiosas no exame de qualificação.

Aos amigos do doutorado que foram importantes nas diversas etapas do curso e do desenvolvimento da pesquisa: *Antonio, Cláudia, Fernando, Fátima, Isabella, Márcia, Marta, Rejane, Roberto, Stelinha e Tirza*. Obrigada pelo prazer da convivência e do aprendizado conjunto. Um especial agradecimento à *Tânia* e à *Vanda* pelas contribuições importantes no seminário de doutorado.

Não posso deixar de agradecer à *Glaúcia*, pela sua paciência ao me "alfabetizar" no ZYIndex.

Às secretarias do *Nepo*, *Fátima, Ivonete e Mircia*, sou grata pelo apoio em diferentes momentos deste trabalho e pela agradável convivência.

Um agradecimento especial à *Eliane* que me ajudou (e muito!) nas prestações de contas à *Fapesp*.

À *Adriana* que me socorreu várias vezes e dividiu comigo o trabalho da conferência bibliográfica. Obrigada pela sua dedicação e delicadeza.

Ao *Ednei* que me ajudou de várias maneiras nas tarefas do dia-a-dia e foi um colaborador de todas as horas. Sou imensamente grata pela paciência, dedicação e amizade.

Agradeço à *Eunice e Virginia* pelo excelente trabalho realizado na transcrição das fitas.

Aos amigos da *Ecos* e do *Gesmap*, *Beth Franco, Beth Pinto, Benedito Medrado, Elisiane Pasini, Jorge Lyra, Malvina Muszkat, Marko Monteiro, Pedro Paulo Oliveira, Reginaldo Bianco, Sandra Unbehaum, Sergio Barbosa, Silvani Arruda, Silvia Cavašin, Susana Kalckman, Wilza Villela* (espero não ter esquecido ninguém!), com os quais pude ter uma troca rica e intensa nos dois anos de convivência e realização conjuntas.

E um agradecimento especial à amiga *Margareth Arilha*, pela possibilidade de termos trabalhado juntas dividindo projetos profissionais, pessoais e solidificado uma amizade.

À *Sandra Unbehaum*, agradeço a generosidade pela leitura dos primeiros rascunhos do meu trabalho e claro, pelos deliciosos poemas do Drummond.

Ao *Ruy*,
amor querido, companheiro de todos os momentos, que com amor, sabedoria, bom humor, paciência e generosidade, soube bem temperar a nossa relação amorosa. Esta tese tem muito desse tempero. Agradeço a sua presença constante, seu apoio fundamental, suas sugestões e leitura cuidadosa da tese.

Às minhas filhas adoráveis *Carol e Paula*, pelo amor, carinho, aconchego, e pela paciência nos momentos de sufoco.

Ao *Sérgio Telles*, mestre querido na arte de revelar os fantasmas que por muitas vezes me impediam de perseguir os meus objetivos. Agradeço a acolhida, o cuidado e a disponibilidade, fundamentais na conclusão deste trabalho.

Ao *Mario Ferrara* - ouvinte atento e querido amigo de todas as horas. Obrigada pela paciência e pela confiança.

Ao *Marcos Rojo*, ao *Dr. Liu* e à *Jeanne Kulk*, profissionais e amigos inspiradores na busca do auto conhecimento e do auto-cuidado.

À *Jenice Pizão*, amiga querida de longa data, pessoa admirável, exemplo de luta, alegria e entusiasmo pela vida.

Aos amigos da macrô, *Ana, Inês, João, Jorge, Lamberto, Marco, Silvio e Sonia*, agradeço pelas horas agradáveis de convivência e pelas risadas que me fizeram esquecer e relaxar das angústias do trabalho.

Aos *meus pais*, minha gratidão pelo carinho e pelas orações, mesmo sem entender o que e por que eu tanto estudava!

À *Márcia*, pelo exemplo de entusiasmo e luta, uma referência importante para mim. Aos queridos sobrinhos *Vivian, Fábio e Thiago*, pela presença carinhosa na minha vida.

À *Lavinia* pelo seus ensinamentos e pelo carinho.

À *Jam* pela dedicação, pelo carinho e apoio diário fundamental no percurso deste trabalho.

A todos, muito obrigada!

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê, com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma reinterpretação.

Leonardo Boff

Homem Que é Homem

Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve mais de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê. Homem que é Homem - de agora em diante chamado HQEH - não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval. HQEH não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga.

E o HQEH tem razão. Confesse, você está com ele. Você não quer que pensem que você é um primitivo, um retrógrado, um machista, mas lá no fundo, você torce pelo HQEH. Claro, não concorda com tudo o que ele diz. Quando ele conta tudo o que vai fazer com a Feiticeira no dia em que a pegar, você sacode a cabeça e reflete sobre o componente de misoginia patológica inerente à jactância sexual do homem latino. Depois começa a pensar no que faria com a Feiticeira se a pegasse. Existe um HQEH dentro de cada brasileiro, sepultado sob camadas de civilização, de falsa sofisticação, de propaganda feminina e de acomodação. Sim, de acomodação. Quantas vezes, atirado na frente de um aparelho de TV vendo a novela das 8 - uma história invariavelmente de humilhação, renúncia e superação femininas - você não se perguntou o que estava fazendo que não dava um salto, vencia a resistência da família a pontapés e procurava uma reprise do *Manix* em outro canal? HQEH só vê futebol na TV. Bebendo cerveja. E nada de cebolinhas em conserva! HQEH arrota e não pede desculpas.

Este país foi feito por Homens que eram Homens. Os desbravadores do nosso interior bravio não tinham nem *jeans*, quanto mais do Pierre Cardin. O que seria deste país se Dom Pedro I tivesse se atrasado no dia 7 em algum cabeleireiro, fazendo massagem facial e cortando o cabelo à navalha? E se tivesse gritado, em vez de "Independência ou Morte", "Independência ou Alternativa Viável, Levando em Consideração Todas as Variáveis?" Você pode imaginar o Rui Barbosa de sunga de crochê? O José do Patrocínio de *colan*? O Tiradentes de *kaftan* e brinco numa orelha só? Homens que eram Homens eram os bandeirantes. Como se sabe, antes de partir numa expedição, os bandeirantes subiam num morro em São Paulo e abriam a braguilha. Esperavam até ter uma ereção e depois seguiam na direção que o pau apontasse. Profissão para um HQEH é motorista de caminhão. Daqueles que, depois de comer um mocotó com duas Malzibier, dormem na estrada e, se sente falta de mulher, ligam o motor e trepam com o radiador. No futebol HQEH é beque central, cabeça-de-área ou centroavante. Meio-de-campo é coisa de veado. Mulher do amigo de Homem que é Homem é homem. HQEH não tem amizade colorida, que é a sacanagem por outros meios. HQEH não tem um relacionamento adulto, de confiança mútua, cada um respeitando a liberdade do outro, numa transa, assim, extraconjugal, mas assumida, entende? Que isso é papo de mulher pra dar pra todo mundo. HQEH acha que movimento *gay* é coisa de veado.

HQEH acha que ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens que são Homens que restam no país para uma campanha de regeneração do macho brasileiro.

Os quatro só não têm se reunido muito seguidamente porque pode parecer coisa de veado.

(Trechos extraídos da crônica *Homem que é Homem* de Luís Fernando Veríssimo, publicada em *As mentiras que os homens contam*, Ed. Objetiva, 2000.)

RESUMO

Esta tese procura contribuir para o conhecimento da relação dos homens com a sexualidade e a reprodução, da perspectiva de gênero. É um esforço que se coloca ao lado das pesquisas que buscam compensar o tratamento de atores secundários e problemáticos dado aos homens nos estudos de fecundidade. Nesse sentido, a tese dialoga com os estudos de gênero, no campo das ciências sociais, que têm focalizado homens e masculinidades. A pesquisa está baseada em uma leitura interpretativa dos discursos sobre a sexualidade e a reprodução de um grupo de 30 homens, com idade entre 25 e 55 anos, de camadas médias da cidade de São Paulo. Esses homens têm como experiência comum o fato de terem refletido, no âmbito de grupos terapêuticos de gênero, sobre sua identidade masculina e sobre as transformações nas relações de gênero. A tese investiga nesse grupo a articulação entre as dimensões da sexualidade e da reprodução e a construção de masculinidades. A pesquisa revelou que, se a grande maioria desses homens herdou de seus pais os valores hegemônicos da masculinidade, suas experiências de vida os levaram à reconfiguração daquele modelo e à opção por comportamentos e atitudes bastante variáveis, dentro de limites definidos por cada um. Os valores predominantes da masculinidade e da feminilidade estão sendo avaliados e as fronteiras entre os gêneros sendo questionadas. Os dados sobre o impacto dessas reconfigurações na relação dos informantes com a contracepção não confirmam os pressupostos mais difundidos dos estudos de fecundidade sobre os homens. A maioria dos homens tem amplo conhecimento sobre métodos contraceptivos tradicionais e modernos. Responsabilizam-se pelo controle da fecundidade, juntamente com suas parceiras. A maioria utiliza a camisinha como o método que hoje melhor atende às necessidades contraceptivas e de prevenção de DSTs/Aids. É possível afirmar que os informantes compartilham de um mesmo código ético, apregoando o princípio da igualdade nas relações entre homens e mulheres, a indistinção valorativa das diferenças biológicas, e a necessidade do comprometimento de ambos, homens e mulheres, no domínio público e privado. Entretanto, o processo de reconstrução das masculinidades não é fácil, gera conflitos, desconfortos e ambigüidades. O investimento psíquico e emocional de cada um deles nesse processo deu-se ao longo das suas trajetórias de vida, nas suas relações e negociação com as mulheres e com outros homens. A identidade de gênero, portanto, não é vista como fixa, muito embora a sua mobilidade não necessariamente indique que a aquisição de novos valores desbanque completamente os antigos. Ao contrário, as ambigüidades surgem justamente porque valores novos e antigos convivem juntos numa mesma subjetividade, e portanto causam conflitos que esses sujeitos tentam superar em sua reflexão e práticas.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

ABSTRACT

This thesis aims at contributing, from a gender perspective, to the understanding of men's relations with sexuality and reproduction. It is a research initiative which adds to other recent studies which have sought to compensate for the secondary and problematic role attributed to men in fertility studies. The thesis carries out a dialogue with the gender studies in social sciences focusing men and masculinities. My research is based on an interpretative reading of the statements about sexuality and reproduction made by a group of 30 men from the middle class in the city of São Paulo, with age between 25 and 55. The informers share the experience of having reflected about their male identity and about changes in gender relations, as part of their participation in therapeutic gender groups. The thesis is an inquiry about the inter-relation between sexuality and reproductive practices, on one side, and the construction of masculinities, on the other, in this group of men. The fieldwork research revealed that, even though most of the informers have inherited from their parents the hegemonic values of masculinity, their life experiences have led them to re-shaping that model and adopting attitudes and behaviours which are different and vary within individual limits. The dominant values of masculinity and femininity have been checked and the borders between genders questioned. The data about the impact of such transformations on the informers' contraceptive practices do not confirm the most diffused assumptions of fertility studies regarding men. Most informers have shown vast knowledge of modern and traditional contraceptive methods. They take responsibility for fertility control, sharing this with their partners. Most of them utilize the condom as the method that offers the best response to the needs of contraception and prevention of STD/Aids. The thesis concludes that the informers share the same ethic code, which states the principle of equality in the relations between men and women, the indistinction of values attributed to biological differences and the need for the commitment of both, men and women, in the public and private spheres. However, the process of re-construction of masculinities is not easy and creates conflict and ambiguities. The emotional and psychical investment which each of the informers have made on this process has been distributed along their life course, in their relations and negotiations with women and with other men. Thus the gender identity is not seen by informers as a steady and fixed identity, even though its change does not necessarily suggest that the acquisition of new values completely displaces the former ones. On the contrary, ambiguities emerge exactly because new and old values share the same individual subjectivity and therefore produce conflicts which these individuals seek to overcome through reflection and practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - HOMENS E REPRODUÇÃO NA PESQUISA DEMOGRÁFICA	11
Introdução	11
1.1 A fecundidade no centro das questões demográficas	13
1.2 O lugar dos homens nos estudos de fecundidade	21
<i>O interesse recente em estudar os homens na pesquisa demográfica</i>	26
1.3 Outros olhares sobre os homens da perspectiva de gênero	31
1.4 Estratégia metodológica	38
<i>Quem são os informantes</i>	39
CAPÍTULO 2 - SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO: O ESPAÇO DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS	45
Introdução	45
2.1 Os modelos parentais	47
2.2 A descoberta da sexualidade e as primeiras transas	58
2.3 Considerações Finais	71
CAPÍTULO 3 - O QUE É SER HOMEM? A CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS E REPRODUTIVAS MASCULINAS	75
Introdução	75
3.1 A dinâmica dos enlaces e desenlaces: cenas e queixas das relações amorosas	77
<i>Percepções e expectativas de gênero</i>	77
<i>Experiências terapêuticas</i>	81
<i>A importância do trabalho feminino</i>	85
<i>Divisão do trabalho doméstico</i>	89
<i>Dimensão afetivo-sexual</i>	94
<i>Relações homoeróticas</i>	98
3.2 As vivências do corpo sexual e reprodutivo	100
<i>O masculino inscrito no corpo</i>	101

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta tese é investigar os comportamentos reprodutivos e sexuais de homens de camadas médias da cidade de São Paulo, cuja experiência comum é a de terem refletido sistematicamente sobre as construções hegemônicas do masculino e do feminino. Meu interesse é pesquisar o processo de mudança e permanência de valores e concepções do masculino, revelando as contradições desse processo presentes nos discursos dos sujeitos sobre sexualidade e reprodução. No meu entendimento, percepções e atitudes sexuais e reprodutivas estão sempre referidas a concepções e valores associados à construção social de gênero na nossa sociedade. Dessa forma, as práticas sexuais e reprodutivas dos homens refletem em alguma medida as representações simbólicas da masculinidade, as quais têm papel importante na definição dessas práticas.

Esta tese se insere na discussão atual sobre a importância de se estudar as percepções e os comportamentos sexuais e reprodutivos dos homens no campo da Demografia. A relevância desse estudo decorre do fato de os homens terem sido pouco pesquisados nos estudos demográficos de fecundidade. Sabe-se pouco sobre a relação dos homens com a reprodução, a sua ótica particular sobre a contracepção e os significados que atribuem à esfera reprodutiva. Assim, a temática da reprodução estruturou-se com a ausência do masculino. Mais recentemente, as discussões na área da fecundidade passaram a se preocupar com os homens. Entretanto, os pressupostos sobre homens e mulheres aí presentes são informados por uma construção social do gênero que reforça e generaliza idéias sobre permissividade, descompromisso e irresponsabilidade masculinas com relação à sexualidade e à reprodução. É preciso dizer que se trata de idéias baseadas mais em concepções e discursos sobre o masculino, do que em pesquisas que tenham os homens como objeto. As definições do que é masculino e feminino tendem sempre a selecionar um certo número de atributos no interior de cada definição, deixando de perceber e revelar as contradições e as ambigüidades que dão seu caráter de fluidez, historicidade e mutabilidade. É no âmbito da discussão sobre a forma como os homens estão sendo introduzidos nos estudos de fecundidade que se situa o estudo proposto.

Recentemente, têm-se encontrado referências à diversidade dos modos de ser masculino na mídia falada e escrita (Medrado, 1997; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000). Essa diversidade é fruto das mudanças sócio-culturais, econômicas e políticas que vêm ocorrendo ao longo das últimas três décadas, nas quais os movimentos feminista e homossexual tiveram um papel importante. Sabe-se, entretanto, que na realidade das cenas cotidianas, vividas pelos homens “reais”, existem ainda muitas dificuldades em colocar em prática valores de gênero recém adquiridos e influenciados pelo ideário da universalidade dos direitos. Essas dificuldades se expressam através das contradições e na tensão entre mudança e permanência. Conseguir captar o que permanece e o que muda, assim como os processos de negociação em relação às práticas sexuais e reprodutivas que se estabelecem em diferentes trajetórias de ciclo de vida dos homens, é um dos desafios deste trabalho.

Quando falo de mudanças e permanências de valores, estou me apoiando nas contribuições teóricas sobre a relação entre estrutura e agência desenvolvidas por Bourdieu (1977) e Giddens (1991), cientistas sociais europeus contemporâneos preocupados com a produção e reprodução social. Ambos sugerem que as ações dos indivíduos e a estrutura social estão estreitamente relacionadas. Isso significa dizer que se a estrutura social existente condiciona a ação dos indivíduos, ela pode não obstante ser transformada por essa ação. Giddens procura evidenciar como as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de modo direto com a vida individual. Desse ponto de vista, percebo as trajetórias masculinas como mutáveis e passíveis de serem desconstruídas. A redefinição da identidade é permanente e relacional e se dá através de um processo ambíguo e altamente reflexivo (Giddens, 1997).

Pode-se afirmar que se conhece pouco sobre as características do comportamento reprodutivo dos homens, mas sabe-se menos ainda sobre os fatores sociais e culturais que as determinam. Ao buscar contribuir para a superação dessa lacuna, este estudo procura trazer conhecimentos novos para o entendimento da relação dos homens com a reprodução e a sexualidade. Considero que investigações qualitativas nessa área que assumam a abordagem de gênero podem contribuir para revelar os processos de negociação e decisão no campo da sexualidade e da reprodução. Tais conhecimentos podem ainda subsidiar políticas públicas relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de homens e mulheres.

Parto do pressuposto de que gênero é uma categoria analítica importante para o entendimento do processo de desigualdades econômicas e sociais vivenciado por homens e mulheres. É construído socialmente, historicamente mutável e se refere à organização social das relações entre os sexos. Muitos autores têm contribuído para a elaboração teórica desse conceito¹. Segundo Scott (1995), que é uma das principais referências dos estudos que adotam essa perspectiva, gênero pode ser definido como a organização social da diferença sexual. É uma primeira maneira de dar significado às relações de poder entre os sexos. O gênero não reflete necessariamente a realidade biológica primeira, mas constrói o sentido dessa realidade. Ou seja, a diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Na proposta dessa autora, gênero se articula com outras dimensões das realidades sociais tais como classe, raça, idade e religião. Essa definição acentua o caráter movediço da categoria de gênero e nos permite analisar os processos conflitivos que produzem os significados variáveis e contraditórios das relações sociais entre os sexos.

Pesquisas sobre homens e masculinidades são relativamente recentes nos estudos de gênero, os quais estiveram mais envolvidas em revelar a história não contada das mulheres, e dar voz e vez a elas. Nas décadas de 80 e 90, surgiram muitos estudos sobre os homens e masculinidades, realizados na sua maioria por pesquisadores homens dos EUA, Austrália, Canadá e Inglaterra, e que se inseriram no campo dos estudos de gênero². De maneira geral, a literatura internacional sobre masculinidades tem focalizado a dinâmica das relações de poder entre os sexos. Esses estudos convergem em relação ao crédito dado ao feminismo pelo avanço teórico e metodológico do conceito de gênero (Kimmel, 1987; Connell, 1995). É na década de 90, entretanto, que o tema da masculinidade passou a se destacar na produção acadêmica. Nesse período, os estudos se caracterizaram pela ênfase nas condições e nos contextos que se colocam para os homens vivenciarem as diversas masculinidades. Buscaram identificar e analisar como os homens atualizam os valores hegemônicos masculinos, considerando as matrizes culturais e históricas em que interagem. Temas como violência e paternidade surgiram como aspectos importantes das experiências

¹ Ver entre outros, Buttler (1990); Barbieri (1991); Izquierdo (1994) e Scott (1995);

² Destaco, entre eles, Brod (1987); Seidler (1989); Segal (1990); Stearns (1990); Brod e Kaufman (1994); Cornwall e Lindisfarne (1994); Connell (1995) e Kimmel e Messner (1995);

masculinas e foram sendo gradativamente incorporados aos estudos de gênero, tanto no âmbito internacional como nacional.

Na América Latina e no Brasil, o homem tem sido tratado como objeto de reflexão nas ciências sociais desde a década de 80.³ No campo da intervenção e/ ou investigação, algumas organizações não governamentais intensificaram sua atuação com jovens do sexo masculino, enquanto outras abriam espaço para tratar de temas como pais adolescentes, ou ainda discutir a violência de homens agressores⁴. Paralelamente aos estudos acadêmicos e intervenções, alguns seminários organizados por homens e sobre homens pontuaram as décadas de 80 e 90 no Brasil⁵ (Ariha; Medrado; Ridenti, 1998).

É importante destacar que as transformações econômicas, históricas e sociais, pelas quais o Brasil passou ao longo das décadas de 60, 70 e 80, refletiram-se nas mudanças de valores culturais no âmbito das relações de gênero (Figueira, 1985, 1987; Velho, 1985, 1989; Salem, 1985, 1987, 1986, 1989; Ventura, 1988; Vaitsman, 1994; Romanelli, 1995; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000;). Entre elas, destacam-se a produção de novas ideologias e novas formas de ativismo social, as novas formas de entender como as famílias deveriam ser estruturadas e funcionar, e, sobretudo, as novas formas de viver como mulher (Chafetz, 1995).

Um esforço de pesquisa realizado pela mídia brasileira traz uma ilustração interessante dessas mudanças. No final dos anos 60, a Revista Realidade da Editora Abril (janeiro de 1967) publicou os resultados de uma pesquisa sobre o comportamento sexual da mulher brasileira, abordando temas tabus como aborto, sexualidade feminina e mães solteiras, sob o título "O que pensam nossas mulheres". Os resultados dessa pesquisa apontavam para o fato de que uma parcela significativa da população feminina não agia de acordo com os valores predominantes da sociedade à época. Suas manchetes internas diziam: "Sexo não

³ Não posso deixar de mencionar os estudos sobre camadas médias na década de 80 que deram atenção aos papéis familiares masculinos. Esses estudos são considerados pioneiros na reflexão sobre os homens e sua relação na família. (Salem, 1980, 1985, 1986, 1987 e 1989; Dauster, 1987 e Romanelli, 1986).

⁴ ECOS - Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana, sediada em São Paulo; Programa PAPAI, sediada em Recife; CES - Centro de Educação para a Saúde, sediada em Santo André e Pró Mulher, Família e Cidadania, sediada em São Paulo, são exemplos dessas três iniciativas.

tem nada com indecência"; "Aborto: em cada 4, uma já o praticou"; "Felicidade é possível sem o casamento". Essa edição foi apreendida pelo governo militar sob a alegação de ser obscena e ofensiva à dignidade da família brasileira.

Quase 30 anos depois, a Revista Veja contratou o mesmo Instituto de Estudos Sociais e Econômicos para refazer vinte das 110 perguntas originais. Comparando-se os resultados das duas pesquisas, verificou-se que as mulheres mudaram ainda mais. O percentual de mulheres favoráveis ao aborto aumentou de 65 % para 74%. Em 1967, 80% das mulheres estavam satisfeitas com o casamento contra 60% em 1994. A mudança de maior destaque foi que, em 1967, 81% das mulheres responderam que para se realizar como mulher bastava ser esposa, mãe e dona-de-casa, enquanto que em 1994, 80% rejeitaram essa afirmação. Mesmo entre as donas-de-casa, a insatisfação com esse papel era de 75% em 1994. Em que pesem possíveis limitações decorrentes dos procedimentos amostrais da pesquisa, que não cabe aqui discutir, esses resultados sugerem que houve mudanças contínuas nas aspirações das mulheres ao longo das décadas de 60 a 90.

Essas mudanças foram pontuadas por eventos bastante significativos, tais como o aumento das taxas de divórcio, o aumento das mulheres chefes de família, a diminuição das taxas de fecundidade, o aumento da idade média ao casar para a mulher, o aumento da idade da mãe ao nascimento do primeiro filho, o aumento da participação da mulher casada na força de trabalho e o ressurgimento do movimento feminista na década de 70. A questão do desemprego e da instabilidade econômica dos anos 80/90, também passou a afetar e muito os homens em seu papel de provedor (Goldenberg, 2000).

Alguns estudos brasileiros têm procurado entender o alcance dessas mudanças nas relações de gênero nas famílias das camadas médias (Velho, 1985, 1989; Romanelli, 1986, 1995; Salem, 1985, 1986, 1987, 1989; Dauster, 1990; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehaum, 2000; Marcondes, 2002). Em suma, seus resultados evidenciam a revisão dos valores hegemônicos presentes na sociedade, através de seu questionamento e da aquisição de valores associados ao ideal igualitário das relações de gênero. Indicam também que esse

⁵ *Primeiro Simpósio do Homem*, realizado em 1985, tendo como organizadores Moacir Costa e Ronaldo Pamplona; *Seminário sobre Identidade masculina*, organizado por Sócrates Nolasco em 1992.

processo apresenta ritmos e configurações bastante diversos. Nesse sentido, indicam que, apesar de os homens e as mulheres dividirem hoje as responsabilidades pela manutenção econômica do núcleo doméstico, o mesmo não se verifica em relação ao controle da fecundidade e ao cuidado com a prole. Pesquisar esse ponto foi um dos objetivos principais da minha investigação.

Ao longo desta pesquisa, procuro entender o processo de convivência dos valores predominantes de gênero e os valores recém-adquiridos, na sua articulação com as representações simbólicas masculinas da sexualidade e da reprodução. A esse propósito devo, antes de tudo, delimitar com precisão o âmbito e o objeto desta tese. Trata-se de um estudo sobre o processo de mudanças de atitudes no campo da sexualidade e da reprodução de um conjunto de 30 homens pertencentes a segmentos das camadas médias urbanas paulistanas. O processo de formação das camadas médias tem acompanhado as mudanças econômicas e sociais recentes da sociedade brasileira. É nesse segmento que as alterações nos padrões de gênero têm ocorrido mais rapidamente e os níveis e padrões de consumo tidos como necessários à reprodução social constituem forte estímulo ao trabalho feminino e ao controle da fecundidade. Estes grupos são também percebidos como tendo maior predisposição para inovações comportamentais, devido ao maior nível de escolaridade, ao maior acesso às informações e a recursos psicanalíticos e terapêuticos (Figueira, 1985). Supõe-se que esse segmento específico constitui-se em *locus* privilegiado das referências igualitárias da construção social do gênero, informadas pelo ideário individualista, que afirma a igualdade de direitos entre os gêneros.⁶

Meu interesse neste estudo é investigar as práticas sexuais e reprodutivas de homens das camadas médias que estão questionando os valores hegemônicos da masculinidade. Nesse sentido, defini como estratégia metodológica buscar um conjunto de homens que já tivessem produzido uma reflexão sobre os valores associados ao masculino e ao feminino. Identifiquei nos grupos de gênero um conjunto importante de homens que, além de serem predominantemente das camadas médias, estão refletindo sobre a própria identidade

⁶ Ver os estudos produzidos por Velho (1985, 1989) e Salem (1985, 1986, 1987, 1989) sobre as camadas médias intelectualizadas e psicologizadas da zona sul do Rio de Janeiro.

masculina. Aqui cabe um esclarecimento importante. Grupos de gênero consistem em experiências terapêuticas conduzidas por psicoterapeuta de um serviço público de saúde de São Paulo. Os homens que procuram esse serviço o fazem como um espaço de reflexão sobre a identidade masculina.⁷

Esta estratégia de pesquisa me permitiu selecionar indivíduos que pudessem ser identificados por terem vivido uma reflexão crítica sobre as construções sociais de gênero. Vale advertir que os grupos de gênero não se constituíram em objeto da pesquisa em si mesmos. A eles recorri como meio de identificação e seleção de homens com experiências comuns quanto ao questionamento dos valores predominantes da masculinidade e o sentimento de desconforto em relação a eles, nos seus aspectos práticos e simbólicos.

De fato, pesquisar um grupo de homens com essa vivência de elaboração sobre a masculinidade e a identidade masculina atende bem ao meu objetivo de investigar o processo de mudança e as reconfigurações do masculino ao longo do curso de vida. Busquei um grupo de homens que se confrontaram com a identidade masculina e que por isso têm o que dizer – com vivência própria – sobre as suas experiências, contradições e posições diante das suposições normativas da masculinidade e do masculino.

Devo acrescentar que se trata de pesquisa sem pretensão de generalização de seus resultados, realizada com uma amostra intencional e sem caráter de representatividade estatística. Mais que testar hipóteses, o estudo propõe-se a reconstruir, a partir do discurso dos sujeitos, os valores da masculinidade em operação entre homens sensibilizados pelas questões de gênero. O que se pretende com isso é identificar a emergência ou a elaboração de versões do masculino que sejam alternativas àquelas eventualmente hegemônicas na sociedade. E mais do que isso, o interesse da investigação é o de mostrar como os homens que têm colocado em xeque as construções sociais do masculino e do feminino, e tornado esse questionamento como parte importante das suas trajetórias de vida, percebem e se relacionam com a sexualidade e a reprodução.

⁷ Os grupos, com duração média de dois meses, são formados por 6 a 8 indivíduos, previamente selecionados pelo próprio psicoterapeuta. Na seção 4 do capítulo 1 discorro sobre a estratégia metodológica adotada.

A tese está organizada em 4 capítulos, além desta introdução e das conclusões. O capítulo 1 discute a opção político-metodológica da Demografia, que direcionou o foco das questões reprodutivas principalmente para a mulher. Esse tratamento atomizado da mulher negligenciou a importância das relações de poder entre homens e mulheres no campo da sexualidade e da reprodução. Mais recentemente, os estudos demográficos sobre fecundidade têm incorporado os homens em seu escopo. Entretanto, freqüentemente assumem pressupostos sobre os homens que nem sempre correspondem à realidade. Tais estudos deixaram em aberto inúmeros problemas sobre os quais irei refletir. Um deles é o de estudar os homens da perspectiva do que as agências de fomento e pesquisa precisam saber sobre eles, para que sejam convencidos a participar e se envolver nos programas de planejamento familiar e saúde reprodutiva. Dessa forma, o debate tem ocorrido sem um insumo importante, ou seja, como os homens definem e vivenciam suas sexualidades, a relação com a contracepção e a paternidade (Garcia, 1998). Abordo os estudos recentes sobre homens e masculinidades nas ciências sociais para questionar os pressupostos de gênero assumidos pela Demografia e refletir sobre a necessidade de se adotar uma perspectiva de gênero capaz de lançar um olhar sobre os homens e suas múltiplas experiências de masculinidades. A estratégia metodológica é apresentada em detalhe na seção final desse capítulo.

O capítulo 2 identifica os valores de gênero herdados pelos informantes e discute as vivências amorosas e sexuais da fase da adolescência. Destaco os modelos de pai provedor e mãe reprodutora e cuidadora que a maioria dos homens tiveram, assim como as dificuldades e as reflexões dos informantes sobre esse período, quanto às primeiras experiências sexuais. Os relatos indicam uma diferenciação geracional quanto à forma de iniciação sexual. Os homens da faixa etária de 25-33 anos buscaram realizar um ideal de relação afetivo-sexual desde o primeiro encontro sexual, diferentemente dos homens das demais gerações. Foi notada a importância da troca de informações sobre sexo entre os pares, porém de maneira fragmentada e por vezes fantasiosa. As críticas ao modelo de pai ausente na criação e educação dos filhos foi a tônica dos depoimentos obtidos. Esse processo de socialização gerou ambigüidades e contradições, as quais foram trabalhadas ao longo do curso de vida desses sujeitos.

O capítulo 3 procura analisar as trajetórias afetivas e sexuais dos informantes, assim como as transformações que foram se processando nas suas visões sobre o masculino e o feminino. A pesquisa revela que, se a grande maioria desses homens herdou de seus pais os valores predominantes da masculinidade, suas vivências os levaram a redefinições desse modelo. Os valores hegemônicos masculinos e femininos estão sendo reavaliados e as fronteiras entre os gêneros, questionadas. Nos discursos e nas práticas desses homens destaco dois pontos importantes: 1. o afastamento de uma visão naturalizada sobre homens e mulheres, e 2. uma re-significação do lugar da sexualidade em suas vidas. A identidade de gênero é vista como mutável e negociável, muito embora a sua mobilidade não necessariamente indique que a aquisição de novos valores desbanque totalmente os antigos. A importância da paternidade e a participação na criação dos filhos também é abordada. Destaco a valorização da paternidade e do vínculo afetivo que se estabelece entre pai e filhos, assim como uma maior participação nas responsabilidades reprodutivas. O pai participativo resultou num compromisso de qualidade diferente daquele da geração dos seus próprios pais. Há que se ressaltar que alguns homens da faixa etária de 46-55 anos que são pais constituem-se na exceção. Para a maioria que se define como pai participativo, o desejo da parceira de ser mãe não é mais o definidor de um projeto de reprodução. Surge portanto uma reivindicação dos homens ao direito de uma paternidade não imposta.

No capítulo 4, investigo as práticas e os significados da contracepção para esses homens. Muitas foram as questões investigadas, dentre elas destaco: o grau de conhecimento, o uso e os modos de aprendizagem dos métodos contraceptivos; o conhecimento sobre a fecundidade masculina e feminina; a decisão do número de filhos; as experiências com aborto; esterilidade e reprodução assistida; e o conhecimento dos efeitos dos métodos hormonais no corpo da mulher. Os dados obtidos mostram que existe um forte envolvimento dos informantes nesse processo, com pequenas variações por faixa etária, e que bem ou mal se refletem na maneira com que hoje se colocam e se relacionam com suas parceiras em relação à contracepção. Ressalto a importância da visão desses homens sobre a contracepção, vista como um processo do qual o homem deve participar e decidir conjuntamente. Isto está em consonância com a prevalência do preservativo como método

contraceptivo no grupo investigado, além da visão compartilhada entre todos de que a gravidez não é somente uma questão da e para a mulher.

As conclusões da tese apresentam considerações finais acerca dos resultados obtidos. Nelas discuto a importância de se questionar pressupostos e crenças, mediante um processo de desconstrução e permanente reconstrução, a partir das múltiplas realidades existentes. Apesar de ser o meio mais efetivo de transformação social, nem sempre é o mais simples e tranquilo. Exige esforço pessoal e coletivo. Afirmo a importância de se entender sexualidade e reprodução como processos sociais, e gênero, como relação política (Greenhalgh, 1996; Berquó, 1998). Destaco que, para refletir sobre reprodução e sexualidade a partir da abordagem de gênero, é preciso pensá-las em termos relacionais - em termos de conflitos, divergências, encontros e desencontros. Mas isso só não basta. É também fundamental mostrar as interconexões existentes entre os domínios da cultura, da economia e da política com a sexualidade, o casamento, e a reprodução.

CAPÍTULO 1 - HOMENS E REPRODUÇÃO NA PESQUISA DEMOGRÁFICA

Introdução

Este capítulo trata das motivações que levaram a Demografia a privilegiar a mulher como centro dos estudos de fecundidade, bem como das mudanças que vêm ocorrendo na direção da incorporação do homem no escopo das pesquisas mais recentes. Procuro entender o lugar dos homens na pesquisa demográfica, tomando como referência principal a trajetória da Demografia norte-americana, contexto no qual vicejaram os estudos sobre reprodução. Nessa trajetória, as mulheres têm sido historicamente base de muitos *surveys* e estudos demográficos, em seus vários aspectos. O fato é que os homens têm estado presente nas pesquisas de forma secundária, muito embora participem na concepção das crianças. Busco entender por que e como isso se deu, bem como suas implicações para o conhecimento a respeito da reprodução, da perspectiva de gênero. Além disso, apresento os pressupostos de gênero com os quais os estudos demográficos trabalham e suas implicações para o conhecimento produzido.

Duas questões relevantes têm despontado na discussão recente sobre homens, sexualidade e reprodução no campo das ciências sociais. A primeira é que concepções sobre a construção social de gênero têm papel relevante na definição das práticas sexuais e reprodutivas dos homens. A segunda diz respeito à diversidade de modelos de masculinidades em operação entre os homens, os quais se pautam pela combinação de valores predominantes e não predominantes do masculino. Essas duas considerações orientaram a formulação do meu estudo.

A partir das inquietações geradas pela presença secundária dos homens e pelos pressupostos de gênero nos estudos de fecundidade, fui buscar elementos para questionar a visão monolítica dos homens que tem orientado a Demografia. A busca por esses elementos exigiu uma revisão da literatura internacional e nacional nas disciplinas das ciências sociais que tratam do tema homens e masculinidades, visando definir o referencial conceitual e analítico do meu trabalho. Optei por definir os seguintes critérios para a escolha de estudos

nessa revisão: 1. incorporar a perspectiva de gênero e ter o homem como objeto de reflexão e 2. reconhecer a existência de diversos modelos de masculinidade na nossa sociedade. Isso me pareceu fundamental para situar os elementos para a construção das questões do estudo e a definição da minha estratégia metodológica.

O capítulo está dividido em **quatro seções**. A **primeira** apresenta, de forma abreviada, a centralidade dos estudos de fecundidade na Demografia, a visão etnocêntrica que permeia a teoria clássica da transição demográfica e suas implicações para o desenvolvimento de políticas e programas bilaterais internacionais de redução das taxas de fecundidade nos países em desenvolvimento, ao longo do século XX.

A **segunda seção** discute o lugar dos homens e das mulheres nos estudos de fecundidade. A atenção dos demógrafos, no que diz respeito à reprodução, tem sido voltada prioritariamente para as mulheres. Isto se deveu ao fato de as mulheres serem consideradas responsáveis pelo controle da fecundidade, por serem as geradoras de crianças, enquanto que aos homens tem sido atribuído o papel de provedor da família. Contudo, a razão prática alegada está relacionada ao fato de o pai ser incerto e a mãe, não. Como a questão é estimar o potencial reprodutivo e os níveis de reprodução, bastaria investigar a fecundidade feminina. Afirmo que os pressupostos dos pesquisadores sobre as relações de gênero partem de um modelo de família, de geração e criação dos filhos, historicamente datado. Não obstante, esses pressupostos tiveram influência fundamental no desenho metodológico das pesquisas, assim como nas políticas públicas no campo da reprodução em todo o mundo. Argumento que a epidemia da AIDS e a preocupação com a eficácia de programas de planejamento familiar que fossem eficazes na redução das taxas de fecundidade dos países em desenvolvimento trouxeram a necessidade de se pensar com mais profundidade o homem no âmbito da pesquisa demográfica.

A **terceira seção** discute os olhares sobre os homens lançados pelas pesquisas sobre masculinidades nas ciências sociais. Esses trabalhos incorporam a perspectiva de gênero e a contribuição dos estudos feministas na área. No entanto, divergem entre si na forma como focalizam o poder na dinâmica das relações. As reflexões produzidas por esses estudos serviram de inspiração para a construção deste trabalho. Finalmente, a **quarta**

seção introduz a justificativa e a estratégia metodológica da pesquisa, que me permitiram investigar os discursos sobre a sexualidade e a reprodução e os processos de reconfigurações do masculino em um grupo de homens de camadas médias de São Paulo.

1.1 A fecundidade no centro das questões demográficas

Nas primeiras décadas do século XX, quando a Demografia estava tomando forma como disciplina, o campo era dominado por ativistas propondo uma multiplicidade de agendas, desde o controle da natalidade até a eugenia como reação à imigração. Num primeiro momento, essas propostas tinham raiz na preocupação com a composição miscigenada da população dos EUA e não no receio do excesso populacional (Hodgson; Watkins, 1997). Num segundo momento, a preocupação voltou-se para o crescimento populacional dos países do então chamado Terceiro Mundo. Como a Demografia investiga questões de grande interesse das políticas públicas, os demógrafos muitas vezes se sentiram impelidos a se posicionar em defesa de certas causas que faziam parte das prioridades das agências financiadoras dos estudos. A necessidade de obtenção de fundos para pesquisas e de dados produzidos por instituições públicas para serem analisados acarretou uma relação da Demografia com os governos muita estreita e sujeita ao atendimento das demandas políticas de seus financiadores. Desde os anos 20 esse problema afetou o segmento da Demografia norte-americana que trabalhava com as questões de fecundidade. (Greenhalgh, 1996, 2001). Vale acrescentar que até 1930, estimulado pelas demandas do governo e da indústria por estatísticas de população, o número de pesquisadores na área cresceu enormemente (Hodgson; Watkins, 1997).

O meu interesse nesta seção é discutir o papel da Demografia norte-americana na definição das políticas voltadas para a redução das taxas de fecundidade nos países em desenvolvimento, bem como identificar os pressupostos teóricos que influenciaram os estudos de fecundidade no século XX.

Um primeiro aspecto a se considerar é a influência da teoria da modernização e da teoria econômica liberal na construção da teoria da transição demográfica⁸. Na tentativa de explicar as mudanças na intensidade do crescimento demográfico, a teoria da transição propôs um esquema evolucionário cujo trajeto seria percorrido por todos os países. Ou seja, partiriam do estágio pré-transição (tradicional), passando por uma etapa transicional e finalmente atingindo a pós-transição (moderno). Supunha-se que todos os países passariam por uma transição demográfica na qual ocorreria, de início, queda na mortalidade e, em seguida, um declínio da fecundidade, em função da extensão do controle sobre esses fenômenos (Oliveira; Szmrecsányi, 1980). A formulação da teoria da transição demográfica estaria baseada na experiência das sociedades mais desenvolvidas e industrializadas, as quais seriam o parâmetro da pós-transição. Essa visão linear e pré-determinada do desenvolvimento das sociedades, originária da Sociologia e da Economia, marcou fortemente a Demografia no século XX. Nesse sentido, a teoria da modernização⁹ assumiu papel preponderante nas análises que orientaram os estudos de fecundidade, surgindo como argumento central da teoria da transição demográfica (Oliveira; Szmrecsányi, 1980).

A Demografia utilizou-se da teoria da modernização nas suas pesquisas e estudos, em diferentes momentos históricos, adaptando-a em função da demanda das organizações e agências contratantes, estas sim comprometidas com a redução das taxas de fecundidade dos países em desenvolvimento (Greenhalgh, 1996, 2001). Ao oferecer um modelo histórico geral que associava fortemente o declínio da fecundidade ao estilo ocidental de modernização sócio-econômica, a teoria da transição demográfica foi de grande apelo aos planejadores das políticas públicas do pós II Guerra. Os ingredientes proclamados para a obtenção do sucesso no desenvolvimento demográfico eram urbanização, industrialização, melhora nos padrões de vida, educação popular e participação popular na vida política.

⁸ A teoria da transição demográfica foi apresentada pela primeira vez por Warren. S. Thompson em 1929, na revista *American Journal of Sociology*, 34. Essa teoria procura relacionar as transformações das sociedades às mudanças nas taxas de mortalidade e fecundidade. A síntese da teoria clássica da transição demográfica é atribuída aos demógrafos da escola de Princeton, especialmente Frank Notestein (1945) e Kingsley Davis (1949).

⁹ A teoria da modernização compreende o desenvolvimento como um processo no qual o tradicional e o moderno são colocados em oposição bipolar. O processo de desenvolvimento, de acordo com essa teoria, consistiria numa série de estágios de crescimento da sociedade tradicional, fundada em uma economia essencialmente fechada e baseada na agricultura de subsistência, em direção a uma sociedade moderna, o pólo oposto, baseada no modelo de industrialização da Europa Ocidental, da América do Norte e do Japão.

Esse modelo norte-americano é o que se pretendia exportar para todos os países “subdesenvolvidos”, modelo que conferia aos EUA a superioridade do estilo de vida ocidental. A preocupação crescente com a aplicação do conhecimento à redução imediata da fecundidade teve profundos efeitos no pensamento demográfico sobre a mesma, passando esse tema a dominar a agenda da Demografia por várias décadas (Greenhalgh, 1996). Segundo Greenhalgh, a partir da década de 50 se estabelece um estreito vínculo entre produção científica e políticas populacionais controlistas.

A teoria clássica da transição demográfica foi duramente criticada pelo seus esforços em tentar unificar as experiências de evolução da mortalidade e fecundidade das nações desenvolvidas e predizer que caminhos deveriam seguir as nações em desenvolvimento (Patarra, 1973). Algumas críticas a essa teoria chamavam a atenção para a especificidade dos diferentes contextos sociais e culturais das nações, enfatizando os distintos processos históricos de cada população. Nesse sentido, pesquisas históricas colocaram em xeque os pressupostos da teoria da transição, atentando para a inadequação do grau de generalização com que as evidências empíricas foram tratadas (Oliveira; Szmrecsányi, 1980).

As reformulações da teoria da transição que se seguiram, nas décadas de 50 e 60, resultaram na verdade mais das observações empíricas e da percepção das particularidades das populações, do que da discussão teórica na área da Demografia. Hauser e Duncan (1959) abordaram alguns aspectos mais críticos da teoria. Patarra (1973, p. 92) resumiu os pontos principais dessas críticas: "1. A descrição da evolução demográfica das distintas populações ocidentais não é suficientemente cuidadosa, pois os casos particulares deveriam ser considerados em maiores detalhes; 2. Não se sabe quais são os elementos compreendidos sob a denominação de processo global de modernização, o que compromete seriamente o aspecto explicativo da teoria. Em suma, o fundamento explicativo e a generalização são postos em dúvida e percebidos como guia de políticas de controle da natalidade". No entanto, a longa influência da teoria da transição demográfica coloca a questão sobre quais são os motivos que levaram os demógrafos a sustentar essa teoria por tanto tempo e com tamanha tenacidade.

Os fatores inibidores da construção de outras teorias, portanto de outras Demografias, que estivessem voltadas para o entendimento das diferentes realidades sócio-culturais e econômicas vividas pelos países em desenvolvimento, foram apontados por alguns demógrafos proeminentes como Hogdson (1983, 1988, 1991), Demeny (1988), Szreter (1993) e Greenhalgh (1996). Para esses demógrafos, as limitações conceituais e teóricas da Demografia estavam estreitamente relacionadas às necessidades dos EUA em manter a sua política externa no período da Guerra Fria, assim como ao interesse dos executores da política dos EUA e de seus consultores demógrafos com a promoção dos programas de planejamento familiar, como única forma de controlar o crescimento populacional do Terceiro Mundo¹⁰. A conexão próxima da Demografia com o planejamento familiar levou à preocupação com os aspectos práticos dos programas, negligenciando as preferências das pessoas e o contexto sócio-econômico em que estas estão inseridas (Demeny, 1988). Levou também à estreiteza do escopo teórico (Hogdson, 1983) e à persistência perversa da teoria da transição demográfica, servindo melhor aos executores das políticas do que à investigação acadêmica (Szreter, 1993). Demeny (1988) e Szreter (1993) argumentaram que a longa vida da teoria da transição demográfica deve-se tanto à proteção intelectual provida pela teoria da modernização, como à falta de perspectivas críticas sólidas no campo. Estes dois aspectos conjuntos teriam sido fundamentais para o enraizamento dessas idéias na disciplina, tornando-se fortemente resistente a mudanças. Apesar dos problemas conceituais e empíricos, a teoria da transição demográfica, especialmente nas suas formas modificadas, proveu um instrumento útil para os planejadores de políticas e para os administradores de programas, cuja preocupação era de que os contraceptivos chegassem até os casais do Terceiro Mundo. E chegassem até quem? Às mulheres, é claro.

Com a queda das taxas de fecundidade em alguns países em desenvolvimento, o receio de uma explosão populacional começou também a esmaecer. Os pesquisadores do Terceiro Mundo passaram a contribuir de forma significativa para o debate no campo dos estudos de população. Na América Latina, por sua vez, tomava-se consciência dos problemas

¹⁰ Segundo Greenhalgh (1996), desde o final da II Guerra Mundial os assuntos sobre reprodução, que antes eram considerados tabu, adquiriram um caráter público, dada a preocupação com a super população em países do Terceiro Mundo. Foi grande o volume de publicações da literatura econômico-demográfica que surgiu nesse período, tentando demonstrar que a causa dos problemas sócio-econômicos nesses países residia no tamanho e no crescimento acelerado de suas populações

advindos do descolamento das variáveis demográficas de seu contexto histórico e estrutural específicos. Apontava-se um novo modo de aproximação da explicação das diferenças de fecundidade entre populações distintas: a abordagem histórico-estrutural (Patarra; Oliveira, 1972; Oliveira; Szmrecsányi, 1980). No Brasil, as ciências sociais tiveram que construir suas próprias perspectivas, teorias e modelos. Não se aceitava a idéia de que os países não desenvolvidos tinham que seguir o mesmo modelo dos países desenvolvidos em relação à transição demográfica. Faria (1989) enfatizou o desenvolvimento de estudos na América Latina e no Brasil que se preocuparam com formulações alternativas no esforço de compreender a regulação da fecundidade e seu declínio, em suas múltiplas dimensões.

No plano político, a década de 70 testemunhou o ressurgimento do movimento internacional de mulheres, postulando seus direitos econômicos e sociais. A Conferência de Nairobi, em 1975, inaugurou a Década pelo Avanço dos Status da Mulher. Nesse mesmo período, em 1974, o movimento internacional de mulheres e os líderes dos países do Sul, preocupados com uma agenda reprodutiva não controlista, aliando-se ao Vaticano, resistiram à imposição de políticas de controle demográfico debatidas na Conferência de População de Bucareste (Berquó, 1998). Os líderes dos países em desenvolvimento, contrariando a agenda planejada pelos neo-malthusianos, combateram as políticas controlistas com o argumento de que o desenvolvimento é o melhor contraceptivo, e afirmando que a ajuda econômica dos países desenvolvidos para os menos desenvolvidos seria uma estratégia muito melhor do que apoiar programas de controle de natalidade. Na década de 80, a redução dos recursos para a área, antes ilimitados, já se tornara fato. As taxas de fecundidade dos países menos desenvolvidos continuaram a recuar e o medo de uma explosão populacional continuou a se desfazer. Em 1984, a declaração da Conferência de População do México de que a relação entre crescimento populacional e desenvolvimento não é necessariamente negativa apontava para uma visão revisionista do impacto da população na economia.

Segundo Hodgson (1983) e Greenhalgh (1996), o período compreendido entre 1980 e 1990 teria sido marcado por avanços teóricos inovadores na discussão da transição demográfica. Em realidade, esses avanços remontam especialmente aos impactos da análise sistemática de dados sobre a queda da fecundidade na Europa. Ao perceber, com base na experiência

dos países da Europa Ocidental, que não havia uma relação consistente entre o período de queda da fecundidade e as medidas de desenvolvimento econômico e social, Coale (1979) abandonou o pressuposto da necessidade de certo patamar de desenvolvimento para a redução da fecundidade. Em sua análise da transição da fecundidade européia, Coale identificou algumas pré-condições necessárias a todo processo de transição da fecundidade, tais como o desejo do casal de limitar a fecundidade e a capacidade de realizá-lo. Esta última está relacionada ao conhecimento de métodos de controle e à legitimidade cultural para realizá-lo. Suas idéias foram fundamentadas na análise de dados do European Fertility Project ¹¹.

Iniciado em 1963, esse projeto propôs descrever e explicar os diferenciais da transição da fecundidade entre várias regiões do continente europeu, e as mudanças econômicas e sociais a eles associadas. As conclusões principais a que se chegou foram: 1. A transição da fecundidade na Europa refletiu a adoção e difusão de novas idéias sobre contracepção; 2. Apesar das mudanças estruturais (econômicas e sociais) estarem envolvidas na transição, não se constituíram na força dominante, o que significa dizer que as transições nas várias regiões da Europa ocorreram sob uma variedade de condições sociais e econômicas e 3. A transição seguiu contornos culturais, lingüísticos e religiosos diversos. A idéia de cultura, percebida como operante na linguagem, na etnicidade e na região geográfica, surge como fator central explicativo na transição da fecundidade (Watkins, 1986).

O descontentamento com a teoria da transição demográfica clássica também proporcionou uma ênfase maior no estudo ao nível micro-social, onde acontecem as transformações na organização familiar e no *status* da mulher. Partindo dessas considerações, Caldwell (1976) introduziu a idéia de inversão dos fluxos de riqueza somada à idéia da difusão do modelo ocidental de família. Em sua teoria, a taxa de fecundidade é inversamente proporcional à conquista inter-geracional de bens e serviços. Ou seja, netos que tiveram maior acesso a bens e serviços tenderiam a ter menos filhos que os avós, que não tiveram acesso a esses bens. Cleland e Wilson (1987) reforçaram o deslocamento entre fatores estruturais e

¹¹ Ver sumário dos resultados desse projeto no volume organizado por Coale e Watkins (1986) e publicado pela Universidade de Princeton.

ideológicos, fazendo eco ao estudo de Coale. Partiram das considerações de que os países não ocidentais não tenderiam a reproduzir o modelo europeu de transição, pondo fim à concepção etnocêntrica dos estudos anteriores. Assumiram que as relações familiares, o *status* da mulher, o valor das crianças e o ambiente institucional a partir do qual as decisões reprodutivas são tomadas, são aspectos que não podem ser negligenciados no entendimento desse processo. Caldwell (1988), abandonando a sua idéia anterior do fluxo de riquezas, focalizou mais especificamente a explicação "cultural" como um contraponto crítico à teoria da transição demográfica. Os interesses teóricos se voltaram para a cultura como uma variável empiricamente relacionada com a queda da fecundidade (Kertzer, 1995).

Na realidade, o conceito de cultura, aplicado à questão da difusão do controle da fecundidade, foi apropriado de uma maneira restrita pela pesquisa demográfica. Nessa direção, o interesse esteve voltado para a difusão "cultural" de comportamentos ditos "modernos", como o desejo por famílias menores. Os estudos que se seguiram foram orientados para o entendimento do conjunto de motivações e sentimentos que impedem ou restringem as escolhas reprodutivas das populações, a partir de uma perspectiva de transmissão da informação. No entanto, mais recentemente, essa forma de entendimento da cultura tem sido questionada. Hammel (1990) examinou as várias noções de cultura da antropologia, argumentando que os demógrafos se aproximaram da idéia de cultura como apenas um identificador. Esta noção acabou acrescentando muito pouco à sua capacidade de dar conta da determinação dos processos de mudança demográfica. Hammel propôs que os demógrafos levem às últimas conseqüências o caráter simbólico, dinâmico e negociável da idéia de cultura, reconhecendo a via de mão dupla entre a ação dos indivíduos e sua produção. Nesse sentido, o autor faz eco a uma das tendências contemporâneas segundo a qual os indivíduos não seriam produtos passivos de matrizes culturais, comportando-se ao sabor desta ou daquela afiliação cultural.

Essa via exploratória de uma perspectiva teórica que privilegia dimensões culturais das mudanças - vista como uma das alternativas à teoria da transição demográfica, tão freqüentemente criticada e que por muitas razões tornou-se um embaraço para a Demografia - acabou por envolver uma remarcação dos limites da Demografia, de maneira a incluir estudos de natureza antropológica que permitam elucidar a natureza e a dinâmica

das mudanças de comportamento, e uma revisão do conceito de cultura anteriormente utilizado pela disciplina. De fato, a Antropologia tem longamente estudado a micropolítica dos indivíduos e dos grupos locais em relação à sexualidade, reprodução e outros eventos do ciclo vital dos indivíduos, analisando aspectos da vida reprodutiva não focalizados pela Demografia. Dessa forma, tem desvendado as heterogeneidades dos comportamentos individuais ou de pequenos grupos, no que concerne à sexualidade e à reprodução, oferecendo e ampliando possibilidades de explicação da heterogeneidade dos fenômenos demográficos.

Entretanto, o papel da Antropologia na pesquisa demográfica foi cuidadosamente circunscrito (Hammel, 1990). Isto significa dizer que a contribuição antropológica se deu nos limites metodológicos dos achados etnográficos, enquanto que os conceitos e teorias foram deixados de lado.¹² Uma das contribuições mais centrais que a Antropologia pode oferecer à Demografia é a ênfase no estudo do comportamento reprodutivo no seu contexto cultural e social. Na última década, o movimento de aproximação entre Antropologia e Demografia tem sido guiado primeiro pela percepção da insuficiência da metodologia demográfica tradicional, o que leva a utilizar os métodos antropológicos para suplementar e enriquecer esses métodos. Em segundo lugar, a aproximação se deve à percepção da insuficiência teórica que explique os modelos empregados pelos demógrafos. Desse ponto de vista, é papel do antropólogo, na visão predominante na Demografia, contribuir para uma variedade de estudos de comunidade onde, entretanto, nenhuma generalização científica pode ser feita. Nessa visão, a contribuição da Antropologia se refere a esse empréstimo metodológico, dando margem ao aparecimento de várias formas de micro-demografias.

¹² Para uma visão ampla e esclarecedora do diálogo entre Antropologia e Demografia e das contribuições da Antropologia para a Demografia, consultar Greenhalgh (1990); Kertzer (1995); Greenhalgh (1996); Kertzer e Fricke (1997).

Os antropólogos vêm o valor de tal trabalho demográfico de uma maneira totalmente diferente. O valor do estudo individual da comunidade não precisa estar limitado à sua conveniência para as generalizações estatísticas, ou ainda, à contribuição dos pesquisadores no levantamento de uma quantidade maior de variáveis e dados no entendimento dos processos populacionais. O entendimento da política e da cultura da reprodução requer aproximações analíticas capazes de pesquisar os processos reprodutivos em seu caráter historicamente variado, multidimensional, multinivelado. Ou seja, as trocas intelectuais se dariam também na direção de uma reordenação teórica do campo da Demografia.

Contudo, conceitos como o da reprodução vista como uma construção social e o de gênero, como uma relação política, fundamentais para o entendimento da fecundidade, não fizeram parte da agenda demográfica (Berquó, 1998). O caminho dos estudos de fecundidade, assim percorrido, resultou no tratamento atomizado da mulher e na percepção generalizada de um modelo masculino que muitas vezes não correspondia às distintas realidades pesquisadas. Na seção seguinte iremos nos deter melhor sobre esse ponto.

1.2 O lugar dos homens nos estudos de fecundidade

Como já discuti anteriormente, a atenção dos demógrafos esteve principalmente centrada nos estudos de fecundidade direcionados aos países com altas taxas de crescimento populacional. Muito embora homens e mulheres sejam parceiros co-partícipes na concepção de crianças, os estudos demográficos negligenciaram a importância do papel masculino na reprodução e no planejamento familiar. O fato biológico de serem as mulheres as geradoras de crianças as colocou numa posição de público-alvo das políticas públicas nessa área e, da mesma forma, como as melhores informantes acerca do processo reprodutivo. As razões metodológicas alegadas por alguns demógrafos (Shryock; Siegel¹³, apud Greene; Biddlecom, 1997) para a abstenção do cálculo da fecundidade masculina foram: 1. O período reprodutivo masculino não está claramente definido, ao contrário do período reprodutivo da mulher; 2. As mulheres são mais fáceis de entrevistar pois se

¹³SHRYOCK, Henry S.; SIEGEL, Jacob S. e Associates. **The methods and materials of demography**. San Diego, CA: Academic Press, 1976.

encontram mais em casa do que os homens e 3. Se as crianças não estão vivendo com ambos os pais, é mais provável que estejam vivendo com a mãe do que com o pai.

Como bem argumentam Greene e Biddlecom (1997), se a Demografia fosse apenas contabilidade, então usar as mulheres como ponto de referência seria suficiente, pois é mais simples coletar e analisar informações sobre a geração de crianças se essa informação vier apenas de um só sexo, mesmo porque as mães freqüentemente lembram dos eventos sobre aborto, mortes de crianças, etc. mais claramente do que os pais. Além disso, deve haver pouca ambigüidade em relação a se a criança é seu filho/a ou não, quando a entrevistada é a mãe. No entanto, como a Demografia não é apenas contabilidade, essa perspectiva não é útil para explicar e prever o comportamento reprodutivo de uma população ou de um casal. Não se pode ignorar, entretanto, a existência de alguns estudos demográficos que focalizaram a fecundidade masculina, com o propósito de calcular os diferenciais de fecundidade (Tietze, 1938, 1943; Stykos; Back; Hill, 1956).

No caso do Brasil, os trabalhos de Kubat e Albuquerque (1969) e Campos (1971) avaliaram a participação dos homens na esfera da reprodução, porém concentraram-se em um limitado conjunto de tópicos, tais como o conhecimento e uso de contraceptivos e as preferências e metas reprodutivas de homens e mulheres. Percepções dos homens em relação a decisões reprodutivas foram deixadas de lado. E, de fato, não fazia parte das preocupações desses estudos o conhecimento dos conteúdos e processos simbólicos que permeiam e fundamentam decisões e práticas reprodutivas da população masculina. Nessas condições, pode-se pensar que os pressupostos sobre o comportamento reprodutivo dos homens, que se criaram e se afirmaram como crenças, foram reforçados pela ausência de informações sobre a perspectiva masculina em relação à reprodução.

Quais são os pressupostos sobre os homens e as mulheres que balizaram os estudos e *surveys* no campo da fecundidade?

Com a finalidade de verificar como e em que contexto a mulher tem aparecido nos estudos demográficos, Watkins (1993) realizou trabalho exaustivo que leva a uma viagem pelos 30 anos (1960-1990) de publicação da revista *Demography*, um dos mais importantes veículos

de divulgação e estudos de Demografia. Por se tratar de uma revista conceituada para os demógrafos, Watkins trabalhou com a hipótese de que as idéias veiculadas ao longo desse período seriam as que então prevaleciam entre eles. Entre os vários aspectos analisados, a autora investigou como a *Demography* entende as relações de gênero. Na maioria dos artigos publicados, homem e mulher são percebidos como seres separados e que devem ser estudados separadamente. As expectativas e as assertivas que se encontram em suas páginas, como alerta a autora, estão recheadas pela forma como os demógrafos percebem o gênero e como as relações entre os sexos estão construídas, firmadas e reafirmadas socialmente. O fato é que os artigos, em sua maioria, associam a mulher com a reprodução biológica e as atividades domésticas de reprodução da família, enquanto os homens são associados unicamente ao papel de provedor.

Na realidade, as pressuposições da Demografia sobre os homens e as mulheres e sobre a relação entre eles eram informadas pelas normas sociais das nações ocidentais, onde se desenvolveu a Demografia. Essas normas enfatizavam, por exemplo, o envolvimento exclusivo das mulheres com a criação dos filhos, não percebendo que este modelo não era apropriado em muitos contextos de países não ocidentais e mesmo ocidentais. A classe média branca americana proveu o contexto cultural implícito para a teorização demográfica sobre a fecundidade (Townsend, 1997). Convém antecipar, no entanto, que não estou questionando o fato de que grande parte das mulheres esteja de fato cuidando de crianças. Estou criticando a visão unilinear e homogênea sobre homens e mulheres em que esses estudos e *surveys* se basearam. E também afirmando que tais pressupostos sobre homens e mulheres e seus papéis econômicos e sociais foram, em grande medida, responsáveis pelo lugar dado a ambos nos estudos demográficos. (Greene; Biddlecom 1997; Presser, 1997).

Além disso, pode-se afirmar que a ausência de instrumentos teóricos e metodológicos na Demografia que permitam levar em conta relações de poder e negociação entre casais reforça esses pressupostos. E que, portanto, a barreira fundamental para a inclusão dos homens na pesquisa demográfica foi normativa e refletia a socialização dos demógrafos

mais influentes e a maneira pela qual eles elaboravam as pesquisas (Townsend, 1997). Essa percepção generalizada sobre mulheres e homens, e sobre as relações de gênero nela envolvidas, esteve também presente nos programas e políticas populacionais.

Um dos pressupostos assumidos pela Demografia, decorrente não só da construção social do masculino, mas também da generalização com que as poucas informações existentes sobre os homens foram tratadas, é o de que homens são desinformados sobre o controle da fecundidade. Como as mulheres são vistas como depositárias da cultura da reprodução, não é esperado do homem que tenha conhecimentos sobre métodos contraceptivos (Ezeh; Seroussi; Raggars,¹⁴ apud Greene; Biddlecom, 1997).

Contudo, pesquisas recentes têm demonstrado que os homens conhecem os métodos contraceptivos quase tanto quanto as mulheres (Leal; Fachel, 1995; Ketting, 1996; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000), estão mais interessados na saúde reprodutiva do que comumente se pensa, bem como têm suas próprias necessidades de saúde reprodutiva e sexual, geralmente desconhecidas (Ketting, 1996). Alguns pesquisadores têm tentado ir mais adiante na análise do que se convencionou chamar de “pouco envolvimento” masculino na contracepção. Nessa linha de raciocínio, o estudo de Chikamata (1996) colocou que um primeiro obstáculo para o uso de métodos de planejamento familiar pelos homens é a falta de alternativas de métodos masculinos.

Em outro estudo sobre a participação masculina na contracepção, Griffin e Ringheim (1996) demonstraram que os homens estarão prontos a assumir maior responsabilidade pelo planejamento familiar, se lhes forem oferecidos métodos com os quais possam regular a fecundidade de uma maneira segura, efetiva e reversível. Entre os métodos contraceptivos existentes, o preservativo conta com maior adesão, seja pela possibilidade de evitar uma gravidez indesejada, seja pelo seu aspecto preventivo das DSTs/Aids. Muito embora seja difícil validar os resultados até que um método efetivo seja colocado em prática, os autores

¹⁴ EZEH, Alex C.; SEROUSSI, Michka; RAGGERS, Hendrik. **Men's fertility, contraceptive use and reproductive preferences**. Calverton: Macro International Inc., 1996.

mostraram evidências empíricas de que o método que teria mais aceitação entre os homens seria a pílula masculina (Griffin; Ringheim, 1996).

Na mesma direção, estudiosos do Centro de Pesquisa Médica da Unidade de Biologia da Reprodução de Edimburgo revelaram que, se um anticoncepcional masculino estivesse à disposição, a maioria dos homens estaria disposta a usá-lo, assim como a maioria das mulheres confiaria em seus parceiros para o controle da natalidade. Essa pesquisa foi encomendada pela revista *Human Reproduction* e realizada com 4.000 homens e mulheres de Edimburgo (Escócia), Xangai (China), Cidade do Cabo (África do Sul) e Hong Kong, revelando que dois terços dos homens usaria a pílula masculina. “A maioria dos homens acredita que a responsabilidade pela prevenção está depositada exageradamente sobre as mulheres e o maior incentivo deles para tomar a pílula seria atender ao desejo de suas parceiras” (Folha On Line, 2000). Mesmo em Hong Kong, que tem um perfil mais conservador que o dos outros locais em que foi realizada a pesquisa, cerca de metade dos homens afirmou que tomaria uma pílula masculina. Apesar da grande aprovação para a pílula, alguns homens admitiram preocupação com efeitos colaterais do anticoncepcional sobre o seu desempenho ou desejos sexuais.

As conseqüências dos pressupostos de gênero com os quais os demógrafos tem predominantemente trabalhado foram explorados por vários pesquisadores (Greenhalgh, 1990, 1996; Riley, 1997; Robinson, 1997; Perea, 1998). Riley (1997) afirma que a categoria sexo orientou os estudos demográficos, ao invés da categoria gênero, e que, apesar do termo gênero ter ganho popularidade, freqüentemente se está falando sobre a categoria biológica sexo imaginando que se está utilizando a categoria social gênero.

Desse modo, os estudos deixaram de perceber e identificar as relações de desigualdade e os desacordos em relação à contracepção e se detiveram em algumas características da população feminina - nível de escolaridade e renda, por exemplo - como os únicos determinantes próximos da fecundidade. Apesar de os pesquisadores estarem corretos em identificar os níveis e padrões de participação na força de trabalho feminina e de educação como variáveis importantes na explicação dos diferenciais e dos padrões de fecundidade, eles ignoraram as diferenças de estrutura social e das relações entre gêneros como

importantes fatores explicativos desses padrões. Nesse sentido, o objetivo da maioria das pesquisas demográficas era apontar para as maneiras pelas quais o uso de contraceptivo pelas mulheres poderia ser incrementado.

O interesse recente em estudar os homens na pesquisa demográfica

Mais recentemente, muitos demógrafos têm questionado os pressupostos de sua disciplina acerca dos papéis de gênero, do casamento e da criação dos filhos, enfatizando a importância das relações de poder e negociação entre homens e mulheres no campo da sexualidade e da reprodução (Mundigo, 1995). A abertura da Demografia para a incorporação dos homens, de maneira sistemática, como objeto de estudos tem dois motivos principais. Em primeiro lugar, a despeito de todo o investimento realizado em políticas e programas populacionais nos países em desenvolvimento, a redução das taxas de fecundidade tem sido muito lenta em alguns países, permanecendo altas, por exemplo, no continente africano. Os homens têm sido percebidos como fator de restrição ao uso de contraceptivos pelas mulheres. Daí o interesse em se voltar o olhar para os homens e o direcionamento de investimento para políticas de “inclusão” e “envolvimento” dos homens nos programas populacionais.

O segundo motivo está relacionado à epidemia da HIV/Aids e seu impacto nas políticas de saúde. A população masculina é percebida como responsável pela sua propagação na população feminina. Os homens foram então colocados como foco das agências financiadoras de políticas e pesquisas, seja porque são vistos como responsáveis pela restrição ao uso de contraceptivos pelas mulheres, seja porque são percebidos pela difusão da Aids entre as mulheres (Oliveira, M. 2002). Dessa maneira, sua entrada nos estudos se dá pelos problemas que teriam causado, ou melhor, como acessórios problemáticos, e não pela necessidade de entender a visão dos homens sobre a reprodução e suas necessidades nesse campo.

Contudo, é preciso deixar claro que a ausência de estudos significativos que levem em consideração a perspectiva masculina na esfera da reprodução não é privilégio da Demografia. No campo das ciências sociais, os estudos de gênero contribuíram para que o

foco da reprodução se mantivesse na figura feminina, muito embora introduzissem uma postura crítica, de modo a “desnaturalizar” o processo reprodutivo (Oliveira, M. 2002). É possível afirmar que ainda é incipiente o conjunto de estudos existentes sobre comportamento sexual e reprodutivo que de alguma forma tenham incorporado a perspectiva masculina e avançado o conhecimento nesse tema.

Foi sobretudo a partir da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (CIPD) realizada no Cairo, em 1994, que os movimentos de saúde da mulher tiveram influência particular na alteração de foco das políticas públicas, anteriormente centrado no planejamento familiar, deslocando-o para a saúde reprodutiva e desencorajando alguns demógrafos ainda preocupados com a ênfase exclusiva na redução do crescimento populacional. A CIPD teve um papel importante na redefinição da agenda demográfica, e na ênfase na inclusão dos homens. A Conferência do Cairo, como passou a ser chamada, enfatizou no seu Plano de Ação a necessidade de os homens assumirem a sua parte na responsabilidade com a família e com a comunidade como um todo, e, especialmente, em questões de planejamento familiar e saúde reprodutiva.

O fato é que o tema da responsabilidade masculina sublinha a recente ênfase das políticas de população e dos programas que encorajam os homens a se envolverem em questões reprodutivas com suas parceiras. Arilha (1999) deteve-se na tarefa de pesquisar o uso da palavra "responsabilidade" no texto da Conferência do Cairo, como parte de sua tese de mestrado. De acordo com sua análise, há alguns pressupostos sobre os homens que estão sendo reafirmados no conteúdo do Plano de Ação. Utilizo as próprias palavras da autora para expressar a perspectiva normativa com que os homens e as mulheres foram tratados: "... no campo da reprodução, ser jovem e ser homem praticamente equivale a ser irresponsável, numa perspectiva quase essencialista; enquanto que as mulheres, no mesmo texto, recebem valoração positiva, consideradas mesmo como sobrecarregadas de encargos em sua vida reprodutiva" (Arilha, p. 107). Desse modo, o documento do Cairo reproduz a visão de que os homens no campo da reprodução são irresponsáveis, contribuindo não só para o incremento da gravidez indesejada, mas também para o aumento da gravidez na adolescência. Nesse sentido, o documento propõe políticas que promovam a

responsabilidade e o envolvimento masculino na contracepção e na paternidade responsável.

Essa é uma visão por demais simplista e essencialista dos homens. Entretanto, não foram somente estas as preocupações em relação ao comportamento masculino expressas no documento do Cairo. O conteúdo e a linguagem do documento traduzem a inquietação com as doenças sexualmente transmissíveis, em particular com a Aids. Da mesma maneira, os homens são chamados a agir mais responsabilmente com as suas parceiras na esfera da sexualidade. A abordagem dos homens vistos primordialmente como problema ainda persiste, seja como causadores da gravidez indesejada, seja como pais não envolvidos com a sua prole, ou ainda como transmissores de doenças sexuais às parceiras.

Nesse ponto, não posso deixar de mencionar que a mudança da agenda política dos programas populacionais deveu-se à aliança entre a parte do movimento feminista preocupada com os direitos reprodutivos e os demógrafos preocupados com a ação dos controlistas. Essa aliança, que se estabeleceu no caminho preparatório para a Conferência de População e Desenvolvimento de 1994 e durante a realização da própria Conferência, caracterizou o debate político nos anos 90 no campo da reprodução¹⁵. É importante ressaltar que o esforço em torno dessa agenda comum foi fruto do intenso trabalho do movimento internacional de mulheres desenvolvido a partir da década de 80 (Corrêa, 1994; Hodgson; Watkins, 1997; Berquó, 1998).

A esse propósito, convém registrar que a Conferência do Cairo constituiu-se em um campo de debate com muitas tensões e controvérsias entre os diversos atores envolvidos: o Vaticano, as feministas, os controlistas e as agências financiadoras de programas nessa área. O esforço de organização por parte dos diversos movimentos de mulheres e o diálogo permanente com os atores envolvidos permitiram que o conceito de direitos reprodutivos

¹⁵ É importante mencionar que a influência das feministas na comunidade demográfica se deu através da política de saúde e de população e da definição da agenda de pesquisa. Ao identificar questões de políticas como saúde sexual da mulher, entre outras, as feministas chamaram a atenção para áreas não atendidas pela pesquisa demográfica. Uma contribuição feminista importante foi a promoção de estudos de gênero, e não somente os estudos das características (renda, escolaridade) das mulheres como determinantes da fecundidade.

pudesse ser legitimado pela Conferência (Corrêa, 1994). Isso ocorreu, a despeito do fato de algumas feministas questionarem o destaque dado ao homem no documento do Cairo, alegando que os recursos na área dos direitos reprodutivos e saúde da mulher são escassos, e que estes recursos serão desviados para atender à demanda de pesquisas focalizadas no homem. Esta é uma questão que terá de ser enfrentada pelo movimento feminista e pelo movimento de mulheres (Berer, 1996).

Assim, a constatação da importância da dimensão de gênero implicou um reordenamento das questões pesquisadas nesse terreno. Passou-se a investigar os comportamentos sexuais de homens e mulheres (Mundigo, 1995; Mbizvo; Bassett, 1996). Nesse esforço de inclusão dos homens nas pesquisas, é importante notar que a pesquisa DHS 1996 incorporou uma sub-amostra de homens na maioria dos países. A Demographic Health Survey é uma pesquisa internacional do tipo *survey*, de amostragem domiciliar, que permite a comparação e análise dos indicadores demográficos entre países. Esse *survey* é realizado desde 1984, em países da América Latina, Caribe, África, Ásia e Leste Europeu. Organizações nacionais, internacionais e governos locais utilizam-se desses dados para monitorar, avaliar e intervir nas políticas públicas. Os questionários aplicados têm como base um modelo que pode ser modificado de acordo com o interesse de cada país¹⁶. Na verdade, os questionários sempre foram aplicados às mulheres em idade reprodutiva (15-49), porém, nos últimos dez anos, os homens começaram a fazer parte da investigação por meio de questionário próprio. Em relação aos países da América Latina, os resultados sobre conhecimento de métodos contraceptivos pelos homens indicaram uma alta porcentagem de homens que conheciam pelo menos um método contraceptivo (Loaiza, 1998). Entre os métodos contraceptivos masculinos, o mais conhecido é o preservativo, enquanto que a vasectomia é muito pouco mencionada.

¹⁶O questionário de 96 da mulher continha informações sobre suas características: idade, situação marital, nível de educação, ocupação, local de residência, comportamento e intenções reprodutivas, contracepção, parto e pós-parto, amamentação, nutrição das crianças, saúde das crianças, status da mulher, Aids e DSTs e algumas informações sobre o marido, tais como idade, educação e ocupação. O questionário dos homens foi aplicado numa amostra de homens entre 15-59 anos, proporcionalmente menor que a amostra das mulheres. Esse questionário se caracterizou por não incluir, entre outras, questões sobre história dos nascimentos dos filhos e saúde infantil (morbidade, imunização e nutrição).

O Brasil participou da pesquisa DHS em 1986, 1991 e 1996, através da BENFAM, instituição executora da pesquisa no Brasil. As informações sobre os homens foram coletadas nas pesquisas DHS/91 e DHS/96. Há que se ressaltar, entretanto, uma diferença metodológica entre elas. A DHS/91 era uma amostra de maridos, enquanto que na DHS/96 incluiu-se uma amostra de homens independente da amostra das mulheres. A mudança da DHS – com amostra específica de homens – é um exemplo do reordenamento da pesquisa estimulado pela Conferência do Cairo.

No Brasil, a pesquisa DHS/96 colheu informações dos homens sobre questões ligadas à contracepção e DSTs/Aids. Foram entrevistados 2.949 homens entre 15-59 anos. Badiani e Camarano (1998) realizaram uma breve análise desses dados, do ponto de vista das percepções, conhecimentos e atitudes dos homens brasileiros em relação à contracepção. No que se refere à utilização de preservativo, as autoras comentam ser este o método preferido pela população mais jovem e escolarizada. Entretanto, o seu uso parece estar mais associado à prevenção de DSTs/Aids, do que à contracepção.

Não obstante as importantes mudanças que trouxe, a DHS/96 não contemplou questões que são importantes do ponto de vista da saúde reprodutiva e sexual masculina, tais como doenças do pênis, da próstata e dos testículos, problemas de infertilidade e dificuldades com ereção e ejaculação, entre outros. Parte-se, portanto, da pressuposição de que os homens não têm problemas sexuais e reprodutivos ou de que eles não devem ser objeto de pesquisa específica para alimentar políticas, pois nenhuma questão sobre impotência, ejaculação precoce e infertilidade foi incluída nos questionários DHS. Além disso, pressupõe-se que todos os homens sejam heterossexuais, pois não há perguntas sobre práticas sexuais com outros homens. Apesar do esforço empreendido com a inclusão dos homens como amostra independente da amostra de mulheres, parece que muito ainda falta para que se alterem visões e percepções dos homens como sujeitos de direitos sexuais e reprodutivos.

Na próxima seção, discuto as contribuições trazidas pelos estudos de masculinidades no campo das ciências sociais, que incorporam a perspectiva de gênero na sua formulação e

análise e que são de particular interesse nesta tese, pois permitem superar a visão monolítica sobre os homens, aqui criticada.

1.3 Outros olhares sobre os homens da perspectiva de gênero

Como já afirmamos anteriormente, gênero é um dos mais importantes princípios organizadores da nossa sociedade. O trabalho pioneiro das feministas trouxe à tona a centralidade desse princípio na vida de homens e mulheres. A antropologia vem examinando a masculinidade através das culturas, enfatizando as variações de comportamentos e atributos associados ao que é ser homem. Mead (1963) já apontava a variação entre culturas na prescrição dos papéis sexuais, demonstrando que a cultura era a causa mais decisiva das diferenças.

A produção científica sobre gênero tem sido profícua e diversificada, inclusive no Brasil. O debate neste campo tem sido rico e intenso especialmente nas duas últimas décadas. Existe, portanto, um corpo sólido de trabalhos empíricos e teóricos de caráter interdisciplinar e influenciado por movimentos sociais que trabalham com a dimensão sexo e gênero. A principal contribuição desses trabalhos está em apresentar os significados dos atos corporais, sexuais e reprodutivos como construções sociais, e não pertencentes à esfera da biologia. Os estudos que partem dessa visão colocam-se dentro de uma perspectiva histórica e comparativa, permitindo examinar as maneiras pelas quais os significados de gênero variam de cultura para cultura, e como se modificam dentro de uma determinada cultura através do tempo.

Desse modo, ao longo dos últimos 20 anos, os modelos essencialistas de pensamento social têm sido desafiados por abordagens que apontam a importância do contexto histórico e cultural no entendimento das questões da sexualidade. Possivelmente o resultado mais profundo da pesquisa histórica e etnográfica no campo da sexualidade nas duas últimas décadas tenha sido a verificação de que as práticas sexuais são passíveis de mudança no decorrer do tempo. A partir desse enfoque, a questão da sexualidade é percebida por meio dos significados culturais e das relações de poder que a constroem. Isso não significa que a biologia seja irrelevante, ou que o corpo não tenha papel algum (Connell, 1995).

Os estudos sobre homens e masculinidades no campo das ciências sociais que levam em consideração o conceito de gênero remontam às décadas de 70 e 80 e foram diretamente influenciados pelas críticas feministas a explicações sobre as diferenças de sexo. Não só o movimento feminista, mas também o movimento homossexual foram importantes impulsionadores da entrada do tema da masculinidade nos estudos acadêmicos (Almeida, 1995). Se anteriormente os estudos de gênero estavam voltados para o entendimento da vida das mulheres, da opressão feminina e suas consequências econômicas e sociais para as mulheres, hoje podemos dizer que os estudos ampliaram a sua atenção para a investigação do masculino plural. Isto é, caminharam na direção da postulação da construção social das práticas e das prescrições da masculinidade, acentuando a diversidade de masculinidades e a possibilidade de suas transformações, enfatizando, portanto, o caráter relacional e dinâmico do gênero (Almeida, 1995; Connell, 1995).

Em sua maioria, os estudos sobre identidade masculina tiveram seu foco na sexualidade. Alguns desses trabalhos sublinharam os custos para os homens das prescrições dos papéis de gênero, explorando como alguns aspectos de suas vidas e experiências são limitadas e subdesenvolvidas, em decorrência da infundável pressão em exibir comportamentos associados à masculinidade. (Kimmel; Messner, 1995). Outros estudos discutiram os custos das atribuições de papéis de gênero para a saúde masculina — tanto física como mental — e para a qualidade do relacionamento dos homens com as mulheres, com outros homens e com as crianças (Feigen-Fasteau, 1974; Farrel, 1975).

Segundo Kimmel e Messner (1995), a obra mais influente em termos de crítica à organização normativa dos papéis sexuais masculinos foi *The Myth of Masculinity*, de Joseph Pleck (1981). Pleck, após demonstrar não ter a literatura produzido evidências empíricas de que os homens na vida real se comportam como o papel prescrito, argumentou que o modelo de papéis de gênero masculino era historicamente determinado e postulador de um ideal inatingível e, portanto, segundo ele, incapaz de descrever as experiências dos homens.

Os trabalhos que surgiram depois, e que em grande parte se apoiavam nos pressupostos de Pleck, criticavam a natureza estática desse modelo de papéis sexuais e o falso

universalismo por ele sugerido, o qual impossibilitava o entendimento das maneiras como esses papéis se modificam, assim como da atuação dos indivíduos nessa modificação. Os novos estudos argumentavam contra a definição normativa de qualquer um dos sexos e contra as instituições no interior das quais essas diferenças se fixaram — família, Igreja, Estado — e enfatizavam especialmente o fato de esse modelo ignorar as relações de poder entre homens e mulheres, entre os próprios homens, e a reprodução dessas relações.

O novo modelo enfatizava o caráter relacional do gênero, em que a definição de um depende em parte do entendimento da definição do outro. Muitas pesquisas feministas com esse enfoque emergiram no início dos anos 80, muito antes daquelas voltadas para os homens e a masculinidade (Costa; Bruschini, 1992). O foco, porém, não incidia mais nas formas pelas quais os papéis sexuais reproduziam as relações de poder na sociedade, mas sim nas maneiras pelas quais as feminilidades eram vivenciadas diferentemente pelas mulheres nos vários grupos sociais. As experiências da feminilidade foram examinadas nas suas articulações com classe, raça, etnia, religião, nacionalidade e orientação sexual.

As pesquisas recentes sobre homens e masculinidades vêm, de certo modo, seguindo os mesmos passos teóricos e metodológicos percorridos pelos estudos de gênero de enfoque feminista, em que a definição normativa de masculinidade é vista como dominante, mas não como a única versão. De acordo com Kimmel e Messner (1995), o desafio à concepção de masculinidade dominante surgiu de homens cujas masculinidades são vistas como desviantes, como os homossexuais. O entendimento de que não se pode falar de masculinidade e feminilidade no singular tem sido a tônica de vários trabalhos desde a década de 80.

É importante mencionar que a temática se ampliou, pois se na década de 70 a identidade sexual masculina se configurava como tema principal no campo de investigação teórica e empírica, as décadas seguintes foram marcadas pela diversidade temática, teórica e metodológica. Os estudos das décadas de 80 e 90 sobre homens e masculinidades são marcados pela heterogeneidade de posturas políticas e teóricas. Entre as principais, destacam-se os pró-feministas e os vitimários. Ambas as tendências reconhecem o débito

teórico ao movimento feminista pela elaboração do conceito de gênero.¹⁷ Os autores que se alinham à tendência pró-feminista, se definem como aliados do feminismo. Os que adotam uma postura vitimista, de acordo com Oliveira, P. (2002) ou vitimária, segundo Costa (2001), consideram que o motivo da opressão e da dominação masculinas está relacionado à necessidade de os homens cumprirem com o papel social prescrito de gênero. No entanto, esse discurso é questionado por outros autores que argumentam estarem os homens desejando uma flexibilização dos papéis, na tentativa de reduzir as suas responsabilidades, porém querendo manter a dinâmica de poder (Segal, 1990), ou ainda que as exigências que os homens sofrem enquanto gênero representam os custos de estar no topo da hierarquia, e que desejarem se desvencilhar desses custos não significa necessariamente um sinal de que não desejam mais estar no topo do poder (Messner, 1993).

Na década de 90, intensificou-se o debate acadêmico e político internacional sobre homens e masculinidades no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade (Heilborn; Carrara, 1998). Esses estudos, produzidos nos EUA, Inglaterra, Austrália e Canadá, enfatizavam a necessidade de reconhecer as semelhanças e diferenças entre os homens através de uma abordagem que considerasse diferentes modelos masculinos, sem diluir, entretanto, a atenção para o poder dos homens e as relações de poder entre os gêneros.

Nos estudos sobre o tema nas ciências sociais no Brasil, na década de 90, tem-se observado a presença da interdisciplinaridade e de diferentes abordagens, assim como diferentes propostas de agendamento político. Uma preocupação comum desses estudos é a incorporação da perspectiva de gênero como um sistema de poder, e não somente como um conjunto de estereótipos e diferenças observáveis entre homens e mulheres. (Arilha, 1999; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehaum, 2000; Marcondes, 2002). Nesse sentido, tendem a enfatizar a pluralidade e diversidade das experiências masculinas, atitudes, crenças, práticas e situações de vida, com as quais podemos descrever a vida e as experiências dos homens. Privilegiam, em sua maioria, as elaborações culturais das experiências sexuais e reprodutivas dos homens. O meu estudo se enquadra nessa

¹⁷Para um resumo sobre as correntes teóricas sobre homens e masculinidades ver Clatterabugh (1997).

perspectiva e espera somar-se a esses trabalhos na construção de uma visão sobre homens, reprodução e masculinidades, a partir das especificidades do contexto brasileiro.

É importante acrescentar que muitos dos estudos internacionais baseiam suas análises no conceito de masculinidade dominante ou hegemônica cuja proposição é creditada a Connell (1995), autor considerado pioneiro nessa linha de análise nos estudos sobre homens. Para Connell, a masculinidade hegemônica é definida como uma configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres. A hegemonia será estabelecida somente se existir correspondência entre o padrão cultural e o poder institucional, seja ele coletivo e/ou individual. Quando as condições para a defesa do patriarcado mudam, as bases para a hegemonia de uma masculinidade particular são gradualmente destruídas. A hegemonia é vista como historicamente mutável.

Este autor propõe um quadro teórico para entender as masculinidades e examinar as vinculações entre a vida pessoal e as estruturas sociais nas sociedades ocidentais. Apresenta a complexidade das mudanças da masculinidade e suas várias possibilidades. Segundo ele, os problemas referentes à definição dos conceitos masculino e feminino se devem ao fato de que a vida cotidiana é uma arena da política de gênero, onde os tipos de conhecimento de gênero estão constantemente em debate. O conhecimento sobre gênero está sujeito portanto a explicações e pontos de vista conflitantes que convivem tanto no nosso dia-a-dia, como no debate teórico sobre a questão. Connell lança mão do conceito gramsciano de "hegemonia"¹⁸ para propor a noção de masculinidade hegemônica. Incorpora em sua análise de gênero o processo e as práticas sociais que constroem a dinâmica das masculinidades, reconhecendo os processos de configuração de gênero (e das masculinidades) como dinâmicos e recortados por três dimensões:

1. Relações de poder: a subordinação feminina e a dominação masculina constituem a principal linha divisória de poder na configuração dos gêneros. Tal estrutura persiste,

¹⁸ Este conceito é do campo da ciência política e foi utilizado por Gramsci para analisar as relações sociais de classe na Itália. A hegemonia para Gramsci se dá na primazia da sociedade civil sobre a sociedade política (dos aparelhos de Estado), na qual a cultura tem papel central.

apesar das resistências articuladas principalmente pelo feminismo e pelas mudanças que vêm ocorrendo nas práticas sociais como, por exemplo, o aumento da chefia feminina nas famílias.

2. Relações de produção: a ordenação do gênero se dá no trabalho e na divisão sexual das tarefas. Muito embora o emprego feminino tenha crescido com a incorporação das mulheres nas economias capitalistas, o ganho real de salário feminino é menor em relação ao masculino.

3. Catexis ou investimento emocional nas relações: é definida nos termos freudianos como energia emocional vinculada a um objeto de desejo. As relações que se estabelecem entre o objeto desejante e o objeto do desejo podem ser consensuais ou coercitivas, independentemente se o prazer obtido é igualmente dado e recebido.

Considerando essas dimensões, Connell examina as relações entre as masculinidades a partir de uma análise dinâmica das posições que essas masculinidades ocupam na sociedade. Sendo assim, propõe quatro padrões principais de masculinidades, que segundo ele, estariam presentes atualmente nas sociedades ocidentais, quais sejam: hegemônica, subordinada, cúmplice e marginalizada. A masculinidade hegemônica estaria associada à legitimidade do patriarcado, presumindo a dominação do homem e a subordinação das mulheres. Na masculinidade subordinada, prevaleceria a subordinação entre grupos de homens, por exemplo, a dominação dos heterossexuais e a subordinação dos homossexuais. As práticas de subordinação e dominação incluiriam o abuso da violência legal, a discriminação econômica e pessoal. Na masculinidade subordinada, o simbólico se aproxima ao simbólico da feminilidade. A masculinidade cúmplice se traduz por algum tipo de conexão com o projeto hegemônico, porém sem a adoção completa desse projeto. A relação entre masculinidades nas classes subordinadas ou grupos étnicos é referida como marginalização.

A proposta de Connell avança no sentido de centrar sua análise na dinâmica dos processos e relações por meio das quais homens e mulheres se inserem na dimensão de gênero. No entanto, parece-me um pouco limitada, pois acaba aprisionando os indivíduos dentro de

uma classificação (ainda que cada indivíduo possa ser dominante em relação a um tipo e subordinado em relação a outro), mostrando ser de difícil operacionalização.

O que acho útil reter da proposta de Connell para o meu trabalho é a idéia de múltiplas masculinidades, as quais estão social, cultural e economicamente inscritas em um tempo histórico. Essa noção nos permite reconhecer a diversidade das experiências masculinas no decorrer do curso de vida dos homens e entre grupos e camadas sociais. A idéia de masculinidades plurais adotada nesta tese, do ponto de vista de indivíduos e grupos concretos, seria assim o resultado de diferentes combinações - qualitativas e quantitativas - de valores predominantes e não-predominantes nesses indivíduos ou grupos, combinações estas que vão se construindo a partir das expectativas e circunstâncias de vida dos sujeitos.

No decorrer do meu trabalho referir-me-ei a valores predominantes ou hegemônicos da masculinidade. Esses valores seriam aqueles socialmente aceitos e exaltados por uma determinada sociedade ou grupo social, em um determinado período do tempo. Tem, portanto, caráter histórico e mutável. Os valores masculinos predominantes na sociedade brasileira teriam sua origem no patriarcalismo e nos padrões mediterrâneos da construção simbólica masculina, em torno do desafio da honra, do controle das mulheres e da disputa entre homens (Aragão, 1983; Machado, 2000). Esses padrões dominantes convivem com valores não-predominantes, informados pelo ideário individualista e igualitário da universalidade dos direitos, disputando legitimidade política e social. Isso me parece mais interessante e útil do que tentar classificar masculinidades de acordo com um esquema teórico construído a partir de realidades culturais e sociais distintas da nossa, marcada por heterogeneidades extremamente complexas.

É importante ressaltar que os valores predominantes operam no sentido de exercer um poder organizador e controlador sobre homens e mulheres. Dessa forma, interessa enfatizar o processo de convivência entre valores hegemônicos da masculinidade e valores recém-adquiridos, assim como o permanente processo de transformação dos valores e disputa pelo poder e pela legitimidade social e cultural. Dessa maneira, este trabalho parte de uma visão crítica de concepções de tipo monolítico, concepções estas que implícita ou explicitamente permeiam o campo dos estudos de fecundidade.

Identifiquei nos estudos existentes sobre homens e masculinidades no Brasil, alguns valores hegemônicos da masculinidade supostamente presentes no modelo brasileiro. Evidentemente que este não dá conta da diversidade cultural brasileira, sendo tão somente uma construção típico-ideal que pode funcionar como referência para pensar os processos de transformação e atualização em curso por parte dos homens participantes deste estudo. Alguns dos elementos componentes desse modelo podem ser descritos como: homem provedor, não identificado com o feminino, reservado e controlado emocionalmente, agressivo, com necessidade de demonstrar força, competitivo, heterossexual, sexualmente potente, conquistador. Há, entretanto, novas demandas masculinas que podem ser associadas a trajetórias de gênero que incorporam vivências alternativas: ser sensível sem deixar de ser viril, ter iniciativa, sem ser agressivo e violento, poder expressar os sentimentos, poder chorar, ser pai participativo e presente, entre outras (Cuschnir, 1992a; Cuschnir, 1992b; Nolasco, 1993; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehau, 2000; Marcondes, 2002). Essas novas demandas, para muitos apontadas como expressão de uma "crise masculina" (Cuschnir, 1992a; Cuschnir, 1992b; Nolasco, 1993), são em realidade respostas a profundas transformações sociais, econômicas e culturais, das quais fazem parte os movimentos feminista e homossexual. Na seção seguinte, apresento a estratégia metodológica desenhada para este estudo, e que me permitiu verificar as tendências de mudanças no padrão de masculinidade em um segmento de homens de camadas médias brasileiras.

1.4 Estratégia metodológica

A busca pelo conhecimento das inquietações de homens de camadas médias urbanas tem sido relacionada ao fato de ser este grupo populacional considerado termômetro das mudanças comportamentais em curso na sociedade brasileira (Salem, 1980, 1985, 1986, 1989; Figueira, 1985, 1987a, 1987b; Velho, 1985, 1986). Ou seja, as camadas médias, embora não se constituindo um grupo homogêneo, sinalizariam as mudanças de valores em curso na sociedade. Devo, contudo, esclarecer que a associação entre inovações sociais e culturais e segmentos de camadas médias não é por mim percebida como uma relação causal. É lícito supor que as camadas populares que residem nas grandes metrópoles estão também expostas a situações de conflitos e contradições, quanto às configurações

simbólicas decorrentes da coexistência de códigos éticos distintos. Acrescento ainda que as camadas médias apresentam uma diversidade interna quanto aos padrões morais, o mesmo ocorrendo no interior dos setores populares. Ou seja, não é possível postular uma unidade ética para esses segmentos. Entretanto, considero que o acesso a recursos materiais e simbólicos é diferenciado entre esses segmentos. No meu entendimento as camadas médias são beneficiárias de recursos materiais e um campo de alternativas simbólicas maiores. Além disso, é possível argumentar que os indivíduos de camadas médias se caracterizam geralmente por uma maior expressividade verbal e reflexividade¹⁹ (Boltanski, 1979; Heilborn, 1998); portanto, tem-se a possibilidade de uma produção mais rica em termos de relatos, especialmente em relação a um tema de tamanha intimidade para os informantes e para a pesquisadora.

Quem são os informantes²⁰

Foi definida como estratégia metodológica para esta tese pesquisar um conjunto de homens que já tivessem produzido uma reflexão sobre a sua própria masculinidade. Essa escolha atendeu ao objetivo de verificar a emergência de novos valores e repertórios masculinos que atualizassem os valores hegemônicos da masculinidade. Identificamos nos grupos de gênero um conjunto importante de homens que estão refletindo sobre a própria identidade masculina e os valores hegemônicos associados a ela. Grupos de gênero consistem em experiências terapêuticas breves, realizadas por um psicoterapeuta de um serviço público de saúde da cidade de São Paulo, nas quais são tratadas questões relativas às situações e experiências comuns aos participantes, tais como o namoro, o casamento, o trabalho, a paternidade e a educação dos filhos. Visa lidar com temas que envolvem a reflexão e a postura do homem diante dos avanços da mulher no mercado de trabalho e na sociedade em geral. Dessa forma, tem como objetivo proporcionar um espaço para reflexão e

¹⁹ Segundo Boltanski, o grau de reflexividade varia conforme a classe social. Para este autor, as diferenças dos sistemas simbólicos da nossa sociedade produzem graus de reflexividade variados. Na realidade, Boltanski está se referindo à reflexividade da cultura somática. Para ele, esse grau se expressa pela capacidade da pessoa observar o próprio corpo e discriminar sensações corporais através de uma linguagem que tem a riqueza suficiente para que estas possam ser comunicadas e entendidas. Não vou aqui discutir se é adequado falar em "graus" de reflexividade ou se seria melhor utilizarmos diferentes "tipos" de reflexividade. No meu caso, interessa compreender alguns aspectos da relação dos informantes com seu corpo e seu psiquismo, como um aspecto da psicologização de camadas médias urbanas.

²⁰ Características mais detalhadas da amostra são apresentadas no Quadro 1 ao final desta seção.

reformulação de conceitos e atitudes em relação aos temas abordados²¹. É importante salientar que os grupos, com duração média de oito semanas, são compostos por seis a oito homens no máximo.

Os homens entrevistados eram portanto egressos de vários grupos organizados e conduzidos em São Paulo. A amostra foi constituída por aqueles que foi possível localizar, contatar e que concordaram em participar da pesquisa.²² Na realidade, esta estratégia de pesquisa me permitiu selecionar indivíduos que passaram pelo questionamento dos papéis de gênero e de suas construções sociais. Cumpre esclarecer dois pontos importantes. Primeiro, os grupos de gênero não constituíram em si mesmos objetos da pesquisa, mas foram tão somente um artifício que permitiu selecionar homens com experiências comuns quanto à reflexão crítica de aspectos hegemônicos da masculinidade, movidos pelo sentimento de desconforto em relação a esse modelo nos seus aspectos práticos e simbólicos. Segundo, não há qualquer pressuposto de encontrar outros modelos, como o "novo homem", ou algum estereótipo invertido do homem machista. O pressuposto é que esses homens além de estarem expostos aos temas de gênero veiculados pela mídia, estão também vivenciando processos de mudanças no seu repertório de gênero. Portanto, não é uma amostra de "novos homens", mas de homens que se confrontaram com a reflexão sobre os valores predominantes da masculinidade e por isso têm o que dizer, com vivência própria, sobre as suas experiências, contradições e posições diante das suposições sobre a masculinidade e o masculino. A intenção é perceber a relação desses processos de mudanças com as dimensões sexual e reprodutiva.

A estratégia de pesquisa adotada compreendeu a investigação do comportamento sexual e reprodutivo de 30 homens que participaram de grupos de gênero, no período compreendido

²¹ Pude perceber, pela leitura de material publicado pelo psicoterapeuta idealizador e condutor dos grupos, que a perspectiva com a qual ele trabalha se aproxima do discurso vitimário que orienta o trabalho de diversos autores no campo das masculinidades. Nesse discurso, o homem é percebido como vítima do sistema de gênero, submetido a prescrições que se tornaram impossíveis de atender e que o posiciona numa condição aflitiva, fragilizada diante do avanço social e econômico da mulher na sociedade. Para uma análise dessa perspectiva, vide Oliveira, P. (2002).

²² É necessário deixar claro, desde logo, que todos os participantes foram inicialmente contatados pelo médico psicoterapeuta; aqueles que aceitaram participar e preenchiam os critérios de inclusão foram incluídos na amostra. Para a realização da pesquisa foi estabelecido um convênio entre a Unicamp e a instituição que presta o serviço em São Paulo.

entre 1995-97. O estudo trata da associação desse comportamento com o repertório de gênero herdado e transformado por esses homens, ao longo da suas trajetórias de vida. Para investigarmos as questões da pesquisa de maneira aprofundada, utilizamos de técnica qualitativa, aplicando um roteiro de entrevistas semi-dirigido²³, com duração média de 2 1/2 horas com cada entrevistado.

Cabe um esclarecimento metodológico importante. Tendo sido preenchido o primeiro critério de inclusão na amostra (participação nos grupos de gênero), o segundo critério foi o nível de instrução, um dos indicadores relevantes de pertencimento às camadas médias. Somente homens com escolaridade superior fizeram parte do estudo. Contudo, de acordo com a proposta metodológica de Salem (1986), o pertencimento a um segmento social não pode ser inferido apenas de critérios sócio-econômicos como renda, profissão e escolaridade, mas deve ser considerado como fato relevante o compartilhamento de valores e estilos de vida distintos daqueles partilhados por outros grupos sociais. Esta orientação aponta para a noção de pertencimento a um mesmo "ethos". Presumo que os sujeitos investigados compartilham de afinidades com os preceitos psicologizantes das ideologias individualistas (Velho, 1986).

Ficou claro que, para termos uma amostra mais adequada aos objetivos da investigação, deveríamos impor outros critérios de inclusão e exclusão da amostra. Nesse sentido, definimos que a faixa etária seria um deles. Foram incluídos homens adultos que se encontravam na faixa etária entre 25-55 anos. Tal critério nos permitiu investigar homens que se encontram em diferentes estágios do seu ciclo de vida. O conjunto de homens entrevistados foi recortado por três faixas etárias, de acordo com as décadas em que viveram a maior parte da adolescência: década de 60 (47-55 anos); década de 70 (34-46 anos); década de 80 (25-33 anos), com o objetivo de situá-los em diferentes períodos de transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas na sociedade brasileira.

Esse recorte foi definido em decorrência da possibilidade de se investigar as diferenças comportamentais entre as gerações. Há que se ressaltar, entretanto, que minha pesquisa indicou que as gerações nem sempre se revelaram um recorte significativo para as

²³ O roteiro completo está reproduzido no Anexo I

explicações das nuances e diferenças comportamentais. Muitas vezes a existência de um vínculo amoroso estável e a condição de pai foram mais significativas, na explicação de percepções e atitudes sexuais e reprodutivas diferenciadas entre os homens, particularmente na relação dos homens com a paternidade e com a contracepção. Possivelmente, a seletividade desses homens tenha equalizado de alguma forma as gerações, assumindo assim um caráter explicativo, para o fato da preocupação com as questões de gênero estarem muitas vezes uniformemente distribuídas nas diferentes faixas etárias. Contudo, toda vez que houver diferenças significativas por gerações, estas serão apontadas no trabalho.

Finalmente, a amostra foi constituída por homens com e sem filhos, independentemente do estado civil em que se encontravam no momento da pesquisa. Isto se justifica pelo meu interesse em compreender as práticas e representações masculinas face à reprodução, em diferentes momentos das trajetórias reprodutivas masculinas. Considero que o exercício da paternidade se constitui numa situação diferenciada e importante na elaboração e redefinição de projetos de vida dos homens. Dessa forma, a inclusão de informantes com filhos e sem filhos diz respeito ao estudo do significado da paternidade na construção social da masculinidade para ambos os casos.

De que maneira os informantes atualizam os valores predominantes da masculinidade? Quais as barreiras que encontram na redefinição de novas possibilidades de ser homem? Que possibilidades de mudanças podem advir destas reconfigurações? O que permanece dominante? Os capítulos seguintes tratam destas questões e procuram discuti-las a partir das trajetórias de vida dos informantes.

Quadro 1 - Características dos Informantes

Identificação Geração ^a /Idade	Situação Conjugal ^b	Curso Superior Completo (C) ou Incompleto (I)	Número de Uniões	Número e sexo dos Filhos H(homem); M(mulher)	Informações sobre as Parceiras	
					Trabalho ^c	Escolaridade
60/47	D	Engenharia - C	2	2H	NA	NA
60/48	C	Adm. Empresas - C	1	2M	T	2º grau
60/49	D	Adm. Empresas - C	1	1H-1M	NA	NA
60/51	C	Direito - C	3	2H-1M	T	Psicologia - I
60/51	C	Engenharia - C	2	1H-1M	T	Direito - C
60/53	C	Direito - C	1	1H	T	Psicologia - C
60/55	C	Medicina - C	2	1M	T	Psicologia - C
70/34	C	Adm. Empresas - C	2	Sem filhos	T	Direito - C
70/35	C	Adm. Empresas - C	1	2H	T	Direito - C
70/37	C	Progr. Visual - C	1	1M	T	Publicidade - C
70/37	D	Geografia - C	1	2H	NA	NA
70/38	C	Adm. Empresas - C	1	2H	NT	Pedagogia - C
70/41	S	Medicina - C	N	Sem filhos	NA	NA
70/43	C	Química - I	1	2H	T	2º grau
70/43	D	Direito - C	2	1M	NA	NA
70/44	S	Marketing - C	N	Sem filhos	NA	NA
70/44	C	Engenharia - C	2	1M	NT	2º grau
70/44	D	Jornalismo - C	2	1M	T	Odontologia - C
70/45	C	Adm. Empresas - C	1	1H1M	T	Direito - C
70/45	D	Economia - C	1	1M	NA	NA
70/45	C	Medicina - C	2	1H1M	T	Medicina - C
70/45	D	Turismo - C	2	Sem filhos	NA	NA
70/46	C	Arquitetura - C	1	2H1M	T	Jornalismo - C
70/46	C	Economia - C	1	1H2M	NT	2º grau
80/25	C	Des. Industrial - I	1	1H	T	Psicologia - C
80/27	S	Adm. Empresas - C	N	Sem filhos	NA	NA
80/28	S	Economia - I	N	Sem filhos	NA	NA
80/31	S	Fisioterapia - C	N	Sem filhos	NA	NA
80/32	C	Adm. Empresas - I	1	1H	NT	Pedagogia - C
80/32	S	Adm. Empresas - C	N	Sem filhos	NA	NA

Fonte: entrevistas

^a Geração: 60/70/80 correspondem à década em que o informante viveu a maior parte da adolescência

^b Situação conjugal: C – casado, D – descasado e S – solteiro

^c Situação de trabalho: T – trabalha, NT – não trabalha e NA – não se aplica

CAPÍTULO 2 - SOCIALIZAÇÃO DE GÊNERO: O ESPAÇO DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS

Introdução

Este capítulo trata da socialização de gênero dos informantes, identificada por meio dos relatos dos modelos parentais que herdaram, bem como da interação social entre os informantes e seus pares. Na **primeira seção**, destaco as relações dos sujeitos entrevistados com a família de origem, identificando valores predominantes da construção social de gênero, como o modelo do pai provedor e da mãe reprodutora e cuidadora, assim como outra alternativa de modelo de femininidade, a mulher dupla jornada. Na **segunda seção**, a iniciação sexual e os primeiros encontros sexuais do período da adolescência são abordados, ressaltando-se as dificuldades e as reflexões dos entrevistados sobre esse período marcante das suas trajetórias de vida. Na **terceira seção**, resumo as questões relevantes tratadas neste capítulo.

A flexibilização das identidades de gênero na sociedade brasileira atual é notável nos segmentos das camadas médias urbanas (Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000). O processo de socialização vivido pelas gerações de 60, 70 e 80 foi marcado por uma transformação gradativa dos valores e das atribuições de homens e mulheres. Gênero e identidades de gênero não são deterministicamente herdadas de ou reproduzidas pelas instituições sociais, senão que “se faz gênero” diariamente, através da interação cotidiana nos diversos espaços pelos quais transitamos: a família, a escola, o trabalho, etc. Para compreender os processos através dos quais, e ao longo de uma vida, se constrói a identidade de gênero, é necessário entendê-los nos seus aspectos tanto individuais quanto sociais. Estou supondo que a formação da identidade é um processo dialético de acomodação e resistência, que se dá de maneira contínua, abrangente e de uma forma altamente reflexiva, nas sociedades “pós tradicionais” (Giddens, 1997).

É possível afirmar que somos produzidos, formados e socializados como seres “generificados”, para os quais se têm estabelecido “lugares específicos” diferenciados e

desiguais na sociedade. O estabelecimento de "lugares específicos" implica, na mesma medida, na definição de possibilidades e limites (interdições) para os gêneros. Definem-se também códigos e símbolos que regulam as relações e posições de poder, prestígio e regras para exercê-las, distribuí-las e respeitá-las. Nesse sentido, a socialização primária e secundária²⁴ pode ser traduzida como um "instrumento privilegiado de transmissão de valores hierarquizados e hierarquizadores" (Backx, 1996), internalizados por meio de um conjunto de representações do que significa ser homem e ser mulher, em um contexto socio-cultural determinado.

No capítulo introdutório, referi-me às transformações sofridas pelas famílias das camadas médias nas últimas três décadas, através de um processo de reconfigurações visível e guiado pelo ideal de igualdade entre os sexos (Figueira, 1985; 1987; Vaitsman, 1994; Romanelli, 1995; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000). Não somente a relação entre os parceiros no casamento tem sofrido grandes mudanças, mas também a relação dos pais com os filhos é marcada pela redefinição de papéis, também movida pelo mesmo ideal igualitário.

Entretanto, apesar das mudanças visíveis, do esmaecimento dos marcadores predominantes do masculino e do feminino e dos discursos igualitários assumidos socialmente e pelos indivíduos, a transformação da família e dos seus ideais é um processo complexo, de desorganização e organização de identidades, que gera conflitos e contradições. Estas mudanças complexas na família têm sido referidas na literatura como a coexistência do "arcaico" e do "moderno" (Figueira, 1987), ou como preferem outros autores, a convivência entre o "tradicional" e o "moderno" (Velho, 1981, 1985, 1989; Salem, 1989), ou entre o "tradicional" e o "pós-tradicional" (Giddens, 1991, 1993). Ressalto que os trabalhos pioneiros de Salem, Velho e Figueira sobre as camadas médias do Rio de Janeiro tratam de mapear a tensão oriunda da convivência entre esses valores e revelar os conflitos e ambigüidades gerados por processos de mudança. De forma semelhante, este trabalho procura mapear essa convivência, enfocando, porém, os valores hegemônicos ou predominantes de gênero (masculino e feminino) e valores não predominantes ou recém

²⁴ Em termos sociológicos, pode-se dizer, sinteticamente, que a socialização primária (de zero a 12 anos) é a mais importante para a formação da estrutura mental do indivíduo. Envolve processos de identificação

adquiridos de gênero (conforme discutido no Capítulo 1), evitando utilizar as noções de "tradicional" e "moderno" ou "pós-tradicional".

Nesse sentido, o modelo de conjugalidade que se pauta pelas construções hegemônicas de gênero, que controla e organiza a reprodução familiar e é orientado pela dupla moral sexual - na qual as mulheres ficam restritas ao privado, defendendo a honra do grupo e do homem em particular, através da sua fidelidade e da virgindade das filhas, enquanto que aos homens é permitido transgredir - convive socialmente com outros modelos regidos por novos códigos de valores que rearticulam os papéis dentro da família (Machado, 2001). Mas isso não é tudo. Os indivíduos, por sua vez, convivem interiormente com essa dupla orientação. Ninguém assume completamente os valores predominantes/hegemônicos, nem totalmente os valores não predominantes/recém adquiridos. Ora somos empurrados pelo ideal igualitário, ora somos puxados pelos valores de longa duração da construção social de gêneros, criando assim uma tensão entre o exercício dos papéis definidos por regras estabelecidas e o conteúdo que as novas relações sociais entre os sexos imprimem (Figueira, 1987; Carneiro, 1987).

2.1 Os modelos parentais

É possível visualizar as transformações a que me refiro por meio dos diferentes relatos obtidos. Os depoimentos dos informantes da geração de 60 sobre os valores de gênero herdados de seus pais mostraram que a construção de gênero das camadas médias urbanas era então predominantemente marcada por divisões rígidas: a mulher dona-de-casa e organizadora das relações familiares, e o homem provedor e autoridade máxima da família. Esses comportamentos estavam associados a uma presença forte da mãe no espaço da casa, e ao vínculo paterno com o mundo da rua e do trabalho. A maioria dos informantes das gerações de 70 e 80 vivenciaram uma fase de transição e transformação gradual desse modelo. Na verdade, na geração de seus pais, não houve uma flexibilização dos papéis, mas a presença de algumas mães no mercado de trabalho, seja por força de circunstâncias alheias à sua vontade, seja pela busca da realização de uma profissão adquirida através do

materna e paterna. A socialização secundária ocorre no restante da vida, na escolha de grupos de amizade, grupos de trabalho, profissões, cônjuges, cidades e países para viver.

ensino superior. Desse modo, podemos dizer que há a coexistência de dois modelos: pai provedor / mãe cuidadora e mãe dupla jornada.

No total de 30 informantes, somente dois deles, pertencentes à geração de 80, são filhos de pais separados. Dois informantes perderam um dos progenitores ainda na infância, porém os que se tornaram viúvos não voltaram a se casar. Para a maioria dos informantes das três gerações, o pai é geralmente visto como ausente na infância, distante afetivamente e muitas vezes autoritário. Para alguns deles, o distanciamento no tempo e a experiência deles como pais provocaram uma reavaliação de sua visão dos próprios pais, levando a um esmaecimento da figura paterna rígida que observam ter tido.²⁵ Nesse sentido, o envolvimento do pai com o trabalho é a explicação recorrente para a sua ausência sentida na infância, assim como a rigidez com os filhos é percebida como exigência da função paterna. Muitos relatam a dificuldade de aproximação física com o pai, visto muitas vezes como uma figura externa à família. Alguns dizem lembrar do carinho físico do pai em situações especiais. Vale observar que a relação distante dos homens com os pais já foi relatada por outros trabalhos. (Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehau, 2000; Marcondes, 2002)

"Meu pai é um cara introspectivo, ele tem muita coisa pra dizer, mas diz muito pouco. Ele guarda muito. Teve dois infartos já por conta e ordem dessa situação dele. Ah, vida sedentária pra burro, extremamente ansioso, eu acho que isso aí está relacionado ao fato dele se comunicar mal. A gente tinha uma relação muito distante na infância. Não era um cara assim, carinhoso, fisicamente não. Até hoje ele tem dificuldades. Hoje ele tem menos, muito menos. Mas eu também sou assim, eu também não sei muito como chegar. Eu sou muito limitado. Eu faço um esforço feroz pra me aproximar. O meu pai é uma coisa mais difícil porque eu cobrava coisas dele que ele não conseguia dar, a presença, o carinho."
(27 anos, solteiro, sem filhos)

"A relação com meu pai não é muito boa não. Nós tivemos vários problemas pessoais. Ele era distante, trabalhava muito, tinha trabalho fora, viajava bastante. Trabalhou em várias coisas: trabalhou no governo, trabalhou como empresário. Hoje está na construção civil."

²⁵ Fuller (1997), em seu trabalho sobre identidade masculina com homens peruanos de classe média, apresenta evidências semelhantes. Trata-se de uma pesquisa exploratória baseada em análise de textos televisivos e entrevistas em profundidade.

Não vou dizer que ele era totalmente ausente, mas não estava ali por perto também, quando estava por perto era aquela história de por criança para o colégio, dava dinheiro para as despesas no meio da semana.” (32 anos, solteiro, sem filhos)

“Olha, a relação com meu pai é uma coisa até muito diferente, porque nós morávamos numa casa, e na frente dessa casa nós tínhamos o comércio. Então eu sempre tive o meu pai muito perto. Fisicamente próximo. Só a presença, só a presença. É muito engraçado que meu pai não demonstrava os sentimentos que ele tinha. Ele reprimia muito as emoções, né. Ele era uma pessoa afável, meiga, mas eu sinto assim que ele sempre tinha necessidade de representar o papel do pai, né. E o papel pra ele do pai era aquela figura mais distante que dá as ordens, tenta orientar, mas que não se aproxima muito. Nós nunca tivemos assim, que eu me lembre, momentos de afago, de muito carinho. Muito pelo contrário, né. Ele sempre era muito distante. Mas nunca foi uma pessoa rude, assim, de brigar, de maltratar. Que eu me lembre, eu apanhei pouquíssimas vezes dele, e todas as vezes que eu apanhei eu mereci, né. Eu na época eu já percebia isso, que eu tinha agido mal mesmo”. (34 anos, casado, sem filhos)

***“E vocês tinham uma relação carinhosa?** Não, não. Ele era bem distante. A minha mãe era mais junto, que era aquela que a gente tinha que procurar para negociar se dava para ir a festa, para sair. Digamos assim que era aquele pai de antigamente, que a mãe resolve a educação dos filhos, e a hora que a coisa engrossa, então, o pai já fala: - Olha, se entendam, senão vai vir a cinta, entendeu? Isso eu lembro. Dele bater não. A gente morou sempre no sobrado, e eu me lembro dele no quarto em cima e eu brigando com minha irmã na sala na parte de baixo, e dele falando: - Olha, já estou descendo. Aí a gente parava na hora de brigar.” (38 anos, casado, dois filhos)*

“Eu tenho uma percepção bem antiga de ser uma coisa mais difícil para o meu pai essa coisa do contato físico, do carinho. Não era uma coisa fácil. Então, eu tenho muito essa percepção de como era difícil a aproximação. Com ele os momentos de carinho são momentos bem especiais. No geral, não era um cara que chegava e abraçava, não era. Aniversário, Natal, isso sim, no geral não.” (46 anos, casado, um filho, duas filhas)

Destaca-se no relato a seguir, a surpresa do pai quanto à possibilidade do carinho físico entre pai e filho. A frase proferida pelo pai “homem beija homem?” expressa o elemento de homofobia, um dos aspectos que compõe o conjunto de valores do masculino herdado pelo entrevistado. Confrontar a rede de significados sexuais na relação com o pai, possibilitou ao informante transformar a noção do que é masculino e construir o seu próprio sentido do que é ser homem.

“Bom, o que eu me lembro, meu pai era uma pessoa muito rígida, muito honesta. Distante, uma pessoa distante. Não é dada a carinhos. Mas sempre trabalhando para dar o possível pra gente. Mas nunca foi dado a fazer carinho, aquela coisa toda. Beijar, nunca. Um dia,

já mais velho, eu dei um beijo no rosto, ele falou: - Mas homem beija homem? Eu falei: - Beija! " (37 anos, descasado, dois filhos)

Em outro depoimento, a ausência do pai é justificada pelo tipo de trabalho que exercia, submetido a um sistema de turnos, que além de cansativo, não permitia que ele estivesse presente na rotina doméstica. Apresenta a imagem de um pai "nervoso", "irritado" e com pouca convivência familiar. Na verdade, é muito comum indivíduos submetidos a esse sistema de trabalho apresentarem distúrbios físicos, psicológicos e emocionais, associados ao stress decorrente de turnos irregulares. Além disso, a vida familiar e social pode ser prejudicada ao longo de muitos anos (Quadros Carvalho, 1993). É o que podemos concluir do relato abaixo:

"Meu pai, pelo fato dele trabalhar no sistema de turnos, eu não tive muita possibilidade de ter um contato maior com ele. Porque ele em cada semana trabalhava num turno. Então o físico não aguenta, quer dizer, você vira a madrugada das dez da noite às seis da manhã, aí na outra semana você pega das seis da manhã às duas da tarde, aí na outra semana das duas da tarde até às dez da noite, o físico não comporta. E ele era uma pessoa completamente estressada, super nervoso, bem nervoso, então quando ele estava em casa, estava praticamente dormindo. Tínhamos pouca convivência. Inclusive ele trabalhava final de semana e só tinha uma folga por mês, domingo, e ele queria descansar, né. Então as viagens que eu fiz, os passeios que eu fiz, foi com a minha mãe e com a minha tia. Então ia pra praia, ia pro interior, mas sem o meu pai. Ele quase não tinha férias. Falar que nunca é exagero. Eu me lembro umas duas vezes ter viajado com o meu pai. Isso quando era moleque." (32 anos, casado, um filho)

Para alguns dos informantes, foi na adolescência que os conflitos com o pai se tornaram mais acentuados:

"Eu acho que teve um momento mais central da dificuldade, que foi que ele esperava que o filho seguisse o que ele começou a criar, né. E eu não me interessei porque tínhamos muitas dificuldades, ligado ao jeito de ser dele, autoritário, então sempre foi difícil. Mas nos conflitos com o meu pai, o momento mais difícil foi na adolescência. Eu fiz o meu enfrentamento, com dificuldades, sempre sofrendo muito com esse enfrentamento." (44 anos, casado, uma filha)

"Quando era pequeno, ele era assim mais carinhoso, mas depois que a gente foi crescendo, ele se afastou muito fisicamente, e foi ficando mais rigoroso. Na adolescência, então, nem se fala. Se ele encontrasse com um amigo, eu já saía um pouquinho, afastava um pouquinho, ele começava a conversar com o amigo dele, às vezes amigo de serviço,

algum chefe dele, eu saía um pouco e não ficava muito perto não, porque ele não gostava". (51 anos, casado, um filho, uma filha)

Cumprе esclarecer que não constam dos depoimentos outras figuras masculinas familiares que tivessem sido importantes na socialização dos informantes. Parece que a convivência com tios ou parentes não era tão freqüente, a ponto de serem percebidos como pessoas influentes na sua formação. A família é freqüentemente referida como uma unidade nuclear. Há, entretanto, no caso de um informante, uma referência a dois tios paternos que foram exemplos de honestidade e empreendedorismo, fazendo um contraponto com a figura paterna, da qual se queixa pela ausência dessas características. É interessante ressaltar que empreendedorismo e risco sempre andam juntos, e são comumente associados com aspectos do universo masculino. Esse informante diz ter seguido o exemplo desses familiares na condução da sua vida pessoal e profissional.

"Tive dois tios que marcaram muito a minha vida. Um deles era um grande violonista. Mas esse era violonista mesmo. Não era como meu pai, que era um boêmio. Ele era um violonista, educado, clássico. Tocava também popular, mas ele era uma figura maravilhosa. E as festas da família, todas na casa dele em Santos. Ele reunia, numa casa enorme. E ele casou com a minha tia, que era viúva com três filhos. Imagina, um cara de 19 anos, que se casa com uma viúva de 22, que já tinha três filhos. Ele assume os três filhos dela. E foi o que eu fiz, com a (nome da mulher), minha atual. Eu assumi a (nome da mulher) com três filhos, e inclusive reconheci um. Alguns até fazem uma espécie de analogia, desse exemplo do tio (nome do tio), com o que eu fiz. E também o tio (nome do tio) que é casado com a irmã da minha mãe que foi um outro exemplo para mim. Figura marcante mesmo. Ele era um basco, engenheiro. Que fez toda a parte de coisa em São Vicente, a parte de água, ele que fez. Da prefeitura, ele era engenheiro da prefeitura. Acho que posso dizer que essas foram as influências marcantes na minha vida, tanto pessoal como profissional. " (51 anos, casado, dois filhos, uma filha)

As mães, por sua vez, são vistas como cuidadoras, carinhosas, muito embora possam ser exigentes com os estudos. A imagem das mães é de pessoas mais próximas afetivamente. Elas cumprem na família o papel de negociadoras e facilitadoras da relação dos filhos com o pai.

"Ah, minha mãe era mais carinhosa. A gente sempre se abraçava, beijava. Era sempre carinhosa. Às vezes eu fazia muita arte, então ela escondia do meu pai, não é? Porque eu era um moleque muito terrível. Eu era terrível demais." (51 anos, casado, um filho, uma filha)

"Minha mãe também estava mais presente em casa. Sempre ela que tomava as rédeas da família e tudo mais. Em casa, hoje, é a pessoa que eu tenho mais contato. Eu posso confiar quando as coisas vão mal." (32 anos, solteiro, sem filhos)

Algumas mães desempenhavam a dupla jornada de trabalho, sendo que duas delas tiveram que assumir o controle da família, devido à doença do pai. Essas são especialmente lembradas como mais rigorosas com os filhos.

"Minha mãe sempre foi uma pessoa muito coruja, sabe? Uma pessoa que sempre ficou em cima dos filhos. Parecia galinha com os pintinhos. Então, teve uma época que o meu pai ficou doente. Doente, assim, de nervoso. Não conseguia trabalhar, então ele ficava em casa, e minha mãe trabalhava para sustentar toda a família. Minha mãe sempre trabalhou fora. Sempre trabalhou fora, mas nessa época, ela vendia casa, era corretora de imóveis. Vendia lotes de cemitérios. Além de ser funcionária pública tinha os horários dela para ela poder fazer isso. E ainda fazia marmita para fora. Trabalhava muito." (37 anos, casado, uma filha)

Em alguns relatos, é evidente a admiração e o carinho pela mãe. A forma protetora de cuidar dos filhos é ressaltada, assim como a especial identificação dos informantes com o "lado materno", motivo de disputa entre os pais.

"A minha mãe (risos), a minha mãe é complicado (risos). Minha mãe é uma pessoa muito, muito possessiva, né. Ela era uma pessoa possessiva já nessa época. Acho que até bem mais, né. Hoje, talvez com a idade, ela tenha ficado mais, um pouco mais tranquila. Mas sempre foi uma mulher com muita energia. Era o contraponto do meu pai. Enquanto ele era muito pacato, ela tinha muita energia. E sempre foi uma mulher muito alegre. Era realmente uma mulher dominadora, né. Em qualquer lugar onde ela estivesse, ela dominava a situação. Seja no comércio, seja numa festa familiar, hã, aonde ela estivesse ela, ela acabava se sobressaindo mesmo, né. E muito animada. E sempre foi uma mãe muito protetora, né." (34 anos, casado, sem filhos)

"E como é que era a relação entre você e sua mãe? Era uma relação boa? Mais próxima de você? Ah, bem próxima. Eu diria que minha mãe era bem daquelas de botar embaixo da asinha, cuidar, ajuda se vai mal na escola, no meu tempo era caligrafia, então, ela ajudava a fazer caligrafia, as provas. Nisso ela sempre ajudou." (38 anos, casado, dois filhos)

"Com a minha mãe não, sempre foi uma relação boa, ainda que, tivesse sempre uma história assim, discursada pelo meu pai, né, da comparação, uma coisa meio atávica, sabe então, de muitas críticas e aspectos negativos ele apontava da família da minha mãe. Eu tinha uma relação mais próxima com a minha mãe. Então tinha esse papo de puxar a mãe, essa conversa repetida na infância. Então se de um lado eu sempre tive mais

facilidade de me relacionar com ela, ao mesmo tempo tinha esse peso, né. Que é isso que eu carrego dela." (44 anos, casado, uma filha)

"Tinha uma brincadeira em casa: os filhos do seu (nome do pai) e o filho da dona (nome da mãe), então a gente se divertia muito com isso daí. Por quê? Por eu ser muito do lado de minha mãe, ou minha mãe me puxar muito para o lado dela, tinha aquela coisa de, os meus filhos e o seu filho. Eu era da turma da Dona (nome da mãe) e o resto da turma do seu (nome do pai)." (45 anos, descasado, sem filhos)

O papel da mãe como a principal peça das relações familiares, era por vezes bastante marcada pelo papel de articuladora e organizadora dessas relações, como podemos perceber no relato que se segue:

"De um modo geral, o meu pai não armava muito as situações, que eu lembro, não era um cara que tomava conta da situação: - Não, agora vamos fazer isso. Vamos sair, vamos almoçar, vamos coisa e tal. Ele não era um cara que fazia o roteiro, nada disso. Em geral era por conta da minha mãe e ele também estava um pouco a reboque da coisa. Ele era uma peça na coisa, mas não era a pessoa que estava desenhando a coisa. Muito difícil, praticamente eu não lembro de chegar e falar: Hoje nós vamos no clube, hoje nós vamos fazer não sei o quê, vamos ao cinema. Praticamente eu não tenho essa lembrança. Sempre a minha mãe que puxava tudo". (46 anos, casado, um filho, duas filhas)

Alguns percebem que as condutas dos pais em relação aos filhos diferem quando se trata de exigir comportamentos mais recatados para as meninas e mais liberalizantes para os meninos. Além disso, as meninas eram educadas para cuidar da família e da casa, enquanto os meninos para enfrentar o mercado de trabalho.

"Isso eu acho que é um fato que tem a ver com a sociedade brasileira, muito mais do que com a minha casa. Eu me lembro de situações em que eu podia fazer coisas e notoriamente as minhas irmãs não podiam, ou era muito difícil. Por exemplo: horários de sair e de voltar, dormir fora de casa. Exigências do tipo: - Quem é esse cara que você está saindo? Maior controle sobre as meninas, sabe? É incomparável, uma distância incomparável entre níveis de exigências pra nós homens e as mulheres." (27 anos, solteiro, sem filhos)

"Eu acho que a própria formação que eles trouxeram, né, quer dizer, a mulher tem que ser submissa, fica em casa, é preparada pra um casamento. Após o casamento, vai cuidar da casa, do marido e dos filhos. A minha mãe passava muito isso apesar de ela ser totalmente diferente disso. E o meu pai não interferia. Eu acho que o meu pai interferiu muito pouco na educação tanto da minha irmã, como na minha educação. Ele sempre foi muito, esteve muito ao largo disso tudo, né. Mas houve, houve muita diferença. E eu, por

ser homem, talvez, eu já fui preparado pra enfrentar um pouco mais o mercado de trabalho, o mundo. Eu até, se for comparar com a minha irmã, eu tive muito mais privilégio do que a minha irmã mesmo." (34 anos, casado, sem filhos)

*"E como é que era a educação, essa que você recebeu dos pais? Havia diferença entre meninos e meninas nessa educação? Completamente. As meninas, quando eu falo as meninas, é que às vezes iam algumas primas, não é? As meninas tinham que, até a gente brinca hoje, você está no sofá, os homens estão no sofá, deita, põe as pernas para cima, e tudo bem. As meninas levantam as pernas também, então tem aquela: - Abaixa os quarto. ! As meninas não podiam. Roupas também, tinham que ser mais controladas, vamos dizer assim, em relação a elas. Nós tínhamos que protegê-las de namorados ou então de paqueras. Nós tínhamos que protegê-las. **O que mais?** Tinha isso de horários pra sair e pra voltar. Ela (a irmã) foi trabalhar bem mais tarde do que eu. Eu comecei trabalhar com 13 anos. Acho que todos nós começamos a trabalhar muito cedo, office-boy e tal. E ela acho que veio a trabalhar com dezoito ou vinte anos. O meu pai não permitia. Ele não permitia. Falava que não e tal." (37 anos, descasado, dois filhos)*

Entretanto nem todos têm essa percepção, como fica claro nos depoimentos a seguir:

"Eu tenho uma irmã só, mais velha, como eu falei, são cinco anos de diferença entre nós. Nós dois temos formação superior, que era uma das conquistas do meu pai em termos de educação para os filhos. E é um traço de família judaica, que você deve conhecer, que é a preocupação com o estudo e com tudo mais. A educação que era dada a mim era dada a ela, igualmente. Sem diferença. E em termos de comportamento, o que se exigia de um se exigia de outro, a mesma coisa. O controle era igual. O que tinha em casa era uma obrigatoriedade na questão da educação. Eu me lembro uma passagem do meu pai, com quatorze para quinze anos, eu resolvi que não ia estudar mais e que ia trabalhar. E aí eu me lembro bem as palavras dele, ele falou assim: - Enquanto eu for vivo, eu trabalho e você estuda. Na realidade ele queria se realizar através dos filhos." (55 anos, casado, uma filha)

"Olha, meus pais começaram a ver que o mundo já estava tão mudado, estava tudo tão diferente, eles perceberam que a liberdade e a confiança eram mais importantes que colocar uma rigidez de comportamentos, mesmo para a minha irmã." (32 anos, solteiro, sem filhos)

Porém, esse mesmo informante resgata mais adiante as mensagens que recebia do pai sobre como deveria ser o comportamento de um homem. "Homem não chora" e "tem que ser sempre forte" são frases que o informante parece ter se acostumado a ouvir, como características de gênero masculino.

"O que o seu pai e sua mãe lhe ensinaram sobre como um homem deve se comportar, como uma mulher deve se comportar? Meu pai passou uma coisa e é uma coisa que eu tinha que retrabalhar. Que um homem não chora, que o homem tem que ser sempre forte." (32 anos, solteiro, sem filhos)

Na maioria dos casos, os pais serviram de exemplo moral na forma de se conduzir na vida. As referências às mães, por sua vez, sempre foram no sentido da retidão de caráter e de exemplo de ética.

"Os dois têm na minha opinião, uma formação ética e espiritual muito forte. Eles são pessoas que eu tomo ainda hoje como exemplo em como decidir em situações críticas, sobre o certo e o errado. Se eu tiver alguma coisa que eu vou fazer pra ver se vai dar certo, são os dois que eu tomo como exemplo. Ainda hoje eu não tenho dúvidas de que eles são parâmetros pra mim nesse sentido". (27 anos, solteiro, sem filhos)

"De forma geral eles passaram bons valores: - Seja honesto ! Seja bom ! Então o que eu vejo como valores eram verdadeiras rochas que eles passaram, coisas que se todo mundo passasse, o mundo seria muito, muito melhor. É, estude, conheça, aprenda, é, procure ajudar as pessoas. Principalmente isso, sempre me mostraram, né. Então os valores que eles passaram de forma geral eu considero valores muito bons, muito bons, tanto religiosos, morais, de vida prática mesmo." (31 anos, solteiro, sem filhos)

"Eu acho que eles me ensinaram muito. Assim... eu presenciava a forma deles viverem a vida deles, né. Então eles sempre foram muito honestos, muito justos, procuravam se dar bem com todas as pessoas, não criavam inimizades. Então, nesse sentido, eu sou muito parecido com eles." (34 anos, casado, sem filhos)

Raros são os casos em que o pai tenha sido visto como um sujeito sem escrúpulos e considerado mau exemplo:

"O meu pai é um boêmio, não sei se é o caso de falar isso, mas um boêmio, mulherengo, nada confiável, sob qualquer aspecto. Ele não é confiável nem sob o ponto de vista da fidelidade conjugal, nem como pai, quer dizer, como conselheiro, nada. Ele não merece confiança sobre coisa alguma. Nem com dinheiro, nada. O meu pai, eu só tenho uma ligação com ele, porque ele é pai, mas ele é um escroque. Uma figura que poderia ter sido um gangster, não sei por que não foi. Ele só não foi um desses de cheques sem fundo, isso ele nunca fez e tal, mas ele foi um homem que cometeu as maiores estripulias possíveis. É um amoral." (51 anos, casado, dois filhos, uma filha)

É interessante observar que os relatos são sempre muito vívidos, quando se trata de apresentar fatos que dizem respeito à relação entre os pais. São falas que carregam uma

emoção muito presente, uma percepção nítida sobre quem desempenha qual papel na unidade familiar. Havia também, por parte de muitos dos informantes, uma visão crítica dos *scripts* de gênero herdados. Um deles criticou a mãe por ser muito servil ao marido, a "ponto de se anular". Outro informante mostrou a sua indignação com o pai que tinha casos extraconjugais, e a anuência implícita da mãe ao comportamento paterno.

"A minha mãe é muito servil. Ela é muito servil, faz tudo. É uma pessoa muito forte fisicamente, mas é servil a ponto de se anular até. Eu acho que ela se anula. E ela sente isso. Você percebe que ela se anula, ela percebe isso, mas ela acaba escondendo, num papel de forte, aquela coisa toda. Ela é servil. E o meu pai passava a contribuir com isso. Existe um machismo aí muito grande. Eles tinham uma relação muito conflituosa. Porque hoje eu percebo que a minha mãe ela gostaria de estar fazendo outra coisa, vivendo outra coisa, entendeu? Ela cuidava dos filhos, muitos filhos, e aquela coisa, cinco, não é? Não tinha empregada. Uma vida difícil. E eu via que ela estava insatisfeita com aquele tipo de vida. E de alguma forma ela passava isso para nós. Minha mãe fazia tudo. A partir dos dezoitos anos, eu tomei uma atitude de eu fazer as minhas coisas. Eu não sei se era dezoito, dezessete, uma coisa assim. Então, eu passava a minha roupa. Eu só não lavava a minha roupa. Mas eu lavava a louça, ajudava, eu passava a minha roupa. Eu não concordava muito com o que acontecia. Com a forma como era a relação ali dentro. Então, eu questionava e tal. Mas meus irmãos não questionavam. Meus irmãos e meu pai sentavam na mesa e diziam: - Ah, eu quero café. Eu quero café. Põe um café aí para mim. Bem assim. Meus irmãos eles seguem, mais ou menos isso." (37 anos, descasado, dois filhos)

"Meu pai teve casos que eu fiquei sabendo. Fiquei sabendo por terceiros, isso nunca passou para a família. Acredito que minha mãe sabia, não sei. Sempre vi com maus olhos isso daí, porque ele tinha em casa um negócio muito legal que não dava valor. Aí experimentar fora, um negócio que você não dá valor, é pesado, é um negócio que não dá muito sentido. Acho que hoje em dia tem que terminar com esse negócio. Tem que terminar com esse negócio, essa distinção de papéis. Homem com um pé fora do casamento, enquanto que a mulher se cala e consente." (32 anos, solteiro, sem filhos)

A partir de alguns depoimentos referentes à relação conjugal dos pais, podemos perceber que a conduta sexual dos pais era pautada por valores associados à construção hegemônica de gênero, cuja lógica garante ao homem exercer a sua sexualidade de maneira livre, enquanto que a sexualidade feminina é enquadrada no interior da família e do casamento. Se o depoimento acima expressa uma avaliação crítica dos papéis de gênero, o depoimento que se segue justifica as relações extraconjugais do pai como reação ao processo de "trancamento" da sexualidade da mãe. Em ambos os casos os informantes são pertencentes à geração de 80.

"Tinha muita briga entre os dois. Até hoje eles brigam por qualquer besteirinha. Agora, o meu pai passava a maior parte do tempo fora, e a minha mãe além de trabalhar fora, ela fazia todo o trabalho de casa, tal. Não tinha empregada. Depois também, depois fiquei sabendo que tinha briga por causa de mulher. O meu pai andou se enrabichando uma vez aí, minha mãe acabou descobrindo, então o meu pai até saiu de casa. Naquela época eu com treze anos pra quatorze já estava entendendo mais as coisas. Ele ficou pouco tempo, ficou uns dois meses, quatro. Depois ele voltou. Mas eu, eu analisando, não conheço a vida sexual do meu pai e da minha mãe, mas eu analisando eu acho que a minha mãe sempre foi muito fria em relação a esse lado sexual. Tinha um certo trancamento. Acho que o meu pai sofreu muito. Nunca conversei isso com ela e nem com ele pra não dar motivos de um falar: - Tá vendo, seu filho acha também. Mas eu sempre achei minha mãe muito preocupada com essa questão da sexualidade, muito. Acho muito moralista em termos de sexualidade. Meu pai sofreu muito." (32, casado, um filho)

No relatos abaixo, não há exatamente um questionamento de papéis, mas uma constatação da falta de carinho e de proximidade física entre os pais. Esses informantes percebem na relação entre os pais comportamentos ora indiferentes, ora agressivos, resultantes da ausência de sentimento amoroso.

"Não sei há quantos anos eles já não dormem mais na mesma cama. Para europeu isso é uma coisa até muito normal. Ter camas separadas para um não puxar o lençol, a coberta do outro. Por causa de ritmos diferentes, hoje até dormem em quartos separados. Olha, a geração dos nossos pais, eles são casados embaixo do mesmo teto, mas não são casados de verdade, assim de amor. Meu pai não era agressivo, não gritava, mas era muito na dele. Introspectivo, lia jornal, essa coisas, sempre no canto dele lendo, descansando, vamos dizer. Os dois não tinham assim uma relação que eu possa chamar de carinhosa." (38 anos, casado, dois filhos)

"A relação entre os meus pais sempre foi muito ruim assim, pobre, pobre. Minha mãe merecia coisa melhor. Muito bruto ele, sabe? Muito pouco carinhoso. Muito travado. Muito conservador. Então não foi um modelo a relação dele com ela, não foi um modelo legal, nesse sentido, nesses pontos que eu te falei, é difícil definir basicamente." (44 anos, casado, uma filha)

Merece destaque ao longo dos depoimentos, o papel fundamental exercido pela mãe, como a principal figura afetiva e organizadora do sistema familiar. O cumprimento desse papel apresenta na maioria dos casos um componente marcadamente sacrificial por parte da mãe, herança talvez do modelo mediterrâneo (judaico-cristão), que de acordo com Aragão (1983, 1994) "organiza, no âmbito do próprio processo de reprodução biológica e social, questões ligadas à afetividade, à estabilidade emocional, e responde às expectativas e exigências de

introdução e performance de papéis sociais diferenciados correlatos aos estruturantes etários e de sexo" (Aragão, 1994, p. 34). Em alguns casos, revela-se a figura da mãe dupla jornada, presente tanto no espaço familiar, como organizadora e executora do trabalho doméstico, quanto no espaço público através da sua inserção no mercado de trabalho.

É possível perceber que os informantes passaram a questionar vários aspectos do sistema simbólico da geração de seus pais. Entre estes, destacam-se a segregação dos domínios público e privado para homens e mulheres, a infidelidade do homem e a fidelidade da mulher na relação afetivo-sexual, a posição inferior da mulher em relação ao homem, o afastamento do pai na educação e criação dos filhos e a falta de afeto na relação entre os pais. Percebe-se, entretanto, que alguns aspectos informados pelo código moral das gerações anteriores foram mantidos, como por exemplo a divisão sexual do trabalho doméstico a qual será tratada no capítulo 3.

2.2 A descoberta da sexualidade e as primeiras transas

A fase da adolescência até a juventude, como é concebida nas sociedades ocidentais, é marcada pela consolidação da identidade sexual e pela aquisição de habilidades importantes para a vida adulta, tais como o desenvolvimento de relacionamentos positivos, a capacidade de planejamento, de buscar ajuda quando necessária e de tomar decisões por conta própria. Entretanto, o desenvolvimento dessas habilidades está fortemente relacionado ao contexto sócio-econômico e à matriz cultural na qual os jovens estão inseridos, marcando todas as dimensões da sua vida.

Não cabe aqui nos estendermos sobre a problemática dos adolescentes e dos jovens, mas apenas situar a importância dessa fase na construção da identidade sexual, especialmente se é considerado que esse processo de construção é realizado através de relações negociadas com as normas culturais, familiares e com os pares. É nesta fase que vários eventos altamente significativos socialmente se desenvolvem, como por exemplo a primeira relação sexual, a entrada na universidade e o primeiro emprego, embora esses passos não sigam necessariamente esta mesma seqüência. Sendo assim, as experiências sexuais dos

adolescentes e dos jovens podem ser vistas a partir da complexidade desse processo de desenvolvimento.

É portanto, no período da adolescência, que a maioria dos informantes iniciou a sua vida sexual e afetiva, embalados pelas idéias de cada década em particular. Dessa forma, os homens que na época da pesquisa (1998) tinham entre 47-55 anos, viveram a maior parte da adolescência na década de 60. Aqueles que tinham entre 34-46 anos, viveram a maior parte dessa fase na década de 70. E, finalmente, os homens que tinham entre 25-33 anos na época da pesquisa, viveram a maior parte desse período na década de 80. Essas referências históricas, sociais e culturais são importantes para buscar compreender as suas vivências, expectativas e comportamentos, em relação ao contexto atual das suas relações afetivas e sexuais.

Tensão, nervosismo e medo foram os ingredientes presentes na primeira relação sexual de todos eles, tenha ela ocorrido com prostitutas ou com namoradas, e independentemente da geração a que pertencem. Pode-se notar a absoluta falta de preparo desses homens para o início da sua vida sexual e reprodutiva, seja pela ausência de informações, seja em relação ao desenvolvimento de habilidades emocionais para lidar com a dimensão afetivo-sexual. Brincadeiras sexuais com meninos foram freqüentemente citadas como iniciação sexual, que era considerada "normal" para a idade, sem maiores conseqüências, porém um motivo de constrangimento quando descobertas pelos pais, como veremos mais adiante.

Em todas as gerações, a maioria das informações sobre sexo na fase da iniciação sexual foram obtidas através de amigos e irmãos. Poucos obtiveram informações por meio da mãe e do pai. Os poucos informantes que mencionaram a mãe como orientadora em questões de sexualidade fazem parte da geração de 80:

"Por exemplo, eu me recordo quando eu era muito pequeno a minha mãe trouxe aqueles livrinhos lá: De onde viemos? Aquelas coisas, ahhh, e posteriormente a isso eu acho que conversas de amigos né, não sei, deve ter sido alguma coisa assim. A minha mãe eu lembro, eu me recordo que na faixa, eu tinha uns dezesseis anos, estava morando com o meu pai, ela veio, trouxe umas camisinhas e tal. Ela sempre teve uma presença mais atuante do ponto de vista da educação. (28 anos, solteiro, sem filhos)

"E como é que as informações sobre sexo chegaram até você nessa época? Minha mãe sempre falou, da maneira dela. Sempre falou muito abertamente. Explicou sempre tudo. Inclusive nessa primeira relação eu adquiri doença venérea e eu fui contar pra minha mãe, né. Então minha mãe sabia das coisas tudo, agora é lógico, tem uma influência dos amigos fora do comum. A sexualidade tem o que a mãe ensina e tem o meio, né" (32 anos, casado, um filho)

A maioria dos informantes de todas as gerações revelam a importância da troca de informações entre os pares na sua socialização sexual. Podemos perceber também que o tipo de material informativo ao qual tinham acesso era insuficiente, e chegava de forma fragmentada. Para um deles, mais desinformava do que informava.

"E de que forma as informações sobre sexo chegaram até você? Que pessoas e que tipo de informações você teve? Em primeiro lugar por revista, filme, sem dúvida. Amigos também. Mas, aquelas histórias mirabolantes, aquela coisa de também eu diria, eu já estava na quinta série, eu já estava com treze, quatorze anos. Até um pouco antes. Aí histórias bárbaras assim, aquela coisa que eu via que um passou a noite, transou cinco vezes: - Pô, ele tem quatorze anos que nem eu, eu nunca fiz isso. Aquela coisa, aí revistas e tudo e todo tipo de material marketeiro e desinformativo que normalmente não ajudava nada. O sexo sempre foi tratado com bastante culpa, culpabilidade." (27 anos, solteiro, sem filhos)

"Olha, que eu me lembro era em termos do ambiente de conversa e de discussão era esse, com amigos e primos. Eu acho que com essa faixa de infância, até uns dez, dez anos para trás, era qualquer coisa que circulava nesse grupo. Tinha muito pouca informação de revista, isso não existia. Deixa eu ver, nessa época não tinha televisão, a gente não tinha televisão. Revista, muito pouco; na fase de primário é que tinha revistas na escola, aquelas revistas de desenho, não é? Tipo assim, aparecia, começou a aparecer, mas não era uma coisa assim muito comum não. Tinha interesse, mas não existia informação. Quando aparecia uma lá, todo mundo usufruía. Não tinha uma banca, não existia material exposto como hoje, era difícil. Esse tipo de revista era uma coisa que aparecia aí de vez em quando, algum daqueles vendedores de coisa que tinha que negociava, quer dizer, era um episódio. Conversa nas temporadas, na praia, observando esses primos mais velhos, que tinham namoradas e contavam algumas histórias pra gente. Só isso, e a gente mesmo ficava só olhando." (46 anos, casado, um filho, duas filhas)

"Olha, eu lembro o seguinte: que a gente jogava futebol e circulava, na época, as revistinhas do Carlos Zéfiro. Que são aquelas revistinhas, o catecismo, que era conhecido nos anos 50, 60. Então, a gente, vamos dizer, folheava revistas, essas que eles chamavam catecismo." (45 anos, descasado, uma filha)

"Bem, foi com os amigos, né? Sempre um comentava: - Ah, vou pegar uma mulher ali, não sei o quê. Um aparecia com alguma revista, e não sei o quê. Sempre com o pessoal da

escola. Mesmo em casa eu descobria sempre alguma coisa. Um baralho de mulher nua, canetinha que você virava assim (...) Sabe aquelas coisas?" (49 anos, descasado, um filho, uma filha)

Para alguns, a distinção entre a década de 60, quando viveram a sua adolescência, e a década de 90, é bastante marcada quanto ao tipo, qualidade e a procedência das informações sobre sexualidade:

"Olha, negócio de sexo eu fiquei aprendendo na rua, com colegas. Às vezes, por exemplo, a gente via aquelas revistas que circulavam. Meu pais não falavam, ninguém sabia o que era, nós não sabíamos nem o que era uma camisinha. Certo? Porque hoje uma criança de seis anos sabe o que é uma camisinha. Naquele tempo nós não sabíamos o que era uma camisinha. Nós não sabíamos nem como é que fazia filho, como não fazia. E foi indo descobrindo pelos amigos e tudo, não é?" (48 anos, casado, duas filhas)

"Ah, a gente conversava entre nós, sem grandes detalhes, sem grande informações; comparando como é hoje, não é, que a gente fala abertamente, orienta, eu aqui no consultório solto o verbo, né? Que eu pego os adolescentes todos. É, na época a gente não entrava em grandes detalhes, a não ser se vangloriar um pouco, de que saiu com essa, transou com aquela, etc." (55 anos, casado, uma filha)

Há também relatos sobre as dificuldades em compartilhar as descobertas sexuais em função de características pessoais, como atesta o depoimento abaixo:

"Fui aprendendo de maneira incorreta, com sofrimento, auto conhecimento. A primeira masturbação para mim foi uma coisa que foi cheia de culpa, foi um ato involuntário, uma excitação. Eu nunca tive informação dos meus pais. E na verdade, eu me lembro que eu não tinha muitos amigos. Sempre fui muito solitário. Os meus hábitos, eu sempre fui muito leitor, isso aí é que me caracteriza. Então, pra você ver, eu não tinha com quem trocar idéias, informações e experiências sobre sexualidade, por causa desse meu jeito mais solitário." (44 anos, descasado, uma filha)

O despreparo do adolescente para o início da vida sexual, ou para uma vida afetivo-sexual, é um fato que tem sido registrado por muitos estudos (Barbosa; Uziel, 1996; Arilha, 1998; Paiva, 1996a, 1996b). A preocupação dos informantes nessa idade era de ter um bom desempenho sexual, o que de certa forma correspondia à visão para eles, na época, do que vinha a ser o domínio do masculino. Contudo, muitos estudos no campo da sexualidade e da reprodução que têm como foco a população adolescente sugerem que, geralmente, as informações sobre sexo continuam a ser obtidas principalmente através dos amigos, em

primeiro plano, e da mídia impressa, em segundo plano (Valenzuela; Herold; Morris, 1989; McCauley; Salter, 1995; Senderowitz, 1997; Hughes; MacCauley, 1998).

Na socialização entre os pares, era comum ter que enfrentar a acusação de mariquinhas, a qual era feita em função de comportamentos considerados femininos ou femininizantes, da aparência de um corpo "franzino", "delicado", "de formas arredondadas", ou até mesmo para testar a valentia do sujeito. Essa questão é importante, pois se relaciona com a construção de uma identidade sexual afirmada pelo afastamento em relação ao feminino, assim como pela valorização dos atributos associados ao masculino, como a heterossexualidade. Segundo Parker (1991, p. 97) esta é "uma das primeiras sanções empregadas na socialização do gênero de homens jovens". Ser chamado de mariquinhas era, portanto, ser desafiado a demonstrar a coragem, e a enfrentar situações de briga, que envolviam algum tipo de risco físico. Para uns, a violência, na forma de briga de rua, era a forma de responder a essa categoria de acusação. Incitados pelos pares, podiam confirmar a sua masculinidade através do enfrentamento público, e assim garantir o pertencimento ao gênero masculino. Outros, evitavam o confronto direto, mas não a vergonha, a chateação e a raiva advinda da acusação.

*"Aí eu fazia tudo para não ser e para superar o obstáculo que estava gerando os caras me chamarem de mariquinha. **E que tipo de obstáculo era?** Ah, covardia. Às vezes eu brigava, teve um caso que deixa eu te contar; eu sempre tive vontade de chamar a atenção das pessoas, ser o centro da atenção. Mas então, eu tinha que chamar a atenção, eu tinha que ser melhor ali. E para isso eu tinha que ser o mais forte, o mais rápido, o melhor. E eu não podia ser chamado de mariquinha, ou então de covarde, fracote. E aí então, eu constantemente tinha que brigar. Morrendo de medo. Eu sabia que eu ia apanhar, tinha a turminha não sei das quantas lá, mas não podia aparentar fraqueza, não é? Uma vez eu fui buscar um rapaz, eu fui chamá-lo para a briga. Aquele monte de moleque atrás, os caras me incentivando: - Aí cara, aí cara. E aí você vai num crescendo. Você está morrendo de medo. Aí, o cara não estava. Eu voltei aliviado. Aí, eu fui para o bar tomar um refrigerante, e eis que o cara aparece lá na porta, e eu abaixei. Lembro de ele ter falado: - Fiquei sabendo que tem alguém me procurando. - Quem é que está me procurando aí? - Ah, se eu pego o cara... Ele não sabia quem era. Não era uma briga de pessoas que se conheciam. Era uma coisa assim, o cara era valente, eu queria mostrar que era mais do que ele. E nossa ! O cara apareceu, eu não sabia onde enfiar a cara. Não sabia onde me esconder. Aí, o cara foi embora. Teve casos que não deu para fugir, não. Eu tive que enfrentar, e apanhei mesmo. (35 anos, casado, dois filhos)*

"Eu era chamado de filhinho da mamãe sim, mariquinhas não, mas filhinho da mamãe, nossa, muitas vezes. Porque minha mãe chegava no colégio, dava bolachas nos moleques, batia, me defendia, me segurava. A professora também fazia isso, imagina a vergonha que eu passava. Imagina a vergonha que eu passava. Eu apanhava sempre. Eu apanhava direto na escola, muito embora eu fosse sempre o maior, eu era o grandão que apanhava dos pequeninhos na escola. Apanhava de todo mundo, né. Eu não era briguento, eu fugia os caras me perseguiram. E a minha mãe tinha de proteger. Mas não era uma coisa que, uma coisa que o pessoal chegava e falava na cara mariquinhas, mas filhinho da mamãe sim: - Ei, filhinho da mamãe, trouxe a mamãe aqui na escola pra fazer escândalo? Então, isso tinha. Minha mãe foi na escola até quando eu tinha quatorze anos de idade, ela me fez passar uma vergonha desgraçada na vida." (31 anos, solteiro, sem filhos)

"Alguma vez você já foi chamado de mariquinhas? Ô ! Várias ! Como é que você reagia a essa situação? Claro, sempre mexe, não é. Sempre mexe com a gente. E eu lembro que, uma época, porque eu era muito pequeno, rosto muito delicado, era bonitinho. E eu tinha o cabelo meio comprido. Aí, eu fui na feira com a minha mãe. De repente numa conversa, ouço falar de mim; - Ah, sua filha, não sei o quê. Falou para minha mãe. Teve algumas vezes, sim. Mexeu comigo, me incomodou muito. Já me incomodou. Hoje não me incomoda muito não. Isso levou durante muito tempo, essa história de parecer efeminado. Claro que eu tive que cuidar disso. Porque eu tive muita relação com a minha irmã. As minhas irmãs mais velhas foram as nossas mães no final. Então, a gente acaba pegando um jeitinho ou outro. Pegando aquela coisa da sensibilidade feminina. E isso aparecia muito. E aparece ainda hoje. Isso não me incomoda mais, hoje eu cuido bem disso. Lido bem. (37 anos, casado, uma filha)

"Eu morria de medo disso daí. Eu tinha medo de ser maricas por causa desse negócio físico meu, da briga. Eu não era um cara da briga, entendeu? Então, em me sentia um pouco maricas. Mas ninguém me chamava bicha ou maricas, eu era respeitado. Mas um dia, por exemplo, um sujeito bateu no meu irmão, foi a única briga que eu tive, física. Meu irmão me contou chorando, que o cara tinha batido nele. Eu fui lá e enchi a mão no sujeito. Que era do meu tamanho. (51 anos, casado, dois filhos, uma filha)

"Você já foi alguma vez chamado de mariquinhas nessa época? Ah, sempre. Todo mundo, um chamava o outro. Sempre tem essas coisas. E aí sempre terminava em brigas." (49 anos, descasado, um filho, uma filha)

"Você já foi chamado de mariquinhas alguma vez na sua vida? De mariquinha, não. Mas de Marta Rocha. Não sei se você lembra da Marta Rocha. Eu ficava muito puto com isso. Porque eu tinha aquelas pernas redondinhas, não tinha pelos nas pernas, então era a época da Marta Rocha. Ficava puto. Às vezes a minha avó falava: - Ah, parece uma perna de moça. Mas me chamava mais a atenção por eu ser mais pacato, mais mole, do que os outros. Isso daí me pegava. Às vezes, tinha gente lá que me chamava de molão. Esse tipo de coisa. Daí, eu ficava muito magoado. Não é bravo. Porque eu sempre era assim, eu recebia as coisas que me magoavam, não era um cara explosivo que batia, brigava. Eu

guardava aquilo. Eu guardei muito mais mágoa do que eu me desforrei. Até hoje eu sou assim." (46 anos, casado, dois filhos, uma filha)

Um dos informantes, apesar de não ter sido diretamente acusado de mariquinhas, sentia-se incomodado frente aos pares, em função da mãe envolvê-lo numa situação de muita proteção e cuidados:

"Minha mãe, como eu sou filho único, ela queria me mimar muito, isso daí na medida que eu fui entendendo um pouco, me revoltava eu fui entendendo que eu estava sendo muito mimado, e tal. Muito carinho assim, eu não gostava muito não, me revoltava contra isso. Mas tudo também por causa da criançada, que a gente era tudo amigo, né. Naquele tempo a gente jogava bola na rua, de turma, né. Antigamente era um costume, chegava 3 horas da tarde, ela pegava e me chamava pra tomar café, então, né, você não imagina como que ela me chamava: - (nome do informante), vem tomar café na canequinha... Me lembro disso até hoje. Não gostava, né, todo mundo tirava um sarro da minha cara, né: - Óh que estória é essa de tomar café, leitinho na canequinha. Então isso me deixava mordido, e aí eu fui é cortando isso mesmo, né." (43 anos, casado, dois filhos)

Como a sexualidade é peça chave na construção da identidade masculina, revela-se assim a importância fundamental no cumprimento das regras sociais de como proceder como homem, de maneira insuspeita, internalizando e reproduzindo os comportamentos considerados masculinos (Parker, 1991). A identidade masculina é portanto construída em oposição à figura do maricas, considerado potencialmente uma "bicha".

É a partir dessa rede de significados que se inserem as brincadeiras sexuais entre meninos na adolescência. Alguns referem-se a essa fase como "brincadeira de criança". Um dos informantes, quando se refere às brincadeiras com os meninos, quer deixar bem claro para a pesquisadora que não houve penetração. Revela-se o medo de ser confundido com a "bicha", ou o receio de ter uma "vocação homossexual". A imagem da bicha ou do "viado" é uma ameaça social ainda bastante presente no imaginário masculino desse e de outros informantes, como podemos verificar a seguir:

"E nessa época, assim, é muito comum, né, de meninos ter brincadeiras sexuais entre meninos, tinha isso na sua época? Ah, tinha. Tinha, troca troca. Você também participava? Participei. É sempre tinha, né, um ou outro, né, mas não tinha maiores profundidades. Eu lembro que a gente tinha interesse em fazer essas coisas, mas não havia, vamos dizer, penetração essas coisas, que a gente tinha muito medo de virar viado. Era difícil o negócio então. Tinha restrição ". (43 anos, casado, dois filhos)

"Ah, sim, eu participava das brincadeiras sim, sim. Era coisa de criança, brincadeiras de criança, né? Eu participava mas eu tinha muita vergonha, né. Tinha muito medo que descobrissem, né. Ai o que iam pensar, né, de mim." (34 anos, casado, sem filhos)

*"Teve sim, com vizinhos, exatamente. **Você participava?** Participava. Olha, acho que a primeira vez existia um homossexual. Não menino. Ele era adulto. Um adulto, entendeu? Que ele apareceu lá. É o seguinte: nós morávamos num bairro, e existia muitos terrenos baldios, afastados, sem iluminação, sem asfalto, essas coisas. Então, eu lembro que meus colegas falavam: - Olha, tal pessoa vai estar lá. E ele praticava a felação com os meninos. Com todos eles. Formava aquela filinha e aí. Chegava a ter ereção, ejacular. Depois nós passávamos a fazer entre nós. Então, como eu te falei. Entre dez, onze anos. Não me lembro muito bem. Mais ou menos nessa faixa." (37 anos, descasado, dois filhos)*

"Eu tinha atração física por meninos. Eu gostava, eu gostava, achava legal, achava gostoso, né. Mas tinha medo, né. Tinha um medo terrível. Mas sabe que depois, nessa fase adulta, isso sempre ficou muito na minha cabeça? E eu pensava: - Será que eu gosto de homem, né? Eu já tive essa coisa, mas eu curto tanto mulher. Sempre ficava a dúvida. E com a terapia que eu consegui tirar isso. Eu tinha talvez até um certo medo de enfrentar isso e descobrir que talvez eu pudesse ter alguma vocação homossexual, mas com a terapia eu tirei." (34 anos, casado, sem filhos)

"Sim. Participava só com os amigos. E brincadeira de infância tudo com amigos. Isso para mim, sempre isso misturou muito, por exemplo, com a parte religiosa. Então sempre foi uma coisa errada. Mas também uma coisa normal entre meninos." (48 anos, casado, duas filhas)

*"Dessa eu nunca participei. Vi amigos, assisti a isso, mas nunca me deu graça disso daí. Não via graça nisso Participava de outras. De porradinha, aquela coisa de jogar a distância. Competia nisso. De bombeirinho, quem mijava mais longe, essas coisas, que a gente fazia. Até hoje, até a gente conversa, eu tenho alguns amigos que moram ainda onde eu também moro, que não considero amigos, mas fomos vizinhos e somos vizinhos hoje. Muitas vezes abordam esse tema: - Ah, você lembra? Eu falo: - Lembro. Pô, porque você era o único chato. Às vezes me chamavam de mariquinha. **Porque?** Bom, mariquinha porque eu não participava às vezes de muitos jogos que eles participavam. O próprio troca-troca, que tinha aquela coisa: homem que é homem tem que dar. Eu falei: - Não acho que é por aí. Não via que era por aí". (45 anos, descasado, sem filhos)*

Na literatura, encontramos referências que tratam a expressão "homem que é homem tem que dar" como parte da linguagem informal da vida diária do brasileiro. Parker (1991) afirma que essa expressão compõe o complexo sistema de significados sexuais construído no Brasil. Supõe ser uma forma de iniciar os meninos no universo hierarquizado de dominação, marcado pelas categorias de passividade e atividade. O depoimento acima parece confirmar a suposição de Parker. Contudo, não é esse o sentido que prevalece nos

depoimentos obtidos, mas é a vivência dessa experiência como algo moralmente "errado", "pecaminoso" e "vergonhoso", e o receio da associação desse comportamento com a homossexualidade.

Há uma distinção interessante entre os depoimentos obtidos. É o caso de um informante cuja iniciação sexual com penetração se deu com um primo. Esta experiência teve repercussões familiares na época do ocorrido. O informante oscila na sua avaliação: ora a mãe é vista como tendo lidado bem com a questão, ora o encaminhamento do assunto - que sai da esfera familiar e atinge o consultório do terapeuta, - é percebido como tendo sido um "desastre":

"Quando eu tinha lá uns quatorze anos, eu tive uma relação mais homossexual se você quiser chamar assim, mais aos quatorze anos com um primo e a minha mãe viu alguma coisa. Isso a deixou muito preocupada. Mas ela, acho que ela tratou bem a história, né. Então naquela época, eu cheguei a ir num terapeuta, fui levado por eles, mas não lembro de nada. Eu não me lembro direito como foi tratado. Mais tarde o assunto foi falado, ela tocou, talvez eu tinha mais de vinte e ela tocou no assunto, ela viu da seguinte maneira aquela história, de que esse primo tinha uma personalidade mais forte, eu sou assim condescendente, então ela ficou preocupada do quanto eu estava me submetendo a esta circunstância. Foi assim que ela leu a história. Mais tarde é que ela fala sobre isso. Na época a atitude dela foi essa, vamos procurar um terapeuta, foi um desastre, eu lembro muito pouco, eu acho que eu devia ter ido em duas entrevistas e aí eles foram também. Em algum momento o meu pai quis ir também, não sei o que aconteceu, sei que esta experiência se interrompe ali em duas entrevistas. Mas eu acho que a coisa que foi mais forte, com quem eu conversava mais, né, foi com esse primo que é da minha idade, sempre fomos muito amigos, apesar dele morar em Minas e eu em São Paulo, todas as férias eu ia par lá, era a pessoa, era meu grande amigo. Da minha idade. A gente tinha a mesma idade. Foi com ele então que teve esse lance, essa relação homossexual com penetração. Mas detonou uma coisa, vamos dizer, então, a partir dali, daquela história, essa dúvida da sexualidade começou a me perseguir. Então essa história começa aí e atravessa a vida com várias histórias. Então a minha lembrança é de ser muito desajeitado com as namoradas aos quatorze anos, muito atrapalhado." (44 anos, casado, uma filha)

Para a maioria, a primeira transa com uma mulher teve o significado de um ritual de passagem. Alguns chegaram a associá-la à aquisição de um "diploma" ou à experiência da "primeira viagem internacional". Entretanto, todos relataram esse evento como pleno de tensão, nervosismo e medo. Alguns comentaram ter se iniciado com a empregada, com uma vizinha mais velha ou com namoradas. Outros, e em especial os informantes da geração de 80, foram ter a primeira relação com a namorada, escolhendo perseguir um ideal de relação

que para eles combinava sexo e afetividade. Muitos dos que relataram a primeira relação sexual com prostituta, em geral os informantes da década de 60 e 70, se queixaram da experiência como tendo um impacto negativo na sua vida.

Um dos informantes associa as suas dificuldades com as mulheres a essa experiência sexual inicial. É o amigo que o socorre do "desastre", dando suporte e minimizando o ocorrido. Esse informante relata mais adiante o seu desejo homoerótico, e suas práticas sexuais atuais com travestis. Algo do qual gostaria de "se livrar", como afirma no final de sua entrevista. Veremos os desdobramentos desse caso no capítulo 3.

"Aos 16 anos, é, a primeira tentativa oficial, trágica, desastrosa de ter buscado a penetração. Foi aos dezesseis anos, prostíbulo em (nome do local), certo? Excursão do (nome do Colégio), um desastre, uma coisa, e tem uma coisa marcante porque não tive ereção e a lembrança que anos depois eu recuperei, a lembrança era uma coisa de ser compelido a ir buscar essa experiência, mas era um compelido com a carga de tirar essa história da homossexualidade do caminho. Eu tinha isso também. Mas aí foi uma coisa desastrosa. Até hoje eu acho que essa minha experiência marcou muito a minha relação com as mulheres, sabe? Então, no momento logo a seguir tem uma emoção forte que é a de que o amigo de quem eu estava mais próximo, o colega de escola de quem eu estava mais próximo nesta excursão, deu uma puta força, sabe no sentido assim de: - Imagina, isso não é nada. Eu me lembro de ter me sentido protegido. Comentei, com esse amigo ali, ato contínuo eu comentei que tinha sido um desastre e eu, o que eu me lembro é desse apoio, sabe? - Não tem problema. Não fica preocupado com isso. Uma coisa que é boa, uma lembrança boa desse amigo." (44 anos, casado, uma filha)

Um dos informantes avalia a sua primeira experiência sexual aos 17 anos com uma prostituta como uma experiência frustrante, inclusive porque lhe trouxe doenças venéreas.

"A minha primeira experiência foi com uma prostituta aos 17 anos. Pra mim não foi nada boa, né? Muito frustrante tudo aquilo. Foi boa pela curiosidade que você mata a curiosidade. Mas já logo na primeira já peguei doença venérea. Pra mim foi um porre pegar logo na primeira uma gonorréia. Daí fiz o tratamento. Então não tenho não uma lembrança agradável de tudo aquilo." (49 anos, descasado, um filho, uma filha)

Os informantes pertencentes à geração de 80 relatam com mais frequência a iniciação sexual com namoradas. É interessante destacar que a primeira relação sexual permanece para a maioria desses homens, independentemente da geração, como afirmação de sua virilidade. Contudo, as diferenças marcantes da geração de 80 estão relacionadas às novas

formas de expressão da sexualidade. No contexto cultural daquela década a afetividade se inscreve como um valor a ser perseguido nas relações sexuais. Nesse sentido, iniciar-se na "zona" não corresponde ao novo modelo de exercício da sexualidade idealizado.

Para um deles, a primeira relação foi uma descoberta importante, repleta de significados e imagens simbólicas, através da qual o informante se coloca como possuidor de um “conhecimento maior sobre as coisas”, comparando a superação dessa fase “como se fosse uma primeira viagem internacional”.

"Teve uma cobrança muito grande da primeira relação, aquele tipo de coisa, eu nunca quis ter essa primeira relação com uma profissional. Eu sempre esperei, eu sabia que ia rolar uma namoradinha, esse tipo de coisa, eu achei que tinha mais a ver, apesar de toda aquela cobrança que tem da molecada, lá pelos dezesseis anos, alguma coisa assim. Então a molecada, todo mundo já: - Já foi transar, foi na zona? Aquilo pra mim não era o que eu tinha idealizado. Eu sempre tive uma coisa bem clara do que eu queria, talvez isso até seja um aspecto pra ser trabalhado, a idealização que você faz, então isso é um aspecto que eu acho que é interessante do desenvolvimento da minha sexualidade. A minha primeira relação sexual foi com uma namorada. Apesar de todo aquele stress de que não usou camisinha, vai ficar grávida, aquelas coisas, dessas coisas mal planejadas. Foi uma descoberta, né. Foi muito legal, foi uma descoberta, era como se tivesse uma fase superada, né, como se fosse uma viagem internacional por exemplo, você a partir dali já tinha um conhecimento maior sobre as coisas. Foi muito interessante, muito legal o nosso relacionamento, apesar de todos os contratempos que acabaram tendo com o desenrolar, foi uma experiência muito positiva. Muito valiosa." (28 anos, solteiro, sem filhos)

Outro entrevistado relata ter tido a sua primeira experiência sexual aos 18 anos, com uma amiga de 21 anos, que não era virgem. Assim como o informante acima, discordava do comportamento dos seus pares. Dessa forma, escolheu quando, com quem, e como teria sua primeira relação sexual com uma mulher. As suas lembranças registram a tensão da situação e o significado atribuído àquela relação. Segundo os termos do próprio informante “é como homologação de diploma”, ou a “obtenção de um canudo”, que não se pode mostrar aos pares, mas é a comprovação da sua condição masculina frente a estes.

"Um negócio que me incomodava profundamente no colegial é que o meu colégio era um colégio onde tinha gente "da alta", e tinham muitos pais que patrocinavam a vida sexual dos garotos e dos amigos dos caras. E eu achava aquilo o fim da picada. Então, teve uma época que durante os intervalos das aulas, na hora do almoço, os caras contavam: - Pô, eu

*fui até o bordel. O pai queria que o filho fosse, mas o filho não queria ir sozinho, então, pagava para os amigos também. Eu achava aquilo o fim da picada. Eu tinha toda aquela imagem que a sensação da vida sexual devia ser algo saudável, bacana, não aquele negócio forçado. Não via com bons olhos. E aí teve uma coisa até muito engraçada. Com essa turma de Santos. A turma do colégio eu não me dava muito. Aí, em Santos, na noite não tinha o que fazer, enfim, eu me lembro que nós terminamos numa dessas casas engraçadas que tem lá em Santos. Eu tinha uma curiosidade para ver, estava tendo show. Eu tinha 17 anos. Aí eu vi, falei assim: É essa mulher? Isso? A mulher era horrorosa, sabe? Um negócio assim (...) E enfim, aí de volta no colégio, enquanto os garotos falavam no que os pais financiavam lá, eu ficava só imaginando os caras com aquele traste. A minha primeira experiência sexual foi com 18 anos, não é? E ela devia ter 21. Um pouco mais velha. Eu já era apaixonado por ela. Paixão de adolescente, aquela coisa toda. Foi legal. Foi rápido, não é? Aquela surpresa: - Bom, já terminou? E tudo isso que todo mundo fala tanto? Só isso? Foi tenso, quer dizer, desajeitado, eu não sabia o que tinha que fazer? Ela já não era virgem. **Teve algum significado, assim, para você?** Teve, teve um significado, absolutamente, de homologação de diploma, sabe? Quando você ganha um canudo, assim?" (32 anos, solteiro, sem filhos)*

Pode-se afirmar que o grupo de pares funciona como uma espécie de autoridade que em algumas situações pode ter as suas regras questionadas. Isso ocorre quando o sujeito sente-se fortemente decidido a fazer as suas próprias escolhas e definir qual o melhor caminho a seguir. Contudo os depoimentos me levam a acreditar que, na sua maioria, os informantes escolheram não confrontar o grupo de pares.

Um dos entrevistados considerou a sua iniciação sexual como tendo sido tardia, em decorrência da vergonha que sentia em expor o seu corpo sem pelos. Como até os 16 anos de idade não havia crescido muito para sua idade, e os sinais de um corpo reconhecido socialmente como masculino - presença de pelos - estavam ausentes de seu corpo, sentia-se ameaçado na sua virilidade. Impunha-se pelo uso da força física entre os seus pares, apesar de ser o menor da turma. Comenta que ao se cercar de muitas amigas, queria fazer os seus pares crer na sua capacidade de conquista feminina, resgatando dessa forma um dos valores predominantes do repertório masculino. Para esse informante, o importante era não deixar dúvidas quanto à sua identidade sexual frente aos amigos.

*"Eu tinha um problema sério. Eu não cresci. Até os meus dezenove anos eu não tinha pêlo em nenhuma parte do corpo. **E isso foi diagnosticado como?** Idade óssea atrasada. Então meus amigos já com treze anos, quatorze anos já eram homens e eu não. Então eu me afastei um pouco desta parte da sexualidade até por um pouco de vergonha, né. Os meninos iam se masturbar, tinha aquele negócio todo de masturbação coletiva (risos) e eu*

*ficava meio fora, né, meio escondido. Apesar de eu ser, de eu ser o líder eu não queria que ninguém descobrisse essa fraqueza. Mas eu não sei porque nunca descobriram ou se tivessem descoberto não teriam coragem de me cobrar porque apesar de pequenininho eu era o Napoleão, né. Eu batia em cara de três metros, pra mim não tinha, então me impunha muito pela força. **E como você se sentia?** Ah, ficava super esquisito, né. Sua cabeça, até você chegar numa menina fica mais difícil, e se eu tiver que transar com ela, daí ela ver que eu não tenho nenhum pêlo no corpo? Então eu com dezesseis anos eu tinha uma idade óssea de um menino de onze anos. Então eu tinha um aspecto de um menino de onze anos. Eu fui na formatura do meu pai, eu tinha dezesseis anos. Eu comprei um terno de doze anos. Esse terno de doze anos meu sobrinho esses dias ele completou oito anos, ele usou pra ser noivo em festa junina, com oito anos. Pra você ter uma idéia do meu tamanho. Era, era muito e eu não sei como, como eu consegui ainda ser líder, ser, sabe de ter aquela liderança, sei lá, minha palavra era final sempre foi assim. Se tivesse alguma coisa eu era consultado, sabe? Eu sempre andava com menina, tinha muitas amigas, sempre tinha esse vínculo e amizades com as meninas e os caras achavam que eu namorava todas, mas na verdade eu não tinha namorada, era mais amiga mesmo." (32 anos, casado, um filho)*

Há um caso singular de iniciação sexual com prostitutas, que merece destaque. Trata-se do informante que na época se encontrou - por acaso e para seu espanto - com o pai, no mesmo prostíbulo. O informante tinha 13 anos, a menor idade registrada entre os entrevistados, na primeira relação sexual com uma mulher.

"Bom, eu tinha treze anos, era virgem ainda, nem sequer tinha sensação nem de masturbação. Aí um amigo fala: - Vamos lá e tal. Eu morrendo de medo. Aí fomos. Imagina a zona, meretrício, uma coisa assim, eu olhando preocupado, escondido, diziam que a polícia pegava os menores e tal. Aí, passo em frente uma casa, a moça fala: - Vocês querem entrar? Entra. Pode entrar. Entrei com o meu amigo. Quando eu entro a primeira pessoa que vejo é meu pai. Foi uma coisa inexplicável. E ele reagiu clinicamente como ele sempre fez, ele está preparado para ter controle: - O meu filho, não sei o quê, rapaz. Eu todo envergonhado, aí fiquei mais envergonhado ainda. Aí ele falou: - Não, mas aqui é lugar de homem, rapaz, que bobagem. Fica tranquilo, escolhe uma menina aí. Aí eu fui para o quarto com a (nome da mulher). Entra no quarto eu não tinha nem idéia do que eu tinha o que fazer porque eu não me masturbava, quer dizer, eu não tinha sensação. Qual era a sensação física, não é? E aí aos treze eu entrei nessa experiência. E ela me trata como uma criança: - Faz de conta que eu sou sua namorada, você me beija. E beija, beija, abraça e tal. - Agora tira a minha roupa. Tirei. E aí, penetração, só que eu não tinha idéia do que era aquilo. Para mim aquilo não tinha sensação nenhuma. Então, foi um fracasso total. Sem ejaculação. Aí falhei, mas não fiquei preocupado também com isso. Eu era muito novo e tal. Uma segunda experiência foi o meu pai que me levou, isso foi um mês depois, ou dois meses depois. Eu nunca esqueço. Que era linda essa menina, as duas eram lindas. Foi que aconteceu a mesma coisa, também não consegui. Aí, não foi meu pai que disse isso, porque ele não tinha esse tipo de conversa, curiosamente, comigo. Ele não tem nível de lucidez ou de esclarecimento e de preocupação com o filho ao ponto dele vir

conversar. Ele é muito egoísta. Extremamente egoísta. Então, o que aconteceu é que um amigo falou: - Olha, se você não se masturbar, você não vai conseguir nunca mesmo. É porque o meu pai está tão integrado a isso que eu fui obrigado a mencionar. Como é que você lidava com isso? Ah, ele me pôs na cabeça, ele e os amigos dele, os amigos, pessoas mais velhas, achavam aquilo tão bonito, elogiavam. Aquela lógica do sacana, não é? Do cafajeste, do irresponsável. Os amigos diziam: - É tão bonito ver um filho com o pai, tão amigos. Que coisa bonita." (51 anos, casado, dois filhos, uma filha)

A partir desse evento, o pai adquire uma importância no encaminhamento da sua sexualidade. O modelo transmitido pelo pai é criticado; entretanto, a trajetória afetivo-sexual do informante resgata elementos do modelo herdado da dupla moral sexual presente na sua vida amorosa atual.

2.3 Considerações finais

Tomando o conjunto dos depoimentos, pude verificar que a socialização primária dos informantes, em particular das gerações de 60 e 70, foi marcada pelas construções modelares da conjugalidade. As tarefas domésticas eram prioritariamente exercidas pela mãe, enquanto o pai cumpria o papel de provedor da família. Muito embora alguns deles tenham tido mães que se inseriram no mercado de trabalho, tendo assumido um papel mais ativo na condução dos destinos da família, essas não deixaram também de cumprir tarefas associadas aos cuidados diários da família, as quais não contavam com a participação dos pais.

Por sua vez, a interação com os grupos de pares propiciou, por meio de atividades sociais e jogos sexuais, a transmissão de códigos e valores de uma determinada cultura masculina das camadas médias urbanas brancas. Esse processo de socialização foi vivenciado de maneira reflexiva por vários dos informantes, possibilitando contraposições às representações de gênero herdadas, porém gerando ambigüidades e contradições que se estenderam ao longo do seu curso de vida.

Como se pode perceber, a falta de informação sobre sexo e sexualidade foi a tônica dos depoimentos dos informantes. Hoje, parece que através dos meios de comunicação modernos tem-se acesso às mais diversas informações sobre sexualidade. Particularmente, a

partir da década de 90, programas de televisão, tais como MTV Erótica (MTV), Programa Livre (SBT), Super Positivo (TV Bandeirantes), Altas Horas (TV Globo) e Caldeirão do Hulk (TV Globo) têm debatido questões relacionadas à sexualidade, à contracepção e DSTs/Aids, com diferentes abordagens, e em diferentes horários, atingindo grande parte do público jovem adolescente, independentemente da sua posição econômica, social e cultural. Além disso, o acesso à Internet possibilitou que os jovens, pelo menos aqueles pertencentes às camadas médias e superior da população brasileira, ampliassem o espaço de informação e em especial de discussão, oferecidos pelas salas de bate-papo na WEB. As escolas têm também procurado atuar nesse campo, através da introdução da disciplina educação sexual. Não se sabe, entretanto, qual a qualidade e o alcance das informações transmitidas pelas escolas tanto públicas quanto privadas a esse respeito.

Apesar de os informantes entrevistados terem vivido a fase adolescente há duas e três décadas atrás, com pouca exposição à informação sobre sexualidade e nenhum acesso a serviços de saúde para adolescentes, muitas das questões que foram por eles vividas como problemáticas ainda se colocam para os adolescentes de hoje. Ao pesquisar a coluna do leitor nas revistas para o público adolescente, ou os “chats” para o público “teen” na internet, observei que muitas das questões que se apresentavam para os homens pesquisados, no período da adolescência, ainda estão presentes como dúvidas, angústias, e medos para os adolescentes do novo milênio. “Como chegar numa menina?” “Qual o tamanho normal do pênis?” “A gravidez pode ocorrer sem penetração?” “Como saber se tive um orgasmo?” “A masturbação faz mal?” “Qual a idade para a primeira transa?” Essas são muitas das inúmeras questões que povoam o imaginário dos adolescentes de hoje e que eram comuns aos informantes pesquisados no período em que foram adolescentes. Atualmente, essas dúvidas são respondidas por especialistas, por meio da televisão, de serviços oferecidos por provedores da internet ou através das revistas para o público adolescente. Percebe-se que as descobertas do prazer, do corpo, da sexualidade e do outro, como objeto de desejo, se impõem como questões que atravessam gerações. Certamente, hoje, outras dúvidas e medos se colocam, pois a sexualidade está marcada pela epidemia da Aids. Porém, apesar de muitas das perguntas serem as mesmas, o fato é que existem

profissionais especializados para oferecer respostas supostamente corretas às questões levantadas.

No próximo capítulo, tratarei das experiências dos informantes na desconstrução dos referenciais de gênero em torno de temas como modelos de paternidade/paternagem e maternidade/maternagem, corpo e sexualidade, trabalho feminino, modelos de masculinidade e feminilidade, entre outros. As experiências expressas por eles apontam no sentido da descontinuidade dos referenciais herdados, da desconstrução das definições polarizadas de gênero, e da opção por comportamentos e atitudes bastante variáveis, dentro de limites definidos por cada um, e operando dentro de mecanismos de negociação da realidade que foram se desenvolvendo ao longo de suas trajetórias de vida.

CAPÍTULO 3 - O QUE É SER HOMEM? A CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS E REPRODUTIVAS MASCULINAS

Introdução

O objetivo principal deste capítulo é identificar, a partir das múltiplas experiências dos sujeitos entrevistados, os significados do que é ser homem e a transformação desses significados ao longo de suas trajetórias de vida. Do mesmo modo, é do meu interesse verificar as permanências e as rupturas dos *scripts* de gênero herdados, assim como explicitar as ambigüidades surgidas nos discursos dos informantes. Isso serve a dois propósitos: de um lado, testar a possibilidade de se sustentarem *scripts* divergentes em uma mesma formação sociocultural, desafiando o domínio das construções mais afeitas às crenças socioculturais dominantes; de outro, expor o caráter contraditório das subjetividades, especialmente em se tratando de sujeitos que vivem em uma metrópole contemporânea, e dispõem de um aparato sociocultural que lhes permite acesso à informação e às inovações, também no que diz respeito a crenças e valores.

Este capítulo procura trazer duas contribuições para a pesquisa demográfica. Em primeiro lugar, busca acrescentar elementos para uma visão diferenciada dos homens. Afirmo que não existe uma entidade masculina única, ou seja, os homens não são vistos como seres genéricos e monolíticos. Em segundo lugar, ao fazer uma análise de gênero da perspectiva dos homens, e portanto, dando voz aos homens, introduz uma visão de mundo masculina. As perguntas que faço aos dados são: **Como os homens constroem o mundo deles em relação às mulheres, a outros homens, em relação à sexualidade e à reprodução? Quais os significados da paternidade em suas vidas?** Essas questões me permitiram identificar os processos de mudança surgidos a partir de conflitos internos e externos aos informantes, o que é mostrado por meio da trajetória de vida desses homens e a partir de sua própria perspectiva. Verifico que os homens têm muitas maneiras de ver as mulheres. Nem sempre pensam da forma como as mulheres acham que eles pensam, nem sempre pensam ser da forma como as mulheres acham que eles são. Por outro lado, os homens se vêem como possuindo identidades masculinas que são freqüentemente reavaliadas e

negociadas com as mulheres e com outros homens. Dessa forma, procuro desmistificar esse homem genérico de que o feminismo e a Demografia falam.

Este capítulo está estruturado em **três seções**. A **primeira** trata de como os informantes foram se tornando homens, refazendo os *scripts* de gênero herdados, e revela a dimensão do sexo e do afeto ao longo de suas trajetórias de vida. Pode-se perceber as mudanças e as permanências dos *scripts* de gênero, assim como a criação de novas formas de conviver com o velho e o novo num mundo em constante mudança. Nesse sentido, os depoimentos dos informantes mostram, ao mesmo tempo, mudanças muito nítidas nas suas relações com mulheres e homens, assim como a permanência de uma divisão sexual do trabalho entre os casais, com algumas diferenças entre as gerações.

Na **segunda seção** abordo aspectos que dizem respeito à saúde sexual e reprodutiva dos informantes. Trata-se portanto, das questões que os preocupam do ponto de vista do exercício pleno da sexualidade e de seus projetos reprodutivos. Muitas das questões por eles levantadas, tais como a impotência sexual e a esterilidade masculina não têm sido devidamente abordadas pelos estudos que se inserem dentro da temática da masculinidade. Nesse sentido, as reflexões produzidas a partir desses dados podem contribuir para incorporar a perspectiva masculina no campo da saúde sexual e reprodutiva.

Na **terceira seção** abordo a relação dos informantes com a paternidade e a importância dessa função em suas vidas. Neste grupo de informantes, encontramos em sua maioria pais que se sentem dividindo a criação e educação dos filhos com as parceiras, desde os primeiros cuidados infantis. Por outro lado, há pais que delegaram os primeiros cuidados infantis para a companheira ou profissionais de enfermagem. Estes últimos fazem, em geral, parte da geração de 60. O meu interesse é compreender os significados e o exercício da função paterna, considerando as situações de pais conviventes e não conviventes com os seus filhos. Na **última seção** sumário e comento os resultados, apontando elementos de continuidade e de mudança do processo de reconfiguração das masculinidades.

3.1 A dinâmica dos enlaces e desenlaces: cenas e queixas das relações amorosas

É na passagem para a vida adulta que muitas mudanças pessoais ocorreram na vida desses homens: o primeiro casamento, a chegada do(a) primeiro(a) filho(a), os divórcios e as separações, os re-casamentos, a ascensão e o sucesso profissional ou, como em muitos casos, a experiência de períodos de desemprego. Por certo, as mudanças a que me refiro foram vividas dentro de um clima social onde a presença crescente da mulher no mercado de trabalho já se fazia sentir, assim como tantas outras mudanças sociais e culturais que acompanharam a trajetória de vida desses homens. Em particular, pode-se acentuar o impressionante reflorescimento do movimento feminista a partir da década de 60, especialmente nos países considerados desenvolvidos. Esses movimentos chegaram a se expandir para os países menos desenvolvidos e abalar as expectativas convencionais do que deveriam ser os papéis das mulheres na sociedade.

Nesse sentido, as décadas de 60 e 70 foram pródigas em produzir ideais sociais que provocaram mudanças na percepção e nas práticas de relacionamento entre homens e mulheres. A esse propósito, verificou-se que os informantes que foram adolescentes nas décadas de 70 e 80, mais do que os da década de 60, passaram a questionar vários aspectos do sistema simbólico da geração de seus pais. Entre estes, destacam-se a virgindade antes do casamento, como um valor feminino; a segregação dos domínios público e privado para homens e mulheres; a infidelidade do homem e a fidelidade da mulher na relação afetivo-sexual e a imposição da procriação logo após o casamento.

Percepções e expectativas de gênero

As relações afetivo-sexuais dos informantes foram acontecendo à medida em que foram se inserindo nos espaços do trabalho e do ensino superior. Dessa forma, os namoros foram se sucedendo com colegas de faculdade ou de trabalho. Nas suas primeiras relações sexuais, o receio e a insegurança decorrentes da possibilidade de falhar esteve presente no momento da penetração sexual. Sendo assim, o sexo sem penetração no caso de relações com meninas virgens era considerado “legal”, pois “fazia-se de tudo” e sem “aquele medo de brochar na hora H e aquela coisa de fazer sucesso na cama”.

"Ela não queria penetração, porque ela era virgem. Ela não queria perder a virgindade. A gente fazia de tudo, era muito legal, muito completo, não sentia falta da penetração em si também. Tinha um pouco de medo de brochar e aquela de ter de fazer sucesso na cama. Eu gostava dela, enfim, corria tudo bem. Eu tinha umas inseguranças na minha vida, achava: será que é ela, será que não é ela. " (32 anos, solteiro, sem filhos)

"Ela era virgem e a gente não transou no começo, demorou uns anos para a gente transar. O contato físico a gente sempre tinha, mas a gente nunca tinha penetração, ela tinha medo por causa da virgindade. Gozava fora, essas coisas. Olha a gente namorou, namoramos sete anos. A gente ficou acho que uns três, três anos, quatro anos quase antes da primeira relação. E era legal mesmo assim. Era muito legal. A gente curtia demais. A gente se adorava, eu sempre gostei muito dela. E foi uma coisa que meu irmão falou uma vez para mim: - Sabe de uma coisa, é melhor que você conheça uma pessoa, que você se envolva com essa pessoa, que você curta ela. Quer dizer, isso foi a orientação que ele me deu. Que você cresça sexualmente com essa pessoa. E foi exatamente isso que aconteceu." (37 anos, casado, uma filha)

As expectativas em relação aos comportamentos dos homens e das mulheres são comentadas por vários informantes. O que se espera de homens e mulheres é em muitos casos a mesma coisa: amizade, entendimento, honestidade. Porém, nem sempre é assim. Um deles afirma esperar de ambos amizade, compreensão e comprometimento. No entanto, precisa marcar diferenças nas relações com os homens com o intuito de dessexualizar a relação homem-homem. Não é uma interdição aos sentimentos amorosos entre homens, mas um controle de fronteiras que pretende exercer nos relacionamentos masculinos. O que me leva a acreditar que a construção de uma relação de intimidade entre homens não é muito fácil, provavelmente porque essa aproximação está associada a componentes sexuais.

"O que você espera das mulheres? Eu espero das mulheres honestidade, afeto, compreensão e comprometimento. E dos homens? Dos homens também. Eu tenho amigos homens, a gente se curte, e tal. Mas, o que eu não espero de homens é declarações amorosas ou afetivas." (32 anos, solteiro, sem filhos)

Nessa mesma direção, outro informante declara que gostaria de ser menos emotivo, menos ligado ao feminino. Esse informante se emocionou em vários momentos da entrevista, ao falar do filho. Em resposta à pergunta "Se você pudesse mudar alguma coisa em você, o que mudaria?", respondeu que a sua emotividade é um aspecto que gostaria de poder mudar. A emoção e o choro são vistos por ele como características femininas, sobre as quais gostaria de ter um maior controle.

*"Eu sou muito chorão, né. Eu choro por qualquer coisa. E o meu filho consegue ser mais emotivo que eu. Eu falo: - Filho não puxa esse lado do pai, puxa o outro. **Você não gosta desse seu lado?** Eu acho que é muito exagerado. Eu não gosto do exagero. Eu acho muito exagerado, muito. Sempre fui assim. Mesmo sendo líder do grupo na adolescência, eu sempre chorei sendo líder. Sempre chorei, porque meu pai chora. Apesar de ser baiano, tal, ele chora. Então eu choro à toa, à toa mesmo. Por coisas que normalmente ninguém choraria. Eu, olhar pro meu filho, eu choro. Tem dias que eu olho de uma certa forma que eu não consigo me segurar. Você vê, oh, estou falando, muita emoção. Falar do meu filho é muita emoção. Se eu pudesse mudar alguma coisa em mim, eu acho, três coisas eu mudaria: primeiro, o físico, o meu nariz; segundo, essa parte emotiva demais; e terceiro, o fato de confiar muito nas pessoas. Eu fui chorar justo no finalzinho. Eu estava me contendo tanto, pô." (32 anos, casado, um filho)*

Uma outra visão de mulheres e de homens é apresentada por outro informante. A partir de suas experiências afetivas, relata algumas queixas em relação às mulheres e das expectativas que imagina que elas tenham em relação aos homens. Na verdade, sua fala expressa um sentimento de insegurança e desconfiança em relação às mulheres. Em relação aos homens, afirma ter menos desconfiança, pois "o homem é mais claro, mais visível nas intenções":

"Eu acho difícil ser homem. Principalmente corresponder às expectativas das mulheres. Ser um grande provedor, ser sempre forte. Não deixar que seus sentimentos comprometam seu desempenho profissional, sexual. O cara tem que ser um grande comedor, se a secretária é bonita, você tem que ter um tesão pela secretária. Tem tudo isso. Tem toda essa cobrança. Ele tem que ter sucesso material. E eu só procuro atingir os objetivos por aquilo que eu gosto. Por isso eu desconfio um pouco das mulheres. Acho os homens muito mais claros, mais visível nas intenções." (45 anos, casado, um filho, uma filha)

Entretanto, a maioria dos informantes não distinguem em si próprios, de maneira polarizada e estanque, as características masculinas das femininas. Os cotidianos liquidadam essas polaridades. Referem-se a tais distinções como socialmente esperadas, mas que não correspondem à sua realidade subjetiva atual. Um dos informantes relata que o crescimento da mulher no mercado de trabalho, assumindo postos de mando, trouxe de fato, "insegurança e intranquilidade" ao mundo masculino. O depoimento sugere que a flexibilização dos papéis de gênero permitiu que tanto homens como mulheres questionassem os valores hegemônicos da construção social do gênero e rediscutissem suas relações nas suas várias dimensões. Observa que há diferenças na forma da mulher e do homem lidar com as separações e os recasamentos. Ao mesmo tempo que valoriza a

maneira feminina de lidar com essa questão, ressalta a dificuldade masculina em lidar com a solidão. O depoimento a seguir é bastante ilustrativo do pensamento da maioria dos informantes:

"Então nesse negócio do relacionamento, a separação está vindo das mulheres. Esta mulher com quem eu estou, ela que quis separar, o cara tá desesperado, né. E o homem é meio orgulhoso, quando ele leva fora da mulher. Eu não sei se isso, esse negócio do machismo, obviamente é latino, né. Então, você levar fora da mulher é uma coisa que não pode acontecer. Tem mulher que é presidente de firma, que antigamente você não via. Então tudo isso aí deixa o homem inseguro. Se você não tiver confiança, segurança em você mesmo, você tá ferrado, você só pode sentir deprimido, perdido, solto a esmo, vagando pelo espaço, entendeu? É muito difícil, porque é um jogo de domínio, tanto do homem, quanto da mulher, porque o homem quer dominar porque sempre foi dominador e a mulher quer dominar porque agora ela tá abrindo as asas e começando a voar. Então muitos homens não sabem como lidar com isso, acham que é uma afronta à masculinidade ou sei lá, entendeu? Então a mulher começa a sentir segura de si, mais poderosa sexualmente. Hoje ela diz: - Amigo, vamos lá, que hoje eu quero. Não é só quando você quer. Então isso aí causa uma insegurança pro homem, eu vi isso no grupo de gênero, é impressionante, os caras eles ficam com insegurança disso: - Não, porque a mulher não precisa mais de mim. E hoje em dia a mulher invade os recintos tradicionais dos homens e invade porque hoje tem abertura. Hoje ela vê que ela pode, não precisa gerar um filho, porque agora se o homem quiser ele pode adotar um e ela pode continuar trabalhando normal, e mesmo assim a gente tem a imposição da moralidade tradicional. A (ex-namorada) é uma que ela fala pro namorado dela: - Se eu tiver um filho, não espere que eu vá cuidar dele, porque eu vou estar trabalhando que nem você. Então vamos arrumar um meio termo aí. Então os papéis estão mudando também. (44 anos, solteiro, sem filhos)

Estar se sentindo "vagando no espaço" parece expressar a ausência de referências identitárias sólidas, e uma sensação subjetiva conflituosa diante de um novo código ético que não desbanca totalmente o anterior. Tudo parece se desmanchar. As transformações subjetivas se dão num ritmo lento, e parecem desorientar os sujeitos, que esperam buscar nas experiências terapêuticas soluções para as dificuldades subjetivas e objetivas que têm de enfrentar.

Como se observa no conjunto dos depoimentos, há um mal-estar com o modelo "machista", incômodo que é compartilhado pela maioria dos informantes. Em geral, contrapõem-se a esse modelo e reavaliam as identidades de gênero masculino e feminino, percebidas como instáveis e renegociáveis com os homens e com as mulheres. É certo que a

convivência entre o ideal de relação homem-mulher recém-adquirido com os aspectos mantidos do conjunto de representações anterior resultou em conflitos, ambigüidades e insatisfações por parte de ambos os sexos, levando muitos desses informantes à busca de um equilíbrio através de terapias individuais ou de grupo, com o intuito de tentar estabelecer uma linha de ação mais coerente para si próprios. Nesse sentido, delineiam-se outras formas de masculinidade, que se contrapõem ao modelos herdados dos pais.

Outros viveram períodos de depressão e angústia pela perda do emprego e, em consequência, da própria identidade masculina. O desemprego masculino tem sido percebido como uma causa importante de episódios de depressão vivido por homens. Recentemente a mídia tem dado destaque ao assunto em longas matérias de revistas e jornais. Essas experiências, resolvidas de uma forma ou de outra, são vivenciadas pelos informantes como “momentos de crises”. Isso demonstra a força da permanência do valor do provedor e empreendedor associados ao masculino.

Experiências terapêuticas

Como afirmei anteriormente, os informantes recorreram a terapias de múltiplas orientações, para tentar equacionar os conflitos advindos de processos pessoais, mas em grande parte gerados na dimensão das práticas sociais. As mudanças na organização familiar e nas relações de gênero introduzidas pelo processo de transformação da sociedade brasileira geraram muitos conflitos e um mecanismo complexo de desorganização de identidades para os informantes, que buscaram recursos terapêuticos para ajudá-los a refletir e compreender suas experiências subjetivas²⁶.

Alguns informantes enfatizaram a importância da sua participação nos grupos de gênero como um fato novo e significativo em suas vidas. Outros disseram que tinham idéias próprias sobre as questões que foram trabalhadas no grupo e que o grupo confirmou o que já pensavam, pois a reflexão sobre essas questões já vinha sendo vivenciada por eles em outros espaços terapêuticos dos quais haviam participado individualmente. De qualquer

²⁶ Figueira (1985) e Velho (1985) discutem em seus trabalhos a constituição de uma "cultura psicanalítica", a partir dos anos 70, articulada ao processo de modernização da sociedade brasileira.

forma, o que se nota é que os temas trabalhados pelos informantes nos grupos de gênero tiveram repercussões na redefinição das suas percepções sobre o masculino e o feminino, sobre os papéis sociais atribuídos a cada um dos sexos e, portanto, nas suas relações com homens e mulheres. Alguns trabalharam a sua dificuldade de se abrir e se emocionar, outros, sua dependência da figura feminina, o medo da responsabilidade de ser pai e a dúvida sobre sua masculinidade.

"Foi bom, porque eu sempre tive muita afinidade com as mulheres e sempre estive muito distante dos homens. O grupo se soltou, foi colocando o que sentia, houve muitos momentos de emoção, momentos de choro, momentos de raiva. Então foi assim, uma coisa que foi a primeira vez, dentro de um grupo masculino, que eu senti os homens realmente como eles são, sem máscara, sem querer passar uma imagem daquilo que eles não são. Que homem tem muito disso, né, acho que ele acaba sendo um grande ator. Ele procura sempre representar e quando a gente vai na essência, vê que não é bem aquilo. Senti isso. E é duro, né. Eu vejo até pelos meus amigos. Eu falo: - Pôxa, você é tão duro, assim, é? Porque às vezes eu percebo que eles têm um certo choque, né? E alguns, alguns até sabem que eu faço terapia, e esses que sabem que eu faço terapia, eles acabam se abrindo um pouco mais. Durante muitos anos, eu não chorei. O meu pai faleceu eu não chorei, eu não derrubei uma lágrima. Eu me separei, fiquei muito triste mas eu não derrubei uma lágrima. Momentos, assim emotivos, eu não era capaz de esboçar uma reação de emoção. Ai quando eu comecei essa terapia, eu fiquei o inverso, né. Hoje eu sou muito mais emotivo. Eu choro à toa, é uma coisa muito diferente, né. Então eu tinha essa coisa da frieza. Antes eu era muito distante, hoje eu sou muito próximo das pessoas. Hoje eu acho que a gente tem que demonstrar a emoção. Acho que faz parte da sua vida. " (34 anos, casado, sem filhos)

"Como é que você chegou até o Grupo de Gênero? O que te fez procurar o grupo? Eu acho que foi essa busca, homem e mulher. A impossibilidade de fazer psicanálise, uma vez pelo custo, outra pelo horário, quer dizer, eu não conseguia achar uma ainda que encaixasse. Dava para fazer logo de manhã, bem cedo, porque a noite com as crianças é complicado. E como é que você chegou a conhecer o grupo? É, então, eu estava com essa necessidade e eu estava na (nome da instituição pública) fazendo um curso e vi lá naqueles avisos, procura-se voluntários e tal. Ai fui lá e fiz o contato. O trabalho foi muito acho que legal nessa forma da gente reviver a relação que eu tive com meu pai, outra coisa que para mim foi muito legal foi repensar a minha relação com a (nome da parceira). Bom, tem um monte de mulher, no que a (nome da parceira) é diferente, o que ela tem que as outras não tem? Mulher gostosa tem de monte, tem aqui, tem na revista, tem mulher de programa, mulher rica, sei lá, tem de monte, mulher boa de cama tem de monte, então o que ela tem que as outras não tem? Isso foi legal. Eu repensar. Foi um trabalho, vamos dizer, gradativo, e a forma como foi feito foi legal". (38 anos, casado, dois filhos)

"Eu tinha algumas dúvidas com relação à história da masculinidade, por causa dessas histórias que aconteceram na minha vida, de ser uma pessoa pouco agressiva, mais

*sensível. Eu achava que eu precisava de uma coisa mais forte em mim. A (nome da mulher) sempre foi uma pessoa muito mais forte do que eu nas decisões. Quando precisa tomar decisão, acho que ela é uma pessoa que toma decisão com muito mais segurança. E eu sempre ficava rodeando, sabe? E na nossa relação, inclusive profissional, ela que faz cobranças, ela que aborda o cliente para fazer as coisas. Assim, quando tem que cobrar, ou quando tem que decidir alguma coisa. Eu sempre fiz o papel da mulher nessa história, sabe? Entre aspas. Eu sempre tive problema de falar em público. É claro que muitas coisa eu resolvi por conta própria. Eu era muito tímido. Essa história das poucas relações que eu tive antes do casamento. De pouca não, quase nada. Nada. Nenhuma. Eu achava que era inseguro na abordagem. Então, eu me retraía. Isso aconteceu em vários momentos da minha vida, inclusive, profissionalmente. **Como é que você descobriu o Grupo, esse trabalho?** Eu fiz terapia antes. Fiz, na verdade, muito pouco, eu estava muito duro. Eu estava com problema de grana, minha relação com a (nome da esposa) estava ruim porque a gente brigava demais, porque estava com falta de dinheiro. Eu trabalhava, ela trabalhava, mas o dinheiro faltava. E quando falta dinheiro, parece que tudo começa a ficar ruim. Foi um momento que eu até tive depressão, porque estava num momento de virada de vida. Eu fui fazer esse grupo e foi muito bom, porque as pessoas todas tinham um nível educacional tudo igual. Todo mundo tinha estudado, tinha uma formação superior. **E qual foi o seu tema no grupo? Que tema que você trabalhou?** Eu queria ser mais macho. Eu queria ter essa coisa de mais forte, da força masculina. Para poder tomar as decisões, para poder ser mais forte mesmo nas relações profissionais. **E para você o que era ser macho naquela época?** Era ter mais força mesmo. Ser mais forte. Engraçado, eu olhava para o meu pai dessa maneira. Eu achei que uma das coisas que me fez crescer bastante foi essa história da terapia em grupo, porque as pessoas se mostraram. Não todas, mas a maioria se mostrou, se sensibilizou e mostrou que chora, e mostrou que é sensível, e mostrou que não são aquelas fortalezas que normalmente é a máscara que o homem coloca. Eu saí mais seguro e fortalecido. (37 anos, casado, uma filha)*

No relato anterior é interessante observar que o informante expressa ter procurado o grupo de gênero, porque se sentia despossuído de valores associados ao masculino e à figura paterna; mas o grupo o ajudou a relativizar esse sentimento, possibilitando ressignificar o sentido do que é ser homem para ele.

Um dos entrevistados procurou o grupo terapêutico de gênero movido pela contradição vivida em relação à experiência da paternidade. O conflito entre o pai amigo, companheiro, o "pai brincalhão" que afirmava ser e o pai orientador, comprometido com a educação dos filhos, e demandado pela sua companheira, expressa suas contradições no exercício das funções paternas.

"Como você chegou até o grupo de gênero? Por que você procurou? Quem te indicou? Minha esposa era psicóloga e ela atendia no (serviço público de saúde) grupos de aidéticos. Ela fazia trabalho voluntário, atendia voluntariamente. Aí ela ficou sabendo desse grupo. Eu estava interessado, eu tinha feito terapia uma vez, mas não me dei bem. Uma das razões que eu procurei o grupo de gênero foi para melhorar a minha relação com o meu filho adolescente. A minha mulher achava que eu tinha que assumir mais responsabilidade para com ele. Eu era o pai brincalhão, mas na hora da dura, sobrava pra ela. Eu era o pai do tipo que levava mais outro lado: brincava, jogava bola. O nosso filho é adotivo. E quando nós o adotamos, ele tinha um ano e quatro meses. Aí eu achei interessante a idéia de participar do grupo, era gratuito e aí eu me interessei em participar. Como foi essa experiência? Gostei, muito. Eu achei que era uma coisa muito fantástica. Me ajudou muito, comecei a ver esse lado de ser pai, de assumir mais a responsabilidade pela educação do meu filho. Foi muito proveitoso e importante esse processo. " (53 anos, casado, um filho)

Para um dos informantes, a "busca pelo feminino" despertou curiosidade e interesse em participar do grupo. Não foi um entusiasta do grupo, e acha que a experiência não foi tão marcante assim:

"Eu fui por uma curiosidade. Eu sabia do que se tratava, que era um grupo de homens. E eu queria ver como lidar com o feminino, até com meu feminino, que eu não sei onde ele está, não consigo descobrir. E também ver como é que os outros homens lidam com isso. Para ter essa experiência. Foi interessante, mas não tão marcante assim." (51 anos, casado, dois filhos e uma filha)

Um dos aspectos centrais do modelo predominante de masculinidade é o exercício do papel de provedor de sua família. O não cumprimento dessa função é motivo de desconforto e vergonha. Foram esses sentimentos que levaram alguns desses informantes a procurar o grupo terapêutico de gênero, como uma alternativa de trabalhar a angústia gerada pelo desemprego, seja ele temporário ou de duração mais longa:

"Eu passei um período sem emprego. Teve um momento que eu fiquei estressado, sem alternativa, achei que não ia ter jeito. Foi uma crise. E aí você se sente inútil. É o pior sentimento que um homem pode ter é de se sentir inútil. É cobrado de ser provedor e ele não vê alternativa, e aí fica uma sensação muito ruim. Então, isso é uma questão. Acho que é importante, inclusive, para a sua identidade, para você se enquadrar dentro da sociedade. Porque a sociedade espera que o homem seja de tal forma, o provedor. Então, o trabalho cumpre essa função dele estar cumprindo esse papel que se espera dele." (45 anos, descasado, uma filha)

"Eu sempre tive o trabalho como uma tábua de salvação. Trabalhei vinte e cinco anos no Banco, saí de lá, não consegui ser um diretor, gente com menos tempo de casa chegou a diretor. Cheguei a chefe de divisão, mas bateu uma insegurança, um medo, parece que uma fragilidade. Então, isso parece que me abateu muito. Como homem tem horas que eu fico um pouco decepcionado, profissionalmente, mas não deu para eu fazer melhor. Você começa passar para as pessoas insegurança, fraqueza. Então, chega uma determinada época, que a gente sabe, final dos anos 80, que o profissional passou a ser mais exigido nesse lado. Da determinação, da segurança. Porque até então, o que exigia do profissional era a pontualidade, não é? Eu sempre fui pontual. Se era para entrar oito horas, sete e meia eu sempre estive no meu serviço. Com mesa arrumada e tudo. Ninguém me pegava arrumando mesa depois das oito horas. Se é para processar um monte de coisa, eu processava tudo, independente se tivesse que ficar até às seis horas, ou ficar até às dez horas da noite, tivesse que dobrar a noite, eu fazia, era minha responsabilidade. Então, pontualidade, responsabilidade, sempre eu tive, mas a partir do momento que passaram a exigir da gente segurança, firmeza, compostura, não sei explicar, mas eu me senti frágil nesse sentido, para demonstrar isso. Então, não deixa de ser mais um remorso que eu tenho interno, mais uma coisa que eu tenho dentro de mim. E eu não conto para ninguém. É só para o meu analista e eu estou contando para você. O meu trabalho hoje é com kombi escolar, para complementar a minha renda." (48 anos, casado, duas filhas)

O trabalho constitui-se um dos elementos mais importantes na definição da identidade masculina, ocupando um lugar central em suas vidas. Pode-se dizer que é um território cuja conquista é valorizada também pelas mulheres. Apesar disso, o exercício da capacidade profissional, o sucesso pessoal e as conquistas econômicas proporcionadas pelo mundo do trabalho, são elementos geralmente associados ao mundo masculino.

Não é somente o desemprego que atinge o cerne da masculinidade. O fato de não atingir certas metas profissionais, sucesso, postos de trabalho, também contribui para a manifestação de conflitos e contradições quanto à performance masculina. Para a maioria dos informantes, o trabalho constitui-se um dos principais espaços de realização pessoal, tanto pela capacidade de fornecer as condições materiais para uma vida confortável, mas também pela possibilidade de construir uma família e responsabilizar-se pelo seu sustento, muito embora não como único provedor.

A importância do trabalho feminino

Há uma expectativa em relação ao trabalho feminino, o que ele traz de positivo para a mulher e para o relacionamento do casal. Na sua maioria, os informantes demandam que as

parceiras contribuam para o orçamento doméstico. Sendo assim, muitos deles esperam que a parceira construa uma carreira profissional. Um dos informantes se queixa de que a parceira, desempregada, só tem procurado trabalho de meio período. Destaco em especial os depoimentos dos informantes solteiros. Estes afirmam que é de fundamental importância a independência financeira da parceira no casamento. Filhos são considerados somente após uma estabilidade financeira. A recusa da dependência financeira feminina traz novas expectativas em relação à parceria amorosa desejada e também um redimensionamento de certos critérios definidores da masculinidade na relação com a mulher, associados ao papel de provedor. A pesquisa de Oliveira, Bilac e Muszkat (2000) constataram essas mesmas expectativas masculinas.

Um dos informantes solteiros afirma que as relações entre homens e mulheres está muito competitiva em todas as áreas, o que o incomoda muito. No entanto, vê o trabalho da mulher como fonte de realização e importante para o relacionamento do casal, mesmo que o homem tenha que cumprir o papel de principal provedor. A função de provedor, agora dividida, daria “mais molejo para o casal”, apontando para um tipo de relação com mais equilíbrio. Entretanto, observa que essa divisão trouxe para dentro do relacionamento as características de um mundo competitivo do qual ele se queixa. O lar doce lar já não é tão doce assim.

*"Eu acho que tem muita competição. O homem compete em tudo com a mulher. Compete desde na cama, para ver quem tem mais prazer, até em casa, quem contribui mais, quem faz mais pela casa, pelo lar. Quem tem mais sucesso profissional. Eu vejo isso muito ao redor e tenho amigos, gente que está casada, sabe. Todos nós somos cobrados, pelo sucesso material. **Você acha que as mulheres são também cobradas?** Também, todos nós, homens e mulheres, certo? E tem essa coisa hoje, da necessidade da mulher trabalhar, não necessidade só substancial, é uma coisa também de realização pessoal. É uma coisa que não precisa nem de sustentar a casa. Dá mais molejo ao casal. Os dois têm que ter a sua função profissional, pela posição econômica, e acho também muito saudável para a relação. Infelizmente, isso está gerando muitas dificuldades nos relacionamentos. Não está sendo vivido na sua forma positiva, de um ajudar o outro a conquistar algo, os dois conquistarem juntos, a meu ver não está." (32 anos, solteiro, sem filhos)*

Outro informante discorre longamente sobre as suas opiniões sobre o trabalho feminino, a partir da experiência que vivia na época da entrevista. A baixa remuneração de uma atividade profissional predominantemente feminina e desvalorizada no mercado de trabalho

é mencionada como sendo o fator de desgaste pessoal da parceira. Pode-se perceber contradições quanto à sua visão dos significados do trabalho para a mulher. Apesar de expressar a importância do trabalho para a sua parceira, admite que a provisão dos cuidados principais exigidos pelas crianças pequenas seja atribuição da mulher. Dessa forma, o informante retorna à condição de único provedor da família. Essa situação parece inviabilizar o projeto do "casal igualitário" por ele perseguido.

*"...mas vejo assim, que essas grandes mudanças, a pressão da mulher trabalhar e não ser dona de casa, que é uma coisa que eu vejo com a (nome da parceira), que é difícil, porque ela parou de trabalhar agora há uns seis meses também. Ela sempre trabalhou como pedagoga, mas é função meio desgastante. Meio não, muito desgastante. Ficar em pé e crianças, são duas coisas desgastantes. E com uma remuneração de uns R\$700,00 por mês, quando é uma escola muito boa. Então, e ainda exigem uma coisa assim: - Não, você tem que estar sete horas ou sete e meia no máximo, lá na classe, na escola, para ajudar. E tem que ficar até tal hora. E aí para ela foi difícil isso. Quer dizer, ela fala: - Olha, meu filho está com catapora. Aí falam: - Nossa, pelo jeito pensa mais na tua família do que no trabalho. Você quer ou não quer trabalhar? Sabe? Pondo na parede. E aí, era tanta pressão, que ela falou: - Não. Ela parou no meio do ano. Não, em setembro ela parou, faz três meses. Eu falei: - Tenta levar até o final do ano, espera as férias escolares. - Não, estou esgotada, não dá para trabalhar e ter dois filhos na idade que eu tenho. Vou dar um tempo, agora uns dois anos, depois eu retorno. Na verdade as crianças dão muito trabalho nessa idade, mesmo. E como ela trabalha meio período, fica mais com as crianças, né? **E como que você vê essa opção dela?** Acho que não foi errado, mas para a idade dela, até está difícil voltar nisso aí. O que eu quando era solteiro nunca queria ter era uma esposa assim, que fica esperando o marido, aí cuida só dos filhos e não se relaciona com outras pessoas. Então o mundo é filhos, televisão, empregada. Isso eu nunca quis ter. A (nome da parceira) está longe de ser isso, porque ela tem muitos contatos fora. Agora, o sentimento que tenho é de responsabilidade, aquela coisa assim de que você tem dois filhos na escola, como a gente brinca, a gente fala: - Ah, tenho que cuidar do leitinho das crianças. Trabalhar, fazer hora extra, fica mais no meu ombro, e não dá para jogar tudo para cima e falar para o chefe: - Olha, não vou engolir esse sapo e tchau. Virar as costas e vou dar um tempo para mim. Quer dizer a responsabilidade é enorme. Olha, um amigo meu estava uma vez falando isso, porque a esposa tinha bolsa de ensino, acho que da FAPESP, e sei que cortaram um monte de bolsa. Espero que não aconteça com você o mesmo. Eles estão desesperados. Puxa, então, era tão bem vindo aquele dinheiro dela, era um dinheiro dela, que ela usava. Essa parte acho que é importante para a mulher. Mesmo que você dê para sua mulher e fale: - Isso é teu. Não é igual a você ter conquistado." (38 anos, casado, dois filhos)*

O relato acima aponta para uma ambigüidade. Ao mesmo tempo que busca no par amoroso um relacionamento mais equilibrado, em que as responsabilidades com o sustento da casa sejam divididas com a parceira, e que esta busque a sua realização e seus objetivos no

próprio trabalho, podemos perceber em seu depoimento uma visão do masculino e do feminino permeada pela construção hegemônica de gênero. Essa visão está expressa nas suas referências ao casal de amigos que passaram por dificuldades financeiras. Trata os recursos da mulher como uma "ajuda", um "extra" bem vindo, o que significa que a responsabilidade financeira principal está associada ao homem.

Um dos informantes da geração de 70, solteiro e sem filhos, é bastante crítico quanto ao modelo predominante de gênero. Aponta para a insegurança dos homens que estão perdendo "o palanque" e têm que enfrentar situações de inversão de papéis. Afirma também que a demanda de mudança parte das mulheres, e que os homens se sentem "totalmente perdidos" nesse contexto de contínua transformação.

"Homem é basicamente um burro, um animal burro. O homem é um burro. Então, no minuto que você tira o palanque debaixo dele, ele não sabe o que fazer, então com essas mudanças todas ele não sabe se ele é um macho mais. Eu não sei se cada geração tem as mesmas visões de mudanças, porque obviamente toda época é uma época de mudanças. Então provavelmente as nossas observações aqui hoje já foram feitas antigamente, e assim até o começo do tempo. Então, acho que a mudança é contínua, mas o domínio do homem está sendo, não vou dizer ameaçado, mas invadido pela mulher em todos os pontos. Antes o homem era o leão, o rei supremo, hoje tem mulher que fala assim: - Meu amigo, eu não preciso de você. Eu posso trabalhar e ter a minha vida e oh (bate com as mãos), não preciso de você. Então o homem já sente um pouco desnorteado, porque ele, parece que o homem precisa ter alguém que dependa dele. Então, como os papéis tradicionais estão sendo invadidos pelas mulheres, o homem não sabe exatamente onde se posicionar, entendeu? É, ele fica meio inibido até, eu noto isso nos restaurantes, você vai nos restaurantes, e muitas vezes na hora de pagar a conta é a mulher que paga, e você vê nitidamente o cara ficar encolhido, encolhido, sabe. Quem sempre foi o provedor foi o homem, quem era o forte era o homem. Então isso agora veio à superfície e explodiu, né, implodiu o mundinho tranquilo do homem, não é?" (44 anos, solteiro, sem filhos)

A partir desses relatos, parece-me importante pontuar duas questões. A primeira é o esforço de superação dos valores predominantes de gênero, vistos como um tanto anacrônicos, muito embora esse processo seja conflituoso e gere muitas ambigüidades. Não há posições confortáveis e duradouras. Há mudanças, desconfortos e tensões. A segunda questão é de ordem econômica, e está relacionada ao padrão de consumo de camadas médias e ao seu projeto de ascensão social. A manutenção de ambos não pode prescindir

do trabalho feminino. Portanto, a busca por uma estabilidade econômica é um aspecto central no projeto de conjugalidade dos informantes.

Divisão do trabalho doméstico

A flexibilização dos papéis de gênero, trazida pela mudança dos valores e pela inserção da mulher de camadas médias no mercado de trabalho, produziu rearranjos na organização familiar. Entretanto, nem tudo se jogou fora. A maioria dos homens pertencentes à geração de 60, diferentemente dos pertencentes às gerações posteriores, mantiveram a divisão sexual do trabalho doméstico, enfatizando a sua proximidade do doméstico como “ajuda” à parceira. Um desses informantes afirma que a sua “ajuda” se restringe aos finais de semana, enfatizando que sempre teve empregadas domésticas, e que portanto, não havia a necessidade de seu envolvimento direto com as tarefas domésticas. Considera as suas ex-parceiras e a parceira atual como “donas-de-casa deficientes”, cabendo a elas, entretanto, a iniciativa e a preocupação com a administração da casa e da relação com as empregadas.

"Todas as minhas mulheres foram donas de casa deficientes, nenhuma delas foi muito interessada em assuntos domésticos. Nenhuma delas. Inclusive a minha atual mulher. Cada uma por uma razão diferente. Então, tem que ter uma empregada super eficiente, e então, eu também me envolvo muito pouco. Eu tenho até uma tendência: em vez de comandar a empregada, eu falo com a minha parceira: - Olha, vê se você consegue isso para mim e tal. Como se eu precisasse da intermediação dela, como se eu não pudesse falar diretamente. Eu tenho mania de fazer isso, talvez na minha vida toda, eu uso intermediário para fazer as coisas. Para resolver conflitos, então acho que para evitar a conversa direta, eu uso intermediário. Eu fico sempre em última instância, na hora que eu falo direto é porque eu, vamos dizer assim, não tem mais recursos. Em última instância. Então, eu uso intermediário até quando dá. Então é isso. Eu sou muito assim. Agora, fim de semana sem empregada, eu sou o primeiro a por a mesa, tirar a mesa, eu ajudo a arrumar a cama. Eu estou sempre fazendo, embora eu não me sinto assim perfeitamente identificado com essa situação, no fundo parece que eu estou fazendo alguma coisa a mais. Ajudo sempre." (51 anos, casado, dois filhos e uma filha)

Essa posição difere da maioria dos homens das gerações de 70 e 80, que se colocam como mais próximos da vida privada e doméstica, muito embora alguns aleguem que o compromisso diário com o trabalho contribua para que o seu envolvimento com as tarefas domésticas se restrinja aos finais de semana. A maioria dos informantes tinha empregada doméstica ou diarista. Este é um ponto de diferenciação importante entre as camadas

médias e as camadas populares. A empregada doméstica funciona como um "amortecedor" das relações de gênero, permitindo que muitas questões envolvendo os papéis sociais de gênero não entrem em disputa e sejam diluídas pela figura da empregada. Bilac (1995) já havia levantado a pertinência dessa questão e a necessidade de explorá-la. Mais recentemente, Unbehaum (2000) e Marcondes (2002) destacaram a presença da empregada doméstica como figura importante na dinâmica das relações entre os casais, cumprindo o papel de suprimir ou mascarar as disputas internas da rotina familiar.

*"A gente tinha uma faxineira eventual que vinha em casa. **E quem fazia mais o trabalho doméstico? Vocês dividiam?** É, às vezes tinha essa: um cozinha e o outro lava. Aí, eu cozinha ela lavava, ela cozinha eu lavava. Mas assim, ela fazia mais do que eu, não tem nem como comparar o trabalho doméstico dela, apesar dela estar trabalhando nessa época ainda. Mas eu tinha mais compromisso de horários e tal com o meu trabalho. **E tem algum motivo para ter sido assim?** As perguntas capetas, não é? Eu diria que tem muito isso de modelo de pais, não é? Nesse sentido assim, de quem de repente vai acionar a máquina de lavar roupa, mas eu lavava também. (38 anos, casado, dois filhos)*

"À noite, (nome da mulher) fazia as coisa de casa, lavava roupa, lavava louça, fazia faxina). Eu fazia também, eu sempre passei roupa. É que eu trabalhava à noite também, dando aula. Então, chegava onze horas da noite em casa. Então, aí ela é que tinha que fazer mesmo as atividades da casa. Eu chegava estourado das aulas. É muito desgastante, eu já cheguei a dar aula todos os dias. Essa semana eu dei aula todas as noites. Então, eu chego acabado. Claro, chegar no fim de semana, passar roupa, fazer as coisas, sempre ajudei. Porque a gente trabalhava o dia inteiro, eu chegava em casa ela ficava lavando roupa, louça. Melhor coisa que a gente fez foi arranjar uma empregada. E hoje é ela (a empregada) quem faz, é uma pessoa muito dedicada. " (37 anos, casado, uma filha)

No depoimento abaixo, a ausência de empregada doméstica e o desemprego da parceira são fatores elencados pelo informante, para justificar a responsabilidade dela pelas tarefas domésticas. Contudo, enfatiza que possui a capacitação para o exercício das mesmas tarefas. Sugere que seu envolvimento na paternagem é por ele desejado e considerado importante na proximidade com o filho. Para esse sujeito a participação nos cuidados infantis faz parte da construção da relação de intimidade com o filho.

"Mas como é que é, por exemplo, a divisão de tarefas em casa? Sempre dividido. Depois que nasceu o (nome do filho), aí ela já estava sem emprego e continuou. Quando ela voltou, trabalhou três meses, quatro meses, aí foi mandada embora. Está até hoje. Então quando ela trabalhava fora, sempre foi dividido. Quase tudo. Eu, quando eu fui casar, eu já falei: - Olha, eu, tudo eu faço. Eu cozinho, eu adoro cozinhar, eu amo cozinhar. Meu

sonho é ter uma cozinha mesmo pra mim. Adoro. Esse programa aí de culinária, eu fico grudado na televisão. Eu gosto, é uma coisa minha. Mas como te disse, antes de casar eu falei: - A única coisa que eu não vou fazer é passar roupa. Eu nunca passei roupa bem, até posso tentar passar mas não passo legal, então por isso que eu falei que não passaria. Então falei brincando: - Passar roupa, eu não passo. Então, quando os dois estavam trabalhando, quem chegasse primeiro cozinava. Agora, quando ela ficou em casa, eu disse assim: - Nada mais justo porque agora você está trabalhando em casa. Então eu não acho justo ela ficar o dia inteiro em casa, eu trabalhando fora e eu ainda ter que chegar e dividir tarefas, apesar que uma das tarefas é a troca de fraldas do meu filho à noite. Isso eu faço. Ainda troca de fraldas. Mas isso é porque eu tenho um contato com o meu filho assim fora do comum. Então em relação ao filho eu divido as tarefas, trocar fraldas, dar mamadeira, passear, levar no médico, absolutamente tudo. Ontem eu levei ele no otorrino. Aí ele chegou lá todo borrado. Aí eu cheguei pra atendente e falei assim: - Tem algum lugar pra trocar fraldas? Eu estava de terno, de gravata, tal; - Ah, mas o senhor que vai trocar? - É. Por que? Tem algum problema? Não, não, não, o senhor então vai lá e troca. (risos). E eu sempre fui muito ativo com o meu filho, muito ativo. É assim, se eu sair e ele está com a mãe, ele fica numa boa com a mãe. Mas se ela sair, ele também fica numa boa comigo. Entendeu? Não tem aquela: - Ah, mamãe, ah, mamãe! Então o meu filho, eu chego à noite em casa, ele procura a atenção, eu sempre dou, a primeira coisa. Vou chegar em casa agora, ele vai falar assim: - Pai, vamos jogar bola lá no quarto? Eu vou jogar bola com ele. Então, meu filho em primeiro lugar, sempre." (32 anos, casado, um filho)

"Quantos anos você ficou casado no primeiro? Eu fiquei casado uns quinze anos, mais ou menos. **E como é que era assim, a relação no dia a dia, enfim, as tarefas domésticas, como é que isso era resolvido? Vocês tinham empregada ou não tinham?** Não, no começo não, não. Eu fui ter empregada lá pelas tantas, não sei nem quando. Olha, com a primeira mulher, a gente foi descobrindo as coisas meio junto, nessa coisa meio embolada assim, era um pouco cada um fazia. Tinha uma coisa meio solta, cada um fazia o que achava, às vezes saía para fazer uma tarefa junto, às vezes não. Cada um fazia uma parte, não tinha muita divisão, não. Eu cozinava bastante, normalmente, acho que bem mais que ela. Às vezes juntos, às vezes até com outros amigos, fazia uma coisa em comum, mas em geral a gente cuidava, cada hora era um que fazia. **E as crianças, quem cuidava?** Quando começou, quando veio a primeira filha, aí eu acho que começou a ter um apoio sim, ter empregada, acho que a gente podia ter até uma eventual, depois a gente começou a ter uma mais fixa, mas praticamente, as coisas sempre foram meio misturadas. De cada um cuidar e mais para o fim eu comecei a ter uma atividade profissional mais regular, que foi até quando a gente acabou o casamento. Numa ocasião, eu entrei num cargo de Governo aí, daí comecei ter uma vida totalmente programada, porque tinha horário, tinha viagem, tinha não sei o quê, toda programada, toda voltada para o trabalho, e era um trabalho fora de casa, porque antes a gente sempre foi muito junto também, a gente trabalhava em casa, eu tinha o estúdio lá, o ateliê, depois eu comecei a ter fora. Ela sempre trabalhou como psicóloga, também dava aulas. Agora, nesse casamento atual, a gente já começou tendo empregada, ne? Então no final de semana a gente divide o trabalho com a casa, as crianças." (46 anos, casado, duas filhas e um filho)

*"Como é que era a divisão de tarefas domésticas nesse período? Ah, eu fazia, vamos dizer assim, eu procurava fazer, porque como a gente recebia influências, porque a gente estava militando na esquerda, também tem uma parte de militância na esquerda, de socialismo. Então, a idéia de socialismo, socializar, inclusive tarefas e com isso daí a gente, eu principalmente fui assimilando. Então as tarefas de casa a gente dividia. Fazia. Lógico que sobrava mais para ela. Ela sempre reclamou de ter que fazer coisas. Porque tem mais habilidade, a gente ia fazer não tinha tanta habilidade, não é? Mas dentro do possível, eu sempre a ajudei. **A renda de vocês era próxima?** Não, eu sempre ganhei mais. É que eu tinha trabalho especializado, na área técnica, então o meu salário sempre foi maior. Se bem que eu também tive mais períodos de desemprego. E ela tinha um trabalho mais constante. Ganhava menos, era uma função pública que ganhava pouco, mas era regular. E era meio período. Trabalhava meio período." 45 anos, descasado, uma filha).*

Esses depoimentos nos levam a refletir sobre uma certa rigidez estrutural - social e econômica - que pode estar de certa forma dificultando a mudança desses papéis. Em primeiro lugar, os homens não foram socializados para o trabalho doméstico; daí a sua menor habilidade, por isso vão fazê-lo em mais tempo e com pior qualidade; se a mulher for exigente, isso pode gerar conflitos ou levá-la a assumir mais esse trabalho. Em segundo lugar, se o homem ganha mais, porque exerce profissões mais bem remuneradas, isso já é um incentivo econômico à reafirmação da divisão sexual do trabalho; se a lógica que prevalecer for da racionalidade social, ambas as tendências podem reforçar o retorno do casal à divisão de trabalho herdada, ainda que seus valores no início da relação os tenham levado a tentar um arranjo doméstico diferente. Percebe-se que em muitos dos depoimentos, o arranjo doméstico é baseado em uma divisão das tarefas e atribuições mais igualitária, mas à medida que o homem cresce profissionalmente, e a mulher sai do mercado para ter filhos, o casal é empurrado de volta ao arranjo doméstico da geração dos pais. Supõe-se que nesses casos, a reprodução coloca sob ameaça o projeto "igualitário".

Um dos informantes solteiros afirma que as mudanças que estão se processando nas relações de gênero não podem ser generalizadas. Afirma também ser o único responsável pela sua própria sobrevivência, e não depender de uma mulher para a realização das tarefas domésticas. Na sua relação com a namorada, observa que a surpresa com a divisão das tarefas cotidianas da casa, parte da namorada, e não dele.

"O homem tá mudando um pouquinho, né. A mulher fala assim: - Vou chegar depois de você, faz o serviço. Então hoje você já vê homens tomando conta da casa assim, mas

generalizando, ainda é a mulher que trabalha fora, não interessa, chega em casa, a casa tem que estar arrumada, ela que tem que cuidar, não o homem. Então eu acho que o homem é muito acomodado neste sentido, ele só acorda mesmo quando algo que precisa ser feito bate na cara dele: - Oh, teu filho está aqui, está cheio de merda, vai trocar. Sabe, do contrário, ele nem pensa nisso. Eu não tenho nenhum problema de cuidar da casa. Eu moro sozinho. Quem lava roupa sou eu. Eu não tenho máquina de lavar, eu lavo na mão, entendeu? Se eu quiser comer, eu faço a comida. Eu lavo os pratos. Agora eu não sei se isso é algo meu ou se é um fruto do tempo que vai mudando. E quebro os papéis tradicionais, então eu não tenho essa neura, de: - Não espera aí, eu não vou lavar prato. Hoje eu faço o papel tradicional do macho e o papel tradicional da mulher, com a minha namorada. Ela levanta cedo, eu fico assistindo um pouco de televisão, fico na cama, ela põe a mesa e faz o café, aí eu vou lá e tomo o café. Só que daí eu inverte os papéis, ela sai e eu tiro a mesa, lavo os pratos, guardo tudo, entendeu? Então eu faço os dois papéis, um tipo macho idiota que tem que ser servido, só que aí eu paro, aí eu limpo a mesa, lavo os pratos e guardo tudo. Aí ela estranha: - Ué? A mesa tá tirada?; - Ah eu tirei. É meu papel ou não é? Então pra mim é até difícil não ser diferente, eu sou solteiro, não dependo de ninguém." (44 anos, solteiro, sem filhos)

O trabalho doméstico continua sendo o nó dos arranjos domésticos familiares. É bem verdade que muitos dos informantes saíram da posição de "ajudante" doméstico da parceira, para desempenhar um papel mais ativo, especialmente quando ambos têm um trabalho de período integral. O que significa uma atualização do modelo familiar do qual foram herdeiros. Por outro lado, há circunstâncias conjunturais, quando as parceiras estão desempregadas, ou trabalham meio período, em que eles se sentem mais desobrigados com o doméstico, e retornam à posição de 'ajudante' de fim-de-semana. Na sua maioria, são ainda as mulheres (parceiras e empregadas) que dedicam mais horas do seu tempo aos serviços domésticos, desde a preparação das refeições cotidianas ao cuidado da roupa e limpeza da casa. Os trabalhos de Oliveira, Bilac e Muszkat (2000) e Unbehaum (2000) também apontam nessa direção.

É importante ressaltar que não foram formuladas questões sobre as atribuições de tarefas relacionadas aos assuntos financeiros (seguros, impostos, pagamentos de contas etc.) e a administração dos bens do casal. Da mesma forma, em nenhum momento esse assunto foi mencionado pelos entrevistados como uma tarefa doméstica atribuída a um dos cônjuges. Portanto, não podemos inferir sobre a quem cabem essas atribuições, as quais certamente demandam tempo e capacidade de gerenciamento do casal.

Dimensão afetivo-sexual

Em relação às suas vivências afetivo-sexuais, a maior parte dos informantes, independentemente da geração, declarou buscar não separar a sexualidade da afetividade nas suas relações. Esse “ideal” de relacionamento, propagado socialmente como feminino, está presente no discurso de todos.

"Pra mim o que importa é ter aquele sentimento gostoso, quando você percebe que tem envolvimento com a pessoa, não é o sexo, sabe? Deixar os sentimentos fluírem. Claro que sexo por sexo tem muito por aí. Mas eu pessoalmente preciso estar próximo da pessoa, ter uma afetividade, sabe como é?" (27 anos, solteiro, sem filhos)

Um dos informantes afirma que foi somente com a atual mulher que foi possível organizar a sua relação afetivo-sexual. Seu depoimento expressa um redimensionamento da sexualidade e da afetividade e um afastamento da herança paterna. Tornar o ato sexual gratificante, para esse informante, significou afastar-se dos valores herdados do pai, cujo comportamento em relação às mulheres oscilava entre o desprezo e a tolerância.

"O meu pai dizia: - Você tem que trepar e comer muitas mulheres. Você é machão, garanhão, você sai fecundando as moças, mulher é um bicho que você engana prá comer. Se a mulher estiver menstruada você respeita essa mulher, você não a toque, tolere qualquer malcriação dela...Ele me ensinava por exemplo a fazer a corte, como se aproximar e me insinuar pras mulheres. Eu era muito feio e passei a não ser mal sucedido, na medida em que eu ouvi as lições de meu pai e me tornava irresistível pras moças, tinha gestos que as moças da minha idade não esperavam, mandar flores em casa, surpreender num lugar. Eu aprendi a copiá-lo. Eu me treinava. Eu voltava para casa cansado, não era uma coisa que eu fazia naturalmente. Eu só vim mesmo me entender com a minha mulher atual. Entender que uma relação com uma mulher é uma relação de troca, a afetividade está no sexo, afetividade e sexo não são duas coisas paralelas, sexo é uma manifestação da afetividade, do amor que eu sinto por ela, eu não manifesto o meu amor dando um buquê de rosas para ela..." (45 anos, casado, um filho e uma filha)

Entretanto, apesar de os discursos da maioria dos sujeitos confluírem para uma re-significação da sexualidade e da afetividade em suas vidas, nem sempre as práticas relatadas coincidem com os mesmos. Desse modo, quatro informantes casados, pertencentes às três distintas gerações, afirmam que esporadicamente se utilizam do sexo comercial com prostitutas, travestis ou garotas de programa. Um deles afirma que, muito embora o sexo utilizado dessa forma não tenha o prazer da conquista - a qual ressen-te-se de

não ter vivido na sua adolescência - é atraído pela curiosidade sexual ou por “puro prazer”. Dois informantes referem-se a esses encontros como sem nenhuma importância na sua vida afetiva, enfatizando, entretanto, a busca pela realização de suas fantasias sexuais. Acrescentam que são raros de acontecer, e coincidem com momentos de desinteresse sexual pela parceira ou da parceira. Nesses casos, apesar dos discursos modernizantes, ancorados no modelo de igualdade entre os sexos, alguns informantes ainda se pautam pela lógica da dupla moral sexual.

Um dos informantes, apesar de ter tido uma experiência negativa inicial com prostituta, hoje diz ser freqüentador eventual da zona de prostituição. Assim como o pai, ele precisa do sexo que não consegue obter em casa, e de cuja falta se ressente, porém entende a recusa da companheira e a fase difícil pela qual está passando no momento. O sexo comercial entretanto, não envolve conquista, e a conquista é um elemento fundamental na sua visão da masculinidade. Refere-se à conquista como algo que “ficou pra trás”, e mal resolvido, na sua adolescência. O sexo comercial é visto como “por puro prazer”, restringindo o seu significado à realização de fantasias: “só tem valor se eu conquistasse”. O sexo comercial realiza a sua fantasia da mulher “ideal”, do ponto de vista das suas características físicas, como expressa no seu depoimento: “quando eu vou procuro sempre a mulher que eu tenho como ideal”.

***"Qual é a importância do sexo na sua vida? O sexo é importante na minha vida, aliás, é muito importante. Minha esposa está passando por uma fase difícil, ela engordou muito, perdeu as formas, não está se gostando. Esta desempregada. E isso tira o tesão. Na verdade, ela não tem nenhuma vontade de transar. Ela está tomando Prozac e foi uma ginecologista que receitou. Então ela está passando por uma fase bastante difícil. Muito difícil. Então, tem que entender, né. Eu procuro sexo comercial muito raramente. Bem esporadicamente, vou mais na balada de amigos. Não sei se significa muito, na verdade não significa quase nada. Eu acho que ficou muito pra trás pelo fato da minha adolescência, tal, ficou muito pra trás o lance da conquista, sabe? Então pra mim não tem valor nenhum. Só tem valor se eu conquistasse. Não tem valor nenhum. Quando eu vou eu procuro sempre a mulher mais que eu tenho como ideal, bem torneada, que a minha mulher perdeu todas as formas, né. Então fantasio muito com isso. "** (32 anos, casado, um filho).*

Mais adiante, esse mesmo informante fala da responsabilidade para com a família, enquanto um homem "moderno" e marido solidário. As relações extraconjugais são vistas

como necessárias, porém não podem abalar o compromisso familiar. Conselho que passa adiante aos amigos. Nesse sentido, evidenciam-se aspectos da dupla moral sexual em seu depoimento. Isso é percebido pelo relato abaixo:

"Eu sou um homem moderno. Eu sou um homem que me dou demais, que me preocupo demais com o bem – estar da minha companheira. Não penso só em mim, não sou um egoísta. Então eu peso muito: - Pô, mas ela tá em casa com meu filho. Então eu peso bastante isso. Eu tinha um amigo que tinha uma amante. Eu falei - Você está deixando a desejar pra sua família pra ficar com uma mulher que sabe, sei lá, se vai estar amanhã.; - Você não está sendo pai pro seu filho. Eu cobro isso dele, você não está sendo um bom pai, você não está sendo correto, você está pisando na bola com eles ou mesmo com a mulher. A necessidade às vezes de sair com outra mulher eu entendo. Você sair e ficar com uma mulher é uma coisa, você ter amante é uma coisa muito pesada, ou seja, sabe, você pode se estrear, você deixa de dar para a sua família. A sua família vai ficando pra trás. Então eu falo isso pra ele, sabe, e hoje ele reconhece. - Pô você foi o único amigo que me tirou dessa." (32 anos, casado, um filho)

O tema da infidelidade é visto como tendo importância e estando em processo de reavaliação pelo informante. Sente que a “escapada” é necessária tanto para homens como para mulheres. Muito embora admita que a necessidade é para ambos, não acredita que esse tema possa ser de interesse para a sua parceira. Segundo o informante, a “sociedade machista” o impediria de incentivar esse comportamento na sua parceira: “Eu poderia me fingir de morto, se eu soubesse, mas não que eu iria incentivá-la a valer”. O próprio informante vê o seu comportamento de maneira crítica: “Eu prego uma coisa e estou fazendo uma completamente diferente”. As suas dificuldades em relação a modificar os valores herdados e assumir novos valores de gênero são bastante presentes nos seus relatos, e afirmadas pelo próprio informante de maneira conclusiva: “Eu digo, eu falo na teoria é lindo, né, e a prática é muito mais difícil”.

Um informante solteiro teve relacionamento com garotas de programa em SP, do Café Photo, casa noturna que ficou bastante conhecida na década de 90, pois era freqüentada por mulheres na sua maioria universitárias, consideradas fisicamente atraentes, e que se ofereciam como garotas de programa. Essa procura foi movida por fantasias e curiosidade. Apesar de ter freqüentado esse local, algumas vezes acompanhando outras pessoas, tem um olhar crítico sobre o tipo de relação que se estabelece com as mulheres.

"Tem vez por exemplo, que você tem que levar clientes, o cara vem para comprar um automóvel de 200 mil reais com você. Vem de Cuiabá. Chega em você e fala: - Me leva no Café Photo. Aí, eu tenho que ir. Vou de acompanhante. Não rola o sexo em si, mas rola dela sentar na mesa. Faz parte da brincadeira toda. Não vou ficar lá sentado de braços cruzados, mal humorado, com o cara se divertindo. E se a menina vem e fala: - Ah, você é lindo. Eu digo: - Hã, tá... Sabe, não tem graça. Dizem também: - Ah, eu quero tanto você. Eu respondo: - Ah, eu sei. São muito gentis. Elas não têm cultura. O pouco que têm é distorcido em função do que faz, do tipo de vida. Então, o negócio lá é muito chato. É uma gente, como eu te falei, chata. Não é isso que me atrai.. A maneira com que a pessoa encara as coisas, a experiência que tem. Isso me atrai muito mais. " (32 anos, solteiro, sem filhos)

Um dos informantes diz que a recusa do sexo pela parceira, aliada à necessidade que ele tem do sexo, o fez procurar relações eventuais. Tem no conselho do avô de um amigo - *"Melhor pagar por vez, do que pagar por mês"*- uma referência de comportamento masculino

"A (nome da esposa) está evitando o sexo. E eu fico querendo muito. Procuro o sexo comercial para relaxar. Então, você acaba relaxando, mas ao mesmo tempo você fica tenso, porque não é uma coisa legal. Tem um ditado que um avô de um amigo meu ensinou, ele falou assim: - É melhor pagar por vez, do que pagar por mês. Então, ele queria dizer o seguinte, que se na tua cabeça fosse resolver ter uma pessoa fora, vamos dizer assim, uma garota de programa, pague lá cem reais, duzentos, sei lá quanto for, e pronto. Tem aquele sexo, vai lá, volta para casa, pronto acabou, tudo passou. Melhor do que ter uma relação fora que você engana sua esposa, uma relação de amor, que você vai beijar na boca, que você vai compartilhar sonhos e vai ser muito mais caro. Que loucura! provavelmente, você vai se endividar com essa outra pessoa, então, Melhor pagar por vez, do que pagar por mês. " (38 anos, casado, dois filhos)

Como pude observar pelos relatos acima, o sexo comercial é justificado para "relaxar", "aliviar tensões" ou "realizar fantasias". Entretanto, essas relações são marcadas por limites impostos pelos próprios informantes. Dessa forma, buscam o prazer sexual sem envolvimento afetivo, retomando um modelo de masculinidade no qual sexo e afeto são freqüentemente separados. Portanto, mesmo no contexto de relações supostamente igualitárias, parece haver espaço, pelo menos para os homens, de realização de fantasias e desejos que se enquadram na construção hegemônica de gênero. Ou seja, a disponibilidade do sexo impessoal, em que a reciprocidade, que marca as relações entre os iguais, estão ausentes.

Relações homoeróticas

O sexo fora de uma relação estável é, de um modo geral, heterossexual. Porém, como já visto no capítulo 2, as brincadeiras sexuais entre meninos fizeram parte da socialização de muitos dos informantes. Dentre aqueles que tiveram essa experiência, seis relataram algum tipo de experiência homossexual na vida adulta. Quatro deles disseram que foram experiências únicas que não se repetiram. Entretanto, dois deles procuram sexo com travestis, embora tenham dito que essa procura é pouco freqüente. Um deles afirma ser bissexual. O sentimento de culpa ou inadequação pelos seus desejos é relatado por esses informantes. Um deles é casado. No caso do informante casado que tem relações esporádicas com travestis, o seu desejo sexual é percebido por ele como conflituoso, do qual espera "se livrar", muito embora esse desejo o acompanhe desde a adolescência, e sua primeira relação com um travesti tenha ocorrido antes do seu primeiro casamento:

"Começo a namorar aos vinte. É aí eu lembro que ela era virgem e foi difícil. É, foi difícil a nossa primeira relação e não foi uma coisa legal pra ela e pra mim também. Eu acho a frase falada nessa hora aí com ela que é algo que existe até hoje, é: - Eu não sei se eu vou conseguir. Sabe, perder a ereção. Na hora, brochar. Nós ficamos casados por pouco tempo, um ano e meio. Nós namoramos dos vinte até os meus vinte e três, casamos e aí ficamos juntos. Durou pouco. Não tivemos filhos. Aí ficamos casados acho que por um ano e meio e aí nos separamos. Eu acho que enquanto eu estava namorando com ela, então antes de casarmos aí e tal, já tinha me levado a aventuras factuais já, né. E assim uns seis meses antes de casarmos, eu tive uma relação com um travesti, uma coisa que eu saí dali completamente pirado, completamente pirado. Eu lembro que eu fui pra casa desses amigos, eu não dormi, eu fui pra casa dos amigos de manhã, quer dizer, eu resolvi botar o casamento em crise ao falar desse assunto. Se eu pudesse mudar alguma coisa em mim, assim como se fosse uma coisa de passe de mágica, seria isso, de acabar, dissolver, de desaparecer esse desejo homossexual, essa coisa que me incomoda." (44 anos, casado, uma filha)

Apesar de o universo de investigação ser majoritariamente composto por indivíduos que se assumem como heterossexuais, alguns deles assumiram desejos sexuais pelo mesmo sexo em algum momento de sua trajetória de vida. Ter em seu círculo de amizades homossexuais atesta para si e para os outros a ausência de preconceito. Contudo, ser uma coisa (heterossexual) ou outra (homossexual) é para a maioria dos informantes uma diferenciação

importante. Não há entendimento sobre a homossexualidade²⁷ como doença ou desvio, mas sim como uma opção, algo dentro do "normal". Muitos dos relatos que se seguem respaldam essa afirmativa:

Você já foi cantado por homens? Já. E como é que você lidou com isso? Como é que você reagiu? Na época de faculdade, tinha uns colegas lá, que eram interessados em mim e tal. A gente era amigo e levava isso, eu não achava ruim. ***E como é que foi ser cantado por homem? Como é que você se sentiu?*** É, não deu. Não deu certo, na época não queria, mas não me incomodou. (46 anos, casado, duas filhas, um filho)

Já fui cantado por homem. Para minha surpresa, porque é uma pessoa que eu respeito muito. Simplesmente falei: - Não é a minha. Ele falou: - Ah, tudo bem. E continuamos o papo normal. Também não acho ruim isso. Normal. Eu só acho que tem que estar aberto, porque se fosse em outro tempo, eu diria: - Hei, o que é isso? Eu faria isso. Tem cara que odeia ser cantado por mulher e odeia mais ainda ser cantado por homem. Ele tem que sempre estar tomando iniciativa. Então, acho que o cara não pode ficar muito nisso. Preso. Eu acho que tem que soltar as amarras mesmo. Mesma coisa quando é cantado por um cara: ou você aceita ou não aceita. (45 anos, descasado, sem filhos)

E por homens você já foi cantado? Já. Várias vezes. E como é que você lida com isso? Isso te incomoda? Não incomoda, não, eu acho que de certa forma, por homens e mulheres, alguma coisa você está passando de bom, positivo, então a partir do momento que eu gosto do meu corpo, que eu gosto de mim. Então, eu acho isso legal. É bom. (37 anos, descasado, dois filhos)

Nem todos se colocam de maneira a aceitar a abordagem masculina. Ao mesmo tempo que o informante declara não se incomodar com a possível homossexualidade de colegas, precisa demarcar limites que afirmem a centralidade da heterossexualidade na identidade masculina

Eu tenho uma opção, de que realmente, pode ser até uma coisa preconceituosa, mas não curto, não tem a ver, nem me permito curtir algum tipo de relação homossexual, com relação a isso, não suporto, falou? Não me incomoda de ter colegas, que de repente até venham a ser homossexuais, mas é aquela coisa, não venha me cantar, não encosta em mim, porque senão vai tomar bolachada mesmo. (28 anos, solteiro, sem filhos)

²⁷ Costa (1992) questiona o uso da categoria "homossexualidade", sugerindo em seu lugar a categoria de "homoerotismo". Segundo Costa, o termo homossexualidade sublinha a imagem de relação "normal" versus "anormal" criada no século 19, com o interesse de afirmar um modo de vida centrado na idéia de família. Está historicamente associado à idéia de doença, neurose e perversão. O uso do conceito homoerotismo ou relações eróticas visaria desfazer a associação entre o homossexual e o perverso.

Um dos entrevistados relatou que sempre conviveu com homossexuais na família; e muito embora tenha sido difícil no início "lidar bem com a história", observa que o fato do irmão mais velho ter sido bem sucedido na profissão, propiciou que a família aceitasse a sua opção sexual. Supõe-se que o sucesso material do irmão resgata um dos elementos do modelo predominante de masculinidade para os membros da família. Contudo, chama a atenção a dificuldade da mãe, por ele relatada, em aceitar a opção sexual da irmã.

Você já foi cantado por homens? Já. E como você lidou com isso? Foi uma coisa que te incomodou? Eu tenho caso de homossexualismo na minha família. Assumido. Tem três irmãos. Uma mulher, a minha irmã mais velha, o meu irmão mais novo do que eu, e o meu irmão acima de mim. E como é que é isso, na sua família e para você? Nossa ! Foi horrível. Quando eu descobri, porque o (nome do irmão) foi a primeira pessoa, o primeiro deles que acabou assumindo. Ele falou para os irmãos. Minha mãe e meu pai descobriram depois. Então, foi uma coisa muito ruim para mim. Nossa ! Eu fiquei assim, sem dormir muito tempo, eu achava um absurdo isso. Hoje eu lido muito bem com essa história. Eu lido muito bem. O meu irmão é uma pessoa muito legal assim, eu gosto demais de todos eles. A (nome da irmã) é uma pessoa que não está muito resolvida. Ela está com muito problema, ela precisa de uma terapia pesada. Não por isso, por isso não, ela é assumida, ela é legal, mas ela teve uma série de relações muito ruins. A minha família toda sabe. Hoje eles estão bem. Claro que foi triste. Eu penso que o (nome do irmão mais velho) como ele é uma pessoa muito bem sucedida, muito bem sucedida, ele é estilista de moda, tem apartamento em todo quanto é lugar, tem muito imóvel, ele deu para a minha mãe um apartamento de presente, eles estão viajando juntos de navio agora. Então, ele proporcionou uma vida para a minha mãe, que não sei se isso compôs essa história. Eu sei que minha mãe mudou essa relação, esse sentimento. Ele fez tudo para a minha mãe. Carinhoso. Ele trouxe para ela tudo o que ela não tinha e não podia ter. Ela não poderia ter comprado um apartamento em Moema, com três dormitórios e com piscina. Ele deu para ela mobiliado. Então, a gente começou, aprendeu a conviver com isso através do meu irmão. Então, eu acho que ele fez com que a minha mãe visse de outro jeito e fez com que todos os irmãos vissem, daí era muito mais fácil. Depois veio o irmão mais novo) e a (nome da irmã). A (nome da irmã) foi mais difícil, minha mãe não aceita. Porque ela foi a primeira filha, ela queria que a (nome da irmã) casasse tivesse filhos e tudo mais. Então, com relação a isso aí, existe essas coisas de alguém me cantar, eu ajo naturalmente, mas eu não gosto muito. Já aconteceu algumas vezes. Do cara parar para me dar carona, falei: - Não, não quero. (37 anos, casado, uma filha)

3.2 As vivências do corpo sexual e reprodutivo

Nesta seção, são abordados aspectos relacionados à visão dos informantes sobre o corpo masculino e à saúde sexual e reprodutiva. É possível reconhecer alguns problemas que os preocupam do ponto de vista do exercício da sua sexualidade e reprodução, como a

impotência sexual e a esterilidade. A impotência sexual para alguns informantes despertou dúvidas em relação à sua condição de heterossexual. Achei também importante investigar o significado do exame de próstata para os informantes, pois é de conhecimento público que há um preconceito em relação a esse tipo de exame, e isso pode causar um prejuízo à saúde do homem.

O masculino inscrito no corpo

Como já dito no capítulo 2, os informantes não se sentiam muito confortáveis com o seu corpo adolescente; alguns manifestaram vergonha diante da ausência de pelos, ou desconforto por apresentar certos aspectos femininos em seu corpo. Em ambos os casos, o receio de ser acusado de mariquinha, ou se ver associado ao feminino, evocava o fantasma da homossexualidade. Os temores masculinos remetem ao artigo de Da Matta, particularmente no que diz respeito às aparências da masculinidade: “Havia pessoas que tinham 'cara de homem'. Nelas, era visível aquela 'essência masculina' que separava os duros dos moles, os bravos dos covardes, os meros homens dos 'machos'. Nelas, a barba e, sobretudo, o bigode falavam mais alto, pois se as mulheres tinham rostos macios, rosados e lisos, os homens deveriam tê-los ásperos e cinzentos. Pela mesma lógica, se os lábios e as orelhas femininas eram emoldurados pelo batom e pelos brincos, os dos homens eram vestidos por bigodes e cabelo, o que fazia com que todos nós cultivássemos os ralos pêlos que nasciam nas nossas caras e corpos (sobretudo nas pernas e peitos) com imenso cuidado e orgulho. A propósito: ter pêlo na orelha era sinal de masculinidade e malvadeza” (Da Matta, 1997, p. 38)

Alguns desses sinais são traduzidos pelos informantes na forma de preocupação com a sua aparência física atual. Um corpo pleno de significados simbólicos. A associação da forma, tamanho e volume corporais à virilidade e à masculinidade é expressa por alguns deles.

"Eu diria que eu não me sinto forte, o estilo machão, sabe? Eu me sinto, vamos dizer assim, um homem frágil. Eu me sinto; não que eu seja. Já me deram algum feedback dizendo o contrário, mas eu me sinto frágil em relação aos meus irmãos, são todos mais encorpados, eu sou, vamos dizer, menos encorpado. Então, isso dá uma sensação de fragilidade. Não me acho bonito, até me acho baixinho, isso me limita um pouco, me deixa

um pouco limitado, mas eu sei que é algo mais de cabeça do que exatamente uma limitação. Me limita porque eu tenho preconceito de namorar uma moça, por exemplo, mais alta do que eu. É um preconceito. E é uma limitação minha. Eu compreendo que eu tenho que trabalhar essas coisas. " (45 anos, descasado, uma filha)

Um dos informantes disse que se pudesse mudar alguma coisa em seu corpo, mudaria a bunda. Acha-se "muito bundudo". Gostaria também de "ser mais forte em cima", "tipo Tom Cruise". Considera ter aspectos femininos em seu corpo, reclamando particularmente do formato do corpo, solicitando à sua parceira a comprovação da sua masculinidade através da negação dela desses aspectos que enxerga em si mesmo:

"Eu sou um triângulo ao contrário, sabe? Eu falo essas coisas para a (nome da parceira). Eu pareço um pingo. Não que eu seja, ela fala: - Isso é besteira, você que se olha dessa maneira" (37 anos, casado, uma filha)

Um outro informante menciona querer ser menos "barrigudo" e ter um pênis maior. É na observação das qualidades físicas do pênis que os sentidos associados à construção social de gênero se fazem presente na fala do informante: noções de virilidade e exposição da potência expressa na valorização do símbolo fálico destacam-se em seu depoimento.

"Se você pudesse mudar alguma coisa em seu corpo, se você quisesse e pudesse, o que você mudaria? O que eu mudaria? Essa pergunta, essa é danada, heim? Olha, eu tiraria barriga. Aumentaria o tórax aqui, ficaria com o tórax maior. E faria um narizinho mais bonitinho, assim. O pênis eu não tenho problema de tamanho, ele tem um tamanho razoável, quer dizer, não me preocupo com isso. Às vezes, até brinco com a (nome da parceira), ela acha que eu sou preocupado com o tamanho, mas eu não sou, na verdade. Eu brinco, às vezes: - Ah, é pequeno, mas não sei o quê. Eu faço essas brincadeiras assim, eu brinco muito com isso. Então, é possível até, porque quando ele está em descanso, ele é pequeno, então, às vezes, no vestiário do clube assim, eu me preocupo em aumentá-lo, quer dizer, eu dou uma esticada nele, porque eu acho que ele fica muito pequeno, quando está em descanso, mas quando ele está ereto ele é normal, super normal. Então, na verdade tem um probleminha. Eu gostaria que ele fosse um pouco maior do que é hoje, quando em descanso. Talvez excitasse mais uma eventual mulher quando me visse assim nu, se tivesse um corpo melhor e um pênis maior, mas também, a verdade é a seguinte, quando você diminui o tamanho da barriga, o pênis aparentemente, cresce, não é? Você vê um moleque magro, parece que tem um pênis enorme, mas não é, é porque ele é magro. Então, também tem isso" (51 anos, casado, dois filhos e uma filha).

As mudanças que parece ter havido na expressão da afetividade da maioria dos informantes, que engloba a modificação de atitudes e comportamentos em relação a

homens e mulheres, e a incorporação de características consideradas femininas, como a emoção, o afeto e o choro, não podem ultrapassar as fronteiras daquilo que é visivelmente mais masculino, o corpo. Esse masculino que seduz pela sua forma, volume e características anatômicas, garante a sua identidade viril inscrevendo-se no corpo. É dessa forma que se distingue e guarda fronteiras com o feminino, reafirmando a centralidade da virilidade na construção social do corpo.

Se o bumbum feminino é uma mania nacional, o masculino está longe disso. Não há apelo erótico para esta parte do corpo do homem, seja na mídia ou nas músicas. Apenas um simples toque retal, pode também deixar alguns dos informantes preocupados com a sua masculinidade. Refiro-me ao exame de próstata, cuja necessidade se impõe para os homens acima de 40 anos, como preventivo do câncer. Segundo estudo de Laurenti (1998), o câncer de próstata destaca-se entre os tipos de câncer que mais afeta a população masculina das Américas acima dos 40 anos. O diagnóstico precoce permitiria reduzir as taxas de mortalidade associadas a essa doença.

Alguns informantes parecem estar mais atentos à sua saúde física. Realizaram check-up preventivo, exames laboratoriais de rotina e se submeteram ao exame de próstata. Os que ainda não fizeram esse exame, pretendem fazer. E a maioria deles não deixou de mencionar a natureza do exame de próstata. É algo que não passa despercebido, ou indiferente para os homens, pois invade uma área do corpo masculino que é considerada sagrada. Da Matta (1997, pág. 41) expressa bem essa preocupação masculina em seu artigo “Tem pente aí?”: “...era nesta zona que repousava, como nossa brincadeira fazia prova, o inverso da masculinidade. O seu lado obscuro, interior e oculto”.

Em relação ao exame de próstata, um dos informantes trata de maneira jocosa, com piadinhas a respeito dos procedimentos do exame, revelando que se submeteria a ele, muito embora fale do constrangimento que sentiria em ser tocado numa parte íntima do seu corpo, de acesso proibido: “a gente gosta que toque só quem é previamente catalogado”. Fantasia o exame da próstata como sendo “humilhante” e “traumático” para o homem. De acordo com essa visão, ao se penetrar o corpo masculino pelo toque na sua área anal, estar-

se-ia violando um código masculino, de que o homem é quem penetra (ativo) e não se deixa penetrar (passivo).²⁸

"Eu sei como é esse exame, o pessoal fala como que é o exame. Acho que na hora o constrangimento é muito grande, é tudo, o fato de estar mexendo naquela parte do corpo. Mas faria, se precisasse, claro. Faria normal, só que o corpo da gente, a gente gosta que toque só quem é previamente catalogado (risos)". (32 anos, casado, um filho)

"Fiz exame de próstata, porque eu tinha que fazer um exame de hemorróidas e o médico acabou e enfiou o dedão lá". (37 anos, casado, uma filha)

Como diria Da Matta (1997, p. 38), "o traseiro é inequivocamente considerado a parte mais feminina do corpo masculino", portanto a mais perigosa e frágil desse ponto de vista.

Quando a sexualidade e a reprodução se tornam um problema

Os homens não encontram acolhida fácil nos serviços públicos de saúde para tratar de questões relacionadas à sua saúde sexual e reprodutiva. Esses serviços são planejados e orientados para o atendimento da população feminina. O trabalho de Costa (2001, p. 131) aponta nessa direção: "...o ambulatório fornece atestado para ser apresentado como justificativa de falta ao trabalho para as mulheres que procuram tratamento para esterilidade ou o planejamento familiar. Porém, no caso dos homens, só é fornecido para os que procuram tratamento para esterilidade, porque nesse caso os homens são obrigados a comparecer ao ambulatório. A procura por métodos anticoncepcionais não serve como argumento, no trabalho, para justificar uma falta por parte dos homens".

Um dos informantes da pesquisa procurou ajuda médica para tratar de problemas de ereção que estava enfrentando no seu relacionamento. Sentiu-se destrutado. Criticou o despreparo e a falta de atenção do médico para lidar com um problema que atinge o cerne da identidade masculina, isto é, a perda do interesse sexual. Mesmo porque, como o próprio informante coloca, surgem conflitos diante da perda do interesse sexual que levam a

²⁸ Parker (1991) discorre de maneira precisa sobre a distinção entre "passividade" e "atividade" e os múltiplos sentidos dessa linguagem, na cultura sexual do brasileiro, e sua importância na construção do gênero na vida cotidiana

questionar a própria masculinidade. É nítida, em seu depoimento, a associação do "brocha" ao "bicha".

"...Ereção, esse é um ponto que me preocupa bastante. Eu acho que eu estou ficando impotente e tal. Procurei ajuda e não fui muito bem atendido. Eu achei uma pessoa muito despreparada, um médico muito despreparado para lidar com um ser humano. E fui pensando assim: - bom, eu quero ver o que é isso, eu estou assim, com problema de ereção e tal. Eu acho que eu não tenho nada. Pode ser físico, não é? Sei lá eu falei, eu sei que tem uma parte emocional, aí. Mas eu estava querendo entender. Queria entender: por que eu não tinha mais relação com a minha mulher? Por que não me interessava mais, não estava querendo me interessar por outras mulheres? Aí eu fui ao médico, aí o cara falava comigo, olhando o pé dele e falando. Eu falei: - Como é que é quando há impotência? O que provoca a impotência e tal? O cara falou: - Você veio para se consultar? Ou você veio para ter uma aula? E nessa ele estava com um colega. Ele estava com um colega ao lado. Eu falei: - Não. Eu fiquei meio assim, quando eu falei não para o cara, mas eu estava inseguro. Estava muito inseguro. Aí, eu falei: - Não, eu quero informação. Está acontecendo assim, estou me separando, nós estamos vivendo juntos, no mesmo teto. Ele falou: - Cara, é o seguinte: isso não tem nada a ver, isso é da sua cabeça. Você quer saber se você está impotente ou não, você pega um filme de sacanagem, vai lá, se levantar, tudo bem. Eu fiquei assim: - Tudo bem, então, tudo bem. Eu não quis acreditar, entendeu? Depois eu parei para pensar e falei: "-Pô, vou denunciar este cara ! Como é que um médico trata uma pessoa assim? Ele não sabe como é que está o emocional, ele não sabe se é físico ou não. Ele não fez exame, nada. E ele riu. Depois que eu caí na real. Na época eu estava fragilizado, aquela coisa, não tive reação. Aí pensei em denunciar, mas falei: - Não, deixa para lá. Deixa para lá, entendeu? O momento mais crítico da situação já está passando. Eu já estava acreditando mais em mim, me valorizando, conhecendo outras pessoas, então, estavam surgindo coisas gostosas, boas. E as coisas se resolvendo. Mas é uma coisa que me incomodou. Porque eu pensei assim: - Eu virei brocha. Virei brocha, e agora? Vou virar bicha? Não que eu achei que eu tivesse desejo homossexual. Então, eu estava me cobrando muito. Agora eu estou começando a respeitar o que está acontecendo na minha vida. Não exigir demais. Caramba! É um momento muito difícil. A coisa ainda está fresca. Mas eu já tive muitos conflitos em função disso". (37 anos, descasado, dois filhos)

"Você alguma vez teve problemas relacionados com ereção, ejaculação precoce, insatisfação sexual? Tive. De ejaculação precoce. Sempre, sempre é um fantasma que me acompanha, por isso meu interesse em ver como é que é o sexo tântrico, em ler sobre o sexo, treinar para não ejacular, é uma preocupação. Se for transar meio desatento, eu acabo rápido e deixo a companheira sem satisfação. E você procurou, quer dizer, ajuda médica? É, terapia corporal, e leio bastante também. Então, saber que tipo de músculo você tem que exercitar para poder evitar ejaculação. Isso me ajuda bastante. A minha dificuldade é realmente a primeira relação. A primeira relação, eu já não tenho expectativa, porque é difícil mesmo. Tanto que eu deixo a penetração bem para o fim. A última coisa é a penetração, para eu não ter expectativa nenhuma e aí depois, nas outras, abaixa um pouco a ansiedade e tal, mas é algo que me preocupa. Nesse período que eu te

falei de pós-separação, em que eu fiquei muito estranho, muito esquisito, de não querer me relacionar. Primeiro que eu fiquei com medo, uma série de coisas, estava inseguro, porque eu saí da relação assim: a mulher reclamando que eu não transava mais, e se transava era uma porcaria. Era transa mal feita. E era mesmo. A transa estava bem ruim. Então, aí eu fiquei achando que era comigo, entendeu? Então, eu fiquei um tempão com medo de transar, de me relacionar com outra pessoa, de desapontar. Então, basicamente foi um ano, depois é que eu fui voltar a me relacionar. " (45 anos, descasado, uma filha)

Um outro entrevistado também discorreu sobre problemas que teria tido de ejaculação precoce, afirmando na época da entrevista ter maior controle da sua ejaculação. Assinalou muitas vezes não ter interesse sexual, entendendo que isso decorre de preocupações profissionais; portanto acha perfeitamente "normal" o desinteresse. Vale destacar o caso de um informante que reiteradamente diz que, apesar de apresentar ejaculação precoce, consegue dar prazer à parceira:

"Que eu tenho a primeira ejaculação e eu continuo normal. Minha ereção continua, continua normal, então a gente continua como se eu não tivesse tido a primeira ereção, a primeira ejaculação. Eu fico preocupado com ela sempre, sempre eu fico preocupado com ela, não consigo. Se eu estou satisfazendo ela. Então eu me preocupo se ela está gostando, eu quero saber disso. Eu não faço sexo só pra eu me sentir bem. Eu gosto que ela se sinta também. Eu ejaculo e continuo. Porque para mim é fácil ter mais de uma, duas ejaculações." (32 anos, casado, um filho)

Este depoimento pode ser visto da perspectiva da confirmação da potência, ou da virilidade masculina, ou da necessidade de expressar à pesquisadora que ele, homem viril, é capaz de dar prazer à sua parceira, e que pode estar ativamente empenhado nessa missão, quantas vezes for necessário. Na verdade a ejaculação precoce não seria um fator perturbador da virilidade masculina, pois apesar disso ele é tão ativo sexualmente que pode proporcionar "satisfação" à parceira repetidamente.

Alguns aspectos relacionados ao padrão hegemônico de masculinidade, tais como quantidade e frequência das relações sexuais, vão perdendo seu significado simbólico. Entretanto, outros, que parecem ser mais relevantes e centrais nesse modelo, como a potência sexual e a heterossexualidade, permanecem como elementos definidores da identidade masculina. Através dos depoimentos dos informantes, pude perceber a centralidade desses elementos, em diferentes momentos da trajetória de vida. De fato, a

homossexualidade e a impotência destacam-se como dois fantasmas recorrentes a ameaçar a identidade masculina dos informantes. Alguns acham que o desinteresse sexual pode ser algo normal, devido a vários fatores. Outros ficam muito preocupados com essa ausência ou com a “brochada”, achando que vão virar “bicha”. Os depoimentos variam muito, mas percebe-se que, mesmo para aqueles que não demonstram tamanha preocupação, é algo que gostariam que não acontecesse com eles.

“Duas vezes aconteceu de eu ter problema, como eu posso dizer, brochar. Ereção, mas eu estava ereto e pum, de repente perdi o interesse. Eu conversei muito com ela e tudo o mais. Claro, seria melhor não acontecer isso, mas acho que é normal, sabe?. Eu estou numa fase muito feliz. E não me preocupo não” (37 anos, casado, uma filha)

É importante registrar que todos os entrevistados, ao serem perguntados sobre a possibilidade de fazerem uso do medicamento Viagra²⁹, se um dia precisassem, relataram que usariam. Não houve comentários, por parte de nenhum deles, sobre algum tipo de preocupação com os possíveis efeitos colaterais advindos do uso desse medicamento. Ressalto que o Viagra tem ocupado o primeiro lugar na lista dos medicamentos mais vendidos no Brasil, superando um medicamentos tradicionais, segundo estudo divulgado pelo jornal Gazeta Mercantil de março de 2002. Segundo esse estudo, os produtos farmacêuticos de maior vendagem no Brasil há 10 anos atrás - um antiinflamatório, um calmante e um antibiótico - eram praticamente os mesmos de 2002. Lançado no Brasil em 1998, o Viagra atingiu a liderança de vendas em março de 2002, o que nos leva a pensar, em primeiro lugar, que havia uma demanda reprimida por este tipo de medicamento. Em segundo lugar, que a ereção “garantida” é um aspecto crucial da identidade masculina e, portanto, este produto e seus similares parecem ter vindo para ficar, ao invés de serem um simples modismo. Podem estar sendo utilizados como preventivos por receio da “brochada” ou como estimulantes potencializadores da ereção.

²⁹ Viagra é um medicamento usado para o tratamento da disfunção erétil, que significa a perda da capacidade de ereção, visando um público masculino acima dos 40 anos. O Jornal O Estado de São Paulo publicou uma reportagem, em maio de 2003, relatando que já existem adolescentes dependentes da droga. Aparentemente, os jovens tomam Viagra com a intenção de melhorar o seu desempenho sexual, provavelmente sem considerar os riscos a que estão submetidos pelo uso da droga.

Apesar de dizer que usariam o Viagra, apenas um deles da geração de 60, relatou já tê-lo experimentado. Quanto aos benefícios trazidos pelo medicamento à identidade sexual masculina, um dos entrevistados foi bastante enfático em seu depoimento:

"O Viagra eu achei o máximo, o Viagra acho que foi um puta avanço. E foi assim, sabe? Uma vida nova para todos os homens. Acho que para todo mundo. Acho que para todo mundo que tem uma vida sexual. O maior fantasma do homem é brochar, é ser impotente. De repente isso aí veio. Nossa ! Isso aí renovou a vida de todos os homens, eu acho. Em geral. Acho que todo mundo está mais aliviado, tirou uma tonelada das costas, eu acho. O Viagra acho que foi muito importante. Por causa da potência. Isso é muito importante num homem. Se eu precisar, não tenho dúvida, que eu vou usar." (45 anos, casado, um filho e uma filha)

Muito embora os depoimentos tenham revelado muito da intimidade dos informantes, é razoável supor que haja outros informantes, especialmente os homens da geração de 60, que tenham experimentado o Viagra, mas que por receio de se expor ainda mais tenham omitido a informação.

Da Matta (1997, p. 44) ilustra com precisão o potencial ameaçador que a impotência sexual exerce sobre a virilidade e a masculinidade: "Primeiramente, havia o risco do homossexualismo; depois, conforme começávamos a descobrir na medida em que saíamos de casa (e da casa), havia o problema de "virar um broxa" ou de "broxar" – pois quem é que, neste mundo de Deus, sabia ao certo o que comandava o falo? Ou melhor, quem sabia a fórmula certa para que o falo jamais falhasse?"

A infertilidade

Um informante se deparou com o problema da infertilidade após alguns anos de casado. Inicialmente foi a sua parceira que se submeteu a diversos tratamentos, com o intuito de engravidar. Somente alguns anos após o insucesso desses tratamentos é que o informante decidiu realizar o espermograma³⁰ para detecção da esterilidade masculina.

"Porque quando nós casamos, até a (nome da ex-parceira) estava tranquila fazendo uns exames para eu não sei o que foi, parece que na época ela tinha útero infantil, uma coisa

³⁰ Esse exame avalia a qualidade e a quantidade de espermatozóides do doador

assim, naquela época. Quase logo quando a gente casou. E eu disse que para mim isso não tinha problema, isso aí a gente ia casar mesmo, a gente vai cuidando no casamento. E já seguindo exercícios que o médico mandava fazer, pomadas que o médico mandava por. Bom, a gente estava querendo ter filhos. Era um projeto dos dois. E bateu um dia, depois de dois anos nessa luta, eu falei: - Pô, vou fazer um exame. A gente achava que o problema era com ela. Eu cheguei falei assim: - Quer saber de uma coisa? Vou fazer um exame. Nem falei com ela nem nada. O médico pediu um espermograma. Para minha surpresa, eu abri o exame quando olhei: Oligoespermia. Zero de tudo. - Não tenho porra nenhuma, doutor? Como assim? Zero? Ele falou: - Vou pedir mais um exame para você, você vai fazer na USP. Cheguei em casa e falei para ela, ela não acreditou. - Não, está aqui o exame. - Ah, não acredito. O médico pediu para eu fazer um outro. Ela falou: - Não, porque eu não aceito, não aceito. Eu falei: - Tudo bem vamos lá no seu médico. Fui até três laboratórios fazer o exame para ver o caso. Foram todos iguais. Um direito dela, eu tinha que fazer. Aí constatou que eu era estéril. E fica naquele lusco-fusco, procura isso para fazer: - Ah, porque lá tem uma injeção não sei onde. Fui na USP. Com esse médico mesmo que me deu. Mas o meu problema era congênito. Não tinha tratamento. Isso foi dois anos depois do casamento. Ela queria muito filho. Só que eu não aguentava mais correr atrás: - Olha, tal lugar tem, vamos lá. Então você vai tomar garrafada não sei de que. Tem um cara que tem uma injeção não sei pra que. Aí, você vai. Chega uma hora que você pira. Eu pirei. A gente conversou sobre adoção e coisa e tal. Mas ela não queria. Então, até que chegou uma hora que eu falei: - Escuta, olha, eu sou estéril, você quer ter filhos, eu não posso te dar filhos, então faça o seguinte: vá ter seu filho. Eu tinha uma mulher bonita, jovem, querendo ter filhos e eu estéril. O que eu vou fazer? Seis anos depois a gente se separou". (45 anos, descasado, sem filhos)

Nota-se a surpresa do informante e a incredulidade da sua parceira diante da constatação da esterilidade e da impossibilidade de realizar algum tratamento que revertesse a situação. O sentido da esterilidade não aparece associado à manutenção ou à diminuição da masculinidade. No entanto, colocam ambos diante de uma circunstância que os obriga a refazer o projeto de vida conjugal. O que se verifica é que, diante da evidência da infertilidade e do insucesso das alternativas propostas, o informante abre mão da paternidade biológica, porém a ex-parceira vê frustrado o desejo de realizar o projeto de maternidade. Nesse sentido, seu depoimento parece sugerir que o motivo da separação foi a sua esterilidade, não aceita pela esposa. Por isso, quando projeta a sua vida afetiva e sexual no futuro, imagina uma parceira que aceite a sua condição de homem estéril.

"Olha, pensando no futuro, para uma companheira agora, eu quero uma companheira que queira ser cuidada, que saiba cuidar, sabe? Que goste de sexo. Se ela tiver ou não filhos, isso para mim é indiferente. Mas que aceite minha esterilidade, não me cobre no final, não é?" (45 anos, descasado, sem filhos)

Dois entrevistados relataram suas dificuldades com o tratamento para corrigir problemas fisiológicos - oligoespermia e varicocele³¹, que os impediam de engravidar suas parceiras.

*"Não, houve uma dificuldade grande de ter a minha filha. No caso era minha, foi observado depois, foi detectado que eu tinha uma oligoespermia, ou seja uma diminuição do volume de espermatozóides. No segundo ano de casado nós tínhamos planejado ter um filho e aí começamos a tentar e ela não conseguia. **Vocês usavam contraceptivo?** Usava, usava preservativo. Mas paramos de usar. E aí ela não engravidava. Ela começou a fazer todos os exames, obviamente que o machismo nunca começa com o homem, começa com a mulher, a mulher que não pode, normalmente, né? Nós dois achávamos isso, eu e ela. Começaram a fazer todos os exames possíveis na época com o professor lá da Escola Paulista, onde eu me formei, que era o professor de fertilidade, de endocrinologia e aí, depois que se esgotou todos os exames da parte dela, se foi fazer os exames da minha parte e se descobriu essa oligoespermia. Aí teve vários tratamentos, tentativas etc, quando finalmente ela conseguiu engravidar, que foi assim quase que acertar na loteria, sabe? Você tem a sua chance, uma em não sei quanto de porcentagem, e essa chance aconteceu e esta aí minha filha, que hoje tem 25 anos. Ela engravidou depois de quase três anos de tratamento, quando já estávamos procurando conversar a respeito de adoção. Quando nós começamos a falar a respeito, ela um dia apareceu grávida. Tanto que os médicos que estavam acompanhando não acreditaram na gravidez dela, que era uma pseudo-gravidez. A chance era muito pequena e aí foi muito engraçado, porque eles não acreditavam que ela estava grávida, mas estava (risos)" (55 anos, casado, uma filha)*

*"Nos primeiros três anos de casamento, que a gente ainda estava estudando, então a gente não estava querendo nesse período ter filhos, mas depois a gente não controlou mais e não engravidamos do mesmo jeito. Ela fez exame e deu ovário policístico e eu fiz uma série de exames e deu baixa contagem de esperma. Eu tive que fazer cirurgia para aumentar a contagem, mas mesmo assim ela não engravidou. Aí a gente se separou. **Isso era um problema na relação para vocês, ou não?** Para mim, não. Para minha ex-companheira, era. Porque ela queria engravidar. **Mas chegaram a descobrir qual era o problema de ela não engravidar?** Nós dois tínhamos problemas. Tinha as duas coisas. Eu fiz operação da varicocele, fiz um tratamento. Então, a contagem subiu tranquilo. E mesmo assim, não conseguia engravidar. Então ela entrou naquele Pérola Byton, que é o centro de referência da mulher, e começou a fazer exames. Eu sei que era muito complicado, que doía, tinha que inflar a barriga. Aí ela parou. Desistiu. Nesse período a gente se separou. Tivemos um segundo casamento, voltamos a ficar juntos um tempo novamente. Aí, já na segunda fase, quando a gente voltou a ficar junto, a gente pensou em adoção. Aí não deu certo. Aí ela entrou no mestrado e esqueceu o assunto. Quando esqueceu o assunto, um belo dia a gente engravidou." (45 anos, descasado, uma filha)*

Pode-se perceber, por esses depoimentos, que a origem do problema da esterilidade é inicialmente alocada à parceira. Nesses casos, isso provavelmente não se deve a alguma

³¹ Oligoespermia é a redução do volume de espermatozoides. Varicoceles são dilatações nas veias que drenam os

associação entre esterilidade masculina, impotência sexual e masculinidade, como apontam alguns estudos (Barbosa, 2000; Costa, 2001). Mas parece estar referido à representação que confere ao feminino a responsabilidade pela concepção dos filhos. É importante registrar que tanto os informantes como suas parceiras compartilham dessa mesma representação de gênero, e que por isso investigam inicialmente o problema no corpo feminino. E os serviços de saúde acabam por reforçar essa construção de gênero.

3.3 Filho é para o resto da vida e pai para o que der e vier

O exercício da paternidade, que inclui os cuidados corporais e as necessidades afetivas dos filhos, foi tema de vários trabalhos no Brasil na década de 90 (Romanelli, 1995; Nolasco 1995; Lyra; Ridenti, 1996; Giffin, 1997), assim como de trabalhos mais recentes (Arihla, 1999; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehau, 2000; Marcondes, 2002). Uma tendência comum revelada por esses trabalhos é a concepção de paternidade que se distancia do pai como único provedor, autoritário e ausente do cotidiano dos filhos – modelo vivenciado pela maioria dos homens desses estudos enquanto filhos – e que se aproxima do pai cuidador, atento, participativo e presente na vida dos filhos desde o nascimento. Apesar de não se configurar em um modelo único, é referido pela mídia como “novo pai”. Em realidade, a idéia de um “novo pai” que se envolve na reprodução está associado a um modelo de parentalidade que se configura em uma participação efetiva dos homens no cotidiano da família, ao mesmo tempo que se contrapõe ao “velho pai”, severo, distante e ausente. Os resultados das pesquisas citadas tem mostrado que, se por um lado os homens estão cada vez mais ocupando um espaço de intimidade com seus filhos, por outro, as práticas cotidianas relativas aos cuidados com os filhos ainda afeta mais a vida das mulheres do que a dos homens. A matriz de gênero é portanto atualizada e não radicalmente transformada.

Posso afirmar que a paternidade está no horizonte desses homens, porém não está associada à realização de um objetivo que se deva cumprir necessariamente. A reprodução é concebida no âmago das relações amorosas, entendida como relações estáveis entre homens e mulheres, que pressupõem o exercício da sexualidade, a coabitação e uma situação

testículos. Podem afetar a fertilidade em decorrência da redução da circulação do sangue nessa região.

financeira estável. O desejo de ter um filho se configura, portanto, no interior de uma construção modelar de conjugalidade, onde a escolha do momento adequado para ser pai é primordial na realização desse desejo. Para a maioria dos informantes, a paternidade adquire contornos e significados semelhantes. A construção de uma família, o exercício da responsabilidade e o sentido social da continuidade foram trazidos pelos informantes como elementos comuns do ser pai.

Há muitas maneiras de ser pai. Assim como também há muitas maneiras de ser mãe. Essas diferenças dizem respeito tanto às experiências das gerações, como às próprias trajetórias individuais captadas nos depoimentos dos informantes. Do ponto de vista geracional, podemos perceber que a geração de 60 teve maiores dificuldades em inovar o modelo herdado dos pais, do que as gerações posteriores. As dificuldades não foram só de ordem pessoal, mas também institucional. Haja visto que para esses pais foi vetada a sua participação no momento do nascimento dos filhos, nas instituições de saúde. Para as gerações de 70 e 80, já se configurava com maior nitidez um modelo de relações “igualitárias”, dentro do qual se constitui a figura do “casal grávido”³². Isso se evidencia em vários dos depoimentos obtidos. Por outro lado, há relatos que explicitam uma abertura maior das instituições de saúde no acolhimento dos pais na sala de parto, e até mesmo, em muitos casos, um incentivo para a participação masculina nesse momento.

Desejos e sentidos de ser pai

Até há algum tempo, a gravidez para o homem se resumia a três momentos: as tentativas para engravidar, a notícia da gravidez e o nascimento. E o que acontecia durante os nove meses, ou até mesmo antes de a mulher engravidar, pertencia ao mundo feminino. Hoje, isso está mudando, pelos menos nas camadas médias urbanas. Hoje, espera-se que o homem atue, participe e acompanhe ativamente todo o processo de gravidez e parto, com um envolvimento e investimento, senão igual ao da mulher, pelo menos também intenso. Os trabalhos recentemente publicados sobre o tema (Oliveira; Bilac; Muszkat 2000;

³² Tânia Salem (1987) discute o conceito de “casal grávido” em sua tese de doutorado. Fenômeno que surge na década de 70, no contexto de muitas transformações sociais e culturais, retrata o envolvimento e o investimento paterno e materno conjunto, na tarefa de criação dos filhos. Esse envolvimento abrange as fases da gestação, gravidez, parto e pós-parto, consistindo numa concepção igualitária de gênero, segundo a autora.

Unbehaum 2000; Marcondes 2002) têm mostrado uma maior aproximação de certos homens na criação dos filhos desde a mais tenra idade, fazendo eco aos trabalhos pioneiros de Salem (1985, 1986, 1987, 1989). Da mesma maneira, essa maior aproximação paterna dos filhos e dos cuidados infantis tem sido tratada pela mídia impressa e televisiva de diferentes formas (Medrado, 1997; Rosenbaum; 1998), com a denominação "novo pai"³³, para expressar mudanças em curso nas camadas médias. Na realidade, esse processo de mudanças do comportamento masculino diante da paternidade ocorre no âmbito das mesmas transformações sociais econômicas e culturais que impulsionaram a mulher para o mercado de trabalho e exigiram uma nova configuração dos papéis de homens e mulheres nas famílias de camadas médias. É importante ressaltarmos que os homens não receberam orientação das gerações anteriores para o exercício dessa paternidade mais presente e participativa. Portanto, os caminhos percorridos na construção dessa "nova" paternidade são repletos de angústias, reflexões, emoções e, principalmente, de dúvidas.

Não querendo correr o risco de homogeneizar o passado, e idealizar o presente, pude observar que os depoimentos dos informantes revelam que há muitos sentidos da paternidade, mesmo entre aqueles que ainda não têm filhos, mas têm esse horizonte à sua frente. É evidente que, para aqueles que não têm filhos, a falta de referências próprias torna o discurso vago. A primeira constatação é que os homens das gerações de 70 e 80 que têm filhos apresentam um discurso coincidente, diferindo dos homens da geração de 60. Os homens da geração de 70-80 parecem extrair prazer da vida em família, tanto quanto da vida profissional. Dessa forma, parecem ser pais mais presentes e participativos na criação e educação dos filhos. Apesar de os homens da geração de 60 se sentirem pais presentes, próximos de seus filhos, sua participação no cuidado infantil foi de menor envolvimento do que a dos homens das gerações posteriores.

Para a maioria dos informantes, a maternidade está inserida no campo da cultura e não no campo da natureza. Apesar de alguns colocarem a maternidade como uma consequência da

³³ Na pesquisa realizada por Silvia Rosenbaum (1998, p. 103) sobre o tema da paternidade na Revista Pais e Filhos, a autora revela que: "Mais que a mãe, mais que a relação homem-mulher, quem parece trazer o 'novo pai' para a revista é o novo personagem: a criança pequena, o feto dotado de vida psíquica, merecendo os cuidados e a atenção de um homem maduro. Um fator fundamental da criação do 'novo pai' é certamente o (a) novo (a) filho (a)".

natureza feminina, inscrevem-na também no tempo social e histórico, recolocando o desejo da maternidade como não inerente ao ser humano feminino, mas inscrito nas relações sociais e temporais. Quando perguntados sobre qual é a importância da maternidade e da paternidade para homens e mulheres, os relatos se pautaram pelo conteúdo acima.

"Eu acho que é importante para os dois, mas acho que a mulher percebe a importância mais cedo, por conta até porque se diz que a maternidade é natural, não é? Agora, claro, que até isso mudou, né? No tempo da minha mãe, ser mãe era algo que assumia uma proporção muito diferente do que é hoje pra mulher. Pode acontecer e pode não acontecer. Eu acho que a paternidade, pelo menos para o meu caso, se não acontecesse, talvez eu estivesse bem soltão no espaço. Para mim ser pai foi muito bom. Me fez como uma âncora. Eu vivia muito aéreo, muito idealista, com muitas idéias, muito solto no espaço. Nem via a vida passar. Vivia perdido nos caminhos da vida. E ela me fez seguir adiante. E também tem isso, que o homem pode ser pai até 80. E a mulher a coisa é mais limitada, ela sabe que se não for mãe até aquele prazo, ela corre o risco de não ser. Pelo menos naturalmente não, a medicina já está esticando esse prazo, mas é limitado." (45 anos, descasado, uma filha)

O relato acima sugere que ter filho não depende do homem enquanto tal, mas produz alterações no tipo de homem, que passa a ser diferente do anterior. A idéia de "âncora" parece indicar a definição de um rumo na vida.

A maioria dos informantes coloca, como primeiro passo, para a realização da paternidade, a existência de um par amoroso constituído numa unidade familiar. Portanto, a paternidade é um projeto para o futuro, um desejo que se estabelece ao longo do ciclo de vida. Outros estudos apontam essa mesma direção (Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehau, 2000; Costa, 2001). Além disso, afirmam que a maturidade pessoal, a qualidade do relacionamento com a parceira, a conjuntura financeira e projetos de ascensão profissional são os motivos principais de adiamento desse plano, quando o primeiro passo, que é o casamento, já foi dado.

Que pai sou eu?

"Nova paternidade", o que será isso? Como qualificar o exercício da paternidade? Talvez, utilizar esse termo seja pouco adequado. Uma atitude mais cautelosa é proposta por

Muszkat, Oliveira e Bilac (2000), em relação à possível emergência de um novo modelo de pai. As autoras consideram que as relações entre os casais estão num processo de reconfiguração ainda lento no Brasil, e portanto seria muito prematuro adotarmos o discurso sobre um "novo pai" neste momento. O importante é verificar quais mudanças têm sido verificadas na relação entre pais e filhos, e como os informantes têm construído, a partir dos modelos herdados, sua visão e sua relação com os filhos. Nesse sentido, o modelo de provedor, ausente e afetivamente distante que tiveram - menção importante nos depoimentos masculinos - talvez possa também ser um pouco relativizado, pois as narrativas podem produzir idealizações sobre o passado, apesar de consensuais. Dessa forma, é conveniente evitar a oposição entre um "velho pai", homogêneo e retrógrado, e um "novo pai", totalmente transformado.

São bastante pertinentes a esse respeito os comentários feitos por Rosenbaum (1998, p. 106) sobre o consumo do "novo pai" na Revista Pais e Filhos: "Não podemos esquecer que a revista, para sua própria manutenção, depende de sua venda ao público e, assim, venda de seu espaço publicitário. Para suscitar a compra, precisa mobilizar em seu público alvo a necessidade das informações que transmite. E o necessário, nessa sociedade capitalista de valores individualistas, é o novo. É preciso consumir o novo para pertencer, é preciso consumir o novo para se destacar. Desde novidades em termos de acessórios, brinquedos, roupas, passando pelo consumo de procedimentos médicos, que se manifesta através das novidades em exames, técnicas e medicamentos, até as novidades comportamentais propostas ou refletidas pela revista. Assim, a imagem de pai transmitida pela revista torna-se também um objeto de consumo". Acho muito importante essa observação, no sentido de manter a atenção para o consumo do "novo pai". Não que não exista esse pai em transformação e em oposição ao modelo do pai autoritário e ausente. Entretanto, vivemos um consumo de imagens e idéias por meio da mídia, e é muito fácil ficarmos seduzidos pelas imagens do "novo homem" ou do "novo pai".

O que quero afirmar, novamente, é que devemos ter presente que as transformações, apesar de contínuas, não são lineares. Esse processo é pleno de contradições e ambigüidades. Alguns aspectos merecem destaque. Podemos afirmar que a função de único provedor, exercida pela maioria de seus pais, encontra-se em processo de redefinição. Os informantes

revelaram que, em sua vivência paterna, desejam e esperam dividir esse encargo com a parceira. Entendem também que o pai atencioso, afetuoso, preocupado com o bem-estar dos filhos, tem conseqüências práticas. Ou seja, realizam tarefas e atividades, as quais não eram compartilhadas pelos seus pais. Para os informantes, diferenciar-se de seus pais é cuidar de seus filhos desde bebês, acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento e tudo que implica esse acompanhamento: levar ao médico, freqüentar reuniões de escola, ser um dos provedores econômicos e orientar para a vida. É interessante registrar a reivindicação para o masculino da capacidade de cuidar do outro. Alguns enfatizam que cuidaram de irmãos, irmãs e sobrinhos, desde solteiros.

"Eu sou um pouco ansioso, um pouco nervoso, um pouco apavorado. Eu sofri muito quando elas eram pequenas. Porque eu sou muito apegado. Muito, então a empregada não vinha e tinha que deixar ela sozinha e eu ia para o serviço, eu acho que eu sofri mais que a minha esposa, nesse sentido, eu sofri mais que a minha esposa. Não digo que a minha esposa não sofria, mas ela sabe administrar mais isto. A (nome da mulher) falava: (Nome da filha), olha, a empregada não veio hoje, vou deixar o leite lá, você esquentar, você toma isso, faz sua lição, na hora do almoço a mamãe vem te dar almoço e levar para a escola. E ela ia para o serviço e acabou. Não sei se eu que tinha essa impressão, ou se ela sabia administrar tão bem, que ela não passava isso. Ela se desligava, ia lá e fazia o serviço dela. Agora, eu ficava um nervo só, só ligando para casa, eu não deixava a menina nem fazer a lição, nem fazer as coisas, porque eu ficava, quer dizer, das oito horas até o meio dia acho que eu ligava umas quarenta vezes para casa. Isso, que idade que ela tinha? Sete ou oito anos, a mais velha. Eu sou muito apegado. Então, eu precisei me desligar um pouquinho, precisei me desligar um pouquinho e levar uns puxões de orelha. Como é que você se relacionava com as suas filhas, quando elas eram bebês? Que cuidados você tinha com elas? Trocava fralda, lavava fralda. Dava banho, fazia dormir. Às vezes, de noite ela estava chorando, a (nome da mulher) ficava nervosa, ela queria dormir, eu que pegava no colo, e ficava a noite inteira com a menina no colo, dormia com a menina aqui no peito. Na escola a gente está sempre acompanhando. Nas reuniões ou vou eu, ou vai minha esposa. Ou vai os dois, mas a gente está sempre acompanhando. Eu conheci os professores, vou, levo os problemas dela, discuto. Os professores, às vezes, ficam assustados quando eu entro, mas eu quero estar sempre acompanhando." (46 anos, casado, duas filhas, um filho)

"Como você se relacionava com a sua filha quando bebê? Então, basicamente eu fazia tudo. Só não fazia dar de mamar. Porque o resto eu fazia: trocar fralda, levar no médico, eu ia junto. E como eu estava em casa, naquele período de desemprego, a minha mulher ia trabalhar e eu cuidava de tudo. Dava banho, comida. A minha filha tem três e meio. Vamos dizer, eu corro um forte risco de me tornar súdito. Ela tem um geniozinho forte e se eu não souber ter firmeza, falar não, eu vou fazer o que ela me mandar". (45 anos, descasado, uma filha)

"Eu acho que significa, eu acho que é uma responsabilidade fora do comum, você tem um amor muito grande pela criança, você não pode ter um apego, você tem uma criança pra educá-la para o mundo, pra ela viver a vida dela. Não pra você. Você amar, gostar demais. Eu acho que a paternidade é linda, desde que você não interfira na liberdade, no livre arbítrio do seu filho. Então você preparar ele pra vida, mostrar quais os caminhos, procurar dar o exemplo, que eu falei que eu acho que é maior do que qualquer palavra que eu disser." (32 anos, casado, um filho)

Um dos informantes, casado, com filhos, queixa-se de que o casamento e os filhos trouxeram a perda da autonomia. Tem hora para chegar em casa e as atividades são sempre compartilhadas com a parceira. E apesar de afirmar que as tarefas são divididas sob a justificativa de ser uma relação mais igualitária, ressentido-se da perda da autonomia. Neste caso, a autonomia - pertencente ao mundo dos homens solteiros e sem filhos - parece ser um valor importante, do qual teve que abrir mão, para adentrar ao mundo do casamento e da paternidade, cujo valor reinante é o da "responsabilidade" (Arihla, 1999; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000).

Alguns depoimentos se referem às dificuldades de relacionamento com as ex-parceiras e sobretudo ao impacto dessas dificuldades na relação dos informantes com os seus filhos³⁴. A relação parental, intermediada pela mãe, torna a relação pai-filhos muito mais difícil. Entretanto, aos poucos, a angústia e o sofrimento pela separação dos filhos cede lugar à "acomodação" com a situação, muito embora os informantes reflitam criticamente sobre a situação. Alguns deles, ao vivenciar uma autonomia e liberdade maiores - antes restritas pelo casamento - passam a se dedicar mais intensamente ao trabalho, ou a exercer outras atividades antes relegadas a segundo plano, como sair com amigos e ter mais tempo de lazer para si mesmos. Nesses casos, os filhos acabam "se encaixando" na vida mais autônoma que conquistaram após a separação.

"A minha filha eu estou com ela a cada 15 dias. Fim de semana. Isso foi acordo de Juiz e que eu acabei me acomodando dentro dele, mesmo porque me acomodei na medida em que também é útil para mim, na medida em que eu trabalho do jeito que eu trabalho. Então eu me acomodei. Ligo para ela. Falo com ela, uma vez por semana pelo menos. E é pouco, ela me fala tem vez que sente falta. Ela sente falta de mim. E a relação com a minha ex-mulher

³⁴ O trabalho de Marcondes (2002) tem o mérito de analisar, com muita propriedade, as questões que se colocam para os homens separados e recasados na manutenção do vínculo paterno, em especial para aqueles cuja cooperação com a ex-parceira se torna mais difícil com a separação.

é complicada. Então, tem muito ressentimento. Dificultou, sempre dificultou a minha relação com a minha filha. Agora um pouco menos que a minha filha já diz que quer ficar comigo. Mas eu não interfiro muito assim, tipo, eu me acomodei na equação a cada 15 dias e de fato, eu só trabalho, trabalho, muito trabalho. Então, eu sou um pai eventual. No meu caso, é uma situação que eu sou a cada 15 dias. Então, eu procuro ser integralmente. Na verdade, eu sou "pãe": um pai e mãe. E eu acho que você vai praticando. Não sei, é uma coisa de prática, de você estar junto, estar presente. Eu, por exemplo, na minha infância a relação com meu pai era muito ausente. Às vezes, eu fico pensando: será que eu não estou muito ausente também na atual equação? Mas no período que eu estou com ela, eu fico muito tempo com ela. Um tempo que eu procuro estar com qualidade, não estar dormindo, estar presente, estar atento ao que está acontecendo, ao que ela está falando. Ela está perguntando sobre a vidinha dela. O que é importante para ela. E pautar a minha vida em função da dela nesses dias, não fazer a minha agenda, eu faço a agenda dela. Estou fazendo de tudo para que ela tenha uma referência minha, mesmo que a nossa relação seja esporádica, mas, vamos dizer, o tempo que ela está longe de mim, ela tenha uma idéia legal. Um pai não autoritário, mas também não o cara que deixa acontecer tudo. Então, com essa história de ir a cada 15 dias, é algo que fica distante, entendeu? Eu pago uma pensão, mas não pergunto o que ela faz. O que ela fizer para mim está bem feito, não questiono. O que eu sinto falta é de eu ir lá pegar na escolinha. Conhecer a escolinha, conhecer os amiguinhos. E é importante, é algo importante, mas como eu não tenho muito espaço, muita relação com a minha ex-mulher, eu acho que a mulher detém um certo poder nesse espaço. Ela exerce um certo poder. Por exemplo, se tem uma festinha na escolinha, a minha ex-mulher com certeza ela quer estar, ela que se sente no direito. E os dois juntos não vão na festinha. Ou eu não sou avisado se vai ter ou não vai ter. Então, nesse campo é um poder que a mãe exerce. E o homem fica de fora, entendeu? Se ele não conquistou um espaço de relação diplomática, ele acaba não sendo avisado. Eu espero que quando a minha filha crescer mais ela fale: - Olha, pai, quero você na festinha. Então, aí é um convite direto, mas por enquanto se depende da mãe, e se ela não quer você por perto (...) Então, eu estou aproveitando também esse espaço, aproveitando para trabalhar mais". (45 anos, descasado, uma filha)

Para um dos informantes, a relação com os filhos após a separação manteve o aspecto de pai-provedor, função que disse cumprir, ao longo do seu depoimento, com as ex-esposas também. Avalia criticamente a sua relação com os filhos no período da separação, pois cumpria rigorosamente o estabelecido, compensando a sua ausência enquanto pai, fazendo o papel do pai "Disneylândia", aquele que não diz "não", o "pai-alegria".

"Como é que era a questão com os filhos, quer dizer, você se separou e você os via com frequência? E foi estabelecido algum esquema na sua relação com os filhos? Sim. Rigoroso, eu fui rigoroso. Eu paguei tudo. Eu pegava uma vez por semana, eu pegava para sair para jantar com eles, e dois fins de semana por mês eu pegava. Mas você queria que fosse diferente? Não queria. Eu até achei bom, porque aí eu cai na farrá. Eu não queria. Então, eu acho que aí entrou a minha imaturidade. Quer dizer, se eu posso pôr culpa nela de ter jogado contra mim, eu tenho a minha culpa, porque eu apenas cumpri

rigorosamente o que estava estabelecido. Eu tinha um sentimento de culpa gigantesco. Eu tentava. E tinha que refazer, reconstruir a cada vez, o relacionamento destruído pela mãe, durante a semana. Por que eles vinham desconfiados. Não podiam gostar de mim, estavam proibidos de gostar de mim. Então, eu fazia tudo, eu era o pai Disneylândia. Eu levei para a Disney não sei quantas vezes. Eu fazia de tudo. Era uma alegria. Eu não entrava na vida deles. Nota, escola, disciplina, não. Era o pai alegria. Entendeu? Só diversão. E aí foi assim. Não dizia não nunca. " (51 anos, casado, dois filhos, uma filha)

Um dos informantes, que se separou enquanto os filhos ainda eram pequenos, relatou a importância de ter estado presente na vida dos filhos e estabelecido uma relação independente da ex-parceira. Acha que por isso os filhos o respeitam muito e se preocupam com ele. Atualmente, pressionado pela ex-mulher, os filhos já adolescentes vieram a morar com o informante.

"...os filhos ficaram com ela e eu pegava eles. Eu acho muito importante isso porque um dia mais tarde vão te jogar na cara. Eu não queria nunca que acontecesse isso. Sábado e domingo de quatro fins de semana, três eu ficava com eles. Segunda de manhã eu não trabalhava. Era um relacionamento muito legal, quer dizer, todo mundo que teve um relacionamento comigo, depois de separado, falava: - Eu queria ter um ex – marido que nem você. Eu dizia: - Mas é gostoso, daqui a pouco eles crescem eu perco o relacionamento que eu tenho. E eles eram pequenos, né. E agora, no fim do ano, eu escutei da minha ex-mulher: - Quem vai cuidar deles agora é você. Você nunca cuidou, você tem que cuidar deles um pouco. Tanto é que eles estão morando comigo. Eles têm muito respeito, eles me adoram até hoje, apesar de brigar, discutir, mas eles me adoram, me curtem, num certo ponto eles acabam ficando um pouco preocupados comigo, não são daqueles que mostram desinteresse não, eles se preocupam com a minha vida. Nós temos um relacionamento bom. " (47 anos, descasado, dois filhos)

Apenas um dos informantes separados questionou o fato de a guarda dos filhos ser prioritariamente atribuída às mães. Muito embora diga que, no caso dos filhos serem muito pequenos, a decisão de dar a guarda à mãe seja acertada. Entretanto, apesar do sofrimento que disse ter passado, não recorreu da decisão da Justiça. Provavelmente, por dois motivos: por acreditar ter poucas chances de obter a guarda da filha e por vislumbrar maior autonomia e liberdade para se dedicar ao trabalho

"Numa separação o homem sempre fica numa situação desigual, vamos dizer, eu acho que esse não é um tratamento igual, entendeu? Vamos dizer, filho até uma determinada faixa de idade, depende mais da mãe, mas num certo momento, não depende mais da mãe. É é pressuposto que a mãe vai ficar com as crianças, independente de qualquer coisa. Acho que as chances são poucas, sabe? E isso aí é complicado. É muito sofrido. Eu agora estou

mais tranqüilo quanto a isso, mas no começo, no começo da separação, estava muito complicado, era muito complicado. Ter que se adequar. Então, você fica longe do filho. E a mãe sempre manipula. Porque para mãe, a tendência é ela segurar o filho o máximo. Segurar no sentido de proteger. E o homem fica meio que solto, ele só vai ter uma relação se ele conseguir estabelecer uma comunicação com a mãe. E é complicado, é difícil, não é fácil. Mas por outro lado, eu fiquei mais solto novamente, podia fazer o que quisesse com o meu tempo, e nesse período eu tinha muito trabalho, ficava até bem mais tarde trabalhando" (45 anos, divorciado, uma filha)

Aqui é interessante trazer os comentários feitos por um advogado renomado, de banca de família, por mim entrevistado, com o objetivo de conhecer as decisões concernentes à guarda de filhos, quando da dissolução da sociedade conjugal. Segundo esse advogado, raramente os juízes concedem a guarda dos filhos ao pai, salvo a existência de algo que desabone a mãe. Por sua vez, esse mesmo advogado levantou dúvidas acerca da conveniência da guarda de filhos pequenos ser dada ao pai, alegando que a mãe estaria melhor capacitada para atender às necessidades das crianças, por ser a maternidade "*mais próxima da natureza feminina*". Dessa forma, desaconselha clientes homens, que o procuram para solicitar a obtenção da guarda dos filhos. Essa entrevista vem confirmar o receio exposto pelo informante acima.

3.4 Considerações Finais

Afinal, o que é ser homem? Essa é uma pergunta de difícil resposta. Os homens de camadas médias urbanas paulistanas se vêem como multifacetados, ora atendendo às demandas externas de uma sociedade competitiva, ambígua nas suas mensagens, ora construindo relações mais igualitárias, baseadas na divisão do poder entre os sexos, nem sempre de forma igual, mas buscando um caminho próprio, tentando se desvencilhar das crenças e dos valores herdados. E sabendo principalmente que as identidades são mutáveis, negociáveis com as mulheres e com os homens, e que não é tarefa de um indivíduo, ou de um grupo de homens, mas que é necessário interagir socialmente, algo que como diz o informante abaixo: "não se faz sozinho".

"Como você se descreveria como homem? Sei lá como eu me descreveria, não sei. Uma pessoa interessada em muitos assuntos, uma pessoa que está em busca de crescimento, mudanças de um modo geral. Tem uma série de relações que eu cuido, tipo ter

responsabilidade, também dentro dessa coisa de crescimento, desenvolvimento, eu tenho bastante índole e atenção para essas pessoas mais próximas, para os filhos, para as pessoas que fazem parte da minha vida. Mas basicamente a minha descrição seria isso: uma pessoa pelo menos com muita vontade de manter o processo em curso. Eu não tenho muita propensão a fechar, definir certas coisas, deixar separado. Em algumas horas eu consigo afinar com isso que eu estou te falando, às vezes, tenho que correr, não fico parado tenho que buscar. Não é sempre que a gente está inteiro nessa vontade aí, que eu venho te descrevendo, do desenvolvimento, estar com a atenção para isto. Porque eu acho que na questão da masculinidade, ela está muito ligada ao oposto, à sua contra parte, à mulher, e aos outros homens também. Não é uma coisa que você faz sozinho. (46 anos, casado, duas filhas e um filho)

Percebe-se que os fantasmas da homossexualidade e da impotência se constituem nas duas grandes ameaças ao modelo predominante de masculinidade. O que quero dizer é que, muito embora os discursos apresentem contradições internas com referência às preferências sexuais, percebe-se que o tema da heterossexualidade associada à masculinidade é recorrente em vários momentos dos depoimentos dos informantes, muitas vezes de forma não explícita.

Isto me permite afirmar que o componente principal da masculinidade desses homens, e que surge em diferentes contextos, é a heterossexualidade. Dessa forma, a negação do preconceito através da aceitação da convivência com homossexuais – eu “até” tenho amigos homossexuais ou “tenho muitos homossexuais na família”, ou, já “fui até cantado por homossexuais” – é uma forma de lidar com o conflito que se estabelece quando se sentem confrontados na sua identidade de gênero. Aqueles que não têm simpatia pela diferença, não exteriorizam qualquer atitude agressora, desde que os homossexuais não ameacem a harmonia e a normalidade da sua vida (alguns dizem que partem para a briga, se isso acontece). Nesse caso, as diferenças são hierarquizadas. Rejeita-se o perigo ameaçador da homossexualidade.

Os homens se queixam de ter que confirmar continuamente a sua masculinidade perante os outros homens. Contar vantagens sobre conquistas sexuais é uma delas. Suas queixas se estendem às mulheres, na medida em que se vêem compelidos a constantemente demonstrar o interesse sexual pelas mulheres, sob pena de se ver excluído do clube dos homens (entenda-se aqui, heterossexuais) e passar a integrar o clube dos “bichas”. Ser

cantado por mulheres parece não ser um problema, desde que a mulher possa aceitar um não. Um dos informantes queixa-se das mulheres que não aceitam um não como resposta, e considera essa atitude como uma “extrapolação dos limites”, como ele mesmo diz. Essa queixa nos mostra que romper com os *scripts* de gênero predominantes nas relações sexuais (o homem toma a iniciativa e a mulher dá os limites) nem sempre é fácil. Por um lado, o homem gosta de ser cantado por mulheres, e a sua resposta depende do contexto em que essa cantada se insere. De outro lado, há uma queixa masculina em relação aos limites das cantadas. Esses limites são exigidos pelos homens a fim de que não se sintam ameaçados na sua masculinidade, na medida em que, recusar uma cantada, poderia colocar em dúvida a sua heterossexualidade, e portanto, a sua própria masculinidade.

Esse processo gera muitas reflexões, mobiliza recursos simbólicos e abre a possibilidade de alargamento do leque de opções pessoais para esses homens. De qualquer forma, esse assunto não se esgota aqui, apenas traduz as ambigüidades de um conjunto de homens que têm refletido sobre as questões de gênero de maneira mais sistemática e redefinido os atributos e os *scripts* de gênero.

Nesse sentido, é útil introduzir aqui o conceito de desmapeamento ³⁵, para compreender os conflitos e ambigüidades vividos pelos informantes, no processo de redefinição das suas masculinidades, em que o compromisso com o novo e com a mudança constituem-se em um princípio ético, como aponta Salem (1989). Supõe-se que os valores predominantes que estão na base da noção do masculino e que certamente estiveram presentes no seu processo de socialização – e permanecem presentes ao nível da sociedade mais ampla – não sejam de fácil redefinição, apesar de sofrerem redimensionamentos ao longo da trajetória de vida dos informantes.

³⁵ Este termo é utilizado por Figueira (1981, 1985, 1987) em seus trabalhos, que buscam sistematizar questões pertinentes à cultura psicanalítica. As noções de mapa(s) subjetivos(s) e desmapeamento estão baseadas na idéia de que mudanças sociais rápidas e “visíveis” não são acompanhadas no mesmo ritmo e intensidade pelas subjetividades individuais. O conflito assim engendrado leva pessoas a buscar, através de psicoterapias, uma coerência, ou uma mapa para esse emaranhado de ideais contraditórios. O desmapeamento refere-se à convivência, no sujeito, em níveis diferentes, de dois ou mais conjuntos de valores (ou mapas) internalizados em algum momento de sua trajetória e formação. Nas palavras do autor: “o desmapeamento não é, como sugere a metáfora, ausência de ordem, forma ou mapa, mas presença de ordens, formas e mapas contraditórios” (Figueira, 1987, p. 22)

Quanto às vivências da paternidade, o sentimento comum a todos foi dessa forma definido por um dos informantes: "Filho é para o resto da vida e pai, para o que der e vier". Contudo, uma grande questão se colocou para todos: Que pai sou eu? Amigo? Companheiro? Presente? Afetuoso? Orientador? É interessante destacar que existe, para a maioria deles, um ideal "desejado" de pai, que além de ser mais próximo afetivamente dos filhos, seja mais presente no cotidiano da família. A dificuldade em colocar em prática essas idéias gera muitas incertezas de estarem sendo mesmo bons pais. São críticos de um certo ideal de maternidade - mãe com dedicação exclusiva - expressando a importância da realização pessoal da mulher por meio do investimento profissional.

Em suma, a resposta sobre o que é ser homem para esses informantes engloba os seguintes aspectos:

1. Ser heterossexual - principal elemento de continuidade dos valores hegemônicos da construção social de gênero;
2. Permanência da importância do trabalho e do papel do provedor na identidade masculina
3. Maior expressão da subjetividade, com possibilidades de demonstrar seus sentimentos para com os homens e as mulheres;
4. Uma nova postura dos homens da geração de 70 e 80 em relação à divisão sexual do trabalho, apesar dos limites colocados pela herança social e pelo mercado;
5. Permanência da divisão sexual do trabalho doméstico para os homens da geração de 60;
6. Uma nova visão das relações de gênero e das dimensões do masculino e do feminino;
7. Reconhecimento da sexualidade e do prazer femininos;
8. Permanência para alguns da dupla moral sexual;

9. Uma nova abordagem das funções paternas.

É importante ressaltar que as contradições que apresentam em muitos de seus relatos partem do próprio processo de rearranjo das masculinidades a que estão submetidos. Essas idas e vindas traduzem, como disse, o processo de desmapeamento que Figueira coloca, de superposição de mapas subjetivos. Alguns têm uma visão multifacetada dos homens e das mulheres. Outros ainda insistem em fixar algumas características masculinas e femininas, apesar de terem trabalhado para integrar as características que dizem ser femininas ao seu universo. De qualquer forma, os rearranjos estão quotidianamente acontecendo, em função dos contextos e situações que os informantes são obrigados a enfrentar.

O capítulo que se segue procurará fornecer alguns elementos de discussão sobre o impacto das mudanças referidas neste capítulo na relação dos informantes com a contracepção. Da mesma forma, procuraremos avaliar as mudanças de percepção e atitudes diante da contracepção, orientadas pela perspectiva de gênero, e tendo como fio condutor as trajetórias de vida dos informantes.

CAPÍTULO 4 - CONTRACEPÇÃO: UMA QUESTÃO PARA OS HOMENS?

Introdução

Neste capítulo, proponho **investigar as práticas e os significados da contracepção para os informantes**. Estudos precedentes na Demografia, que abordaram as atitudes e os comportamentos sexuais e reprodutivos, freqüentemente assumiram pressupostos sobre os homens que nem sempre correspondiam à realidade. Alguns desses pressupostos dizem respeito à relação dos homens com a contracepção, assumindo que estes não são responsáveis pelo controle da fecundidade, ou ainda, que são barreiras à contracepção (Green; Biddlecom, 1997).

Dessa forma, o foco deste capítulo está voltado para o conhecimento dos eventos do ciclo reprodutivo, que são de fundamental importância na vida dos informantes e profundamente marcados pelas normas sociais e culturais. Proponho demonstrar que as atitudes e a relação que os informantes têm com a contracepção não corroboram os pressupostos que geralmente se têm sobre os homens.

Muitas foram as questões investigadas; entre elas, destaco o grau de conhecimento, o uso e os modos de aprendizagem dos métodos contraceptivos, o conhecimento sobre a fecundidade masculina e feminina, a decisão sobre o número de filhos, as experiências com aborto, esterilidade e reprodução assistida e o conhecimento dos efeitos dos métodos hormonais no corpo da mulher. Para analisar os dados obtidos, orientei-me por duas perguntas principais: **1. Qual é a relação que os informantes entrevistados têm com a contracepção? 2. As suas práticas confirmam ou não os pressupostos freqüentemente assumidos sobre os homens, quando se trata da contracepção?** Os dados obtidos nos mostram que existe um forte envolvimento dos homens nesse processo, com pequenas variações por faixa etária. O fato é que, tomando o conjunto de dados, de modo geral estes homens estão preparados para assumir responsabilidades nesse campo. Não quero com isto dizer que não haja contradições e ambigüidades. Processos de mudança cultural são sempre lentos. Contudo, não posso deixar de registrar que um avanço foi feito por parte desses

homens, a partir de uma sensibilização e um questionamento sobre as construções sociais do masculino e do feminino. Mudança que, bem ou mal, se reflete na maneira com que hoje se colocam e se relacionam com suas parceiras em relação à contracepção.

Parto da suposição de que o entendimento das práticas contraceptivas e seus significados para os informantes depende fundamentalmente da compreensão de suas experiências e motivações individuais ao longo de suas trajetórias de vida. Desse modo, as questões investigadas foram examinadas tendo em vista os diferentes momentos do ciclo de vida dos informantes. Vale acrescentar que não encontrei diferenças significativas entre os grupos etários, em relação ao comportamento reprodutivo atual. As diferenças mais significativas entre os grupos etários aparecem antes na diversidade de experiências ao longo das suas trajetórias de vida, e que precipitaram as inquietações com as questões reprodutivas, do que em relação à visão e significados atribuídos à reprodução.

Ao analisar a relação dos informantes com a contracepção, verifiquei através dos seus relatos que a qualidade dessa relação modificou-se muito ao longo das suas trajetórias de vida. Da ausência de preocupação com o “assunto” na adolescência, passou-se à participação ativa como sujeito do processo reprodutivo na vida adulta. É a transformação da qualidade dessa relação que procurarei discutir ao longo deste capítulo.

O capítulo está organizado em **quatro seções**. Na **primeira**, discuto a ausência da preocupação dos informantes com a contracepção no período da adolescência. Na **segunda seção**, apresento os caminhos percorridos na sua inserção como co-participantes no controle da fecundidade. A **seção 3** trata de suas experiências com o aborto e de suas visões sobre este tema. A **última seção** sintetiza os principais pontos do processo de envolvimento dos informantes com a contracepção.

4.1 Adolescência e contracepção

Como mencionado no capítulo 2, o foco de atenção dos meninos nessa etapa da vida estava voltado para a confirmação da sua virilidade por meio do seu desempenho sexual. Nesse sentido, a relação com a contracepção, na maioria das vezes, vinha em segundo plano, já

que na sua socialização primária de gênero esta dimensão era referida como pertencente ao domínio do feminino.

É no período da adolescência que se inicia a vida sexual e reprodutiva da maioria dos informantes. Nas décadas de 60 e 70, as informações sobre prevenção da gravidez e DSTs não estavam disponíveis na mídia e nem eram foco de campanhas e programas de governo, como ocorre hoje. Até mesmo para aqueles que viveram esse período na década de 80, essas eram obtidas através dos amigos tão somente.

Atualmente, as intervenções públicas direcionadas aos adolescentes para a prevenção da gravidez precoce e das DSTs/AIDS têm se dado por meio de campanhas de informação e organização de serviços focalizados nessa população. No entanto, apesar dos esforços em tal direção, a experiência tem demonstrado que, mesmo quando os adolescentes demonstram conhecimento sobre os riscos, esse conhecimento não é suficiente para mudar suas práticas (Paiva, 1996b). Muitos pesquisadores têm se perguntado o porquê da dissociação entre o conhecimento adquirido e as mudanças de comportamento dos adolescentes, e têm chegado a conclusões parecidas. Ou seja, de que a construção social do gênero determina as características e os atributos de homens e mulheres e que, portanto, uma mudança no comportamento sexual e reprodutivo ameaça, de certa maneira, as noções de masculinidade e feminilidade presentes em todos os grupos da sociedade (Paiva, 1996a; Barbosa; Uziel, 1996; Barker; Loewenstein, 1996).

Nesse ponto, cabe destacar alguns estudos que incorporaram aspectos relacionados ao uso do preservativo por homens de diferentes inserções sociais e pertencentes a grupos etários distintos, e que levantam considerações quanto ao uso e percepção deste método. Berquó e Souza (1991), em estudo sobre o conhecimento e o uso do preservativo como contraceptivo e preventivo de DSTs numa população de bancários, universitários e operários entre 18-25 anos, verificaram que 80% dos entrevistados já haviam usado o preservativo em algum momento de suas vidas para prevenção de gravidez e DSTs. Este estudo apontou que investigações realizadas somente com respondentes mulheres tendem a subestimar o uso desse método. Por outro lado, algumas pesquisas sobre população jovem têm indicado uma baixa utilização do preservativo. Nesse sentido, o estudo de Paiva (1996b) sobre a

população de adolescentes entre 14 a 21 anos, de ambos os sexos, freqüentadores de escola de primeiro grau noturna, demonstrou a ausência de utilização do preservativo, seja como método contraceptivo, seja como preventivo de DSTs. Para os meninos, nessa pesquisa, *“ser homem é pensar muito em sexo e se divertir”*. Além disso, *“conhecem muito pouco o corpo da mulher e acham que gravidez, em geral, é assunto de mulher”*. A autora observou que as percepções do que é masculino e feminino, ou seja, a construção social do gênero, podem estar se refletindo na dificuldade de prevenção de DSTs/Aids da população estudada. Da mesma maneira, a pesquisa da BENFAM sobre Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Jovem, realizada entre 1989 e 1990 nas cidades metropolitanas de Curitiba, Recife e Rio de Janeiro demonstrou baixa utilização do preservativo como contraceptivo e prevenção de DSTs/Aids.

De todos os entrevistados da minha pesquisa, independentemente da faixa etária, nenhum deles usou preservativo na primeira relação sexual. Não havia no período da adolescência preocupação com o controle da fecundidade. Muito embora essa fase tenha sido vivida pelos homens em momentos históricos distintos - décadas de 60, 70 e 80 - não verifiquei diferenças significativas entre eles no exame das razões alegadas quanto à falta de uso do preservativo nas relações sexuais.

Para a maioria dos informantes, a questão da Aids e seu cenário epidemiológico avassalador não havia se colocado no momento da adolescência. Quando DSTs ocorriam, eram tratadas na farmácia, ou ainda por meio de algum amigo que já havia vivido o problema. Portanto, os homens entre 34-55 anos não mencionaram o uso do preservativo como preventivo de DSTs/Aids. Mesmo entre os homens que viveram a sua adolescência nos anos 80, foram poucos aqueles que mencionaram essa preocupação, mesmo em períodos que a epidemia da Aids já era bastante conhecida. O motivo para tanta despreocupação era a confiança na parceira.

“...mas era um período, em noventa, que apesar de já ter uma incidência bem grande de Aids, era um período onde não havia esse pânico, né, Aids aquela coisa assim, já existia mas era um medo muito menor. Eu confiava nela. Hoje, não, hoje é diferente, sexo só com camisinha.” (28 anos, solteiro, sem filho)

Na década de 80, período inicial da epidemia da Aids, os informantes dispunham das informações que eram veiculadas na mídia, ou seja, a epidemia era vista como uma doença fundamentalmente de homossexuais, drogados e hemofílicos. Portanto, o cuidado em usar o preservativo como preventivo não era prática adotada nos relacionamentos. E o preservativo, quando era usado, o era para prevenção da gravidez. Para a geração que coincidentemente estava entrando na adolescência no momento de nascimento da epidemia da Aids, essa convivência com ela se inicia num período de intensas descobertas sexuais.

O relato de um dos informantes da geração de 80 é bastante revelador da mudança de comportamento a que se submeteu. Não usava preservativo quando as parceiras usavam contraceptivo, e também não se preocupava com a questão da Aids. Mas não era com todas que agia assim. Em algumas relações usava o preservativo, em outras, gozava fora. O critério de escolha não fica muito claro: “com algumas delas eu tinha medo, usava o preservativo”. O fato é que o informante fez vários testes de HIV nesse período de “aventuras”, o que me parece também supor que o teste funcionou como método preventivo no lugar do preservativo. Porém, assinala que as informações mais claras que foi obtendo fizeram com que seu comportamento se modificasse, a ponto de partir dele a exigência do uso do preservativo, em especial, no início dos relacionamentos. Hoje, vê a questão da prevenção de maneira diferente, em função da mudança do padrão da epidemia e das informações que pode obter de médicos e cientistas próximos a ele. Queixa-se de que as mulheres ainda não estão preocupadas com essa questão, e que a contracepção ainda é o motivo pelo qual as mulheres pensam em usar o preservativo, delegando ao homem a responsabilidade ou a garantia do sexo seguro.

"Você nunca chegou a transar sem camisinha? Bastante. Com uma ou outra, ou uma namoradinha mais a sério. Você fez algum teste de Aids já? Já, vários. Vários. Eu fiz porque eu tinha essas aventuras, e tudo o mais, eu usava camisinha às vezes, até que um amigo médico chegou comentando como é que funciona, o negócio de Aids, chegou e falou. Eu perguntei: - Como é que funciona o exame? Mas não é aquela coisa que causa constrangimento, não é aquela coisa constrangedora você fazer exame de Aids? Ele falou: - Não ! Vai faz, vai faz. Porque faz em tal lugar, no posto, não sei o quê. Era posto público. Nós estávamos numa campanha eleitoral, ele trabalhava para o Estado, então tinha os Postos Estaduais que tinham. Então, eu sentei com uma orientadora, não sei o quê ela sabia orientar, porque era uma daquelas pessoas que para mim não tinha vida sexual nenhuma. Me perguntou um monte de coisas, eu olhava para ela: - Essa mulher nunca

transou na vida. Enfim, fiz o exame, deu negativo, eu fiquei tranquilo, sossegado. Essa foi a primeira vez. Depois eu tive outra namorada, muito sério, muito estável. Com essa menina fiquei dois anos com ela, era muito legal. Em um certo momento, eu achei que eu fosse casar, pensei que eu fosse casar com ela. Era muito forte. E com ela nós usamos camisinha uma vez para experimentar: - Ah, vamos ver como é que é? Experimentamos a camisinha uma vez, mas ela não gostou, achou que era um negócio de plástico, que nos isolava. Depois que nós terminamos, logo em seguida, tive um problema que eu pensei que fosse uma coisa dermatológica simplesmente. Fui ao dermatologista. Eu pensei que fosse uma verruga no pênis. Aí o cara olhou assim: - Olha, isso que você tem, você devia tratar no urologista, eu posso fazer o tratamento aqui, só que vou cobrar mais, isso é uma DST. Fui correndo no urologista fazer o teste de Aids. Foi negativo. Depois disso, transei com várias outras com camisinha porque eu já tinha medo de Aids. Com essas duas aconteceu isso daí. Quando eu tive essa gonorréia, sabe? Por uma incrível coincidência, ou, sei lá, sorte até, o cunhado daquele amigo, fez doutorado em Londres sobre virologia, patologia viral. Aí, eu comecei a entender mais, que não existe mais essa coisa de que Aids é coisa de quem toma droga ou é homossexual. Não existe mais grupo de risco. Não tem mais isso comigo da menina dizer: - Não preciso de camisinha porque hoje não estou no meu dia fértil, acabei de menstruar. - Não precisa? Vamos pôr assim. Sou mais eu quem insisto. Eu acho que a relação ela tem dois momentos, primeiro tem o momento de conhecimento, os primeiros contatos, que realmente tem que usar camisinha, porque você não sabe com quem você está. A Aids está por aí, tem doença em tudo quanto é lugar. Se o relacionamento sobrevive, é alguma coisa que te envolve algo mais, eu acho que os dois, sentam e conversam, e decidem o que fazer". (32 anos, solteiro, sem filhos)

Outro informante solteiro, ao falar da procura por relações afetivo-sexuais em tempos modernos, em primeiro lugar relata qual foi a seu ver o impacto da Aids nos relacionamentos. Para o informante, a epidemia afeta o padrão de comportamento sexual e passa a exigir dos sujeitos um comportamento monogâmico, menos como opção e mais como uma atitude de sobrevivência. O uso do preservativo não é por ele lembrado como uma opção de prevenção.

*"Tá acontecendo uma coisa diferente assim, né. Eu e minha namorada estamos nos envolvendo de uma forma muito intensa, e coincide o fato de que ela não se adapta muito bem à camisinha, ela não gosta de usar. Eu apesar de também não gostar muito, não tenho problemas em usar. Aí a gente fez há alguns meses atrás, fizemos um exame de Aids tal, não deu nada e a gente acabou, transando sem usar. **E esse exame que você fez de Aids é o primeiro que você fez?** É o segundo. Eu fiz o primeiro no final de 95, que foi essa fase que eu encerrei da minha vida de promiscuidade total, quando eu resolvi encerrar essa fase de uso mais intenso de drogas, eu resolvi encerrar essa fase. No final de 95 eu fiz exame, deu negativo, aí voltei a fazer agora no meio do ano, por aí, próximo ao meio do ano. Houve uma série de transformações aí nesse digamos padrão de comportamento sexual nesses últimos cem anos, mas eu acredito que a Aids ela tenha tido um impacto muito sério com relação a isso, eu acredito. Apesar de não ter certeza se realmente é o*

ideal, mas eu acredito que a monogamia hoje em dia não é muito mais uma opção religiosa ou ideológica, acho que é uma questão de sobrevivência, hoje em dia você não pode ficar se arriscando tanto que nem antes. Eu tenho tomado muito cuidado, apesar de estar me arriscando um pouquinho com esta relação onde a gente não tem usado preservativo. Eu confio nela, mas digamos que em parte eu tenha me protegido, esteja me protegendo em parte. Tudo de informação que possa existir de Aids, eu tenho. No centro de referências onde eu fiz o meu exame, tive uma série de palestras, mas em casa mesmo, a esposa do meu pai é uma das jornalistas que mais entende de Aids no Brasil, fez uma série de reportagens sobre isso, escreveu alguns livros, então quer dizer, em casa, no ambiente familiar, eu tive todo tipo de informação que eu precisava. É muito por irresponsabilidade qualquer risco que eu esteja assumindo, do que por falta de informação. No fundo informação eu tenho uma boa carga de informação. " (28 anos, solteiro, sem filhos)

Esse discurso reflete na verdade as suas práticas sexuais atuais. Nem sempre usa preservativo, porque tem uma só parceira. Informação e prevenção nem sempre andam juntas, conforme apontam alguns estudos (Paiva, 1996a; Paiva, 1996b; Barbosa; Uziel, 1996; Barker; Loewenstein, 1996; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000). O discurso da confiança na parceira parece se encaixar bem neste caso. Isso não significa que o informante não tenha receio de contrair Aids. Ao contrário, já realizou dois testes de HIV, não só pelo seu comportamento sexual, mas porque foi usuário de drogas injetáveis. É importante ressaltar que a namorada também fez o teste, e que, embora o informante afirme que o fato de não usarem camisinha não se deva à garantia que o teste proporciona e sim ao fato da namorada assim como ele não gostarem de usá-la, me parece ser mais um caso em que o teste de HIV esteja funcionando como método de prevenção da Aids no lugar do preservativo.

Voltando à fase da adolescência, entre as razões apresentadas para a falta de uso do preservativo, encontram-se a vergonha em comprar, a ausência de preocupação com o assunto na época, a inabilidade no uso do preservativo e até a restrição da namorada ao seu uso. Vejamos a seguir alguns depoimentos ilustrativos deste ponto.

"Eu lembro dela comentando: - Não, usar camisinha tira a vontade, tira o prazer, vamos fazer sem." (35 anos, casado, dois filhos)

"A penetração era difícil com camisinha. E eu sei que foi super complicado e não foi tão fácil como eu imaginava, porque ela era virgem" (38 anos, casado, dois filhos)

"Tinha vergonha de comprar, entrar e pedir numa farmácia ou supermercado. (32 anos casado, 1 filho)

"Não tinha um domínio da coisa, nenhum. Nenhum. Nem como chegar lá, nem de como falar com aquela pessoa, nem como lidar com aquela mulher, quer dizer, eu não tinha nem isso. Muito menos pensar em usar camisinha." (46 anos, casado, um filho, duas filhas)

Alguns informantes relatam que, além da prevenção não fazer parte das suas preocupações, a primeira namorada era virgem, e que portanto, o sexo não incluía a penetração.

"Sempre o contato físico a gente sempre tinha, mas a gente nunca tinha penetração, ela tinha medo por causa da virgindade. Gozava fora, essas coisas. Não se usava camisinha, porque também não me preocupava com essa questão, naquela época. Na hora, sempre gozava fora". (37 anos, casado, uma filha)

Nota-se o depoimento crítico de um dos informantes quanto ao descomprometimento dos homens com a prevenção da gravidez e, por conseguinte, com o produto resultante da gravidez, muito embora, ele mesmo, na adolescência, não tenha usado preservativo nas suas primeiras relações sexuais:

"Você usou algum contraceptivo? Você lembra disso? Não, na ocasião não. Eu usei depois. Uma coisa também que eu tinha muito medo era disso. De engravidar. Muito, muito. Eu acho horrível, homem que quando você pergunta: -- Ah, quantos filhos você tem? ele fala: - Que eu saiba dois, mais os que têm por aí. Eu acho isso um machismo barato, horrível nisso. Horrível, tá? Sabe estes caras que se vangloriam de ter filhos por aí?. Para mim isso é um absurdo." (45 anos, casado, 1 filho e 1 filha)

Em relação ao uso da pílula, alguns dos homens que eram adolescentes entre 60-70 relatam que a maioria das namoradas também não usava pílula, ou por não ter acesso, ou por não ter atingido idade suficiente para isso. Percebe-se, entretanto, que muitos dos depoimentos reforçam a idéia de que esse assunto permanecia distante das suas preocupações daquela época. O distanciamento passa a idéia de que a questão contraceptiva era vista por eles como um negócio de mulher, mesmo sob a pressão de uma gravidez indesejada, como se pode observar nas falas de um dos informantes.

"E sua namorada tomava algum anticoncepcional? Segundo ela, sim. Eu não acompanhava isso. Embora eu tivesse aquela pressão em casa de, se engravidar, você vai casar, eu nunca tinha essa preocupação com prevenção. Até houve um período que ela suspeitava que estava grávida." (45 anos, descasado, sem filhos)

"A sua primeira relação sexual foi com quem? Foi com uma namorada. Apesar de não ter sido nada ideal, foi num cinema, assistindo Poltergeist e cheirando lança-perfume, mas foi divertido, foi bem engraçado apesar de todo aquele stress de que não usou camisinha, vai ficar grávida, dessas coisas mal planeadas." (28 anos, solteiro, sem filhos)

Ao serem questionados pela pesquisadora sobre o descomprometimento masculino em relação ao controle da fecundidade nesse período, o fator confiança na parceira foi obtido como resposta, como atestam os relatos abaixo.

"Eu confiava nela. Às vezes eu via ela contando os dias e tomando a pílula. (...)" (37 anos, descasado, dois filhos)

"Preocupação existia, né. Mas as meninas tomavam pílula. Elas diziam que tomavam pílula. E elas tomavam. Tomavam, porque nunca engravidaram". (43 anos, casado, uma filha)

"Com a segunda namorada, lembro que ela usava pílula, pois era mais velha, tinha dezoito anos (...)" (37 anos, descasado, dois filhos)

Na realidade, na década de 70 já era possível ter acesso à pílula anticoncepcional e, provavelmente, a sua prescrição já tinha sido incorporada à prática médica. Ainda assim, o depoimento a seguir me faz supor que o uso da pílula para algumas das mulheres que tinham 18 anos na década de 70 pudesse também estar associado à passagem da fase adolescente para a fase adulta.

"Eu me lembro quando eu era adolescente, assim com 18 anos, mais ou menos, eu lembro que quando perguntei se tinha que usar camisinha elas falavam: - Não, eu tomo pílula e para mim é até legal. Sinal de que eu já sou mais velha do que outra menina, que eu já tomo pílula e ela não" (43 anos, casado, sem filhos)

Para alguns dos informantes, a preocupação em não engravidar a namorada era presente nas suas relações. Nesse sentido, um dos informantes relatou que na impossibilidade da namorada ter acesso à pílula, combinava dois métodos, ou seja, o preservativo e a tabelinha.

"Eu sempre tive muito medo de engravidar uma mulher. Tinha a preocupação de não engravidar. Usava a camisinha e a tabelinha" (46 anos, casado, dois filhos, uma filha)

Outro informante colocou que sempre se preocupou em não engravidar as meninas, por isso o preservativo sempre esteve presente nas suas relações sexuais.

"Era uma coisa que eu achava. Pô, eu nunca ia querer ter um filho por aí, jamais. Então o que eu podia fazer, eu fazia. Por isso não tinha como não usar a camisinha, né?" (45 anos, casado, um filho e uma filha)

Um dos informantes usava o preservativo se a parceira não estivesse tomando contraceptivo. Até que mudou a sua atitude, usando o preservativo como dupla proteção, como se pode notar no relato a seguir.

"Ah, tem algum problema, você está tomando alguma coisa? Às vezes perguntava, lógico, não era totalmente irresponsável assim, mas acabava usando camisinha se a menina falava que não estava tomando nada. Até teve uma cena muito engraçada, uma menina que eu saí nessa época, um pouco antes disso, foi no começo de noventa, isso, a gente ficou saindo juntos o maior tempão, toda vez eu falava assim: - Eu preciso usar camisinha? Ela falava: - Não, não precisa usar. Aí um dia eu perguntei: - Mas não precisa porque? Ela falou: - Não, porque se eu ficar grávida a minha mãe cuida. Falei, tchau pra você, adeus, né. Nunca mais. Depois disso eu até fiquei um pouquinho mais arisco com relação a isso, acabei me cuidando. Com camisinha não tem erro. Inclusive para prevenir a Aids." (28 anos, solteiro, sem filhos)

É possível afirmar pelos relatos expostos, que houve uma dificuldade própria da fase da adolescência desses informantes, na qual se depararam com a inexperiência para o exercício da sexualidade e, em muitos casos, com o controle familiar sobre a mesma. Por isso, pensar e agir sobre a prevenção da gravidez era, acima de tudo, uma questão menos aflitiva, para a maioria deles, porque não relacionada à afirmação da masculinidade. Por outro lado, é importante lembrar que a atribuição do controle da fecundidade à mulher, e portanto também da prevenção da gravidez, fazia parte da matriz cultural de gênero herdada por eles, e possivelmente contribuiu em grande medida para que esse assunto não alcançasse as suas preocupações de adolescentes. Somente no decorrer das relações amorosas mais estáveis é que essa questão adquire relevância, em função dos comprometimentos que foram assumindo. É disso que tratarei na seção seguinte.

4.2 Os caminhos da contracepção: opções e trajetórias reprodutivas

Nas décadas de 60 e 70 e 80, o casamento como união definitiva foi abalado, tendo sofrido transição para uma série de casamentos pontuados pelo divórcio ou separação. Ou seja, a instituição familiar, que apresentava contornos mais nítidos e estáveis, com papéis mais segregados e complementares, se torna mais instável e flexível. A citação que se segue ajuda a precisar melhor este ponto:

"De uma uma aliança livre, porém hierárquica, institucionalizando uma família marcada pela divisão sexual do trabalho e, por isso mesmo, mais estável, o casamento transformou-se numa aliança definida pelo igualitarismo e pela satisfação emocional e, consequentemente, muito mais instável. Os comportamentos e padrões heterogêneos, flexíveis, instáveis, plurais de casamento e família em um determinado segmento social (segmentos de classes médias urbanas) vinculam-se a transformações sociais mais amplas, no curso das quais redefiniram-se as práticas de gênero. A participação crescente das mulheres nas atividades públicas e a conquista de direitos formais de cidadania não apenas desafiaram a hierarquia sexual moderna, mas atingiram em cheio o coração da família" (Vaistman, 1994, p. 32)

Cabe, pois, afirmar que o ciclo de vida e a trajetória contraceptiva dos informantes está pontuada pela fragmentação da sociedade moderna, baseada num permanente dinamismo social e cultural, permitindo a elaboração de trajetórias voltadas para a noção de projeto³⁶ pessoal. Os projetos individuais, portanto, ordenam e dão significado a essas trajetórias.

Considero que o conhecimento do período fértil feminino é condição básica para a prática segura da contracepção. Tendo em vista essa dimensão, uma das perguntas que os informantes responderam foi se conheciam o período fértil da mulher e do homem, e qual

³⁶ A noção de projeto que utilizo foi desenvolvida por Velho (1981, 1994) e enfatiza a dimensão da ação social, de caráter interativo, que dá sentido e significado às ações dos indivíduos. "O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural ao mesmo tempo que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o

seria este. Dos 30 informantes, apenas um ficou na dúvida sobre o período fértil masculino. A maioria respondeu que o homem é fértil durante todo o período da sua vida, e que a mulher tem o seu ciclo reprodutivo mais reduzido, variando as respostas em torno dos 13 aos 50 anos. Ainda sobre o período fértil da mulher, mais especificamente a fase de ovulação, todos demonstraram conhecer o seu funcionamento e os riscos associados a esta fase em relação à possibilidade de engravidar uma mulher.

"Bom, o período fértil da mulher vai até a menopausa né, na hora que para de descer a menstruação. É o período do mês, se eu não tô enganado, é o décimo quarto dia. É o meio do período. Apesar que não dá pra contar também, porque tem mulher que não tem o período regular, né?" (43 anos, casado dois filhos)

Este conhecimento é uniforme entre eles, independentemente da faixa etária e da condição civil. Pesquisa elaborada pela Comissão de Cidadania e Reprodução e realizada pelo Data Folha, em 1995, revelou um quadro bastante diferente no tocante à questão do conhecimento da fertilidade masculina. Dos 896 homens entrevistados, 59% não souberam responder sobre o período fértil do homem, 9% responderam de forma incorreta e apenas 32% disseram saber que o homem é fértil todos os dias, diferentemente da mulher. (Comissão de Cidadania e Reprodução-CCR, 1995)

O conhecimento sobre a fertilidade masculina e feminina por parte dos homens é desejável, a fim de que possam exercer as suas práticas contraceptivas de maneira eficiente. No caso dos nossos informantes, o exercício da contracepção é efetivo por parte dos homens, visto que a maioria se utiliza do preservativo e está informado sobre o período fértil da mulher. Entretanto, apesar desses informantes estarem dividindo a responsabilidade da contracepção, quem tem o controle de fato do período fértil é a mulher.

"Vocês sempre usaram camisinha? Sempre. Olha a (nome da mulher) é nutricionista, estudou isso, sabe? Já sabe quando que pode e que não pode. A (nome da filha) foi luz divina. A minha filha. Porque foi uma época, um dia que não tinha por que, sabe? Estava fora, completamente fora do período fértil. E a (nome da mulher) falou: - Ah, não precisa de camisinha hoje. Se ela falou que não precisa, não precisa. E foi esse dia que a (nome da filha) foi concebida." (37 anos, casado, uma filha)

projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade.

"Sou muito mais cuidadoso do que ela. Há um tempo atrás, teve uma ameaça de gravidez. Mas é que ela sabe os dias em que está fértil, eu não tenho como saber isso. Eu sei mais ou menos. Então na hora eu fico pensando: - Pô, será que dá ou não dá sem camisinha? Entende? Eu fico mais preocupado do que ela." (45 anos, casado, um filho e uma filha)

Poucos foram os informantes que se preocuparam com a contracepção desde o início da sua vida sexual com alguma parceira. Entre estes, encontram-se os pertencentes à geração adolescente dos anos 80. Resultados semelhantes foram apresentados pelo estudo "Os homens, esses desconhecidos..." (Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000b), cujos informantes também pertenciam às camadas médias da população brasileira³⁷.

Entretanto, foi durante o desenvolvimento das relações afetivas e sexuais com suas parceiras, que os homens foram se envolvendo na busca de alternativas conjuntas na prevenção da gravidez. Também neste ponto, a experiência de nossos informantes vem confirmar o estudo acima referido, sobretudo no que diz respeito à forma de obtenção de informações e ao cuidado com a prevenção da gravidez. As informações sobre os métodos foi obtida, muitas vezes, através dos ginecologistas das parceiras, dos amigos e das próprias parceiras. Em algumas falas, fica claro que o médico teve papel importante na escolha do método contraceptivo. Sucede, assim, que o conhecimento sobre os métodos, tal qual eles o têm atualmente, foi adquirido no decorrer da fase adulta, por meio de relações afetivo-sexuais que foram se estabelecendo com diferentes parceiras.

De fato, a maioria dos informantes conhece os métodos contraceptivos existentes, independentemente da faixa etária. Apenas os solteiros não têm total conhecimento sobre os métodos mais modernos, como o contraceptivo injetável. Ao longo das trajetórias de vida dos informantes, houve alternância de uso de contraceptivos, devida a diversos motivos. São variadas as razões de certos métodos terem sido escolhidos como os mais adequados em determinados períodos. Na fase inicial dos relacionamentos, a pílula foi um dos métodos mais escolhidos, juntamente com o preservativo. No caso da pílula, a presença do médico ginecologista na decisão se fez notar em alguns dos casos relatados. Segundo alguns depoimentos, a confiança no médico e a ação da pílula sobre a regulação da

³⁷ Esse estudo contemplou entrevistas com 40 homens das camadas médias, na sua maioria profissionais liberais, e pertencentes a duas gerações, de 27 a 39 anos e de 40 a 59 anos.

menstruação, tanto na sua periodicidade como no volume do fluxo menstrual, fizeram com que fosse a melhor alternativa para a fase inicial do relacionamento, quando ainda estavam na faixa etária de 20 a 35 anos.

"Do que eu sei, é que para algumas mulheres os efeitos são fortes. Pode dar inchaço. Agora para outras mulheres, os efeitos são positivos, de repente até já me falaram:- Olha, para evitar câncer de mama é até bom tomar contraceptivo, para regular o fluxo menstrual, tem a ver com hormônios, para a mulher também é bom ter uma regularidade. Eu não conheço todos os efeitos, mas eu sei que tem efeitos bons e tem efeitos ruins. Para cada mulher, vamos dizer, tem reações diversas, conforme o medicamento e conforme o corpo dela, talvez até". (38 anos, casado, dois filhos)

"Bom, no início da nossa relação ela tomava pílula. Ela não podia deixar de tomar pílula, porque ela tinha uma menstruação extremamente forte. Ela tinha um problema no ovário, então ela tomava pra controlar a menstruação. E por tabela a gente se relacionava e era tranquilo". (43 anos, casado, dois filhos)

Com o passar do tempo, as queixas femininas sobre os efeitos colaterais e seu impacto sobre a saúde feminina tornaram a pílula um contraceptivo inadequado. A opção alternativa conjunta foi o preservativo, na sua maioria. O mesmo vale para a troca do DIU pelo preservativo. Em um dos depoimentos, a parceira já se utilizava do DIU como contraceptivo, mas a partir do momento em que uma infecção foi diagnosticada como tendo sido causada por esse método, decidiram por usar o preservativo. Muitos foram os depoimentos que citaram a mudança do método hormonal para o preservativo, devido aos efeitos negativos dos hormônios na saúde da mulher:

"Como foi a decisão da troca do contraceptivo? O motivo é que ela sentiu alguma coisa no seio. O médico comentou, precisa parar um pouco, está usando muito tempo seguido, alguma coisa assim. A gente começou a usar a camisinha e se acostumou. Nenhum dos dois reclama disso" (46 anos, casado, duas filhas, um filho)

"A minha ex-mulher, ela não tomou pílula e eu apoiava em não tomar mesmo. Incha os seios. Ih! Dá uma série de reações que eu não sei declinar todas. Eu, vamos dizer assim, como contraceptivo, se eu tiver que chegar num ponto de fazer vasectomia, eu faço. Num caso extremo. É que hoje ainda eu não cheguei nesse ponto de ter que fazer, porque as minhas namoradas ou tem DIU ou usamos a camisinha, que já evita qualquer outro tipo de doença sexual." (45 anos, descasado, uma filha)

"Tenho colegas que comentam. Aumento dos seios, não é? Emocionalmente, às vezes, mexe com a parte emocional, não é? Hormônio. Existe mulheres que acabam engordando muito. Tem outras colegas que falaram que ficam sem tesão, entendeu? Perde a sensibilidade." (37 anos, descasado, dois filhos)

"A pílula a (ex-namorada) tentou usar. Ela passava muito mal. Tem uma amiga minha que teve problema sério para engravidar, diz ela, muito uso de pílula. Se tivesse uma pílula masculina, alguma coisa nesse sentido, eu preferiria usar, se eu tivesse uma relação estável." (32 anos, solteiro, sem filhos)

"Ela tentou usar pílula. Não deu certo para ela. Ela não aceitou o remédio, ela começou a passar mal, ela tinha taquicardia, tal. E a gente resolveu usar camisinha sempre." (37 anos, casado, uma filha)

Em um dos depoimentos, a pílula é citada como tendo trazido descontroles hormonais para a parceira. Apesar disso, decidiram pela troca do tipo de pílula, não sem antes terem optado por suspender totalmente por um período.

"Eu acho até o fato dela ter engordado absurdamente, eu acho, está ligado ao fato dela usar pílula, apesar que na minha opinião a pílula veio trazer um benefício pra ela. Era muito desregulada hormonalmente. A menstruação totalmente desregulada. Então acho que isso causava até problemas, sei lá, nervoso. Mudamos para outro contraceptivo. Ela tomava Gínera, aí teve uma época, que não sei o que aconteceu, ela teve um problema, paramos. Hoje ela toma Mercilon, inclusive eu tenho que comprar hoje." (risos) (32 anos, casado, um filho)

Nem sempre a pílula é considerada como um método que causa mais desconforto que benefício, de acordo com o depoimento abaixo.

"Seguimos o ginecologista dela. Eu pensava nisso, de usar camisinha, ela me falava: - Olha, ajuda no processo de ovulação, controlando a menstruação, de vir na data certa. Por causa disso, quer dizer, o que eu entendia é até que a pílula era benéfica para a mulher, nesse sentido." (38 anos, casado, dois filhos)

Nota-se desde logo, então, que a interrupção de métodos hormonais está sempre ligada às queixas femininas de desconforto e mal estar ocasionados por esses métodos. A esse propósito, a preocupação com a saúde das parceiras é que levou à alternância para métodos de barreira ou para a vasectomia, em alguns casos. Evidentemente que a decisão pela vasectomia tem como base a certeza absoluta de não querer mais filhos, pelo menos

biológicos, e dessa forma atende a necessidade de evitar por completo o risco de uma gravidez. Cabe esclarecer que as outras alternativas contraceptivas disponíveis (pílula, condom, diu, tabelinha, coito interrompido) não estavam atendendo adequadamente as necessidades contraceptivas dos informantes vasectomizados e de suas parceiras.

*"E como é que é a questão do uso de contraceptivo na sua relação atualmente? Atualmente não estamos mais usando contraceptivo, porque fiz vasectomia faz quatro anos, quer dizer meu filho mais novo tem 8. **Porque você tomou essa decisão, como foi essa decisão?** Foi o seguinte, doutor (nome do médico), que era o ginecologista dela na época, estava vendo que a pílula estava afetando a pressão, estava com problema de pressão, estava descontrolada a pressão. Daí, tentava controlar através de tabela, camisinha, essas coisas, pô ela virava e mexia, ela virava e dizia que estava grávida, já tinha dois filhos. Pô, acho que estou grávida. Aí ficava um período sem vir, descontrolada. Porque não estava tomando pílula. E aí eu, essa loucura toda, falei: - Ah, é melhor então eu operar. Tenho um primo que é médico, que é diretor lá do São Camilo, e falou pra mim: Pô, vamos fazer vasectomia em você, eu chamo o (nome do primo) aqui e faz aqui no consultório, se é isso que você quer. **Vocês chegaram a conversar bastante sobre isso, você e sua mulher?** Nós chegamos, eu queria mesmo. Eu queria, porque eu, eu achava na minha cabeça que eu não podia ter mais um filho. E ela também tinha o problema de pressão. Ai eu falei pô daqui a pouco dá um troço nela aí, então é melhor eu operar, uma operação simples, né. Daí eu fiz a vasectomia há 4 anos e meio." (43 anos, casado, dois filhos)*

"Agora, quando o neném nascer, eu devo fazer vasectomia, se por acaso o parto for normal, se for cesárea, ela vai fazer laqueadura. Decidimos que não queremos ter mais filhos. Na verdade, esse segundo filho também foi por obra divina." (37 anos, casado, uma filha)

Dados da BENFAM (1996) apontam o fato de que “os efeitos colaterais” se destacam como a primeira razão dada para a interrupção de métodos hormonais modernos (pílula e métodos injetáveis) e do DIU (Giffin, 1997). Alguns autores também observam que a preocupação com a saúde da mulher é o motivo principal para que os homens tenham optado pela vasectomia como contraceptivo (Said; Leite, 1987).

Ainda em relação a este assunto, devo esclarecer que muitos informantes disseram que estariam dispostos a optar pela vasectomia, se tivessem certeza absoluta de que não querer mais filhos. Apenas dois informantes se colocaram impedidos de realizar tal cirurgia, por não concordarem com a esterilização masculina e feminina, por princípio.

"Eu não faria nunca. Não, nunca. Isso, com certeza, eu não faria. Eu sei lá se eu vou querer ter um filho algum outro dia na vida, eu não sei. Isso eu não faria nunca, com certeza e nem apoiaria que a (nome da mulher) ou que qualquer outra pessoa fizesse. Acho que isso, sei lá, dá para entender talvez numa situação muito precária do ponto de vista financeiro, ou de educação, aí eu até acho que dá para entender, mas eu não acho legal, eu não acho legal para ninguém. Mesmo nesses casos". (47 anos, descasado, dois filhos)

Para ser mais precisa, o preservativo tem sido o método mais utilizado pelo seu sentido de dupla proteção - contraceptivo e prevenção da Aids - e por ser inócuo e de eficiência comprovada. Diante de tantos critérios considerados positivos, o uso do preservativo encontra justificativa para sua escolha. Mas se deve ter em mente que a preocupação com a Aids ocorre mais entre os homens da geração adolescente nos anos 80, período em que a epidemia foi mais divulgada e, portanto, tornou-se mais conhecida e temida, independentemente dos méritos das campanhas e das divulgações científicas ou de casos concretos na imprensa.

Mais uma vez, cabe aqui uma comparação com os resultados obtidos na pesquisa "Homens, esses desconhecidos..." (Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000), já mencionada. Segundo as autoras do estudo, os homens por elas entrevistados não demonstraram uma preocupação com a dimensão de dupla proteção trazido pelo preservativo. Isso nos leva a considerar a importância dos aspectos simbólicos que podem estar vinculados a esses dois tipos de comportamentos, bastante diferenciados. A meu ver, a preocupação com a dupla proteção pode refletir dois pontos importantes: 1. uma maneira mais responsável de tratar das questões da sexualidade e da reprodução, do ponto de vista masculino e 2. a natureza do relacionamento estabelecido com as parceiras, no que concerne às responsabilidades sexuais e reprodutivas de ambos. Esse comportamento poderia estar associado a diferenças de visões e significados atribuídos ao masculino e ao feminino, gerando consequências para a vida sexual e reprodutiva desses homens. Entretanto, seria necessário analisar mais profundamente essa diferença para poder fazer uma observação mais conclusiva, o que não será possível realizar neste trabalho.

Os informantes, independentemente da sua situação civil ou faixa etária, têm na sua maioria uma opinião bastante positiva a respeito do preservativo. Tão positiva, que o classificam como o método contraceptivo mais conveniente. Os critérios utilizados por eles para definir

a conveniência incluem, pela ordem, a eficiência, o fato de não trazer prejuízo à saúde da parceira e o fato de não impedir o prazer para ambos. Isso não significa que não vejam nenhum inconveniente em seu uso. Alguns se incomodam com o fato de terem de interromper a relação sexual. Outros consideram até boa a interrupção para o prolongamento da relação sexual:

"Quando eu não estou namorando alguém, quando eu estou sozinho, as relações sexuais têm um espaço maior. Você se desacostuma. Transar sem camisinha, você goza muito rápido, pelo menos a primeira vez. Usar camisinha é também uma maneira de curtir um pouco mais de tempo. E agora tem o medo da Aids" (32 anos, solteiro, sem filhos)

Creio ser interessante acrescentar que os informantes têm interesse no avanço tecnológico da contracepção masculina e foram muitos os que afirmaram estarem dispostos a experimentar um método contraceptivo masculino, se este estivesse acessível no mercado.

Fica igualmente claro, em todos os depoimentos analisados, que para os informantes a gravidez não é somente um problema da mulher e que a escolha do método e a decisão de ter filhos deve ser sempre conjunta. A esse propósito, podemos estabelecer novamente um contraponto com a pesquisa "Homens, esses desconhecidos..."(Oliveira; Bilac, Muszkat, 2000). De acordo com as autoras, há um sentimento predominante entre os homens entrevistados, especialmente entre aqueles pertencentes à faixa etária de 40 a 59 anos, de que evitar a gravidez é especificamente um problema da mulher.

Na minha pesquisa, dos homens entrevistados que tiveram filhos, todos os tiveram após o casamento, com intervalos variando entre um ano a três anos após o mesmo. E apesar de muitos deles relatarem que não tinham planejado os filhos que vieram, disseram, contudo, que estavam preparados para receber os filhos. Quando houve planejamento, a decisão foi conjunta. Quanto aos homens que tinham problema de esterilidade, um já sabia antes do casamento e os outros dois só descobriram após o casamento. A adoção foi uma das soluções para dois deles. A espera para ter filhos após o casamento na maior parte dos casos foi escolha própria. Em poucas situações resultou de dificuldades provisórias - do informante ou da parceira - para engravidar. Tais dificuldades requereram tratamento contra

a infertilidade, conforme vimos no capítulo 3, os quais, apesar dos desgastes causados, foram compensados ao final com o nascimento do primeiro filho ou da primeira filha.

A maioria é a favor do planejamento familiar. Todos, sem exceção, enfatizaram a responsabilidade dos homens pelo planejamento familiar; mais do que isso, querem participar da decisão e não enfrentar uma paternidade imposta. Acreditam que o exercício da paternidade deva ser também uma escolha reprodutiva dos homens. Alguns acreditam que existem pré-requisitos para o exercício da paternidade, desde a estabilidade financeira, até a estabilidade afetiva do casal e emocional de cada um dos parceiros. Um dos informantes, que não realizou o seu desejo de ser pai, coloca-se contrário a essa visão. Na sua opinião, se as pessoas forem esperar o preenchimento de todos os pré-requisitos, talvez de fato nunca venham a ter filhos.

"Digo para os meus amigos: - Eu não posso ter filhos, então aproveita enquanto você pode ter. Então, como eu não posso ter filhos, tem esses papos às vezes na nossa roda. Eu acho que o planejamento também vem com o filho, porque quando você tem o filho, "n" coisas se desencadeiam que você tem que fazer ou não fazer. Porque eu acho que se você for racionalizar, acaba não tendo filho nenhum. Então, eu digo para eles (os amigos): - Então vá, faça vasectomia, seja estéril que nem eu e transa até você morrer. Mas pára com essa palhaçada. Você tem que trocar a telha da casa de praia e não quer ter filhos porque a grana não dá. Então, é isso que eu acho ruim, continuam não tendo filhos e continuam arrumando telhas. Então estão substituindo as coisas." (45 anos, descasado, sem filhos)

A prática de tomada de decisão conjunta em relação ao planejamento do número filhos e ao espaçamento entre eles, se concretiza numa busca mais efetiva pelo controle da fecundidade, por meio do uso do preservativo pela maioria dos homens da amostra. Por certo, muitos dos filhos não foram intencionalmente planejados, como alguns depoimentos esclarecem. Entretanto, não foram filhos não desejados. Parece ainda haver uma diferença no entendimento do que seja planejamento familiar. Para alguns, significa estar desejando e preparados para a paternidade, porém sem data marcada, enquanto que, para outros, o planejamento tem uma outra concepção. Significa planejar o momento adequado de receber uma criança, por melhor preparados do ponto de vista da sua relação afetiva que já possam estar. Para estes, a situação financeira tem um poder definidor maior na sua decisão.

"Não houve planejamento da primeira filha. A nossa filha veio "para validar a relação". Não concordo que os filhos devam ser planejados, sendo que as condições afetiva, emocional e espiritual são mais importantes. Não pode ser racional." (46 anos, casado, dois filhos, uma filha)

"Tivemos filhos somente após o terceiro ano de casamento. Veja, é preciso que a vida esteja arrumada, é muita responsabilidade e tem sempre a questão do dinheiro envolvido. Queríamos dar uma vida sem luxo, mas com dignidade para os nossos filhos." (43 anos, casado, duas filhas)

"Até que a gente planeja sim. Quero ter mais um filho, não agora que estou mudando de emprego e a minha mulher está desempregada. Na verdade ela quer adotar. Mas acho complicado a situação de adoção (...)" (32 anos, casado, um filho)

A seção seguinte aborda as situações de aborto vividas pelos informantes, assim como as suas percepções sobre essa opção. Como é uma decisão que afeta homens e mulheres, a maioria vê como ideal a decisão conjunta. Mas sabem que não afeta a ambos da mesma maneira. Afirmam, portanto, que para garantir a capacidade de controle da sua própria vida, cabe à mulher a autonomia sobre a decisão.

4.3 Aborto: Cada caso é um caso

O aborto tem estado na agenda feminista mais fortemente nos últimos vinte anos. A escolha de ter ou não ter filhos tem sido colocada como o poder de decisão da mulher viver com liberdade a sua sexualidade, separada da reprodução. Entretanto, não só no Brasil, mas de uma maneira geral na maioria dos países, raramente se fazem presentes as vozes masculinas em relação ao tema do aborto, excluindo-se as da hierarquia católica (Garcia; Aidar; Telles, 1996). A Igreja Católica tem se colocado oficialmente contra o aborto, mesmo em casos de estupro e risco de vida da mãe. Por certo, os membros do clero têm opiniões distintas, pois este abriga um leque amplo de posições políticas, dos ultraconservadores aos teólogos mais liberais. Contudo, outras correntes religiosas, sob o guarda-chuva da denominação evangélicas, têm contribuído para reforçar a posição da Igreja Católica, especialmente no Congresso Nacional, através de seus deputados representantes (Rocha, 1993). No entanto, apesar da acentuada objeção de natureza religiosa, a influência do movimento de mulheres se faz sentir no Brasil mais fortemente na década de 90, não só no conjunto dos projetos de lei de inspiração feminista, que foram apresentados no Congresso Nacional, mas também

na mudança do tratamento do aborto no noticiário dos grandes jornais nacionais. De figurante das páginas policiais até 1996, desloca-se para as páginas da política, saúde, ciência e família, ampliando o espaço de debate para um conjunto mais diversificado de atores políticos (Comissão de Cidadania e Reprodução-CCR, 2001).

Na cena política, os embates continuam, com avanços e retrocessos, mas sempre acalorados. Esse clima apaixonado também está presente na cena cotidiana daqueles que de fato tomam as decisões reprodutivas e que participam de maneira distinta do processo reprodutivo. As opiniões sobre o aborto, muitas vezes conservadoras, outras vezes relativizadoras, expressam a complexidade e a seriedade do tema e ao mesmo tempo a dificuldade de se trabalhar com questões que envolvem problemas morais, éticos, culturais e políticos.

Pesquisa de opinião pública³⁸ realizada em 5 capitais, em 1995, com a população masculina e feminina, investigando entre outros temas a questão do aborto, revelou um quadro bastante interessante. Com relação à pergunta sobre se a mulher deve decidir sozinha ou o homem deve participar da decisão aborto, a resposta com maior frequência relativa foi de que o homem deve participar, mas a mulher decidir; 49% das mulheres e 32% dos homens responderam dessa maneira. A escolaridade mostrou ter um poder explicativo para esta questão, tanto para os homens como para as mulheres, sendo que a população masculina mais jovem e com melhor nível de escolaridade tendeu a afirmar que a participação conjunta na decisão é desejável e deve ser assegurada. Por outro lado, a existência de um trabalho remunerado foi fator importante nas respostas das mulheres em relação a esta questão. (Garcia; Aidar; Telles, 1996).

Em minha pesquisa, ouvi relatos de experiências e de opiniões sobre a decisão de interromper uma gravidez. Os homens que relataram terem se envolvido com casos de aborto induzido nas suas relações, bem como aqueles que não tiveram essa vivência,

³⁸ A pesquisa “Sexualidade, Saúde e Direitos Reprodutivos dos Homens” foi elaborada pela Comissão de Cidadania e Reprodução e realizada pelo Instituto Data Folha, em junho de 1995. O universo pesquisado foi composto pela população das cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, com 16 anos ou mais. Deste universo, extraiu-se uma amostra de 1964 pessoas, sendo 46% do sexo masculino e 54% do sexo feminino.

afirmaram em seus depoimentos que a decisão deve ser preferencialmente em conjunto. Entretanto, reconhecem que cabe à mulher a decisão final, pois a gestação se dá em seu próprio corpo. Ainda assim, o aborto nunca é invocado como método contraceptivo, pois consideram ser sempre traumático, muito embora possa ser necessário, não importando para isso quais as razões que se apresentam para o casal ou para a mulher, pois “cada caso é um caso”. Na avaliação dos entrevistados, é tamanha a singularidade das situações que se apresentam, que somente cabe ao casal, ou à mulher, a decisão a ser tomada.

"Na situação que uma pessoa, sei lá, sai à noite com um cara, transa com aquele cara, e descobre que por algum acidente ficou grávida daquele cara, é uma situação. Aí você tem uma situação que tem duas pessoas já numa relação, mas que não tem condição sócio-econômica de ter um filho agora, no momento. Não se sente com capacidade de cuidar, por exemplo, porque é muita responsabilidade, né? Você tem uma gama de situações, de gente envolvida, tem homens, tem mulheres. Tem menina também, que tenta agarrar o cara ficando grávida. Cada caso é um caso." (32 anos, solteiro, sem filhos)

Alguns informantes colocam a escolha do aborto como um direito individual e da mulher, argumentando que a gravidez ocorre em seu corpo e ela tem o direito de decidir se quer continuar gerando aquela criança.

"Eu acho que impedir que o aborto seja feito, o homem não pode não, e nem exigir que faça o aborto. Ele não tem esse direito. É claro que, se existe uma relação, os dois têm que decidir juntos. E o homem apoiar e participar se for o caso de abortar. É melhor fazer o aborto do que depois ter uma criança não desejada". (43 anos, casado, dois filhos)

"Se acontecesse comigo, acho que a gente devia sentar e conversar e decidir juntos. Mas acho que cabe à mulher decidir no final, em função de sempre mudar muito mais a vida dela, dificultando conciliar o lado profissional e familiar" (38 anos, casado, dois filhos)

Parece que duas visões sobre o enfrentamento do aborto se sobressaem. A primeira está relacionada com a questão dos direitos individuais e dos direitos da mulher. Está baseada na noção da ética e da justiça (Dwyer, 1998), ou seja, pensar no problema do aborto em termos de direitos individuais, e resolvê-lo determinando quais direitos devem ser priorizados em uma determinada situação, se da mulher, ou do feto. A segunda me parece estar mais relacionada ao que a feminista Carol Gilligan, propõe, ou seja a ética do cuidado e da responsabilidade. Ou seja, cuidar do feto e da criança em que esta se tornará é uma

escolha que a mulher faz levando em consideração a sua capacidade de assumir ou não essas obrigações. Caracteriza cada caso como único e valoriza o seu contexto global.

Como afirmei anteriormente, o tema do aborto envolve várias dimensões. Inclusive de políticas públicas. Entretanto, é fundamental termos clareza de que as opiniões e as atitudes frente ao aborto, apesar de serem de ordem privada, estão associadas aos valores herdados (aspectos religiosos, sociais e políticos), que influenciam a postura e a decisão em relação ao tema. Deve-se também considerar que engravidar, levar a gravidez até o fim e criar uma criança são eventos que ocorrem em momentos específicos das trajetórias de vida das pessoas e que, portanto, as opiniões e as atitudes em relação ao aborto podem se modificar e transcender os valores culturais herdados.

A posição da maioria dos informantes apresenta o aborto como um problema complexo, mas que deve ser avaliado sempre na sua singularidade e considerando o contexto da situação. Dessa forma, não pode ser reduzido a uma única variável, nem mesmo de ordem religiosa. O único informante que se coloca contra o aborto por princípio tem, na sua origem e na sua prática religiosa, influências importantes que determinam ser esta a sua posição sobre o aborto. Todavia, relata que não impediria que essa fosse a escolha de sua parceira, porque acima de tudo coloca o respeito à autonomia de sua parceira, o que inclui o respeito a não querer acolher um feto em seu corpo.

"Olha, eu sou contra o aborto. Apesar de ser contra o aborto, não impediria a mulher de fazer. Acho que cabe à mulher decidir. É direito dela. O corpo é dela, como posso impedir"? (35 anos, casado, dois filhos)

Os informantes que tiveram experiências com aborto procuraram médicos de clínicas particulares indicados por amigos que já tinham passado por situação semelhante. Comentaram a técnica de sucção como a realizada pelos médicos, uma prática amplamente citada, na literatura sobre práticas abortivas, como sendo utilizada pela população que dispõe de recursos financeiros para tal. Alguns depoimentos relataram a dificuldade da situação.

"Tive a minha única experiência de aborto com uma menina que eu estava começando a namorar. Eu tinha 19 anos e estava desempregado. Ela falou: Me leva num lugar aí que eu vou tirar, que eu não quero essa criança. Fui levá-la em Osasco. Olha, foi uma experiência terrível. Eu fiquei numa salinha de espera de um consultório, às seis horas da manhã, e a médica ligou um tal de aspirador. De repente, ouço um barulho, alguma coisa caindo, como se fosse caindo numa água, tchum. Foi terrível. Mas também ter a criança, não estava em condições." (48 anos, casado, dois filhos)

"Fui com a minha filha para ela fazer o aborto. Fui eu que acompanhei tudo. Na hora, durante e depois. Não é uma coisa que eu ache tranquilo, não. Foi muito difícil, muito difícil mesmo." (56 anos, casado, uma filha)

Por ser uma experiência distante do corpo masculino, percebe-se que é difícil para eles encontrarem palavras com as quais possam descrever a experiência do aborto. É realmente como ficar numa sala de espera, em todos os sentidos, imaginando o que ocorre lá dentro. É o limite da participação masculina nesse ato contraceptivo.

Um dado interessante, trazido pela maioria dos informantes, refere-se à ênfase que é dada à autonomia da decisão final da mulher, em função da situação ou da circunstância em que esta se encontra e ao seu projeto de vida. Ou seja, ao mesmo tempo que desejam participar da decisão da interrupção da gravidez, reconhecem que, pelo fato da gravidez ser no corpo da mulher, deve-se respeitar a decisão final que cabe a ela. Muitas vezes, o fato de as mulheres já terem filhos é trazido como um dos argumentos dos informantes para afirmar que elas são as que estão em melhor posição para avaliar as consequências da maternidade e, portanto, das responsabilidades com o cuidado e a criação de crianças.

Pesquisa realizada no Rio Grande do Sul com 200 entrevistados (100 homens e 100 mulheres) das classes populares apontou uma situação bastante diferente em relação à conotação moral do aborto nas condições em que a mulher não deseje uma gravidez (Leal; Lewgoy, 1998, p. 189). Os autores observam que o aborto torna-se mais grave quando praticado por mulheres que já tem filhos: "...se houve condições de "criar" um filho, não haveria impedimento social e pessoal de criar outro. Em tal caso, já foram dadas provas de legitimidade e consecução do projeto de maternidade, o que agravaria o aborto neste momento. Há um reconhecimento de uma maior responsabilização do ato da concepção ou do controle sobre a reprodução para as mulheres que já passaram pelo aprendizado da

maternidade”. Deve-se considerar que se trata de uma população de baixa renda e baixa escolaridade.

No caso da minha pesquisa, os informantes mostraram-se favoráveis à idéia de que o próprio casal deve decidir como limitar a sua prole e, portanto, fazer as escolhas que forem necessárias. O aborto é visto muitas vezes como sendo necessário, pois a criança está chegando numa hora errada, seja por questões financeiras, seja por questões de impossibilidade de assumirem um papel materno ou paterno naquele momento. O argumento por eles utilizado é o da defesa do direito dos parceiros decidirem conjuntamente qual a melhor escolha reprodutiva para eles. Por outro lado, essa visão acerca da gravidez como acontecendo nos corpos das mulheres, o que daria às mulheres o direito de determinar o que acontece com os seus corpos, não implica que os informantes estejam referendando o aborto como moralmente aceitável, mesmo porque tal questionamento não foi feito por mim, e nem mesmo expresso por eles em seus depoimentos.

4.4 Considerações Finais

Os dados da minha pesquisa não confirmam os pressupostos sobre a relação dos homens com a contracepção. Ou seja, de que pouco participam e que desconhecem os métodos contraceptivos. Revelaram conhecimento sobre a maioria dos métodos tradicionais e modernos. Responsabilizam-se pelo controle da fecundidade juntamente com suas parceiras.

Verifiquei que reformulações de visões e atitudes em relação à contracepção foram acontecendo ao longo do curso de vida dos informantes, da adolescência à fase adulta. Dos 30 homens entrevistados, 18 usam o preservativo como único contraceptivo em todas as suas relações sexuais. Um dos entrevistados usa o preservativo associada à pílula, em períodos alternados. A vasectomia foi o método escolhido para lidar com a questão da contracepção por parte de 3 deles. A esterilidade masculina é a causa para a ausência de qualquer método por parte de 2 deles. Ainda assim, um desses homens é descasado e utiliza-se sempre do preservativo em relações sexuais eventuais, como prevenção de

DSts/Aids. O coito interrompido associado à tabelinha são as alternativas contraceptivas de 6 homens. Supõe-se que alguns dos sujeitos que se utilizam do preservativo como contraceptivo, visam a dupla proteção. Percebi uma disposição por parte dos entrevistados de usar contraceptivos masculinos modernos. Portanto, a ampliação das possibilidades nessa área seria muito bem vinda.

Quando falo em controle da fecundidade pelos homens, estou partindo do entendimento de que as mulheres desejam essa participação, mas não o controle total. O estudo de Aguma (1996), conduzido no Reino Unido, em 1996, envolvendo homens e mulheres entre 19-21 anos, tem uma contribuição importante a esse respeito. Esse estudo nos alertou para o fato de que, embora as mulheres prefiram que os homens assumam uma maior responsabilidade em relação à contracepção, elas não ficariam muito felizes em lhes delegar o controle completo sobre essa área, alegando falta de confiança. Essa questão foi expressa por uma das mulheres entrevistadas por meio da seguinte pergunta: “se desenvolvessem uma pílula para nós, mas fosse o homem quem ficasse grávido, nós nos lembraríamos de tomá-la?” Nota-se, desde logo, que o debate acerca do controle da fecundidade pelos homens deve estar inserido no contexto das relações de gênero, sob pena de repetir os desacertos que têm ocorrido nessa área.

CONCLUSÕES

Esta tese procurou contribuir para o conhecimento do discurso sobre as práticas de sexualidade e reprodução de homens de camadas médias que vivenciaram reflexões sobre a identidade masculina e os valores e percepções associados a essas práticas. Seu desenvolvimento partiu de uma inquietação básica, considerada de uma perspectiva demográfica, qual seja, a incorporação dos homens nos estudos de fecundidade como atores secundários e problemáticos, e não pela necessidade de entender sua visão sobre a reprodução e suas necessidades nesse campo.

Desse modo, no capítulo 1, procurei entender, em primeiro lugar, por que e como isso se deu, bem como suas implicações para o conhecimento a respeito da reprodução. Em segundo lugar, apresentei os pressupostos de gênero com os quais os estudos demográficos vêm trabalhando e suas implicações para o conhecimento produzido. A partir das inquietações geradas pela presença secundária dos homens e pelos pressupostos de gênero nos estudos de fecundidade, fui buscar elementos para questionar a visão monolítica dos homens. A busca por esses elementos exigiu uma revisão da literatura internacional e nacional nas disciplinas de ciências sociais que tratam do tema homens e masculinidades da perspectiva de gênero, visando definir o referencial conceitual e analítico do trabalho. Esses estudos, que têm o homem como objeto de reflexão, destacam a presença de múltiplas masculinidades e suas articulações com diversas dimensões, como classe, raça e orientação sexual, enfatizando o caráter relacional das relações de poder entre os sexos.

Duas considerações são pertinentes quanto ao primeiro capítulo. A primeira é a de que a adoção da perspectiva de gênero nos estudos demográficos pode determinar o tipo de dado que se quer coletar, na medida que se queira rever os conceitos e assertivas anteriormente tomados como adequados. A segunda é de que se abre uma nova opção para rever os resultados das pesquisas realizadas e se abre a possibilidade de se pensar outras possíveis respostas e determinantes para este ou aquele comportamento. A partir dessas considerações, uma mudança de visão dos estudos de fecundidade coloca o desafio de pesquisar os homens como foco de análise, e não somente como parceiros secundários de

uma união sexual ou matrimonial. Aponta também o fato de que o entendimento da negociação entre homens e mulheres em questões reprodutivas depende fundamentalmente da compreensão das experiências e motivações de ambos ao longo das suas trajetórias de vida.

Este trabalho se propôs pensar nessas questões como um desafio para a construção de uma Demografia que esteja voltada para as inter-relações entre a cultura, a economia e a política e as implicações dessas relações para os atores reprodutivos. Em outras palavras, a preocupação central da pesquisa demográfica deveria ser situar a fecundidade de maneira a mostrar seu sentido sociocultural, econômico e político, nos diversos contextos específicos. Isto porque mudanças sociais, na organização do trabalho, nas estruturas familiares e nas relações de gênero têm impacto na vida reprodutiva de homens e mulheres, muito embora de maneira diferenciada.

Nessa direção, a tese explorou a construção contemporânea das relações sociais entre os sexos e identificou a masculinidade como uma problemática da construção do gênero a ser investigada. Desse modo, a tese foi construída a partir das considerações trazidas pelos estudos de fecundidade e pelos estudos de gênero com enfoque nos homens, gerando a questão central: Como os homens que têm questionado as construções sociais do masculino e do feminino, e tornado esse questionamento como parte importante das suas trajetórias de vida, percebem e se relacionam com a sexualidade e a reprodução? Esse interesse me levou à investigação das configurações e reconfigurações do masculino através dos discursos sobre as trajetórias de um conjunto de homens que se confrontaram com a reflexão sobre as suas experiências, contradições e posições diante das suposições normativas da masculinidade e do masculino.

Para poder investigar essa questão, a amostra incluiu homens que tivessem refletido mais sistematicamente sobre a identidade masculina e as mudanças nas relações de gênero. Isso me levou a entrevistar 30 homens, entre 25 e 55 anos, pertencentes às camadas médias e que participaram de "grupos de gênero" promovidos por um serviço público de saúde de São Paulo. Os capítulos empíricos foram definidos a partir da questão central da tese,

organizando os dados a partir dos temas mais significativos para essa questão: socialização de gênero, relações afetivo-sexuais, paternidade e contracepção.

O capítulo 2 procurou situar o processo de socialização dos informantes e identificou os valores e as representações de gênero herdadas, por meio da interação familiar e social com os grupos de pares. Identificou que, para a maioria dos informantes, excetuando-se alguns da geração de 80, o modelo de conjugalidade a que estiveram expostos foi rigidamente marcado pelos lugares específicos de homens e de mulheres: a mulher dona-de-casa e cuidadora da família e das relações entre seus membros, e o homem-provedor e ausente da convivência íntima com os filhos. Apontou as dificuldades dos entrevistados no período das descobertas sexuais e a ausência de informações e espaço de discussão sobre a sexualidade e a contracepção.

A falta de informação pública sobre sexualidade e saúde reprodutiva, na época da adolescência dos informantes, configurou-se como um grande problema para eles. Isso não apenas tem a ver com a falta de informação em si - que é terreno para que todo tipo de preconceito e de inseguranças se desenvolvam - mas também com a interdição do espaço público para esses problemas. Se uma questão não existe como questão coletiva, de saúde pública, então é muito mais provável que as pessoas se sintam pessoalmente responsáveis por esses problemas. A sensação de fracasso e de erro é exponencialmente aumentada. A meu ver, seria essa a grande diferença entre ser jovem e adolescente hoje em comparação com 20 ou 30 anos atrás. E isso deve ter um impacto para a qualidade da vida sexual, afetiva e reprodutiva dos jovens de ambos os sexos.

Os depoimentos indicaram uma diferenciação geracional relativa à primeira relação sexual. Os homens mais jovens da amostra, da faixa etária entre 25-33 anos (geração 80), buscaram um ideal de relação desde o primeiro encontro. Esse ideal compreendia conjugar sexo e afeto numa mesma equação. Não foi o caso da maioria dos informantes das gerações de 60 e 70, cujas práticas do primeiro encontro os levaram a se iniciar com prostitutas.

No capítulo 3, discuti as experiências dos informantes na reconfiguração dos valores hegemônicos de gênero. As experiências expressas por eles indicam uma tendência para a

descontinuidade daqueles modelos e a opção por comportamentos e atitudes bastante variáveis, dentro de limites definidos por cada um, e operando dentro de mecanismos de negociação da realidade que foram se desenvolvendo ao longo de suas trajetórias de vida. Pôde-se perceber que os homens entrevistados se vêem como multifacetados, ora atendendo às demandas externas de uma sociedade competitiva, ambígua nas suas mensagens, ora construindo relações mais igualitárias, baseadas na divisão do poder entre os sexos, nem sempre de forma igual, mas buscando um caminho próprio, tentando se desvencilhar das crenças e dos valores herdados. Os homens se queixaram de ter que confirmar sua masculinidade perante outros homens e perante as mulheres. Romper com os valores predominantes de gênero não é uma tarefa fácil. De fato, esse processo gerou muitas reflexões, mobilizou recursos simbólicos e abriu a possibilidade de alargamento do leque de opções pessoais para esses homens.

Os valores predominantes da masculinidade e da feminilidade estão sendo avaliados e as fronteiras entre os gêneros sendo questionadas. Expor seus sentimentos, ter a possibilidade de chorar e ser mais afetivo com os amigos homens, por exemplo, remete a uma redefinição do que é ser homem, de modo a incluir características associadas ao feminino. Os depoimentos afirmaram esse desejo de redefinição. Entretanto, as ambigüidades em relação à “femininização” do homem surgiram no decorrer dos relatos. Alguns deles, ao identificarem em si mesmos características associadas ao feminino, como sensibilidade e intuição, tendiam a associá-las com a homossexualidade, vivenciando portanto um conflito de gênero, em função da dificuldade de suportar qualquer associação ao feminino. Nesse sentido, as atitudes dos informantes, em particular nessas questões, variaram conforme o grau de segurança que adquiriram ao longo das suas trajetórias de vida e de acordo com o contexto em que estavam inseridos.

Do ponto de vista geracional, foi observado que a geração de 60 teve maiores dificuldades do que as gerações posteriores em inovar o modelo de conjugalidade que recebeu de herança. Evidenciou-se que, para os sujeitos das gerações de 70 e 80, o modelo de relações “igualitárias” entre os sexos configurou-se com maior nitidez e ressonância. Entretanto, é importante mencionar a dificuldade em superar a divisão sexual do trabalho doméstico, especialmente entre os homens da geração de 60.

Muitos depoimentos se referiram às dificuldades de serem pais num mundo em que o trabalho toma uma dimensão muito grande em suas vidas, impedindo um contato diário mais próximo com os filhos. Entretanto, a maioria afirmou que exerce a paternidade como uma atribuição social que pode ser assumida pelos homens de maneira mais participativa, desde os primeiros cuidados, momento em que estabelecem os laços afetivos e duradouros com os filhos. A redefinição do modelo tradicional do pai exclusivamente provedor, ausente, autoritário, gerou um processo intenso de reflexão sobre seu lugar na família como pai, assim como, muitas dúvidas a respeito de que tipo de pai estão sendo para seus filhos. Verificou-se que os homens da geração de 60 se adequaram ao modelo predominante de masculinidade, no qual o pai se coloca como ausente dos primeiros cuidados com os filhos. Os homens das gerações posteriores foram conduzidos pelo "projeto igualitário" e buscaram exercer a paternidade desde os primeiros dias, colocando-se como presença constante no processo de gestação e desde os primeiros dias dos bebês.

Apesar das diferenças geracionais encontradas, a maioria deles buscava um ideal de pai que, além de ser mais próximo afetivamente dos filhos, fosse mais presente no cotidiano da família. No entanto, apresentaram muitas dúvidas a respeito de seu desempenho como pai. De qualquer forma, os informantes revelaram novas formas de vivenciar a paternidade, recusando alguns dos valores herdados, porém mantendo aspectos como a responsabilidade pela provisão dos recursos da família. Essa responsabilidade, no entanto, é na maioria das vezes dividida com as suas parceiras, o que nos remete ao parâmetro das relações "igualitárias".

Uma vez discutido o processo de reconfigurações de gênero, o capítulo 4 forneceu alguns elementos de discussão sobre o impacto dessas reconfigurações na relação dos informantes com a contracepção, tendo como fio condutor as trajetórias de vida dos mesmos. Os dados não confirmaram os pressupostos mais difundidos dos estudos de fecundidade sobre os homens. Responsabilizam-se pelo controle da fecundidade, juntamente com suas parceiras. A maioria utiliza o preservativo como o método que hoje melhor atende às necessidades contraceptivas e de prevenção de DSTs/Aids. Houve mudança de visão e de atitudes em relação à contracepção ao longo das suas trajetórias de vida, da adolescência à fase adulta. Um primeiro aspecto a ser mencionado é que muitos dos homens passaram de uma fase de

descompromisso ao compromisso permanente com a questão, haja visto o alto índice de uso de preservativo nas suas relações sexuais atuais. Alguns dos homens, usuários do preservativo como contraceptivo, o fazem também para protegerem a si mesmos e as suas parceiras fixas ou eventuais das doenças sexualmente transmissíveis. O que valer dizer que o preservativo nestes casos tem sido utilizado na forma de dupla proteção. É fato, contudo, que poucos se preocuparam com a contracepção no início da vida sexual. Dentre estes, alguns homens da geração de 80 se destacaram pela preocupação com a contracepção e a prevenção das DSTs/Aids.

Embora a questão da dupla proteção (contracepção e DSTs/Aids), propiciada pelo uso do preservativo, seja extremamente importante e deva ser levada em consideração na decisão da escolha de um método, novos métodos contraceptivos para uso pelos homens possibilitariam a ampliação do leque de opções contraceptivas para os informantes, o que é bastante desejado, além de propiciar a possibilidade deles alternarem o uso de contraceptivos com as suas parceiras.

É possível afirmar que os informantes compartilham de um mesmo código ético, apregoando o princípio da igualdade nas relações entre homens e mulheres, a indistinção valorativa das diferenças biológicas e a necessidade do comprometimento de ambos, homens e mulheres, no domínio público e privado. No entanto, a adesão a esse código ético se deu de maneira lenta e gradual. Para muitos deles, a busca de relações mais igualitárias, não normativas e não hierárquicas na sua vida adulta é um objetivo claro a ser atingido. Para outros, a manifestação de uma visão crítica dos *scripts* de gênero se fazia bastante evidente desde a sua juventude. Entretanto, o processo de reconstrução das masculinidades não é fácil, gera conflitos, desconfortos e ambigüidades. O investimento psíquico e emocional de cada um deles nesse processo foi se dando ao longo das suas trajetórias de vida, nos acertos e desacertos em suas relações com as mulheres e com outros homens. O rearranjo dos valores e as mudanças de comportamento foram se configurando nesse processo, cujo resultado final não podemos visualizar, porque as reconfigurações são constantes. A identidade de gênero, portanto, não é vista como fixa, muito embora a sua mobilidade não necessariamente indique que a aquisição de novos valores desbanque os antigos. Ao contrário, as ambigüidades surgem justamente porque convivem juntas numa

mesma subjetividade e, portanto, causam conflitos que esses sujeitos tentam superar nas suas reflexões e práticas.

Como as coisas são mais complicadas do que parecem, as soluções não são simples. Abdicar de crenças e fundamentos, mudar atitudes, derrubar mitos internos para modificar as regras de convívio tem se mostrado possível. Aqueles que querem mudar, que acreditam nas mudanças, vivem num campo de batalhas, de idéias e de materialidade dessas idéias. Sentem-se sempre como combatentes nesse campo (com as mulheres, com os amigos e colegas de trabalho). Sabem que muitas interrogações não têm respostas adequadas. Condiçãoados pela sociedade, sempre mutável, nem sempre previsível, não são nem vítimas nem opressores. Sabem que a postura individual também gera mudanças, e influem para que os papéis e os valores em jogo na relação entre os gêneros se transformem.

O caminho por eles percorrido nesse processo de mudança de visão e de responsabilidades passou pela transformação das relações com suas parceiras, mediante o reconhecimento e a aceitação da divisão de responsabilidades reprodutivas, antes vistas como femininas. Evidentemente, estas mudanças não ocorreram sem ambigüidades, como já enfatizei. Ao longo das suas trajetórias de vida, foi possível elaborar outras construções do masculino, nas quais o homem-provedor e a mulher-reprodutora eram apenas uma das alternativas de modelos possíveis na sociedade. Este modelo tradicional foi questionado por ser limitante e não corresponder às suas realidades. Enfim, essa reelaboração do masculino e do feminino trouxe a possibilidade de efetivar mudanças que tiveram implicações em suas vidas reprodutivas.

Contudo, é necessário dizer que a amostra desta tese não pode ser tomada como representativa, por ser um grupo de homens bastante particular, muito embora alguns trabalhos sobre homens das camadas médias urbanas das grandes metrópoles tenham também indicado uma reconfiguração das práticas discursivas com relação à paternidade e à contracepção (Salem, 1989; Romanelli, 1995; Oliveira; Bilac; Muszkat, 2000; Unbehaum, 2000; Marcondes, 2002)

Mais pesquisas são indispensáveis para compreender e elucidar os sentidos e os significados da sexualidade e da reprodução para os homens, nas suas várias articulações com classe, raça, orientação sexual e idade. Nesse sentido, o estudo aqui desenvolvido aponta a necessidade de outros estudos qualitativos, que permitam uma compreensão mais aprofundada da relação dos homens com as dimensões sexuais e reprodutivas, os quais poderiam ser orientados para outros segmentos sociais e contemplar a diversidade regional brasileira. É preciso assumir o compromisso, em futuras pesquisas, de questionar as crenças e os pressupostos e evitar a homogeneização a priori, buscando construir o campo com novos paradigmas. Para isso, é necessário em primeiro lugar compreender a multiplicidade de subjetividades masculinas e femininas e sua articulação com o contexto social, econômico e cultural. Em segundo lugar, entender que as identidades são contraditórias, pois estão submetidas ao valores predominantes e não predominantes de gênero, o que dá o seu caráter de instabilidade, mutabilidade e historicidade. E, por último, dar voz a diferentes atores.

À luz das condições e mudanças nas relações de gênero, as pesquisas deveriam examinar as diferentes expectativas dos homens sobre o casamento e a paternidade - as razões pelas quais os homens entram na paternidade - e verificar os investimentos financeiros e emocionais atuais de homens em seus filhos. É preciso tentar entender o compromisso do homem com a paternidade, e as variações desse compromisso durante o seu ciclo de vida, comparando com as expectativas e experiências das mulheres com a maternidade, a fim de incorporar essas informações na análise do uso de contraceptivos.

Algumas questões de saúde reprodutiva poderiam ser feitas aos homens em *surveys* do tipo DHS, tais como doenças do pênis, da próstata e testículos; problemas com ereção e ejaculação precoce; problemas com infertilidade; conhecimento e percepções sobre a fertilidade masculina e feminina; percepção sobre responsabilidade da regulação da fecundidade; se a parceira usa preservativo nas relações sexuais, ainda que esteja histerectomizada, seja infértil, esterilizada ou menopausada; e se o homem usa o preservativo nas relações sexuais, ainda que esteja vasectomizado. Também questões relacionadas à paternidade poderiam ser incluídas, tais como, sobre o que as crianças significam para os homens; se os filhos foram desejados; quais atividades desenvolvem

com os filhos; tempo de dedicação e suporte financeiro; divisão de tarefas na unidade doméstica (casa e filhos); quem cuida dos filho/as quando pequenos; se a mulher trabalha fora e o homem também, quem cuida da casa e dos filhos e tempo gasto nessas atividades por ambos; se os homens estiveram presentes no pré-natal da parceira e no parto dos filhos; e contato dos pais com seus filhos em caso de não viver com eles, entre outras.

Do ponto de vista das políticas públicas, essas são questões que poderão trazer conhecimento e instrumentalizar a ação nesse campo, desde que sejam consideradas na dimensão relacional e histórica das relações sociais contemporâneas. No caso da saúde sexual e reprodutiva masculina, é importante oferecer informações e atendimento aos homens nos serviços públicos de saúde, seja de forma separada ou integrada com os programas já existentes para as mulheres, dependendo do contexto e da situação local. Considero também que a preocupação com uma política educacional, que proporcione o sentido da diversidade sexual, e questione padrões hegemônicos de comportamento, é bastante necessária. Isso significaria oferecer outras maneiras de construir o universo sexual e outros modos de interpretar sua significação.

Finalizando, gostaria de destacar duas conclusões que me parecem fundamentais. A primeira refere-se à necessidade de rejeitarmos modelos fixos de homens e mulheres, e trabalharmos com a noção de reprodução como uma construção social de gênero. Essa perspectiva terá certamente impacto para a pesquisa demográfica e para as políticas públicas no campo da sexualidade e da reprodução. Um segundo ponto diz respeito às soluções encontradas pelos homens deste estudo para lidar com as angústias provocadas pelas mudanças nas relações de gênero. Tais soluções estão mais no nível individual do que no coletivo. É claro que a sua ação na interação com a sociedade pode trazer algum impacto nas suas relações com colegas, amigos e gerar reflexões ou mudanças em outros indivíduos. Porém, isso é ainda muito pouco. É fundamental estimular a discussão social que já existe, no sentido de ampliá-la e dar maior densidade e intensidade a esse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUMA, Anna. Finding the right sexual health services for young men. **Planned Parenthood Challenges**, London, v. 2, p. 26-29, 1996.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995. 264p.

ARAGÃO, Luiz Tarlei de. O casamento acabou, viva o casamento. In: CALLIGARIS, Contardo. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Artes e Ofícios Editora Ltda, 1994. p.49-64.

_____. Em nome da mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, Rio de Janeiro, v.3, p. 109-145, 1983.

ARILHA, Margareth. **Masculinidades e gênero**: discursos sobre responsabilidade na reprodução. São Paulo, 1999. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. Homens: entre a "Zoeira" e a "Responsabilidade". In: _____; RIDENTI, Sandra G. U.; MEDRADO, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 51-78.

_____; RIDENTI, Sandra G. Unbehau; MEDRADO, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. 304 p.

BACKX, Sheila de Souza. **Relações de gênero**: reação a novas referências. Disponível em: <<http://www.cfch.ufrj>> Acesso em: 2003.

BADIANI, Rita; CAMARANO, Ana Amélia. Homens brasileiros: percepções, conhecimentos e atitudes em saúde reprodutiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11., 1998, Caxambu. **Anais...** Campinas: ABEP, 1998. p. 925-943.

BARBIERI, Teresita de. **Sobre la categoria gênero**: uma introducción teórico-metodológica. In: AZERÊDO, Sandra; STOLCKE, Verena (Coord.). Direitos reprodutivos. São Paulo: FCC/DPE, 1991. p. 25-46.

BARBOSA, Regina; UZIEL, Anna P. **Gender and power**: sexual negotiation in times of AIDS. Rio de Janeiro: UERJ-IMS, abr.1996. 16 p. (Trabalho apresentado em Reconceiving sexuality: international perspectives on gender, sexuality and sexual health)

BARBOSA, Rosana M. Relações de gênero, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 212-216, 2000.

BARKER, Gary; LOEWENSTEIN, Irene. **Where the boys are**: promoting greater male involvement in sexuality education: conclusions from qualitative research in Rio de Janeiro, Brazil. Rio de Janeiro: Centro de Educação Sexual, 1996. 28 p.

BEMFAM - Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil. **Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (DHS3)**: questionário individual - homens. Rio de Janeiro: DHS/BEMFAM, 1996. Paginação Irregular.

BERER, Marge. **Men. Reproductive health matters**. New York, n. 7, p. 7-10, may/1996.

BERQUÓ, Elza. Brief considerations on population issues during this century. In: **GENDER INEQUALITIES AND REPRODUCTIVE HEALTH: CHANGING PRIORITIES IN AN ERA OF SOCIAL TRANSFORMATION AND GLOBALIZATION**, 1998, Campos do Jordão. **Anais ...** Campinas: NEPO/UNICAMP; IUSSP, 1998. 26 p.

_____; SOUZA, Marta Rovey de. Conhecimento e uso do CONDOM: anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Texto NEPO 20**, Campinas, NEPO/UNICAMP, 1991. 66 p.

BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas muito preliminares. In : RIBEIRO, Ivete ; RIBEIRO, Ana Clara T. (Org.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 43-61. (Coleção Seminários Especiais)

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 1979. 191 p.

BOURDIEU, Pierre. Outline of a theory of practice. Cambridge: Cambridge University of Press, 1977. 224 p.

BROD, Harry; KAUFMAN, Michael. **Theorizing masculinity**. California: Sage Publications, 1994. 302 p.

_____. A case for men's studies. In: KIMMEL, Michael S. **Changing men: new directions in research on men and masculinity**. California: Sage Publications, 1987. p. 263-277.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990. 172 p.

CALDWELL, John C. Micro-approaches: similarities and differences, strengths and Weaknesses. In: CALDWELL, John C.; HILL, Allan G.; HULL, Valerie J. (Ed.). **Micro-approaches to demographic research**. Londres: Kegan Paul International, 1988. p. 458-470.

_____. Toward a restatement of demographic transition theory. **Population and Development Review**, New York, v. 2, n. 3- 4, p. 321-366, sep./dec.1976.

CAMPOS, Reginaldo Z. **Fatores sociais e variações na fecundidade e no tamanho da família**. Campinas, 1971. 219f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas.

CARNEIRO, Maria José. A desagradável família de Nelson Rodrigues. In : FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org.). **Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 69-82.

CHAFETZ, Janet Saltzman. Chicken or egg?: a theory of the relationship between feminist movements and family change. In : MASON, Karen Oppenheim; JENSEN, An-Margritt (Ed.). **Gender and family change in industrialized countries**. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 63-81.

CHIKAMATA, Davy M. Male needs and responsibilities in family planning and reproductive health. **Planned Parenthood Challenges**, London, v. 2, p. 9-10, 1996.

CLATTERBAUGH, Kenneth. **Contemporary perspectives on masculinity: men, women,**

- and politics in modern society. 2.ed. Colorado: Westview Press, 1997. 242 p.
- CLELAND, John; WILSON, Christopher. Demand theories of the fertility decline: an iconoclastic view. **Population Studies**, London, v.41, n. 1, p. 5-30, 1987.
- COALE, Ansley J.; WATKINS, Susan C. (Ed.). **The decline of fertility in Europe: the revised proceedings of a conference on the princeton european fertility project**. Princeton: Princeton University Press, 1986. 484 p.
- _____. The demographic transition: a summary, some lessons and Some observatios. In: CHO, Lee-Jay; KOBAYASHI, Katumasa (Ed.). **Fertility transition of east Asian populations**. Honolulu: University Press of Haway, 1979.
- COMISSÃO DE CIDADANIA E REPRODUÇÃO - CCR. **Olhar sobre a mídia: a pauta plural do aborto**. São Paulo, Ano V, n.14-15, fev.2001.
- _____. **Sexualidade, saúde e direitos reprodutivos do homem**. São Paulo: CCR/DATA FOLHA, 1995. Paginação Irregular. (Pesquisa de Campo)
- CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, 1994, Cairo**. Brasília: Nações Unidas/CNPD - Nacional de População e Desenvolvimento, 1994. 199 p.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. California: University of California Press, 1995. 295 p.
- CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE, Nancy. **Dislocating masculinity: comparative ethnographies**. London: Routledge, 1994. 236 p.
- CORRÊA, Sonia. O Cairo, um olhar das ONGs. **Teoria e Debate**, n.26, set./out./nov.1994.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. 336 p.
- CUSCHNIR, Luiz. **Masculino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992a. 114 p.
- _____. **Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992b. 94 p.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumaré, 1992. 195 p.
- COSTA, Roseli. **Concepção de filhos, concepção de pais: algumas reflexões sobre reprodução e gênero**. Campinas, 2001. 234f. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- DA MATTA, Roberto. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (Org.). **Homens**. São Paulo: Editora SENAC, 1997. p. 31-49.
- DAUSTER, Tânia. Filho na barriga é o rei na barriga: mitos do poder, destino e projeto nas relações entre os gêneros nas camadas médias urbanas. **Revista Cultura Vozes**, Ano 84, v.84, mar./abr.1990.
- _____. **Nome de família: maternidade fora do casamento e o princípio de filiação patrilinear**. Rio de Janeiro, 1987, 230f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DAVIS, Kingsley. World population in transition. In: _____. **Human society**. Nova York: Macmillan, 1949. p. 595-616.

DEMENY, Paul. Social science and population policy. **Population and Development Review**, New York, v. 14, n. 3, p. 451-479, 1988.

DWYER, Susan. Entendendo o problema do aborto. In: ROSENFELD, Denis; ZINGANO, Marco. **Filosofia política**. Porto Alegre: L & PM, 1998. p. 124-150. (Nova Série, 2)

FARIA, Vilmar E. Políticas de governo e regulação da fecundidade: consequências não antecipadas e efeitos perversos. **Revista de Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1989. p. 62-103.

FARREL, Warren. **The liberated men**. New York: Bantam, 1975.

FEIGEN-FASTEAU, Marc F. **The male machine**. New York: Mac Graw-Hill, 1974.

FIGUEIRA, Sérvulo A. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: _____ (Org.). **Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 11-30.

_____. (Org.). **Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987a. 112 p.

_____. (Org.). **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 201 p.

_____. Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil. In: _____ (Org.). **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 142-146.

_____. **O contexto social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981. 253 p.

FOLHA ON LINE. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/folha/>> Acesso em: 2003.

FULLER, Norma. Fronteras y retos: varones de clase media del Perú. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRIA, José (Ed.). **Masculinidades: poder y crisis**. Santiago: Isis Internacional, 1997. p. 139-152. (Ediciones de las Mujeres, 24)

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Org.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 31-50.

_____; AIDAR, Tirza; TELLES, Stella Maria S. Direitos reprodutivos e gênero: a decisão sobre o aborto na pesquisa "Sexualidade, Saúde e Direitos Reprodutivos do Homem". In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu. **Anais ...** Campinas: ABEP, v. 4, p. 2537-2560, 1997.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 73-134.

- _____. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2.ed. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 228 p.
- _____. **As consequências da modernidade.** Tradução de: Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. 177 p.
- GIFFIN, Karen. **Homens, heterossexualidades e reprodução no Brasil.** Berkeley: ENSP/FIOCRUZ, 1997. 21 p.
- GOLDENBERG, Miriam. A crise do masculino: um tema em debate dentro e fora da academia. **Revista Lugar Primeiro**, PPGSA/IFCS/UFRJ, n. 1, p. 1-17, 2000.
- GREENE, Margaret E.; BIDDLECOM, Ann E. **Absent and problematic men:** demographic accounts of male reproductive roles. New York: Population Council, n.103, 1997. 63 p.
- GREENHALGH, Susan. Por uma abordagem reflexiva para os estudos de população. In: OLIVEIRA, Maria Coleta (Org.). **Demografia da exclusão social:** temas e abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP/NEPO, 2001. p. 25-46.
- _____. The social construction of population science: an intellectual, institutional, and political history of twentieth-century demography. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 38, n. 1, p. 26-66, jan.1996.
- _____. Anthropology theorizes reproduction: integrating practice, political economic, and feminist perspectives. In: _____ (Ed.). **Situating fertility:** anthropology and demographic inquiry. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 3-28.
- _____. Toward a political economy of fertility: anthropological contributions. **Population and Development Review**, New York, v.16, n.1, p. 85-106, 1990.
- GRIFFIN, David; RINGHEIM, Karin. Male hormonal contraception: what prospects exist and how acceptable are they? **Planned Parenthood Challenges**, London, v. 2, p. 20-24, 1996.
- HAMMEL, Eugene A. A theory of culture for demography. **Population and Development Review**, New York, v.16, n. 3, p. 455-485, 1990.
- HAUSER, Philip M.; Duncan, Otis Dudley (Ed.). **The study of population:** an inventory and appraisal. Chicago: The University of Chicago Press, 1959. p. 93-96.
- HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 370-374, 1998.
- HODGSON, Dennis; WATKINS, Susan Cotts. Feminists and Neo-Mathusians: past and present alliances. **Population and Development Review**, New York, v. 23, n. 3, p. 469-524, 1997.
- _____. The ideological origins of the population association of America. **Population and Development Review**, New York, v. 17, n. 1, p. 1-34, 1991.
- _____. Orthodoxy and revisionism in American demography. **Population and Development Review**, New York, v. 14, n. 4, p. 541-569, 1988.
- _____. Demography as social science and policy. **Population and Development**

Review, New York, v. 14, n. 4, p. 1-34, 1983.

HUGHES, Jane; McCAULEY, Ann P. Improving the fit adolescents' needs and future programs. **Studies in Family Planning**, New York, v. 29, n. 2, p. 233-245, 1998.

IZQUIERDO, Maria Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, Mercedes. **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universitat de Barcelona/ICD, 1994.

KERTZER, Davis I.; FRICKE, Tom. Toward an anthropological demography. In: _____. **Anthropological demography toward a new synthesis**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. Cap. 1-35.

_____. Political-economic and cultural explanations of demographic behavior. In: GREENHALGH, Susan (Ed.). **Situating fertility: anthropology and demographic inquiry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 29-52.

KETTING, Evert. Male involvement: current status and future needs. **Planned Parenthood Challenges**, London, v. 2, p. 30-33, 1996.

KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. (Ed.). **Men's lives**. 3.ed. Boston: Allyn and Bacon, 1995. 539 p.

_____. Rethinking "masculinity": new directions in research. In: _____. **Changing men: new directions in research on men and masculinity**. California: Sage Publications, 1987. p. 9-24.

KUBAT, Daniel; ALBUQUERQUE, Fernando M. Tamanho ótimo da família para o homem brasileiro. **Ciências Econômicas e Sociais**, Osasco, v. 4, n. 1, p. 15-72 1969.

LAURENTI, Ruy. **Perfil epidemiológico da saúde masculina na Região das Américas: uma contribuição para o enfoque de gênero**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública - Universidade de São Paulo, 1998. 159 p.

LEAL, Ondina Fachel; LEWGOY, Bernardo. Aborto: uma contribuição antropológica à discussão. In : ROSENFELD, Denis; ZINGANO, Marco. **Filosofia política**. Porto Alegre: L & PM, 1998. p. 173-195. (Nova Série, 2)

LEAL, Ondina Fachel; FACHEL, Jandyra M. G. Male reproductive culture and sexuality in South Brazil: combining ethnographic data and statistical analysis. In: SEMINAR ON FERTILITY AND THE MALE LIFE CYCLE IN THE ERA OF FERTILITY DECLINE, 1995, Zacatecas. **Anais...** Zacatecas: International Union for the Scientific Study of Population, 1995. 27 p.

LOAIZA, Edilberto. Male fertility, contraceptive use, and reproductive preferences in Latin America: the DHS experience. In: SEMINAR ON MEN, FERTILITY, FAMILY FORMATION AND REPRODUCTION, 1998, Buenos Aires. **Anais...** Calverton: Macro International Inc., 1998. 29 p.

LYRA, Jorge; RIDENTI, Sandra. **Mãe presente, pai ausente?: reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos noventa**. Caxambu, 1996. (Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS / GT. Família e Sociedade)

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violência. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Brasília: Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, 2001. 32 p. (Série Antropológica, n. 290)

- MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** Brasília: Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, 2000. 19 p. (Série Antropológica, n. 284)
- MARCONDES, Gláucia dos Santos. **Eternos aprendizes: o vínculo paterno em homens separados e recassados de camadas médias.** Campinas, 2002. 184f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- MBIZVO, M. T.; BASSET, M. T. Reproductive health and AIDS prevention in Sub-Saharan Africa: the case for increased male participation. **Health Policy and Planning**, Oxford, v. 11, n. 4, p. 84-92, 1996.
- McCAULEY, Ann P.; SALTER, C. **Meeting the needs of young adults.** Baltimore: Johns Hopkins School of Public Health/Population Information Program, 1995. Não Paginado. (Population Reports Series, 41)
- MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies.** New York: Morrow Quill Paperbacks, 1963. 335 p.
- MEDRADO Dantas, Benedito. **O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira.** São Paulo, 1997. 110f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MESSNER, Michael. Changing men and feminist politics in the United States. **Theory and Society**, Holanda, v. 22, p. 723-727, oct.1993.
- MUNDIGO, Axel I. **Men's roles: sexuality, and reproductive health.** São Paulo: The John D. and Catherine T. Mac Arthur Foundation, 1995. 32 p.
- MUSZKAT, Malvina; OLIVEIRA, Maria Coleta; BILAC, Elisabete. Quando três é melhor do que dois. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Campinas: ABEP, 2000. (CD-ROM)
- NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 165 p.
- _____. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 187 p.
- NOTESTEIN, Frank W. Population: the long view. In: SCHULTZ, Theodore W. (Org.). Quando três é melhor do que dois. Chicago: The University Press, 1945. p. 36-56.
- OLIVEIRA, Maria Coleta. Políticas de población y salud. Reflexiones a partir de la experiencia brasileña en salud reproductiva. In: GARCIA GUZMÁN, Brígida (Coord.). **Población y sociedad al inicio del siglo XX.** México: El Colegio de México/Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, 2002. p. 197-214.
- _____; BILAC, Elisabete; MUSZKAT, Malvina. **It's not my fault I wasn't born a woman: contraception among middle-class brazilian men.** [S. l.: s. n.], 2000. 37 p.
- _____; _____. **“Os homens, esses desconhecidos...” masculinidade e reprodução.** Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000. (Relatório Final de Projeto de Pesquisa) Disponível em: <<http://www.unicamp.br/nepo>> Acesso em: 2003.
- _____; SZMRECSÁNYI, Maria Irene de Q. F. Fecundidade. In: SANTOS, Jair L. FERREIRA; LEVY, Maria Stella; SZRECSÁNYI, Tamás (Org.). **Dinâmica da**

população: teoria, métodos e técnicas de análise. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. p. 185-208.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. São Paulo, 2002. 298f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo.

PAIVA, Vera. Fostering the sexual subject: gender and class in the sexual scene. In: RECONCEIVING SEXUALITY: INTERNATIONAL PERSPECTIVES ON GENDER, SEXUALITY AND SEXUAL HEALTH, 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1996a. 19 p.

_____. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996b. p. 213-234.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 2.ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991. 295 p.

PATARRA, Neide L. Transición demográfica: resumen histórico o teoría de población. **Demografia Y Economia**, México, El Colegio del México, v. 7, n. 1, p. 86-95, 1973.

_____; OLIVEIRA, Maria Coleta. Apontamentos críticos sobre os estudos de fertilidade. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 131, p. 481-502, jul./set.1972.

PEREA, Juan Guillermo Figueroa. Elementos para interpretar la relación entre la salud, la reproducción y la sexualidad el la especificidad de los varones. In: CONFERÊNCIA REGIONAL "LA EQUIDAD DE GENERO EN AMERICA LATINA Y EL CARIBE: DESAFÍOS DESDE LAS IDENTIDADES MASCULINAS", 1998, Santiago de Chile. **Anais...** Vitacura: CEPAL, 1998. 8 p.

PLECK, Joseph H. **The myth of masculinity**. Cambridge: MIT Press, 1981. 229 p.

PRESSER, Harriet B. Demography, feminism, and the science-policy nexus. **Population and Development Review**, New York, v. 23, n. 2, p. 295-331, 1997.

QUADROS DE CARVALHO, Ruy. **Programmable automation and employment practices in brazilian industries**. England, 1993. Thesis (PhD) - IDS, University of Sussex.

REVISTA REALIDADE. A mulher brasileira, hoje. São Paulo: Editora Abril, Ano I, n.10, jan. 1967. Edição especial.

REVISTA VEJA. Especial mulher: a grande mudança no Brasil. São Paulo: Editora Abril, Ano 27, ago./set.1994. Número especial.

RILEY, Nancy E. Similarities and differences: anthropological and demographic perspectives on gender. In : KERTZER, David I.; FRICKE, Tom (Ed.). **Anthropological demography: toward a new synthesis**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 115-138.

ROBINSON, Warren C. The economic theory of fertility over three decades. **Population Studies**, New York, v. 51, p. 63-74, 1997.

ROCHA, Maria I. B. Política demográfica e parlamento: debates e decisões sobre o controle da natalidade. **Textos NEPO 25**, Campinas, NEPO/UNICAMP, 1993. 148 p.

ROMANELLI, Geraldo. **Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias**. Caxambu, 1995. (Trabalho apresentado no XIX Encontro Anual da ANPOCS / GT. Família e Sociedade)

_____. **Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade**. São Paulo, 1986. 345f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ROSENBAUM, Silvia Fernanda Rosemblum. **Permanência e transformação: a paternidade na Revista Pais e Filhos**. São Paulo, 1998. 111f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SAID, Rosa; LEITE, Denise. **Anticoncepção em populações de baixa renda: um estudo qualitativo de atitude**. [S. l.]: CAD ABEPF, 1987. Não Paginado. (Série Manuais, 4)

SALEM, Tania. O casal igualitário: princípios e impasses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 24-37, fev./1989.

_____. **Sobre o "casal grávido": incursão em um universo ético**. Rio de Janeiro, 1987. 288f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Famílias em camadas médias: uma perspectiva antropológica. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 25-39, 1986.

_____. A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org.). **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 35-61.

_____. **O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares**. Petrópolis: Vozes, 1980. 240 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.1995.

SEGAL, Lynne. **Slow motion: changing masculinities, changing men**. London: Virago Press, 1990. 396 p.

SEIDLER, Victor J. **Rediscovering masculinity: reason, language and sexuality**. London: Routledge, 1989. 234 p.

SENDEROWITZ, Judith. **Health facility programs on reproductive health for young adults**. Washington, DC: FOCUS on Young Adults, 1997. Não Paginado.

STEARNS, Peter N. **Be a man!: males in modern society**. 2.ed. New York: Holmes & Meier, 1990. 300 p.

STYCOS, J. Mayone; BACK, Kurt; HILL, Reuben. Problems of communication between husband and wife on matters relating to family limitation. **Human Relations**, New York, n. 1, p. 207-215, 1956.

SZRETER, Simon. The idea of demographic transition and the study of fertility: a critical intellectual history. **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 4, p. 659-701, 1993.

TIETZE, Christopher. Differential reproduction in the United States: paternity rates for occupational classes among the urban white population. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 49, n. 3, p. 242-247, 1943.

_____. The measurement of differential reproduction by paternity rates. **Eugenics Review**, London, v. 30, n. 2, p. 101-107, 1938.

TOWNSEND, Nicholas. Reproduction in anthropology and demography. In: KERTZER, David I.; FRICKE, Tom (Ed.). **Anthropological demography: toward a new synthesis**. Chicago: University of Chicago Press, 1997. p. 96-113.

UNBEHAUM, Sandra G. **Experiência masculina na paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**. São Paulo, 2000. 224f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

VALENZUELA, M. S.; HEROLD, J. M.; MORRIS, Leo. **Encuesta de salud reproductiva en adultos jóvenes**: Gran Santiago - 1988. Santiago: University of Chile/Departament of Public Health, 1989. (Informe Final)

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 137 p.

_____. **Subjetividade e sociedade uma experiência de geração**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 112 p.

_____. A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org.). **Cultura da psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 169-177.

_____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 149 p.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 314 p.

WATKINS, Susan C. If all we knew about women was what we read in demography, what would we know? **Demography**, New York, v. 30, n. 4, p. 551-577, 1993.

_____. Conclusions. In: Coale, Ansley J.; _____(ed.). **The decline of Fertility in Europe: the revised proceedings of a conference on the Princeton European Fertility Project**. Princeton: Princeton University Press, 1986. Cap. 11, p. 420-449

Anexo I - Roteiro de Entrevistas

Módulo 1: Relações familiares na infância e adolescência (relação com pais, irmãos, parentes, papel do pai e da mãe no processo de socialização)

1. Informações sobre a família de origem do entrevistado: nº de componentes, composição por sexo, idade dos irmãos
2. Como era a sua relação com seu pai?
3. Como era a relação com sua mãe?
4. Como era a relação entre os seus pais?
5. Como era a relação com irmãos e irmãs?
6. Havia algum parente com o qual mantinha uma relação afetiva mais próxima?
7. Como foi a educação que recebeu dos pais? Havia diferença na educação de meninos e meninas? Quais?
8. Qual a memória da sua infância em relação às vivências afetivas e sexuais? Você tem lembranças significativas relacionadas à vivências da sua sexualidade?

Módulo 2: Vida afetiva, sexual na infância e adolescência (descobertas, primeira relação, relações afetivas e sexuais significativas, relações com amigos/as, interesses, medos e dificuldades da época)

1. De que forma as informações sobre sexo chegaram até você? Que pessoas e que tipo de informação você teve?
2. E os amigos/as? Que papel tiveram na sua educação sexual?
3. Os seus pais tiveram algum papel nessa questão? Como se comportavam em relação a esse assunto?
4. Alguma vez foi chamado de mariquinhas? Porque? Como reagiu?
5. Você dividia os seus problemas, medos e angústias com alguém próximo?
6. Havia algum tipo de competição entre você e seus amigos/as?
7. Você já sentiu atração física por meninos? Como lidou com isso?
8. Quando ocorreu a sua primeira experiência sexual? Quantos anos você tinha? Com quem foi e como foi? O que significou para você?

Módulo 3: Experiências afetivas e sexuais e reprodutivas adulta e atual (histórico das relações com parceiras e amigos/as, permanências simbólicas e mudanças)

1. Tem algum tipo de relação estável?
2. Se não, qual o tipo de relação afetivo-sexual que mantém atualmente?
3. Você tem mais amigos ou amigas? Porquê?
4. Você tem amigos/as com os quais costuma trocar intimidades?
5. Nas suas relações sexuais, costuma usar algum tipo de contraceptivo? Qual Porque?
6. Quem cuida desta questão na relação? Quem controla? Porque você acha que é assim?
7. Você usaria outros métodos masculinos de contracepção? Porque?
8. Caso a mulher decida abortar, o homem deve apoiar, colaborar ou impedir o aborto?

9. Na sua forma de se relacionar sexualmente, qual a importância do sexo não penetrativo? Quando a abstinência é aceitável?
10. Como você vê o relacionamento entre homens e mulheres hoje? Vê mudanças em relação ao modo de seus pais se relacionarem? Quais?
11. Como é a relação com sua parceira em casa? Como as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos é vivido entre vocês?
12. Você teve relacionamentos estáveis anteriores ao atual? Fale sobre as relações anteriores.
13. Você teve filhos de casamentos anteriores? Como você se relaciona com eles?
14. Você já teve alguma relação sexual que não foi desejada?
15. Já se utilizou de sexo comercial depois de adulto?

Módulo 4: Conhecimento sobre DST/AIDS (informações recebidas e vivências significativas)

1. Você já teve alguma doença transmitida por via sexual? Quando? E através de quem?
2. Você procurou tratamento? Que tipo? Se não, por quê?
3. Você continuou a manter relações sexuais nesse período?
4. Sua/Seu parceiro teve alguma DST? Procurou tratamento? Teve relação nesse período?
5. Como você sabe que você tem DST? E sua parceira/o?
6. Você tem receio de contrair AIDS?
7. O que você faz para se prevenir?
8. Você já fez o teste do HIV?
9. Você acha suficiente as informações que você tem sobre DST e AIDS?
10. Gostaria de obter mais informações? Onde você acha que poderia buscar/obter essas informações? Quais as fontes de informações sobre esse assunto que você considera mais confiáveis?

Módulo 5: Corpo Masculino: Sexual e Reprodutivo (conhecimento, percepções, sobre o seu próprio corpo, percepções e atitudes reprodutivas, vivências significativas, utilização de serviços de saúde)

1. Qual o conhecimento que você tem sobre o seu próprio corpo? Como obteve esse conhecimento?
2. Tem alguma parte do seu corpo que você dá mais atenção? Porque?
3. Tem algum cuidado especial com o seu corpo? Qual? Isto mudou ao longo do tempo?
4. Você faz ou fez check-up?
5. Com quem compartilha as mudanças que ocorrem em seu corpo ao longo da vida?
6. Você acha que o casamento modificou a relação que tem com o seu corpo?
7. Você acha que ter filhos modificou a relação que você tem com o seu corpo?
8. Alguma vez você teve problemas relacionados com ereção, ejaculação, impotência, insatisfação sexual em algum período da sua vida? Quando? Como lidou com isso. Procurou ajuda médica?
9. Como você se sente quando está sem interesse sexual por um período longo?
10. Você usaria algum tipo de medicamento do tipo Viagra? Quando usaria e porque?
11. Se você quisesse e pudesse mudar alguma coisa em seu corpo, o que você mudaria? Porque?

12. Você usa algum tipo de contraceptivo? Qual? Se não, porque?
13. A sua parceira usa? Qual?
14. O que você pensa sobre o preservativo como contraceptivo? E como prevenção de DST?
15. Você sabe quais os efeitos dos contraceptivos hormonais (pílula, vacina) no corpo da mulher?
16. Você usaria contraceptivos masculinos se tivessem disponíveis no mercado?
17. Você faria vasectomia?
18. Você pratica sexo durante a menstruação?
19. Usa lubrificantes e/ou algum tipo de estimulante antes ou durante a relação sexual?
20. Qual o impacto que teve a gravidez de sua mulher sobre a sua sexualidade (durante e pós) ?
21. Você escolheu quando queria ter seus filhos?
22. Como decidiu o número de filhos que teve?
23. Qual o período em que o homem é fértil?
24. Qual o período em que a mulher é fértil?
25. Como você vê a doação de espermatozoides para fertilização in vitro ou inseminação artificial para que outros possam ter filhos? Você faria isso? Porque?
26. O que é aceitável numa relação sexual? A abstinência é aceitável por algum motivo? E o sexo não penetrativo?
27. Como você vê a gravidez? Como fica o sexo na gravidez?
28. Como você sentiu ou sente a gravidez da sua parceira? Que sentimentos o acompanharam durante a gravidez? Você gostaria de ter participado de alguma outra maneira? Como?
29. Você já acompanhou sua parceira ao ginecologista? Em que situação?
30. Você já acompanhou o nascimento de algum dos seus filhos? Como foi a experiência?
31. Você teve alguma experiência de aborto com alguma mulher? Como foi?
32. Você já procurou o serviço de saúde para tratar de assuntos relacionados à contracepção, fertilidade, doenças do aparelho reprodutor? Se sim, qual o motivo?

Módulo 6: Construção da paternidade: desejo e decisão (Significados da paternidade e experiência concretas)

1. Você gosta de crianças? O que elas significam para você?
2. Você tem filhos?
3. Os seus filhos foram planejados?
4. Já ocorreu uma gravidez não desejada? Você teve/assumiu o filho? Como se sentiu?
5. Você acha que os filhos devem ser planejados?
6. Quem você acha que deve ter a palavra final sobre o número de filhos na família?
7. O que você pensa sobre o que é ser pai? O seu pai foi esse pai com você?
8. Como é a relação com seus filhos?
9. Como você imagina uma família ideal?
10. Você acha importante um filho na vida de um homem? E de uma mulher? Tem diferença entre homens e mulheres em relação a esse assunto?
11. Como ser pai se encaixa na sua vida? Como você se relaciona com seus filhos? Tem diferenças entre filho e filha?

12. Como você se relacionava com seus filhos quando bebês? Que tipo de cuidados você tinha e quais os que não cabiam a você ter? (Amamentação/alimentação, trocar fraldas, ida ao médico, dar banho, levar para passear, cuidados quando doentes, ir levar na escola, freqüentar reuniões de pais na escola, levar a participar em atividades paralelas, comprar roupas)
13. Se você não pudesse ter filhos, adotaria um? Porque?
14. Existe algum pré-requisito a ser preenchido pelo homem antes de tomar a decisão de ter um filho?

Módulo 7: Construção da masculinidade (significados de ser homem, diferenças entre homens e mulheres, desejos proibidos e rupturas com modelos)

1. Como você se vê? Como um homem bonito, agradável, charmoso, sedutor, ou feio e sem graça. Descreva-se.
2. Como você definiria a sua masculinidade? Você se considera que tipo de homem?
3. Quais são as qualidades ou características que definem um homem? Você possui essas qualidades? E uma mulher? Existem diferenças entre os dois?
4. Que qualidades você admira num homem? Cite um homem que você admire.
5. Você se orgulha de ser homem?
6. Que qualidades você admira numa mulher?
7. O que seu pai e sua mãe lhe ensinaram sobre isso? Como deveria se comportar um homem? E uma mulher?
8. O que você pensa sobre a virgindade?
9. O que você pensa sobre a fidelidade do homem e da mulher?
10. O que você pensa sobre a mulher tomar a iniciativa de ir atrás do homem para romance e sexo?
11. Você perdoaria a infidelidade feminina?
12. Do que um homem deve se envergonhar hoje em dia?
13. E uma mulher?
14. Você acha difícil ser homem? (Em relação às expectativas que tem que cumprir)
15. Você tem facilidade em demonstrar os seus sentimentos amorosos com outros homens? E com as mulheres? Tem algum sentimento que o homem deve esconder de um outro homem? E de uma mulher?
16. Você tem algum ressentimento/desconfiança em relação às mulheres? E em relação aos homens?
17. Como você vê as mudanças nas relações homem-mulher? O que você pensa da liberação sexual da mulher? O que você pensa sobre a mulher trabalhando fora?
18. Já exerceu algum tipo de violência contra a mulher?
19. Você já usou ou usa algum tipo de droga?
20. Já foi cantado por algum homem? Como se sentiu? Qual foi a sua reação?
21. Já foi cantado por alguma mulher? Como reagiu?
22. O que você espera de uma mulher?
23. O que você espera de um homem?
24. O que você espera de um homem que não espera de uma mulher e vice-versa?

Módulo 8: Projetos futuros (*scripts* de gênero, desejos, aspirações, vida afetiva sexual e reprodutiva futura)

1. Como você imagina que deveriam ser as relações homem-mulher no futuro?
2. Como você imagina a sua vida afetiva, sexual e reprodutiva futuramente? Filhos? Casamento?
3. Se você pudesse mudar alguma coisa em você, o que você mudaria?
4. Você pretende se casar? Como vê o casamento?
5. Pretende ter filhos?